

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

WILLIAM HANKE

ENVELHECIMENTO, CORPO E VIVÊNCIAS ESPACIAIS DE HOMENS CIS GAYS
EM PONTA GROSSA, PARANÁ

PONTA GROSSA
2024

WILLIAM HANKE

ENVELHECIMENTO, CORPO E VIVÊNCIAS ESPACIAIS DE HOMENS CIS GAYS
EM PONTA GROSSA, PARANÁ

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Doutorado em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito para obtenção do título de Doutor.

Orientação: Prof. Dr. Marcio Jose Ornat

PONTA GROSSA

2024

H241 Hanke, William
Envelhecimento, corpo e vivências espaciais de homens cis gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná / William Hanke. Ponta Grossa, 2024.
304 f.

Tese (Doutorado em Geografia - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Ornat.

1. Envelhecimento. 2. Gays. 3. Corporeidade. 4. Identidade. 5. Sexualidade.
I. Ornat, Marcio. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza. III. T.

CDD: 910



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR -
<https://uepg.br>

TERMO

WILLIAM HANKE

ENVELHECIMENTO, CORPO E VIVÊNCIAS ESPACIAIS DE HOMENS CIS GAYS EM PONTA GROSSA, PARANÁ.

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em

Geografia, no Curso de Pós-Graduação em Geografia, Doutorado em Geografia, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Marcio Jose Ornat - (UEPG),

Prof. Dr. Almir Nabozny - (UEPG)

Prof. Dr. Alides Baptista Chimin Júnior - (UEPG)

Prof. Dr. Miguel Angelo Campos Ribeiro -

(UERJ) Prof. Dr. Marcos Torres - (UFPR)



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Alberto Torres, Usuário Externo**, em 02/04/2024, às 18:01, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Almir Nabozny, Professor(a)**, em 04/04/2024, às 17:42, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **MIGUEL ANGELO CAMPOS**



RIBEIRO, Usuário Externo, em 03/05/2024, às 07:52, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Alides Baptista Chimin Junior, Professor(a)**, em 06/05/2024, às 15:27,



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1920737** e o código CRC **F7815864**.

24.000020109-1

1920737v3

conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

Documento assinado eletronicamente por **Marcio Jose Ornat, Professor(a)**, em 06/05/2024, às 15:30, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

Termo DOUT-GEOG 1920737 SEI 24.000020109-1 / pg. 1

Termo DOUT-GEOG 1920737 SEI 24.000020109-1 / pg. 2

Dedico essa Tese ao meu avô, Nelson Sacks, por sempre me apoiar nos estudos, mas que, infelizmente, não pôde ver concluso esse trabalho que ele tinha tanto orgulho de falar aos seus amigos.

Dedico também ao entrevistado 3, por ter me permitido entender a sua história tão lindamente contada. Mesmo com a sua morte, sua história estará aqui em pequenos trechos, ajudando outras pessoas a entender suas próprias vidas.

Por fim, dedico esse trabalho para a Geografia da Sexualidades, uma área excluída e que, paulatinamente, vem construindo uma ciência mais justa e igualitária para todos dentro do campo científico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que tenho conquistado e que ainda conquistarei.

Agradeço à minha mãe, irmão e madrinha, por sempre estarem presente em minha vida, me apoiando nas horas mais difíceis; sem vocês, isso não seria possível.

Aos meus avós, principalmente minha avó materna, por sempre sentir orgulho de ter um neto professor, buscando sempre o respeito a todas existências humanas sem fazer distinções entre credos religiosos, racialidades, sexualidades e tantos outros organizadores sociais.

Agradeço aos professores que me inspiraram e me inspiram até hoje ser uma pessoa e profissional melhor a cada dia.

Aos meus queridos amigos, que me ouviram tanto. Obrigado por me apoiarem e não me deixarem desistir desse trabalho.

Agradeço a todos os participantes dessa pesquisa, pois confiaram em mim e no meu trabalho como pesquisador.

Por fim, a todos que diretamente e indiretamente contribuíram para a realização dessa pesquisa, deixo aqui o meu muito obrigado.

“Corpo obediente, com movimentos detalhados, sutil na forma e na disciplina adquirida, quanto mais útil e obediente; mais dócil”.

Corpos dóceis: Michel Foucault (1926-1984)

RESUMO

O trabalho aqui apresentado foi fruto de uma trajetória acadêmica desenvolvida na área da Geografia Humana, com ênfase na temática das sexualidades. A pesquisa desenvolvida nesse trabalho buscou compreender a relação entre sexualidade, envelhecimento e espaço, a partir das transformações e vivências espaciais de doze homens cis gays e seus respectivos processos de envelhecimento. A questão central se efetivou em compreender como ocorrem as transformações das vivências espaciais no processo de envelhecimento corporal de homens cis gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná, e foi respondida através dos métodos *Snowball* e saturação, bem como a metodologia de análise de conteúdo. No primeiro capítulo, a tese traz uma pesquisa bibliográfica evidenciando uma carência da temática sexualidade e envelhecimento na Geografia brasileira. No segundo capítulo, o estudo pontuou uma importante discussão da relação entre o conceito de espaço e sua relação com o corpo. Foram identificadas as transformações espaciais ao longo da trajetória de vida desses sujeitos que foram organizadas entre espacialidades negociadas, de resistência e o armário. Esse último espaço, mesmo que para alguns seja uma compreensão abstrata, para a pesquisa, passa a ser uma estratégia espacial do próprio corpo, sendo um importante elemento constituinte na vida gay, do seu nascimento ao seu envelhecimento, onde a saída ou entrada passa a ser subjetiva a cada sujeito. Os resultados apontaram que espaços como trabalho, universidade e igreja são espaços de negociação na vida desses gays, ou seja, esses homens constroem estratégias de sobrevivência negociando espaços com suas identidades, dentre elas sua própria sexualidade. Já os espaços de resistência foram construídos pelos próprios sujeitos, com intuito de resistir para que possam existir, como as baladas, casa de amigos, casa própria e espaços que, ao mesmo tempo, colocam em xeque a resistência que é viver no país Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Gays. Envelhecimento. Corporeidade. Identidade.

ABSTRACT

The study presented here was the result of an academic trajectory developed in the area of Human Geography, with an emphasis on the theme of sexualities. The research developed in this work sought to understand the relationship between sexuality, aging and space, based on the transformations and spatial experiences of twelve cis gay men and their respective aging processes. The central question was to understand how the transformations of spatial experiences occur in the body aging process of cis gay men in the city of Ponta Grossa, Paraná, and was answered through the Snowball and saturation methods, as well as the content analysis methodology. In the first chapter, the thesis presents bibliographical research highlighting a lack of the topic of sexuality and aging in Brazilian Geography. In the second chapter, the study highlighted an important discussion of the relationship between the concept of space and its relationship with the body. Spatial transformations were identified throughout the life trajectory of these subjects, which were organized between negotiated spatiality's, resistance and the closet. This last space, even if for some it is an abstract understanding, for research, it becomes a spatial strategy of the body itself, being an important constituent element in gay life, from birth to aging, where the exit or entry becomes be subjective to each subject. The results showed that spaces such as work, university and church are spaces for negotiation in the lives of these gay men, that is, these men build survival strategies by negotiating spaces with their identities, including their own sexuality. The spaces of resistance were built by the subjects themselves, with the intention of resisting so that they can exist, such as nightclubs, friends' houses, their own homes and spaces that, at the same time, call into question the resistance that is living in the country of Brazil.

KEYWORDS: Gays. Aging. Corporeity. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rede semântica das entrevistas – espacialidades discursivas e categorias discursivas.....	257
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Representações sobre o elemento identitário 'Idade'	19
Gráfico 2 – Produções de artigos em periódicos brasileiros entre 1939-2020 – Palavra-Chave Envelhecimento	46
Gráfico 3 – Produções de artigos em periódicos brasileiros entre 1939-2020 – Palavra-Chave “Velho”	52
Gráfico 4 – Produções de artigos em periódicos brasileiros entre 1939-2020 – Palavra-Chave Idoso	53
Gráfico 5– Evolução dos grupos etários no Brasil e Paraná	114
Gráfico 6 – Expectativa de vida ao nascer no Brasil e Paraná.....	115
Gráfico 7 – População acima de 60 anos – regiões do Brasil - ano 2000	117
Gráfico 8 – População acima de 60 anos – regiões do Brasil – ano 2010	118
Gráfico 9 – População acima de 60 anos – estados do Brasil - anos 2000	119
Gráfico 10 – População acima de 60 anos – estados do Brasil - anos 2010	120
Gráfico 11 – Espacialidades Discursivas dos entrevistados	129
Gráfico 12 –O Corpo	130
Gráfico 13 – O Corpo e seus discursos.....	132
Gráfico 14 – Cidade	136
Gráfico 15 – Espaços Públicos.....	137
Gráfico 16 – Espaços de Socialização	138
Gráfico 17 – Espaços de Socialização para Idosos	139
Gráfico 18 – Hospital.....	140
Gráfico 19 – População Idosa Município de Ponta Grossa – PR	142
Gráfico 20 – Igreja.....	223
Gráfico 21 – Casa familiares/pais.....	227
Gráfico 22 – Universidade	231
Gráfico 23 – Trabalho.....	232
Gráfico 24 – ‘Asilo’ e Instituições de Longa Permanência.....	236
Gráfico 25 – Instituições de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPI)	237
Gráfico 26 – Balada.....	242
Gráfico 27 – País.....	243
Gráfico 28 – Casa Amigos.....	244
Gráfico 29 – Casa própria	245

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Publicações encontradas com temáticas sobre envelhecimento em periódicos brasileiros entre 1939-2020.	47
Tabela 2 – Produções de Dissertações e Teses Brasileiras – Termo de Busca “velho”, “velhice” e “sexualidade”.	66
Tabela 3 – Produções de Dissertações e Teses Brasileiras – Termos de Busca, “envelhecimento”, “sexualidade” e “Geografia”.	71
Tabela 4 – Perfil socioeconômico dos entrevistados.....	77
Tabela 5 – Entrevistados e suas idades.....	79
Tabela 6 – População idosa no Brasil – 2000-2010-2022.....	121
Tabela 7 – População total, Gênero e etnia pontagrossense.....	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ECOS - Comunicação em Sexualidade

ENANPEGE - Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

FAPI - Fundação Municipal de Promoção ao Idoso

FESP-UPE - Fundação de Ensino Superior de Pernambuco - Universidade de Pernambuco

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

GALE - Global Alliance for LGBT Education

GETE - Grupo de Estudos Territoriais

GGB - Grupo Gay Bahia

GTS - Grupos Temáticos

HIV - Vírus da imunodeficiência humana

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFES - Institutos Federais de Ensino Superior

ILGA - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo

ILIPs - Instituições de Longa Permanência para Idosos

LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays, Bis, Trans, Queer, Inter, Assexuais, Panssexuais, dentre outros.

LGBT's - Lésbicas, Gays, Bis, Trans.

MEC/SECAD - Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

OGB - Olimpíada Brasileira de Geografia

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

OVNI - Objeto Voador Não Identificado

PEA - População Economicamente Ativa

PEI - População Economicamente Inativa

PIA - População com Idade Ativa

PIB - Produto Interno Bruto

PNEA - População não Economicamente Ativa

PNI - Política Nacional do Idoso

PPGAS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

PPGCS - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde

PPGA - Programa de Pós-Graduação em Geografia Analítica

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Geografia e Estatística

PPGEL - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem

PPGES - Programa de Pós-Graduação em Energia e Sustentabilidade

PPGGER - Programa de Pós-Graduação em Energias Renováveis

PPGH - Programa de Pós-Graduação em Geografia e Humanidades

PPGLB - Programa de Pós-Graduação em Letras - Bacabal

PPGP - Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PPGS - Programa de Pós-Graduação em Saúde

PPGSC - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

PPGSS - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social

PUC - Pontifícia Universidade Católica

SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática

UCB - Universidade Católica de Brasília

UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UnB - Universidade Nacional de Brasília

UNESP - Universidade do Estado de São Paulo

UNICAMP - Universidade de Campinas

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA PESQUISA.....	26
1.1 OS CAMINHOS PERCORRIDOS: DOS QUESTIONAMENTOS INICIAIS À PROPOSTA DE PESQUISA	26
1.2 AS BUSCAS DE PRODUÇÃO TEÓRICA SOBRE O ENVELHECIMENTO GAY, SOBRETUDO, NA GEOGRAFIA BRASILEIRA	32
1.3 CONSTRUINDO O OBJETO DE PESQUISA E A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	73
CAPÍTULO 2 - CORPO, SEXUALIDADES ENVELHECIMENTO: INTERSSECCIONALIDADES E ESPAÇOS EM MOVIMENTO	80
2.1 CORPOS, ESPAÇO, ENVELHECIMENTO CIS GAY: CONSTRUINDO A IDEIA DA METÁFORA DO ARMÁRIO	80
2.2 AS ESPACIALIDADES DO ENVELHECIMENTO CIS GAY: DOS DADOS DO IBGE AOS SUJEITOS PESQUISADOS.....	111
2.3 A CIDADE DE PONTA GROSSA COMO ELEMENTO DO ENVELHECIMENTO CIS GAY.....	133
2.4 A GERAÇÃO PÓS-EPIDEMIA DA AIDS E A EMERGÊNCIA DO ORGULHO GAY	146
CAPÍTULO 3 - PERCEPÇÕES DO ENVELHECIMENTO E SEUS ESPAÇOS.....	158
3.1 PODER E INADEQUAÇÃO DO ENVELHECER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	158
3.2 AS PRIMEIRAS PERCEPÇÕES DO ENVELHECER: AUTOIDENTIFICAÇÃO	172
3.3 O ENVELHECER: ENTRE HISTÓRIAS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES	177
CAPÍTULO 4 - PERFORMANCES DAS MASCULINIDADES E AS TRANSFORMAÇÕES DAS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DE HOMENS CIS GAYS NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	190
4.1 O MASCULINO DESEJÁVEL E INDESEJÁVEIS NAS ESPACIALIDADES GAYS	190

4.1.1 O Envelhecimento e Estratégias de Masculinidades Desejáveis	200
4.1.2 O Envelhecimento e as Masculinidades Indesejáveis	210
4.2 TRANSFORMAÇÕES DE VIVÊNCIAS ESPACIAIS DE HOMENS CIS GAYS NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO	220
4.2.1 Espacialidades Negociadas	220
4.2.2 Espacialidades de Resistência	238
4.2.3 Armário	246
CONSIDERAÇÕES FINAIS	253
REFERÊNCIAS	258
ANEXO A - PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS COM TEMÁTICAS SOBRE VELHO EM PERIÓDICOS BRASILEIROS ENTRE 1939-2020	277
ANEXO B – PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS COM PALAVRA-CHAVE IDOSO EM PERIÓDICOS BRASILEIROS ENTRE 1939-2020	295
ANEXO C – BIOGRAFIA RESUMIDA DE CADA SUJEITO ENTREVISTADO	303
ANEXO D – QUESTIONÁRIO QUANTIQUALITATIVO DOS ENTREVISTADOS DADOS DA ENTREVISTA	301

INTRODUÇÃO

As trajetórias que me trouxeram até essa pesquisa foram perpassadas pela visão pessoal do meu cotidiano e as indagações científicas que surgiram ao longo da minha vida acadêmica, como pesquisador na área da Geografia das Sexualidades.

O desenvolvimento dessa tese surge mediante a caminhada acadêmica com mais de dez anos trabalhando na área geográfica, sobretudo, no campo da Geografia das Sexualidades. Cabe ressaltar que esse subcampo vem paulatinamente lutando para espaços de discussões, dentro e fora da ciência geográfica. Quando ingressei no curso de licenciatura, estimava a Geografia Física, pois no ensino médio um professor me inspirou nessa área. Contudo, ainda jovem, ingressei na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) com saber superficial do universo acadêmico e adentrei em um grupo de estudos conhecido como GETE (Grupo de Estudos Territoriais), em 2011. Nesse grupo, pude ver o quão era especial trabalhar com a Geografia Humana, principalmente as geografias dissidentes que eram trabalhadas pelo grupo.

A partir disso, não só me apaixonei por essa área da Geografia, como também consegui me entender como homem cis gay e compreender a importância das minhas problematizações, pois o que eu sofri, muitos também sofreram e sofrem até hoje. Enquanto pesquisador social, mesmo que em uma escala localista, refleti que poderia tentar ajudar as pessoas a compreender a si mesmas e aos outros através de suas Geografias.

Assim, na minha graduação, estudei o espaço escolar e a prática da homofobia contra estudantes do ensino médio da rede pública da cidade de Ponta Grossa. Nesse trabalho, foram identificadas não apenas a existência do preconceito nas escolas, como também a própria reprodução do preconceito por professores, equipe pedagógica e estudantes¹.

Com o amadurecimento da graduação, veio o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, que buscou uma compreensão não só das relações sociais dos indivíduos, mas de um processo de identificação entre identidades e espaço de

¹http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1382120893_ARQUIVO_RELACOES_ENTRE_HOMOSSEXUALIDADE.pdf

sujeitos considerados homens cis *gays*, construindo espaços de conforto e de desconforto durante suas vivências espaciais.

No ano de 2016, defendi minha dissertação de mestrado (Hanke, 2016)² com temática direcionada para a vivência espacial de homens cis *gays* jovens e o conceito de Interseccionalidade. Ao analisar as vivências espaciais desses homens *gays*, através de diferentes elementos identitários, foi possível identificar a formação de espaços de conforto e desconforto em suas próprias vivências cotidianas.

Além das diferentes identidades que os compunham, ficou evidente que a idade não era apenas um elemento identitário de números, mas uma categoria de análise que gerava e gera situações diversas, como conforto e opressão, ou até mesmo de contraversão nas vidas dos sujeitos que ali foram analisados. Tais situações relacionam-se através dos espaços vivenciados e por meio dos seus próprios corpos.

Durante essa pesquisa de dissertação, compreendemos que a vida e a vivência espacial *gay* estava (e ainda está) centralizada na juventude, pois através dessas entrevistas percebemos o quanto havia de preconceito contra os homens *gays* mais velhos e nos próprios sujeitos em seus processos de envelhecimento.

Assim, começamos a refletir a partir dos dados que obtivemos na dissertação de mestrado, pois já havia uma compreensão a partir da idade. Contudo, elaboramos um gráfico com o recorte específico desse elemento identitário, mediante os resultados que foram obtidos pela própria dissertação em 2016.

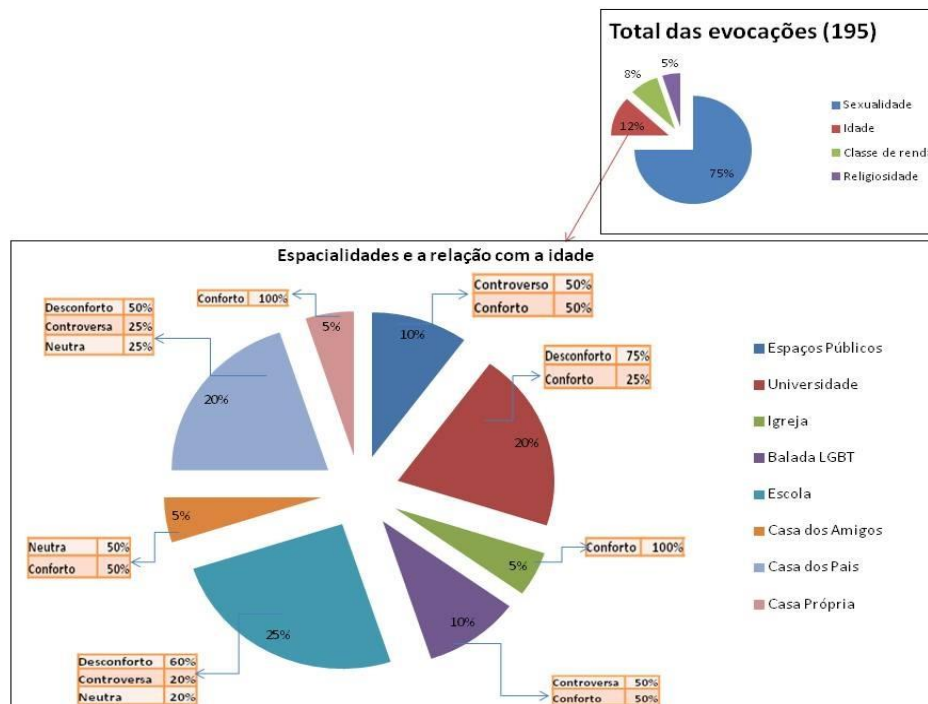
Com esses resultados iniciais, percebemos que o elemento identitário 'idade', além de mutável, tinha uma conexão direta com o processo de envelhecimento, e que isso era alterado de acordo com cada sujeito no seu tempo e espaço de vida. Esses apontamentos iniciais subsidiaram a escolha da proposta dessa tese, mostrando como a idade passava a ser um elemento de compreensão e de significação espacial de diferentes sujeitos – dentre eles, os homens cis *gays* mais velhos – que foram nossa escolha de pesquisa.

Cabe salientar que os entrevistados da pesquisa de 2016, citada anteriormente, tinham entre 19 e 33 anos de idade, diferentemente do grupo analisado nessa tese, que possui entre 50 anos e 69 anos. Contudo, é importante chamar a atenção para o surgimento do pensamento de pesquisa a partir desse elemento

² <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/582?mode=full>

identitário, assim como as formas pelas quais ele foi compreendido diferentemente pelos sujeitos através de suas relações espaciais e os próprios processos de envelhecimento. Tais representações podem ser verificadas no gráfico 1:

Gráfico 1 – Representações sobre o elemento identitário 'Idade'



Fonte: Entrevistas realizadas com homens *gays* entre os anos de 2014 e 2015, em Ponta Grossa, Paraná.

O gráfico acima demonstra que 75% dos discursos dos sujeitos representam a 'idade' como um elemento de desconforto na universidade, pois entende-se tal fator não como um mero elemento identitário, mas de compreensão do processo de envelhecimento e das relações espaciais e de poder. Assim, a idade pode ser lida como um organizador das relações que ali se estabelecem entre discentes.

Nesse caso da análise, as relações que instituem esse espaço, como a universidade, são revestidas pela predominância de pessoas com idades mais jovens, o que acaba deslocando para a margem as pessoas mais velhas. Essa análise se faz a partir de discentes e não outro grupo de sujeitos – nesse caso, uma idade mais velha causava nos sujeitos analisados situações de opressão e desconforto na universidade.

A relação entre centro e margem a qual nos referimos está nas compreensões do espaço paradoxal de Rose (1993). Para a autora, os espaços são especiais, parciais e, muitas vezes, estratégicos, de forma que sua compreensão seja

emancipatória e não limitada apenas na matriz *insider* e *outsider*. Portanto, a relação centro e margem é constantemente variável, não somente de acordo com as relações sociais que organizam os espaços, mas também através dos movimentos das identidades, como é o caso da idade e da sexualidade, dentre tantos outros verificados nos próximos capítulos dessa tese.

Uma pesquisa mostra como a universidade tem centrado suas relações de discentes na idade jovem, pesquisa está realizada pela Associação Nacional de Perfil dos graduandos das IFES em 2018. Segundo a pesquisa, a média dos estudantes nessas instituições é de 24 anos. O estudo ainda aponta que houve uma redução entre 1996 e 2014 do grupo com menos do que 20 anos, com aumento nas faixas maiores ou iguais a 25 anos. Contudo, no ano de 2018 houve retomada do grupo com menos de 20 anos, aumentando suas participações em 3,7%.

Mesmo com esses resultados, não é intenção afirmar que toda pessoa mais velha sofre opressão nas universidades, mas que a partir do nosso campo de pesquisa, há uma certa relação de poder entre discentes mais jovens sobre os mais velhos, visto que um dos entrevistados dessa pesquisa (que tinha apenas 25 anos, na época) dizia 'se sentir velho' frente aos colegas de 18 a 20 anos. Para Santos (2011), a universidade passa a ser organizacionalmente hierárquica, na medida em que agentes que participam de sua produção partilham dos mesmos objetivos, formação e cultura.

Esse mesmo desconforto também foi relatado sobre outros espaços como a escola e a casa dos pais pelos entrevistados da dissertação. Porém, em relação à espacialidade escolar, a margem das relações não era a idade mais velha, mas era a idade jovem. Isso corrobora com aquilo que havíamos frisado sobre a idade ser um elemento mutável das relações sociais e dos próprios sujeitos, reforçando o que Foucault (1988) e Freire (1996) já argumentavam sobre estruturas de poder e a disciplinaridade dos sujeitos quanto à forma de ensinar e se comportar. Em ambos, o professor, enquanto autoridade, teoricamente mais velho, exerceria seu poder sobre o aluno teoricamente mais jovem.

Além disso, as discussões que envolvem a espacialidade escolar, onde ora estamos no centro, por ser mais velho, ou margem, por ser mais jovem, reforçam mais uma vez a ideia de Rose (1993), assim como demonstram a formação de relações de poder. Como afirma Foucault (1999), o poder por si só não funcionaria ou não existiria, mas é através das relações de poder e de ações entre 'indivíduos sobre indivíduos'

que ele se articula, não sendo algo estático ou imóvel.

Ademais, reitera-se que nas relações de poder há uma predominância de determinados grupos sobre outros. Nesse caso, tais relações incidem sobre elementos identitários. Isso faz com que alguns espaços da vivência *gay* sejam hegemonicamente construídos a partir de supremacias de dominações entre elementos identitários como classes econômicas, gêneros, raças, idades e dentro das próprias variações de sexualidades. Tais relações instalam-se nas práticas sociais e, conseqüentemente, pelos espaços, causando grandes desconfortos a todas as pessoas que aqui passam a ser ininteligibilidades sociais, ou seja, àqueles que não correspondem a maioria do que fora estabelecido nesses espaços e nessas relações.

Cabe salientar que essas identidades não são restritas aos homens cis *gays*, mas todas as diversidades existenciais humanas, mesmo dentro desse agrupamento específico que nos propomos a problematizar. Dessa forma, cria-se um perfil ideal e central em suas relações, perfil este baseado na juventude, na classe média e nos corpos sarados, popularmente conhecidos como ‘bicha padrão’.

Pensando nisso, há discussões no âmbito acadêmico que utilizam do termo ‘homonormatividade’ para definir práticas que não questionam políticas e normas da heteronormatividade já dominante, mas reforçam e sustentam a partir do eleitorado *gay* domesticado e ancorados no consumo (Duggan, 2003). Em outras palavras, alguns *gays*, lésbicas e bissexuais reforçam as práticas dominantes para se sentirem aceitos ou serem considerados dentro de uma normalidade, podendo continuar suas vidas em um cotidiano tranquilo (Oswin, 2008).

Portanto, a existência de *gays* não jovens, pobres e com variações de formatos corporais que acabam fugindo do padrão estabelecido, passam a sofrer situações desconfortáveis dentro de espaços de convivência *gay*, o que pode ser um dos motivos de estarem tão isolados, principalmente, quando acabam chegando na velhice – como veremos nos resultados que encontramos.

Voltando para os caminhos percorridos da pesquisa, surgiu a ideia de aprofundar nossa compreensão do elemento identitário ‘idade’. Para isso, analisamos outro exemplo de espacialidade também evidenciada em minha dissertação: ‘a casa dos pais’. Esse espaço apresentou uma variação significativa com os sujeitos analisados a partir do elemento da idade.

Como visto nas discussões de Carrington (1999), a casa familiar passa a ser rígida e organizada a partir de práticas heteronormativas, sendo tais motivos que

fizeram com que alguns dos entrevistados demonstrassem, através do elemento idade, como passavam por situações de submissão as regras familiares.

Ser muito jovem e instituir-se de relações de dependências afetiva, religiosa e financeira poderia significar, em alguns casos, não assumir ou falar sobre suas sexualidades. Da mesma forma, apresentar uma idade mais velha causava, na maioria, desconforto e opressão por parte dos pais para suas emancipações. Alguns dos entrevistados relataram, inclusive, a expulsão do lar familiar, quando atingiram a maior idade (18 anos), como é possível observar nos discursos abaixo:

A gente sempre se sente um pouco desconfortável quando eles entram em assuntos específicos sobre isso, por exemplo: falar de outras pessoas, tirar sarro de outras pessoas, sendo que na família deles tem um (gay). Só que assim eles imaginam né, eles não têm a certeza, só que a gente se sente um pouco desconfortável, mas a gente releva, a gente as vezes ri junto, porque às vezes tem que dar risada né, não adianta [...]. (Trecho da entrevista realizada com Junior no dia 15/08/2015).

Uhum, tem sim, eu acho que tem sim. Como eu sou novo eu tenho 21 anos, dependendo muito deles ainda, eu moro na casa deles, mas não totalmente financeiramente, eu dependo mais do lugar para morar e não é meu intuito contar agora. Como nossa relação é muito boa, eu quero continuar lá até eu ter condições para eu me manter fora. Porque não adianta eu sair para passar fome e ter que voltar com o 'rabinho entre as pernas' eu acho que quando eu tiver uma situação totalmente estabilizada, uma situação boa e eu tiver meu lugar para morar, eu posso contar para eles, porque aí eu não vou estar tão dependente deles assim. Que aí vai ser quando eu vou abrir o jogo com eles, que eu pretendo né? Porque fica escondendo para a vida inteira eu acho que não é o certo [...]. (Trecho da entrevista realizada com Junior no dia 15/08/2015).

Eu posso dizer que eu sofri com a minha mãe e com o meu irmão lá na casa dos meus pais mesmo sabe, tipo teve uma vez assim que era meu aniversário e eu levei meu namorado quando eu tinha 18 anos, eu fui no meu aniversário e eu o levei. Daí o meu irmão... nossa fez um escândalo lá, queria que ele fosse embora, isso que era o meu aniversário. Aí acabamos discutindo e eu fui embora com esse namorado. Isso foi tão marcante que até hoje eu tenho uma relação bem afastada com esse meu irmão, a gente nem conversa, só se cumprimenta quando estamos reunidos em família. E com a minha mãe, no começo foi bem difícil, ela queria me bater, tanto que eu fui algumas vezes expulso de casa [...]. (Trecho da entrevista realizada com Marcelo no dia 24/05/2015).

Agora em casa e na família que é onde eu achei que eu teria mais facilidade, dentro da minha casa as pessoas me conhecem menos que os que vivem fora dela, justamente por causa da sexualidade, eu me sinto um inquilino na minha própria casa [...]. (Trecho da entrevista realizada com Pedro no dia 24/05/2015).

A partir desses discursos, destaca-se que o elemento identitário 'idade' compõe a vida de homens cis *gays* e forma distinta, em acordo com os seus próprios processos de envelhecimento e em paralelo às vivências espaciais, onde ambos vão sendo alterados por suas experiências corpóreas. No caso da espacialidade casa, sobretudo, a casa dos pais, havia relações de opressão nas quais a pouca idade ou a maior idade poderiam causar diferentes situações. Porém, na maioria dos casos apresentados pelos entrevistados, tais relações eram de opressão e desconforto.

Da mesma forma, mesmo que os discursos considerem a idade, havia sempre uma conexão direta com a sexualidade e a classe de renda, outros dois elementos identitários, o que dava caráter interseccional da dissertação. A composição desses discursos evidenciados era de homens cis *gays* jovens que buscavam assumir suas sexualidades, mas ainda não tinham condições financeiras e emocionais para fazê-las.

Esses elementos nos ajudaram a construir a dissertação de mestrado, ao mesmo tempo em que proporcionaram a elaboração de um projeto de pesquisa de doutorado que buscava compreender a relação entre corpo, envelhecimento e vivências espaciais de homens cis *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná.

Assim, essa tese busca uma compreensão mais aprofundada, não apenas entendendo os espaços vivenciados pelos sujeitos, tampouco suas identidades, mas compreendendo o processo da vida dessas pessoas que se identificam como homens cis *gays*. Foi através do processo de envelhecimento que se tornou possível uma compreensão espacial além do espaço físico e social. Nosso entendimento parte de um espaço corporificado, onde espaço e corpo são mutualmente construídos através dos sujeitos e suas compreensões de si mesmos e ao seu redor

A pesquisa aqui apresentada teve uma duração de mais de 4 anos, considerando intervalos pandêmicos e pós-pandêmicos que alteraram todos os cronogramas pré-estabelecidos. Além dos desafios de uma pandemia, houveram grandes dificuldades com o processo investigativo dos entrevistados, pois muitos apresentaram resistência e negação para participar da pesquisa em formato de entrevista.

Sobre os entrevistados, vocês poderão saber um pouco mais sobre cada um deles no anexo 3 dessa tese, pois durante o desenvolvimento da pesquisa optamos por trabalhar apenas com os nomes entrevistado 1, entrevistado 2 ... e assim por

diante, buscando o cuidado e a ética na identificação verdadeira de cada um dos nossos participantes. Sua realização foi consolidada por intermédio de entrevistas semiestruturadas com 12 participantes que tinham entre 50 e 69 anos de idade. Foram utilizadas as metodologias de *Snowball*, Saturação e análise de conteúdo, para que uma melhor compreensão do fenômeno fosse possibilitada, aspectos que serão detalhados no primeiro capítulo. Após as entrevistas, a sistematização dos dados permitiu qualificar e quantificar os dados em diferentes momentos, que serão expostos no decorrer do estudo – que mostraremos com maiores detalhes no primeiro capítulo.

A justificativa para esse tema ocorreu pela necessidade de compreensão pessoal, como também científica. Pessoal, pois não encontrava ou não via pessoas LGBTQIAP+ mais velhas nas minhas vivências diárias, o que me intrigava a questionar ‘onde estão?’ ‘Existem?’. Científica, porque havia uma escassa produção geográfica sobre esse tema, como é possível comprovar nesse trabalho. Tais apontamentos motivaram a pesquisar e construir essa pesquisa – como também veremos em detalhes no primeiro capítulo. Ademais, produzir esse tema foi um grande desafio no aspecto teórico e empírico, pois em ambos houve resistência, invisibilidades e pouca aceitação da sua real importância.

A produção dessa tese ainda passou por desafios que nenhum pesquisador poderia prever. Um período pandêmico entre 2019-2022 tornou a pesquisa mais desafiadora, principalmente no desenvolvimento do seu campo empírico, fruto de uma dedicação solitária do pesquisador para com a sua pesquisa, buscando através de autonomia e persistência o seu término, não apenas no aspecto de finalização de algo, mas como obrigação para com toda a sociedade e, principalmente, para a comunidade LGBTQIAP+.

Para melhor entendimento e organização, estruturamos a tese em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz o processo de pesquisa realizado na tese, demonstrando a trajetória investigativa e pistas que levaram ao objeto de pesquisa. Ainda nesse capítulo, apresentamos as buscas teóricas através de uma pesquisa bibliográfica entre períodos e artigos, como também buscamos, através do banco de teses e dissertações da CAPES, uma produção teórica sobre o envelhecimento *gay* na Geografia brasileira.

No segundo capítulo, exploramos as bases conceituais capazes de sustentar nossa questão central que é ‘como ocorrem as transformações das vivências espaciais no processo de envelhecimento corporal de homens cis *gays* na cidade de

Ponta Grossa, Paraná', resgatando discussões sobre o corpo como um espaço geográfico em transformação durante os percursos de vida dos sujeitos e suas relações com as outras escalas espaciais, como a cidade, a casa, etc.

Nesse mesmo capítulo, ainda ofertamos uma discussão sobre a compreensão de envelhecimento por diferentes percepções e interpretações do fenômeno, resgatando também dados do IBGE e como eles destacam a população idosa brasileira, nas escalas nacionais, estaduais e municipais com direcionamento final para a cidade de Ponta Grossa, sendo um elemento constituinte do processo do envelhecimento desses homens cis gays ao mesmo tempo que é o nosso recorte espacial. Por última, a seção 2.4 do capítulo dois, traz uma discussão sobre a geração pós-epidemia da AIDS e a emergência do Orgulho gay, movimentos esses que influenciaram e influenciam a identificação e a autoidentificação do envelhecimento na vida gay.

O terceiro capítulo dessa tese traz questões que envolvem a percepção, busca-se compreender aspectos como a autoidentificação e o processo de envelhecimento através das discussões teóricas e trechos de falas dos entrevistados. Evidenciamos ainda nesse capítulo, a relação de poder que existe dentro da comunidade LGBTQIAP+, relação essa que envolvem as inadequações identitárias como ser velho, por exemplo.

Por fim, o último capítulo salienta as performances da masculinidade gay no processo de envelhecimento, considerado 'o masculino desejável' nas espacialidades de vivências gays, e que pode ser entendido sobre o olhar de uma construção de uma masculinidade desejável entre homens cis gays e aquela que é considerada indesejável. O mesmo capítulo também revela as transformações de vivências espaciais, enfatizando algumas discussões sobre a percepção do armário, as espacialidades negociadas, as espacialidades de resistência e a volta para o armário na velhice, bem como a rede semântica elaborada a partir da análise de conteúdo entre espacialidades discursivas e categorias discursivas

Assim, demonstra-se que o não reconhecimento da velhice, seja pela própria comunidade LGBTQIA+ e os órgãos públicos, como o IBGE, afetam e potencializam a invisibilidade dessas pessoas que acabam voltando para o armário em busca de uma proteção individual, ao tornarem-se pessoal vulneráveis ao preconceito e violência na velhice.

CAPÍTULO 1 – O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA PESQUISA

Este capítulo tem por finalidade demonstrar a trajetória investigativa e as pistas que levaram à construção do objeto de pesquisa, pois acreditamos que a Ciência é praticada por seres humanos que constroem intelectualmente suas investigações e que a forma de proceder deve ser socializada.

Assim sendo, esse capítulo está organizado internamente em três subseções. Na primeira seção, realiza-se uma discussão sobre os caminhos percorridos como pesquisador na área de Geografia das Sexualidades e como surgiu a proposta do tema dessa tese.

A segunda seção desse capítulo aponta a busca que foi realizada através de produções científicas em periódicos através do banco de dados do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) e de dissertações e teses encontradas do banco de dados da própria CAPES. Além disso, apresentamos uma discussão sobre as áreas de conhecimento geográfico, a Geografia da População, a Geografia do Envelhecimento e a Geografia das Sexualidades, buscando compreender aspectos do universo da temática dessa tese.

Por fim, a última seção desse capítulo traz o desenvolvimento da questão central e das subquestões dessa pesquisa, como também o perfil socioeconômico dos sujeitos analisados, assim como os caminhos metodológicos percorridos para a realização dessa pesquisa.

1.1 OS CAMINHOS PERCORRIDOS: DOS QUESTIONAMENTOS INICIAIS À PROPOSTA DE PESQUISA

Como vimos na introdução dessa pesquisa, os caminhos percorridos para a elaboração desse trabalho de doutorado vieram através de uma trajetória acadêmica envolvendo a temática das sexualidades na ciência geográfica. Durante esses mais de 10 anos entre graduação, mestrado e doutorado, busquei através do meu cotidiano compreender questões geográficas sobre diferentes espacialidades e os elementos identitários que fazem parte de nós seres humanos, como é o caso da sexualidade. Para muitos, a sexualidade é desapercebida, pois quando se corresponde a norma ou a heteronormatividade é fácil é simples andar de mãos dadas, beijar em pública e viver o amor com a pessoa amada. Para nós, nunca foi fácil, sempre foi uma luta, a luta

inicial interna para se entender e a luta diária durante toda a nossa vida para que os outros, no mínimo, nos respeitem nossa existência e nossa forma de viver. Então, a compreensão aqui, talvez não faça sentido para alguns, afinal subjetividades são para isso e por isso elas me instigam enquanto pesquisador.

Buscamos a partir da pergunta central de como compreender como ocorrem as transformações das vivências espaciais no processo de envelhecimento corporal de homens cis gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná, visamos estabelecer um agrupamento de pessoas diferentes do que fora pesquisado na dissertação de mestrado. Assim, o grupo eleito que fora pensando para o estudo é de homens cis gays mais velhos que, em sua maioria, já eram assumidos, tinham autonomia financeira e possuíam suas próprias casas, o que os permitiam certas liberdades para assumir suas sexualidades. Novamente, a idade, a classe de renda e a sexualidade foram os elementos identitários mais marcantes nos discursos desses sujeitos.

Sobre a classe de renda, entende-se que mesmo esses sujeitos adultos e teoricamente emancipados financeiramente por seus pais afirmaram ter dificuldades com a renda. Alguns dos entrevistados relataram o grande dilema de suas vidas, como podemos ver no trecho a seguir:

Envelheci sem perspectiva pois eu não tinha referenciais de gays velhos, agora não me cuidei para me aposentar e estou até passando fome por não encontrar emprego com minha idade e estar totalmente abandonado pela família. (Entrevista 5, realizada em Ponta Grossa, em 13/03/2022).

Nas discussões de Browne, Bakshi e Lim (2012), os autores apontaram como as situações de medo sobre habitação ocorrem para as populações LGBTQIAP+ mais velhas e quais são os seus desafios quando chegam no *status* da velhice. A idade, além de ser uma identidade, é também uma categoria de análise que possibilita diferentes compreensões espaciais, sobretudo, quanto se trabalha com o processo de envelhecimento dos sujeitos. Além de entendemos que todos passamos por esse processo, sentimos que com o passar dos anos, nossas percepções e concepções também se alteram, assim como nossas vivências espaciais.

A exemplo, se tivéssemos analisado pessoas mais velhas, como professores(as), nessas mesmas espacialidades (Universidade e Escola), é possível que esse elemento identitário pudesse ser compreendido como confortável ou de privilégio, pois a idade mais velha passaria a ser central nessas relações e nas

espacialidades, como também se analisássemos homens cis *gays* jovens em baladas e bares.

Em síntese, poderíamos ter outras organizações espaciais, como também outras relações de poder, de centro e margem, através de um mesmo elemento identitário, a idade. Como aponta Valentine (2007), os elementos identitários são fluídos, estando em constante movimento, assim como as mudanças espaciais que nós vivenciamos ao longo da vida.

Para Browne, Bakshi e Lim (2012), é importante reconhecer as diferenças que existem nos próprios LGBTQIAP+ e que, mesmo com algumas diferenças, também é possível encontrar semelhanças entre o novo e o antigo. Para os autores, o espaço e o tempo atuam modelando a vida dos indivíduos. Para nós, essa compreensão só é possível quando analisamos a partir dos seus processos de envelhecimento.

Segundo os dados levantados na pesquisa desses autores, as pessoas LGBTQIAP+ ‘velhas’ argumentam que é muito difícil viver na cidade de Brighton, considerada “Capital Gay” do Reino Unido, evitando a exposição de suas sexualidades ou afetividades em espaços públicos. Para os autores, os espaços públicos incorporam as formas heterossexuais como norma esperada nesses espaços e mesmo quando haja eventos LGBTQIAP+, estes são, predominantemente, compostos por pessoas com idades inferiores a 30 anos.

Outro dado interessante dessa pesquisa que corroborou para nossa compreensão se efetiva quando os entrevistados falam sobre habitação, no caso, suas casas. Esses espaços são compreendidos pelos LGBTQIAP+ mais velhos como segura, adequada e amigável, proporcionando à eles um fator de saúde e de bem estar. Tal situação ainda seria um desejo para os LGBTQIAP+ jovens.

O texto de Browne, Bakshi e Lim (2012) instiga ainda mais a pensar sobre o medo de envelhecer, o não se considerar ‘velho’, o temor do que acontecerá quando envelhecermos, o futuro das comunidades LGBTQIAP+ e o isolamento dos LGBTQIAP+ ao envelhecerem. Todos esses apontamentos permeiam nossa pesquisa de doutorado, pois trabalhar com o processo de envelhecimento de homens cis *gays*, também é entender seus medos e representações sobre a velhice, assim como o isolamento ao envelhecer.

Não só nessa pesquisa, mas na própria dissertação de mestrado, os homens cis *gays* jovens já apontavam alguns desses elementos sobre o processo de envelhecer, como o ‘sentir-se’ velho antes mesmo de estarem, e não

conhecer/reconhecer e velhice *gay*, como mostra o discurso do participante Marcelo sobre a balada LGBTQIAP+:

Em relação à minha sexualidade na balada LGBT, eu me sinto totalmente livre pra fazer o que eu quiser. Já em relação à minha classe de renda também, eu acredito que não interfere, porque eu acabo indo onde e quando eu posso. Já em relação à idade, eu acredito que quanto mais velho, mais desconforto a gente sente (risos), porque eu acredito que a balada em si é para o público mais jovem. Então, hoje eu estou com 27 anos, eu vou em uma balada e eu vejo muita 'piaçada' de 20 anos, isso já faz eu me sentir velho (risos), imagina uma pessoa de 50 ou 60 anos? (Trecho da entrevista realizada com Marcelo no dia 24/05/2015).

Além dos entrevistados que, ora apontavam isso, e em outra eram os próprios responsáveis por difundir uma cultura etaristas no mundo *gay*, esses questionamentos que foram surgindo também vieram da minha vida particular e de meu cotidiano. Como disse nas primeiras linhas desse capítulo, eu mesmo presenciei diversos discursos, em sua maioria, pejorativos e vexatórios sobre homens *gays* mais velhos, principalmente em locais e espaços predominantemente jovens, como as baladas e bares.

A impressão que tive é que eles não poderiam estar ali, como se fosse algo errado, ou nas palavras de Silva (2008, p.36), 'um espaço interdito' a eles, o que me causou certa indignação. Da rebeldia vieram os questionamentos iniciais dessa problematização como: se não 'podiam' estar em baladas, onde estariam os homens *gays* velhos? Por que envelhecer ou ser um *gay* velho poderia causar tanto desconforto, medo e discriminação por uma parte do mundo *gay*?

Segundo Mota (2012), as práticas sexuais de *gays* velhos revelam um circuito *gay* caracterizado pela valorização da vida jovem e pelo individualismo. Ainda, para o autor, diante dos estigmas em ser *gay* e velho, pode-se examinar diferentes vivências relacionais e estilos de vida dessas pessoas.

Além das contribuições de Mota (2012), também nas discussões de Paiva (2009) o autor pontua que há uma 'abjeção' em relação ao corpo velho na homossexualidade, juntamente com um silêncio a respeito dessas experiências, o que evidencia uma posição marginal dos homossexuais velhos tanto em suas vivências quanto na epistemologia e nas discussões que envolvem sexualidades contemporâneas.

Sobre a abjeção, cabe lembrar as discussões de Butler (2008):

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas 'invisíveis', 'inabitáveis' da vida social que, todavia, estão densamente povoadas por aqueles que não gozam do estatuto de objeto, mas cuja vida sob o signo do 'inabitável' é necessária para circunscrever o domínio dos sujeitos. Esta zona de inabitabilidade constituirá o limite que define o terreno do sujeito (BUTLER, 2008, p. 19-20).

A abjeção também pode ser compreendida como a negação daquilo que é objeto, como em nosso caso, os homens cis *gays* velhos. A partir dessas reflexões, acreditamos que resgatar novamente as discussões de Rose (1993) passa a ser pertinente para pensar esse momento de reflexão. Ao propor pensar o espaço paradoxal, Rose (1993) argumenta que o sujeito é visto enquanto vivendo uma multiplicidade de experiências e diferentes identidades, como também diferentes posicionamentos nas relações sociais e, conseqüentemente, pelos espaços.

Assim, sobre a luz do nosso fenômeno, a vida *gay* é centralizada na juventude, uma vez que suas percepções espaciais e vivências sociais de *gays* se estabelecem em uma faixa etária entre 18 a 40 anos de idade. Todo aquele que possui uma idade que é considerada fora do padrão jovial ou que perpassa pelo processo de envelhecimento em uma etapa diferente da juventude, pode passar a ter uma posição de margem das relações sociais, sobretudo, no mundo *gay* pontagrossense, que é analisado nesse estudo.

Rose (1993) argumenta que qualquer pessoa pode ser localizada dentro de matrizes materiais e discursivas de poder, resistência e subjetividade. Além disso, os detalhes complexos das relações de poder nas localizações podem ser verificados nos locais descritos pelos sujeitos ou pela diferença entre eles mesmos. Em nosso caso, a compreensão de homens cis *gays* mais velhos se estabelecem através de suas identidades que, ora são assumidas, e em outra podem ser até mesmo negadas pelos próprios sujeitos.

Portanto, Rose (1993) argumenta que a relação entre distância e proximidade (*insider* e *outsider*) nem sempre estaria relacionada propriamente a 'distância métrica'. A autora ainda aponta que "essas noções de espaço, localização, lugar, posição, mapeamento e paisagem implicam radicalmente geometrias heterogêneas. Eles são vividos, experienciado e sentidos" (Rose, 1993, p. 3).

Assim, ao relatar sobre sua experiência no espaço urbano e a relação opressiva pelo fato de ser mulher, a autora argumenta que, à noite, sentimentos como o medo e o estrangulamento do seu direito em estar ali fazem com que o espaço passe a ser quase um inimigo para ela. Mesmo que as vivências espaciais sejam

experienciadas simultaneamente por várias identidades sociais, o espaço social e o próprio corpo como espaço não podem ser imaginados apenas pelo gênero, mas por múltiplos elementos identitários, o que possibilitaria uma grande diversidade de análises.

Diríamos ainda nesse momento que o espaço não por ser imaginado somente pelo que é percebido e concebido, mas também passa ser compreendido a partir do que é vivido, e por múltiplas identidades. Como aponta Soja (1999), o corpo passa a ser o principal espaço de compreensão do indivíduo e não apenas o espaço social. Essas reflexões surgiram a partir de diferentes configurações que são resultados de lutas e de resistências dos movimentos sociais, que através de seus próprios corpos, lutaram pelo direito de existir e serem objeto, como a própria comunidade LGBTQIAP+.

Nesse sentido, Rose (1993) discute que os sujeitos não ficam posicionados apenas à margem, mas podem deslocar-se de acordo com diferentes contextos socioespaciais. De acordo com Soja (1999), esse movimento de deslocamento é resultado daquilo que é vivido, percebido e concebido pelo sujeito em diferentes espaços de sua vivência cotidiana. Assim, o espaço passa a ser de crucial importância para compreendermos o mundo e como somos orientados através dele, onde o sujeito acaba utilizando de *performances* inter-relacionais, como é o caso do estar dentro ou fora do armário.

Portanto, o processo de envelhecimento faz parte da vivência espacial *gay*. Sua compreensão passa a ser essencial para entender as diferentes trajetórias e as estratégias que são utilizadas por esses sujeitos em suas relações sociais, ora de centro e ora de margem, no jogo múltiplo de suas identidades, utilizando de estratégias para de fato conseguirem envelhecer e assim poderem ser um referencial para *gays* mais jovens.

Além desse pensamento inicial, os caminhos que nos levaram a pensar essas primeiras páginas de problematização da tese foram na busca de um tema pouco explorado pela Geografia brasileira e que foi surgindo ao longo do desenvolvimento da minha dissertação de mestrado. Porém, para aquele momento não havia tempo e nem campo para responder esses questionamentos iniciais. Por isso, surgiu a proposta de tese de doutorado, pois era necessário pensar o envelhecimento a partir das vivências de homens cis *gays* mais velhos.

Não satisfeito com tais percepções que tive no campo exploratório, recorri às informações epistemológicas, teóricas e pesquisas na área de Geografia que contemplassem a relação temática entre sexualidade, espaço e envelhecimento, não de forma isolada, mas conectada.

Contudo, os resultados não foram os esperados, afinal, ainda trabalhamos com um tema da Geografia pouco explorado, mesmo com aumento de espaços de discussão surgidos nas últimas décadas. Trabalhar e encontrar estudos sobre sexualidades na Geografia brasileira está longe de ser algo satisfatório. Na verdade, tal imbricação não corresponde nem a 1% das produções científicas, como foi possível verificar, o que nos permite afirmar que alguns temas ainda são invisibilizados no Brasil, como os homens cis *gays* velhos.

Assim, a proposta para a segunda seção desse capítulo, é mostrar levantamento bibliográfico realizado para encontrar trabalhos de cunho geográfico sobre as temáticas da sexualidade e envelhecimento, e o quanto esse campo ainda precisa ser explorado.

1.2 AS BUSCAS DE PRODUÇÃO TEÓRICA SOBRE O ENVELHECIMENTO GAY, SOBRETUDO, NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Durante minha trajetória acadêmica, elucidada na introdução dessa tese, pude me aproximar de temáticas como sexualidade, gênero e envelhecimento dentro da Ciência Geográfica Brasileira, que ainda são consideradas dissidentes, principalmente, quando combinadas. Quando reconhecemos a Geografia enquanto uma Ciência plural, possibilitamos a nós pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia um vasto campo de problematizações e temas que envolvem seu caráter dinâmico.

Estudar um agrupamento³ específico de sujeitos, como homens cis *gays* mais velhos e o seu processo de envelhecimento, envolve diversas áreas da Geografia. Destas, destacamos as três que acreditamos ser mais relevante para esse momento, a Geografia da População, a Geografia do Envelhecimento e a Geografia das Sexualidades.

³ Utilizamos a palavra agrupamento, pois a palavra grupo pressupõe indivíduos que possuem algum tipo de contato físico ou relação de proximidade. Nesse caso, nem todas as pessoas aqui pesquisadas, tinham contato umas com as outras.

Portanto, a segunda seção desse capítulo, tem por objetivo trazer uma exploração realizada pelo autor no campo de pesquisa geográfico através das subáreas da Geografia, como também das produções realizadas no cenário nacional sobre o tema envelhecimento *gay*.

Iniciamos nossa discussão entendendo a ciência geográfica e as suas subáreas de conhecimento. Segundo Gomes (1996), após a institucionalização da Geografia na Alemanha como disciplina, há o surgimento da ciência geográfica em meados ao século XIX. Desde então, houve uma espécie de fragmentação de áreas do pensamento geográfico entre dois grandes campos: área humana e a área física.

Dentro da Geografia Humana, nosso interesse, foram criados diversos subcampos do pensamento geográfico: a Geografia Feminista, a Geografia das Sexualidades, a Geografia das Etnicidades e Racialidades, a Geografia do Envelhecimento, dentre tantas outras. Contudo, estas estariam relacionadas diretamente com a Geografia da População que, por sua vez, faria parte da Geografia Humana, como aponta Gomes (1996).

Essa ramificação de campos e subcampos dentro de uma Ciência trata-se de uma forma de direcionar estudos em áreas mais específicas dentro da própria Ciência. Bourdieu (2004) argumenta que um campo de conhecimento, enquanto o objeto, oferece uma análise mais profunda e complexa. Portanto, o campo é onde estariam inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem as Ciências. Assim, segundo sua afirmação:

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. [...] Em outras palavras é preciso escapar à alternativa da 'ciência pura', totalmente livre de qualquer necessidade social, e da 'ciência escrava', sujeita a todas as demandas político-econômicas. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. (Bourdieu, 2004, p. 21).

Essa fragmentação da Ciência Geográfica por ser vista, por um lado, como parte constituinte da própria Geografia e, por outro lado, na fragmentação de áreas. Assim, tal multiplicidade acaba distanciando e até mesmo especificando tanto alguns temas que acabamos esquecendo da sua relação e as possibilidades de discussões

entre elas. Além de pensar o espaço geográfico como conceito fundamental para essa tese, também evidenciamos a relação entre subcampos da Geografia das Sexualidades, a Geografia do Envelhecimento e a Geografia da População.

Como outras subáreas da Geografia, estas têm origem na Geografia Humana, que seria a grande área do conhecimento social geográfico. No que se refere à Geografia da População, esse subcampo passou a ser institucionalizado em meados ao Século XX. Contudo, isso não significa que as compreensões sobre a população não permeassem as pesquisas geográficas anteriores ao Século XX. Aqui estamos reconhecendo a formação de subáreas da própria ciência geográfica.

Segundo Perez (2010), em 1953, com o incremento da preocupação geográfica em relação às questões da população e com o discurso do até então presidente da Associação de Geógrafos Americanos, Glen Thomas Trewartha, frisando que o foco da Geografia da População era estudar diferentes populações e suas áreas, houve fortalecimento a Geografia da População como um campo legítimo de pesquisa na Geografia. Da mesma maneira, grandes acontecimentos na humanidade como a Revolução Industrial do Século XVIII e a luta das classes, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), constituíram fatos históricos muito importantes para o desenvolvimento de uma Geografia e seus estudos populacionais (Bailey, 2005)

Mesmo com crescimento tardio, por volta de 1950, a Geografia da população conquistou uma cadeira no ensino universitário geográfico e isso fez com que houvesse um aumento significativo de pesquisas e desenvolvimento de técnicas, pois o tema da população sempre apareceu de forma transversal na Geografia, como aponta Noin (2005).

Para Bailey (2005), os elementos como natalidade, mortalidade e envelhecimento, mesmo influenciando até hoje a Geografia da População, passaram a ser moldados e interpretados a partir de novas concepções espaço-tempo que foram sendo inseridas na ciência geográfica. Segundo o autor, entre 1950 e 1970 houve um amadurecimento desse subcampo e diferentes formas de interpretação foram desenvolvidas, já que haviam aqueles que analisavam os fenômenos a partir da escala regional e aqueles que buscavam por meio de análises matemáticas (influenciadas, principalmente, pela corrente positivista) compreender as transformações da própria população nacional ou global.

Para Pacione (1986), a Geografia da População não possuiria uma única teoria ou metodologia, mas uma subárea da Geografia preocupada em analisar diferentes questões populacionais, o que acabava por dificultar sua própria definição. Para Clarker (1972), a Geografia da População analisa a sociedade, sua distribuição e sua densidade, com significativa importância para os pesquisadores da área da Geografia interessados nos fenômenos populacionais. Em relação à densidade, por exemplo, destaca-se que seu entendimento bem sucedido sustentaria a chave para uma análise da distribuição do ser humano no espaço. Além dessas interpretações, também havia preocupações em trazer uma inter-relação geográfica dos ambientes físicos e a própria população, o que até hoje não é uma tarefa fácil.

Por volta de 1980 e 1990, novos contextos mundiais, como a nova ordem mundial, trouxeram novas perspectivas de interpretações sobre determinados fenômenos na Geografia da População. Para Baily (2005), novas correntes como o materialismo, o estruturalismo, o culturalismo, pós-estruturalismo e a pós-colonialismo influenciaram diretamente a forma de se fazer e pensar a Geografia da População. Por um lado, o desenvolvimento da área possibilitou maior quantidade de temas de pesquisa, mas por outro lado, acabou ramificando ainda mais o subcampo, questionando as rígidas teorias e perspectivas que, de certa forma, eram impostas entre 1950-1970 (Baily, 2005).

Segundo Baily (2005), esse pluralismo levou a questionar se, de fato, existiria uma Geografia da População ou 'Geografias' da População. Para Pacione (1986), a Geografia da População deveria ser tudo aquilo que ensinamos e elaboramos enquanto pesquisa, pois sua natureza pluralista possui fortes vínculos com temáticas como a demografia e os próprios estudos populacionais. Contudo, a questão central era a preocupação na definição de uma Geografia da População, ora centrada em questões mais amplas e ora em questões mais específicas da própria dinâmica populacional, como é o nosso caso.

Assim, Pacione (1986) argumenta que a Geografia da População mais contemporânea acomoda tanto pesquisadores que adotam perspectivas demográficas e as geografias tradicionais, como também promove a pluralidade. Nessa última, ainda pode apresentar falhas para definir uma área de interesse ou uma certa especialização e que, por isso, sua atenção deveria estar para as questões relacionadas a uma teoria de validação. Em seu livro, o autor tenta colocar as

discussões com diferentes níveis de teorias e como essas podem ser definidas a partir de diferentes escalas, a microteoria, a de médio alcance e a grande teoria.

Pacione (1986) ainda chama a atenção para o fato de que as teorias positivistas acabavam por reduzir a importância de outras teorias mais subjetivas (como a cultural), onde os sujeitos e sua subjetividade são válidos tanto quanto e não, somente, a grande maioria numérica. Para o autor, mesmo que pesquisas com perspectivas mais subjetivas ao sujeito tenham uma crítica sobre sua aplicabilidade ou que os resultados não se encaixem ao todo, essas pesquisas mostram um outro lado, como abordagens comportamentais e humanísticas que podem melhorar a compreensão das forças que operam para produzir padrões populacionais de ‘grandes teorias’.

Assim, mesmo que tenhamos pesquisas com um número reduzido de pesquisados, isso não diminui o estudo, tampouco refuta sua importância para o desenvolvimento de novas perspectivas para a própria Geografia da População, pois cada perspectiva retrata um olhar do pesquisador e da própria pesquisa sobre as relações sociais. Contudo, muitos acabam por seguir aquilo que é exigido ou determinado, seja o tipo de estudo ou determinada teoria.

Tais questões são discutidas por Pacione (1986), que argumenta sobre perspectivas como a estrutural, que acabavam compreendendo o comportamento humano como aquele condicionado pelo modo de reprodução dominante, mostrando que cada perspectiva traz um aspecto do fenômeno analisado. O autor sugere que, em uma pesquisa populacional, leve-se em conta a problemática e as metodologias empregadas do pesquisador e da própria pesquisa, onde há maior especificidade com concentração no tópico-chave, ou seja, maior uso em técnicas demográficas ou uma Geografia populacional orientada para o problema que tende a sanar na pesquisa.

Sobre isso, em nossa pesquisa que possui intuito de responder ao questionamento: ‘Como ocorrem as transformações das vivências espaciais no processo de envelhecimento corporal de homens cis gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná?’, não buscamos compreender todos os homens cis gays mais velhos do Paraná e tampouco do Brasil, mas evidenciar uma Geografia Populacional orientada para o problema descrito, tentando evidenciar lacunas, mas também possibilidades de diferentes temas em diferentes subáreas da própria Geografia, sobretudo humana.

Segundo Pacione (1986), existem possíveis contribuições que nós, pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia, podemos realizar para com a

Geografia da População. Primeiramente, o autor destaca o desenvolvimento de teorias mais abrangentes à migração; em seguida, aponta para estudos das variações espaciais da própria estrutura demográfica e, por fim, aborda a necessidade de compreender o desenvolvimento de bases de dados demográficos e métodos de previsões para questões contemporâneas.

Acreditamos que trabalhar com homens cis gays mais velhos e o seu processo de envelhecimento pode possibilitar novos horizontes de temas e teorias para a Geografia da População, pois esses sujeitos passam a vivenciar e a constituir-se de espaços geográficos, onde fenômenos da migração fazem parte de seus cotidianos e de suas vidas, como também nos auxiliam a pensar sobre os diferentes arranjos da estrutura demográfica, não como populações homogêneas, mas formadas na diversidade, trazendo as variações espaciais que o autor pontua.

Por fim, para Pacione (1986), o desenvolvimento de dados e métodos demográficos com questões contemporâneas também pode ser visto através de informações obtidas nos censos brasileiros, que atualmente buscam cada vez mais serem inclusivos as diversidades populacionais pois, em uma perspectiva mais positivista, essas pessoas acabaram sendo apenas mais um número no todo. Contudo, é válido ressaltar que esses sujeitos possuem suas individualidades, composições e vivências espaciais distintas que devem ser problematizadas, enriquecendo o campo da Geografia da População.

Além da Geografia da População, outras áreas também buscam em suas pesquisas, resgatar discussões sociais ainda com baixa representatividade no Brasil⁴, como é o caso da Geografia do Envelhecimento e a Geografia das Sexualidade, pois ambas complementam e permeiam nosso objeto de pesquisa.

Porém, tanto a Geografia do Envelhecimento quanto a Geografia das Sexualidades, quando comparadas a Geografia da População, são subcampos com ainda menor representação em trabalhos no Brasil. Isso está no fato do tempo de surgimento dessas subáreas como também por apresentarem maior especificidades pois, no Brasil, alguns temas tem se colocado como centralidade e outros na periferia da ciência geográfica, seja em suas bases teórica ou na representação dos próprios sujeitos que, por sua vez, não eram analisados (mulheres, negros, homossexuais e travestis, etc.) como já apontava (Silva, 2009).

⁴ Aqui pontuamos a baixa representatividade, pois as fazermos uma pesquisa quantitativa, identificamos de fato, essa baixa representatividade que será mostrada na sequência desse capítulo.

Nas últimas duas décadas, algumas mudanças começaram ocorrer na Geografia brasileira, de modo que temas antes visto como invisibilizados e ausentes passaram a ser incorporados na ciência geográfica, como é o caso das Geografias feministas e das sexualidades que, nos últimos Gts dos Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE) (2011, 2013, 2015, 2017, 2019, 2021 e 2023) têm sido assíduos. Tal fato demonstra que essas temáticas como também seus pesquisadores têm construído espaços de diálogo dentro da própria ciência geográfica brasileira, espaços esses conquistados com muita resistência e que estão longe de serem igualitários.

Aqui, analisamos a construção desses subcampos, que é a Geografia do Envelhecimento e a Geografia das Sexualidades. Ao final dessa discussão, apresentamos um levantamento realizado para mostrar como ambas são pensadas no Brasil. Portanto, a Geografia do Envelhecimento é entendida enquanto um subcampo da Geografia e seus primeiros estudos aparecem no início do Século XX, período geral que marcou a chamada Geografia Social onde os estudos regionais e culturalistas que marcaram a chamada Geografia Humana Clássica.

Contudo, tanto Jiménez (1991) quanto González (2005) apontam para trabalhos com temas que envolvessem a Geografia do Envelhecimento em 1907, em Geografias não anglo-saxônicas. Esses primeiros trabalhos buscavam compreender a distribuição espacial de pessoas acima de 60 anos. Aqui, podemos fazer uma ponte com a própria Geografia da População, pois como apontava Clarker (1972), a distribuição da população era e é um dos principais elementos na compreensão dessa subárea. Posteriormente a esses primeiros trabalhos, outras pesquisas como de Coulson (1968) investigaram as estruturas etárias em uma cidade australiana em 1960, relacionando-as com a idade e o sexo – vale lembrar que o sexo era analisado como a distribuição de gênero, não como sexualidade.

Isto evidencia que a Geografia do Envelhecimento tem sido uma área de conhecimento que resgata diferentes discussões e que são elaboradas na ciência geográfica em todo o mundo, pois sua análise implica nos comportamentos sociais e as suas relações com o espaço geográfico. Mesmo assim, isso não se estabelece de uma forma fácil e clara, tanto a Geografia quanto suas subáreas, mas são frutos de intensos debates acadêmicos nacionais e internacionais como também de diferentes

conhecimentos que vão além da Geografia, como é o caso da Gerontologia⁵, contribuindo diretamente no desenvolvimento de uma Geografia do Envelhecimento.

Essas discussões tem adquirido um peso e um tempo maior fora do Brasil, sobretudo, no meio anglófono, como é o caso do texto de Zelinsky (1966). O autor faz uma discussão sobre as mudanças que estavam ocorrendo no mundo, principalmente as mudanças demográficas e o rápido crescimento da população, como é o caso também já citado dos períodos pós-guerras mundiais. Para Zelinsky (1966), essas mudanças estão cada vez mais intensas e em período cada vez mais curto, oferecendo uma oportunidade para todas as ciências sociais participarem de sua interpretação.

Assim, Zelinsky (1966) relata que tentar entender melhor os espaços sociais e a população é compreender melhor toda uma sociedade, buscando como resultado uma melhor qualidade de vida. Compreender a vida e o processo do envelhecimento de homens cis *gay*, também tem como base ajudar nesse processo complexo que é envelhecer, seja desse grupo específico, seja da sociedade como um todo, pois por mais que entendamos o processo de envelhecimento como algo que acontece para todos, isso não significa que é igual para todos.

Um outro importante referencial dentro das discussões de uma Geografia do Envelhecimento Internacional é Rowles (1978). Em seu livro, o autor faz diversas pesquisas de estudo de caso com pessoas idosas nos Estados Unidos, além de falar de uma recente Geografia humanista que estava pensando os significados, os valores e as intencionalidades, citando autores como Taun (1976) e Ley e Samuels (1978) como importantes pesquisadores da época.

Para Rowles (1978), quando a Geografia passa a compreender toda essa experiência que pessoas ou grupos sociais tinham sobre os espaços e os lugares em suas vidas, a Geografia do Envelhecimento passou a se fortalecer e a ser compreendida enquanto campo de pesquisa no que ele denominada como uma 'Geografia humanista do envelhecer', em que nela haveria uma grande imersão e aprofundamento das subjetividades da vida humana.

Segundo Rowles (1978), o saber social reforçava o empirismo geográfico para com o desenvolvimento de uma ciência humanística das pessoas idosas, onde suas

⁵ Segundo Prado e Sayd (2006), o termo gerontologia surge em 1903, por Metchnikoff, mas ganha peso nas discussões somente 1940. A gerontologia investiga o potencial de desenvolvimento humano associado ao curso de vida e ao processo de envelhecimento.

capacidades biológicas, psicológicas e até sociais são consideradas em um processo dinâmico e complexo que é envelhecer. Além disso, o autor relata que compreender o envelhecer é entender o mundo de uma vida, principalmente em países considerados desenvolvidos. Neles, as pessoas idosas crescem em dados numéricos e com isso a existência de mais ou menos vulnerabilidades, o que fez as pesquisas sobre envelhecer desabrocharem ao ponto do surgimento de um novo campo de discussão cada vez mais sólido na Geografia.

Assim, o autor propõe pensar o envelhecer, os cortes de idade e a própria idade. Esses três elementos fazem parte do processo de envelhecimento, porém, não podem ser vistos enquanto sinônimos. Segundo Rowles (1978) o corpo humano no processo de envelhecimento é constituído por mudanças biológica e psicológicas como a propensão ao colapso da coluna vertebral, calcificação dos ligamentos, redução da visão, audição etc., mas também por contextos espaciais que seriam os 'cortes de idade'. Nessa lógica, cada indivíduo teria suas singularidades, o que chamamos de experiências, tornando os estudos do envelhecimento mais subjetivos. Por fim, a idade deve ser vista como uma forma de identidade, mas também de contagem do tempo.

As discussões de Rowles (1978) corroboram com nossa pesquisa à medida em que a compreensão geográfica começa a pensar o envelhecimento como parte constituinte do desenvolvimento do ser humano e, conseqüentemente, da própria sociedade. Portanto, o espaço e o próprio corpo passam ser elementos fundamentais para a compreensão do processo do envelhecimento, não só no caráter geográfico, mas também na importância da elaboração de outras pesquisas e áreas sobre o fenômeno do envelhecimento, como visto nas discussões Anthony M. Warnes (1981; 1982).

Warnes (1981) já pontuava na década de 1980 os interesses em que governos, Estados e as próprias ciências sociais tinham em relação ao número crescente de idosos. Para o autor, nações ocidentais têm apontando para uma política social que tenta responder a combinação entre população envelhecida e a disseminação da riqueza e estilo de vida. Segundo ele, os problemas enfrentados nas mudanças dessas nações estão desde os arranjos no cuidado com a vida e também envolvem questões sobre renda dessa população de idosos. Além disso, o autor argumenta que o número crescente de idosos tem sido uma causa dominante para a

demanda sobre habitação, assistência social e a promoção a saúde, efetuando projeção futura com uma preocupação ainda maior.

Além dessas discussões, Warnes (1981) apontava para uma análise não apenas geográfica, mas também da Gerontologia Social. Segundo o autor, os estudos acadêmicos sobre a velhice e o envelhecimento em tempos modernos partiram da Biomedicina, onde pesquisadores como Adolphe Quetelet (1796-1874) e Sir. Francis Galton (1822-1911) foram cientistas que tinham uma preocupação sobre o envelhecimento na área da saúde, o que resultou posteriormente em uma área específica da Medicina denominada de Geriatria (Warnes, 1981).

Para o autor, existiria uma diferença entre Gerontologia e Gerontologia Social, que acreditamos ser importante ressaltar em nossas discussões. A Gerontologia seria a ciência responsável pela compreensão sobre o processo de envelhecer e a Gerontologia Social teria uma preocupação a partir das condições sociais, econômicas e demográficas do idoso. Nesse sentido, a Gerontologia Social estaria mais focada nas circunstâncias dos idosos, do que entender o processo de envelhecimento do ser adulto. Indo além, nesse mesmo texto Warnes (1981) ainda propõe pensar a importância mútua entre as ciências (Geografia e Gerontologia Social).

Além das discussões de Rowels (1978) e Warnes (1981/1982), outros autores e filósofos também foram atraídos pelas discussões do envelhecimento, como é o caso de Simone de Beauvoir, no seu livro 'A Velhice', escrito na década de 1970. No livro, Simone de Beauvoir (1990 [1970])⁶ ressalta as dificuldades de encarar a própria velhice, ao mesmo tempo em que mostra nossas limitações e as angústias enquanto passagem do tempo e da nossa própria existência em um processo que beira a autoanálise do seu entendimento da velhice e como a própria sociedade encarava esse processo.

Além desse livro de Beauvoir, Warnes (1982) também lançou um livro com o título '*Geographical Perspectives on the Elderly*'⁷. Nesse livro, Warnes (1982) pontua contribuições da Geografia na problematização de ambientes de idoso como também para a Gerontologia Social. Segundo o autor, o conhecimento geográfico e o seu

⁶ A primeira versão do livro foi publicada em 1970 com o título original '*La Vieillesse*' – Editions Gallimard.

⁷ Tradução Livre 'Perspectivas Geográficas sobre o Idoso'

entendimento sobre o espaço promovem um entendimento ainda maior sobre o fenômeno que é envelhecer.

As contribuições de Warnes (1982) são significativas, pois coloca uma crítica sobre as demais ciências quando não dão a real importância para a Geografia e as suas possíveis contribuições a essa temática, principalmente, através do seu objeto de estudo, que é o espaço geográfico, como é o caso dos textos de Golant (1984a; 1984b). Golant (1984a), demonstra preocupação sobre os ambientes residenciais e o bem estar de pessoas idosas. Para o autor, os ambientes são experienciados de forma distinta entre os idosos. Para ele, as experiências que os idosos relatam são totalmente diferentes da população mais jovem. Nesse sentido, o autor descreve em seu texto como os comportamentos se diferenciam entre jovens e idosos na experiência de diferentes espaços que ele denomina como ambientes.

Aqui podemos destacar não só parte de nossa compreensão que é entender as mudanças espaciais a partir do envelhecimento de homens *cis gay*, como também evidenciar as experiências desses sujeitos. Afinal como o próprio Golant (1984a) já pontuava, cada indivíduo experimenta os espaços de forma distinta, seja ele considerando a relação entre jovens e idosos ou a nossa, de homens *cis gays*, mostrando que podemos pensar mais de um elemento na composição de análise do processo do envelhecimento.

Assim, tanto os elementos externos (espaços físicos) quando elementos internos (composições identitárias) são responsáveis pela elaboração das vivências espaciais dos sujeitos, sejam eles jovens ou idosos, heterossexuais ou homossexuais. Cada uma dessas composições formaria uma experiência, que por sua vez daria o caráter processual do envelhecimento de cada sujeito, pois como no trabalho de Golant (1984b), haveria alguns fatores que influenciam o contexto locacional das atividades dos idosos, considerando a partir de características individuais e como também restrições ambientais (espaços externos).

Nesse trabalho, o autor mostra que quatro locais têm maior concentração de vivência dessas pessoas idosas, sendo a residência, o bairro, a comunidade e a comunidade externa, e que esses indivíduos exerciam atividades diferentes. Contudo, para a pesquisa de Golant (1984b) os que mais promoviam atividades eram pessoas brancas, divorciadas, empregadas e com saúde. Essas discussões mexem com nosso imaginário, bem como em nossa compreensão de pesquisa, pois além de mostrar certos privilégios que alguns elementos identitários possibilitam para alguns sujeitos,

em nossa pesquisa, muitos dos entrevistados passaram a sentir mais medo e estarem mais vulneráveis a violências quando envelheceram. Por isso, passam a experienciar menos espaços públicos e mais as suas casas, como poderemos ver em nossos resultados nos próximos capítulos.

Além disso, mesmo que a pesquisa de Golant (1984b) dê um ‘pontapé’ para pensar outras possibilidades de análises sobre o envelhecimento, a pesquisa acabava por deixar lacunas. Afinal, por que as pessoas negras faziam menos atividades ou por que pessoas empregadas tinha maior acesso a atividades do que as desempregadas? Em ambos os questionamentos, novas pesquisas poderiam ser elaboradas. Entretanto, as respostas às indagações poderão ser obtidas em cenário futuro, pois nossa intenção atual é mostrar como a Geografia do Envelhecimento, no âmbito Internacional, teve seus primeiros trabalhos entre as décadas de 1960 e 1970, e o que eles estavam discutindo.

Rowles (1986) reconhece uma certa proliferação dos estudos sobre o envelhecimento realizado por pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia da década de 1970, período esse que marca também o fim das grandes guerras. Segundo o autor, grande parte das temáticas que envolviam as pesquisas eram as migrações dos idosos, as avaliações e as variações espaciais no bem-estar, além de questões que envolvessem os serviços para essas pessoas idosas mais vulneráveis.

Segundo Rowles (1986), o foco inicial da Geografia do Envelhecimento estava nas tentativas de compreender as experiências do envelhecimento em uma perspectiva simbólica entre o individual e o contexto que ele estava inserido. Contudo, o autor argumenta que grande parte dessas discussões são, predominantemente, norte-americanas e britânicas, e que nos últimos anos estão mais presentes em países como a França e a Austrália. Nesta discussão, o autor lamenta sobre o pequeno número de publicações realizadas sobre essa temática em outros países, sobretudo latino-americanos.

Entre as décadas de 1980 e 1990 houve um aumento significativo nas publicações e na preocupação de pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia em problematizar o processo de envelhecimento, seja através de experiências subjetivas de cada indivíduo, dos estudos demográficos ou ainda dos estudos urbanos. Segundo Skinner, Cloutier e Andrews (2015), o progresso do desenvolvimento da Geografia do Envelhecimento vem nos meados da década de

1990, que cresceu exponencialmente quando existia uma lacuna sobre a compreensão das pessoas idosas, que eram estudos mais subjetivos.

Para os autores, tal necessidade surge da própria virada espacial, que aqui destacamos como as novas compreensões sobre o espaço geográfico e sua importância para a ciência geográfica vindas com a Geografia Humanista e já discutida na primeira parte desse capítulo.

Segundo Harper e Laws (1995), a construção do pensamento da Geografia do Envelhecimento está intimamente relacionado aos próprios avanços da Geografia Humana que possibilitaram pensar sobre pessoas idosas. Nesse texto, as autoras argumentam que a Geografia do Envelhecimento tem caminhado em passos lentos. Segundo elas, os estudos realizados pela ciência geográfica tiveram impacto moderado tanto na Geografia como na Gerontologia. Por mais que na Gerontologia tenha tido avanços significativos nos últimos anos, o baixo perfil dos estudos geográficos permaneceu – o que também pudemos também perceber no Brasil.

Tanto a Geografia quanto a Gerontologia são áreas do conhecimento científico que se completam quando o assunto é envelhecimento. Rowles (1986) chama nossa atenção para o fato da contribuição da ciência geográfica para a Gerontologia, essa devendo ir muito além da descrição dos padrões espaciais, concebendo interpretações mais críticas e conceituações com um entendimento mais integral dos fenômenos.

Também em Hardill (2009), evidencia-se que pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia, tanto de matrizes positivistas quanto críticas, tem contribuído para as discussões da Geografia do Envelhecimento. Segundo a autora, os trabalhos positivistas focaram na compreensão dos padrões espaciais das residências e em outros na prestação de serviços. Já outras perspectivas, como a feminista e a pós-moderna, se preocuparam em conceituar o envelhecimento e o próprio espaço. Tal relação pode ser observada no texto de Harper e Laws (1995), quando discutem sobre o corpo envelhecido e a periferização dos idosos em locais distintos e nas próprias discussões de Hardill (2009), quando argumenta que a compreensão espacial nos fornece na identificação de si mesmo e dos outros enquanto velhos.

Portanto, pensar o processo de envelhecimento de homens cis *gays* é entender não só ‘o envelhecer’ dessas pessoas como também mostrar que ainda temas como sexualidades e envelhecimento combinados são recentes na Geografia

brasileira e na própria Geografia do Envelhecimento, havendo um grande campo a ser explorado pela Geografia.

Buscando compreender a realidade da Geografia brasileira sobre esse subcampo, que é a Geografia do Envelhecimento, fizemos um levantamento de dados em 98 periódicos de produções geográficas entre os anos de 1939 a 2020⁸. Tal levantamento foi realizado no Observatório da Geografia Brasileira (OGB) que existe desde 2008 e é administrado e organizado pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O OGB é gestado por diversas pessoas, entre elas o Dr. Vagner André Moraes Pinto, o qual nos auxiliou na busca desses trabalhos publicados.

A partir do levantamento utilizamos diferentes termos de busca para compreender a dimensão e a forma em que a Geografia do Envelhecimento foi pensada e incorporada no Brasil: ‘envelhecer’ e ‘envelhecimento’, ‘velh’ e ‘idoso’. No primeiro levantamento com as palavras ‘envelhecer’ e ‘envelhecimento’ tivemos cerca de 47 artigos. Já no segundo grupo, com a palavra-chave ‘velh’ tivemos 402 artigos e por fim, a palavra ‘idoso’ que nos trouxe um universo de artigos publicados em revistas geográficas de aproximadamente cerca de 72 artigos.

A consulta mostra todos os artigos que tinham em seus títulos, resumos e/ou palavras-chaves, as palavras “envelhecer” ou “envelhecimento” “velh” e “idoso” ou palavras que tivessem alguma relação. Cabe ressaltar que esse banco de dados possui mais de 28.829 artigos produzidos em diferentes periódicos na área de Geografia. A partir desse levantamento, fizemos uma análise mais específica, compreendendo de fato quais dessas pesquisas realmente trabalhavam com o processo de envelhecimento.

Ao analisarmos todos os trabalhos que a consulta nos trouxe, tivemos casos como o do texto de Milton Santos de 1982, que utiliza a palavra envelhecimento não para sujeitos analisados ou para compreensão sobre o fenômeno eleito, mas para definir concepções sobre as mudanças nos conceitos geográficos. Assim, como o caso do texto de Milton Santos, a palavra ‘velh’ acabou demonstrando trabalhos com o título da cidade de Porto Velho (Rondônia, Brasil) o que acabavam também fugindo da nossa temática.

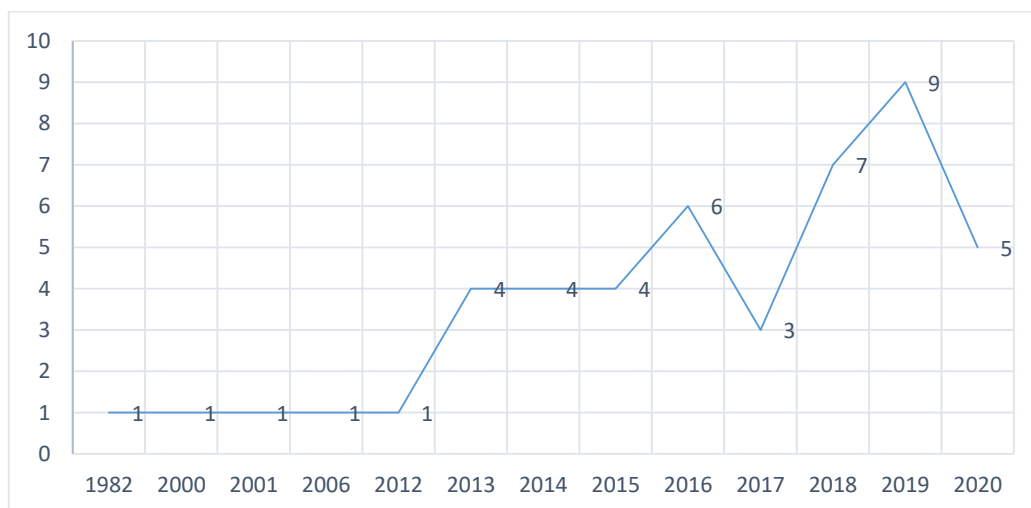
⁸ Cabe lembrar que a pesquisa foi feita até 2020 porque os anos de 2021 e 2022 estavam sendo alimentados nos bancos e em, muitos casos, como no próprio Banco de dissertações e Tese da Capes estão ainda em processo de incorporação de trabalhos mais recentes. Portanto, nossas buscas bibliográficas tanto da OGB quanto do bando de dados da Capes vão até o ano de 2020.

Por tais incongruências na consulta, houve a necessidade de reorganizar esses trabalhos para que nossa análise partisse do princípio de como o processo de envelhecimento de diferentes sujeitos foi compreendido pela Geografia brasileira através desses artigos. Então, separamos e agrupamos nossas análises a partir das palavras-chaves que foram eleitas na consulta desses periódicos onde, nossa primeira compreensão, começa de fato, com as palavras: envelhecer e envelhecimento.

A partir do levantamento de dados que fizemos, percebemos um crescimento a partir de 2013, destacando o ano de 2019 com 9 publicações em periódicos geográficos que envolveram a temática do envelhecimento e, em seguida, uma queda novamente sobre a temática em 2020, como mostra o gráfico 2.

Em uma visão geral, podemos verificar que há uma preocupação em pensar o envelhecimento a partir dos anos 2000 no Brasil, pois o subcampo da Geografia do Envelhecimento é considerado jovem, marcando seu início de discussões por volta da década de 1970 no mundo e no Brasil por volta dos anos 2000, como é possível observar abaixo no gráfico 2 e a tabela 1:

Gráfico 2 – Produções de artigos em periódicos brasileiros entre 1939-2020 – Palavra-Chave Envelhecimento



Fonte: Bancos de Dados – OGB.

Já na tabela 1, na sequência, acabamos evidenciando todos os artigos que foram consultados com o primeiro grupo de palavras-chave: 'envelhecer' e 'envelhecimento'. Nessa tabela, salienta-se o ano de publicação, autor e título. Vale

ressaltar que nem todos esses artigos contemplam a temática do processo de envelhecimento, somente aqueles que estão destacados, na cor vermelha da tabela, apresentaram alguma relação com o envelhecimento de sujeitos.

Tabela 1 – Publicações encontradas com temáticas sobre envelhecimento em periódicos brasileiros entre 1939-2020.

(continua)

Ano	Autor	Título do trabalho
2000	FERNANDES, Julieta Cristina;	Urbanismo e envelhecimento - algumas reflexões a partir de Uberlândia (MG).
2001	FERREIRA, Frederico Poley Martins;	Evolução urbana e demográfica do envelhecimento em Belo Horizonte.
2006	ARAÚJO, Marcelo da Silva;	Estilos e comportamentos juvenis: cultura, espaço urbano e sociabilidades.
2012	SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes;	Desafios dos agricultores familiares nas comunidades rurais cruzeiros dos martírios e paulistas, Catalão (GO).
2013	LOSEKANN, Marilse Beatriz; WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores;	Reprodução e direitos sociais frente ao envelhecimento dos camponeses do alto Camaquã.
2013	COSTA, Ellen Anjos Camilo da; SCHOR, Tatiana;	Redes urbanas, abastecimento e o café da manhã de idosas na cidade de Tefé, Amazonas: elementos para a análise da geografia da alimentação no Brasil.
2013	LÓPEZ-NÓREZ, Ángeles; ZUÑIGA, Carolina Valenzuela;	Coesão social e envelhecimento demográfico na competitividade das cidades contemporâneas.
2014	CABETTE, Amanda; STROHAECKER, Tânia Marques;	Porto Alegre: uma análise da nova estrutura etária e a configuração do espaço urbano.
2014	FONSECA, Samuel Ferreira da; MARRA, Érika Aparecida de Souza; ROCHA, Iara Jaqueline de Jesus; SANTOS, Dulce Pereira dos;	Estudo dos aspectos geoeconômicos do mercado municipal de Pirapora – MG.
2014	NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha;	Notas sobre a relação sociedade e a natureza e a emergência do envelhecimento como tema complexo: um olhar geográfico.
2015	CABETTE, Amanda; STROHAECKER, Tânia Marques;	A demográfica e a produção do espaço urbano em Porto Alegre, Brasil.
2015	OLIVEIRA-BORGES, Elton Carlos de; ABREU, João Francisco de; BARROSO, Leônida Conceição;	A mortalidade por câncer na região metropolitana de Belo Horizonte: uma análise exploratória.
2015	OLIVEIRA, Anderson SILVA;	Envelhecimento da população e o surgimento de novas demandas de políticas públicas em Viana/ES.
2015	SILVA, Silvana Cristina da;	Os bairros do Brás e bom retiro e a metrópole informacional.
2016	DIMITROVA, Ivelina;	Situação demográfica da Europa do Norte: bem-estar e envelhecimento contra pobreza e juventude.
2016	OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de;	Envelhecimento populacional e políticas públicas: desafios para o Brasil do século XXI.

Fonte: Banco de dados GETE. Tabela produzida pelo autor.

Nota: Hanke, 2023

Tabela 1 – Publicações encontradas com temáticas sobre envelhecimento em periódicos brasileiros entre 1939-2020.

(Continuação)

Ano	Autor	Título do trabalho
2016	RISCAROLI, Eliseu;	Envelhecimento e sexualidade: perspectivas, políticas e desafios para os homossexuais masculinos.
2016	SILVA, Leandro Batista da; NEVES, Sandra; Mara Alves da Silva; NEVES, Ronaldo José; JÚNIOR, Santino Seabra;	Caracterização social e ambiental dos agricultores familiares dos assentamentos Mirassolzinho e em Jauru-MT em apoio ao desenvolvimento rural municipal/social.
2016	SILVA, Luiz Felipe Silva; REBOITA, Michele Simões; FONSECA, Leonardo Campos;	Associação entre índice de estresse ambiental e internações de idosos por infarto agudo do miocárdio e insuficiência renal no estado de São Paulo em 2010: estudo de uma série histórica de 2001 a 2010.
2016	VÉRAS, Maura Pardini Bicudo; FELIX, Jorge;	Questão urbana e envelhecimento populacional: breves conexões entre o direito à cidade e o idoso no mercado de trabalho.
2017	COSTA, Cassiane da; CAMARERO, Luis Alfonso Rioja;	Desafios para a sustentabilidade social: contornos demográficos do espaço rural brasileiro.
2017	NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha	Revisão e aportes sobre a Geografia do envelhecimento.
2017	RIGOTTI, José Irineu Rangel; CAMPOS, Járvis; HADAD, Renato Moreira;	Migrações internas no Brasil: (des)continuidades regionais à luz do censo demográfico de 2010.
2018	BARDEN, Júlia Elisabete; SINDELAR, Fernanda Cristina W.; CAZARROTO, Rosmari; SILVA, Gustavo Rodrigo da;	Dinâmica populacional e transformações socioespaciais: uma análise a partir da região do vale do Taquari/RS.
2018	ENDRINGER, Ludmila;	O envelhecimento da população na microrregião sudoeste serrana e no município de Domingos Martins-ES.
2018	GOMES, Márcia Constância Pinto Aderne; THIOLENT, Michel Jean Marie;	Estudo de caso: os idosos no serviço de atenção primária à saúde.
2018	JR, Valdir Serafim; GRANDI, Adriana Maria de; BESEN, Fabiola Graciele; ARAÚJO, Tércio Vieira de;	Agricultura familiar: caracterização de unidades de município da costa-oeste paranaense.
2018	OJIMA Ricardo; DIÓGENES, Victor Hugo Dias;	Envelhecimento populacional e dispersão urbana: notas de pesquisa para estudos entre a dinâmica demográfica e urbanização.
2018	SANTOS, Maria Aparecida Nascimento; SABIONI, Sayonara Cotrim; SILVA, Fabrício Pereira;	Êxodo rural dos agricultores familiares na região do Catongo no município de Itajuípe/Bahia.
2018	SILVA, Bruno Neves da; SARMENTO, Wagner Maciel; SILVA, Fabrícia Cristina Vidal; PEREIRA, Maísa Galdino; SILVA, Cícera Renata Diniz Vieira; Vêras, Gerlane Cristinne Bertino;	Panorama epidemiológico da aids em idosos

Fonte: Banco de dados GETE. Tabela produzida pelo autor.

Nota: Hanke, 2023

Tabela 1 – Publicações encontradas com temáticas sobre envelhecimento em periódicos brasileiros entre 1939-2020.

(Conclusão)

Ano	Autor	Título do trabalho
2019	LUNG, Mădălin-Sebastian;	Alterações demográficas no espaço montanhoso dos cárpatos: um estudo de caso sobre as montanhas Apuseni (Romênia), entre 1850 e 2011.
2019	FRATARI, Marina Franco; MATOS, Patrícia Francisca de;	A importância da pecuária leiteira para a agricultura familiar nas comunidades rurais de Ituiutaba (MG).
2019	FONSECA, Samuel Ferreira da; AGUIAR, Heloisa Helena de;	Autocorrelação espacial entre indicadores socioeconômicos nos vales do Jequitinhonha e Mucuri.
2019	OLIVEIRA, Anderson Silva; ROSSI, Elaine Cristina;	Envelhecimento populacional, segmento mais idoso e as atividades básicas da vida diária como indicador de velhice autônoma e ativa.
2019	OLIVEIRA, Anderson Silva;	Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil.
2019	GONÇALVES, Geisa Candida da Silva; MOURA, Gerusa Gonçalves;	As políticas públicas voltadas para a população idosa: uma avaliação dos idosos que frequentam os CRAS de Ituiutaba (MG).
2019	MUELLER, Vianeí Róbinson; SPINELLI, Juçara; REIS, Janete Teresinha;	Dinâmica populacional e transformações socioeconômicas na microrregião geográfica de Erechim – RS – Brasil.
2019	LIMA, João Aírton Bessa; FILHO, Boanerges de Freitas Barreto;	A atividade canavieira no município de coronel João Pessoa/RN.
2019	NASCIMENTO, Elcio Costa; CRUZ, Benedito Ely Valente da; CALVI, Miqueias Freitas;	Queijos diferentes, origem geográfica comum: história e tradição da produção dos queijos do Marajó.
2020	GONÇALVES, Geisa Candida da Silva; MOURA, Gerusa Gonçalves;	Políticas públicas voltadas para a população idosa: uma avaliação dos idosos que frequentam os CRAS de Ituiutaba (MG).
2020	ALVEZ, Aline Turatti; CHELOTTI, Marcelo Cervo;	Novas expressões e metamorfoses do espaço rural em sangradouro – Araranguá/SC.
2020	MENDES, Lidiana Pinho; OLIVEIRA, Fernando Henrique Ferreira de;	Os vulneráveis em tempos de pandemia – uma análise a partir dos(as) trabalhadores(as) subalternos(as) e dos(as) idosos(as).
2020	BAZOTTI, Angelita; SILVA, Roberto Carlos Evencio de Oliveira da;	Censo Agropecuário 2017: primeiros resultados para o Paraná.
2020	PAIXÃO, Alfredo Aguirre da; XIMENES, Lenita da Silva Vieira; SANTOS, Eva Teixeira dos;	Tendências temporais da mortalidade por desnutrição em idosos no Estado de Mato Grosso do Sul, no período de 2002 a 2012.

Fonte: Banco de dados GETE. Tabela produzida pelo autor.

Nota: Hanke, 2023

Assim, ao observarmos os 47 artigos, identificamos três desses textos que não correspondem a um estudo específico sobre o envelhecimento, mas que utilizaram em seus textos a palavra envelhecimento⁹. Portanto, iremos trabalhar com um

⁹ Os textos que foram identificados com assuntos aleatórios ao tema de envelhecimento não estarão marcados com a cor vermelha nas Tabelas I, II e III, sendo os textos da tabela I de Santos (1982), Piccinin (2013) e Borsato (2014), e assim por diante.

universo de 44 artigos que tinham, de certa forma, alguma relação com o processo de envelhecimento.

Pudemos identificar alguns subcampos que foram trabalhados nesses artigos e que contemplavam a temática do envelhecimento: Geografia Urbana, Geografia Agrária, Geografia do Envelhecimento e da População, Geografia da Saúde e Geografia das Sexualidades.

Destes, 16 artigos trabalham a relação entre o processo do envelhecimento com o espaço urbano, considerando o envelhecer a partir das mudanças que foram ocorrendo em diferentes cidades. Já no que se refere ao subcampo da Geografia do Envelhecimento e da População, foram um total de 11 artigos que buscaram a partir dos próprios sujeitos a compreensão do processo do envelhecimento bem como discutiam esse subcampo da Geografia.

Ainda sobre os espaços agrários e rurais, foram também identificados cerca de 11 artigos que traziam em suas pesquisas diferentes análises sobre o envelhecimento a partir das populações que vivem nesses espaços específicos, mantendo suas culturas e tradições.

Por fim, houve cerca de 5 trabalhos que mostram uma relação direta com espaços da saúde e populações idosas a partir de diferentes olhares sobre doenças e também sobre a preocupação de políticas públicas a essas pessoas. Apenas 1 trabalho fazia uma relação entre envelhecimento e sexualidade, trazendo importante contribuição para essa pesquisa.

Esse trabalho é de Riscaroli (2016), o qual analisa o processo de envelhecer e as diferenças que esse indicativo traz para a sociedade como um todo, a qualidade de vida, uma vida após a produtividade, o que a sociedade pensa sobre envelhecer. Além disso, o autor propõe pensar sobre essa população específica de homens *gays*, questionando como está a situação dessa população e o seu entendimento sobre a velhice.

Esse trabalho corrobora com o desenvolvimento dessa tese, pois relata questões de envelhecer de homens *cis gays* de outros estados e outras regiões do Brasil além da nossa. Assim, a título de comparação, o trabalho traz uma importante contribuição para o nosso entendimento tais como os fatos comuns e divergentes entre os diferentes contextos temporais e espaciais de diferentes sujeitos enquadrados em uma mesma temática, como o caso do medo ao envelhecer, a solidão e as dificuldades financeiras.

Seguindo nossa análise, a partir dos artigos que foram publicados no Brasil, evidenciamos o levantamento com a palavra-chave 'velh'. Colocamos a palavra sem a vogal "o" pois ideia é que pudemos pegar o maior número de artigos possíveis que pudessem, inclusive, trazer a palavra "velhice". Essa consulta resultou em 402 artigos, mas apenas 36 estudos realmente trabalhavam com a temática de envelhecimento, de modo que muitos desses artigos acabaram sendo os mesmos da primeira consulta, como se observa na tabela 2¹⁰.

O restante dos artigos, ou seja, 366 estudos, utilizavam a palavra velho para um contexto de antigo ou algo ultrapassado ou ainda que tinha nome de cidades e parques, como os exemplos de Porto Velho, Barra Velha ou Vila Velha, trabalhando com temas aleatórios da nossa temática, como bacias hidrográficas, climas, relevos, etc. Assim, esses trabalhos não contemplavam nosso interesse de compreensão de uma Geografia do Envelhecimento e, por isso, não foram destacados na cor vermelha.

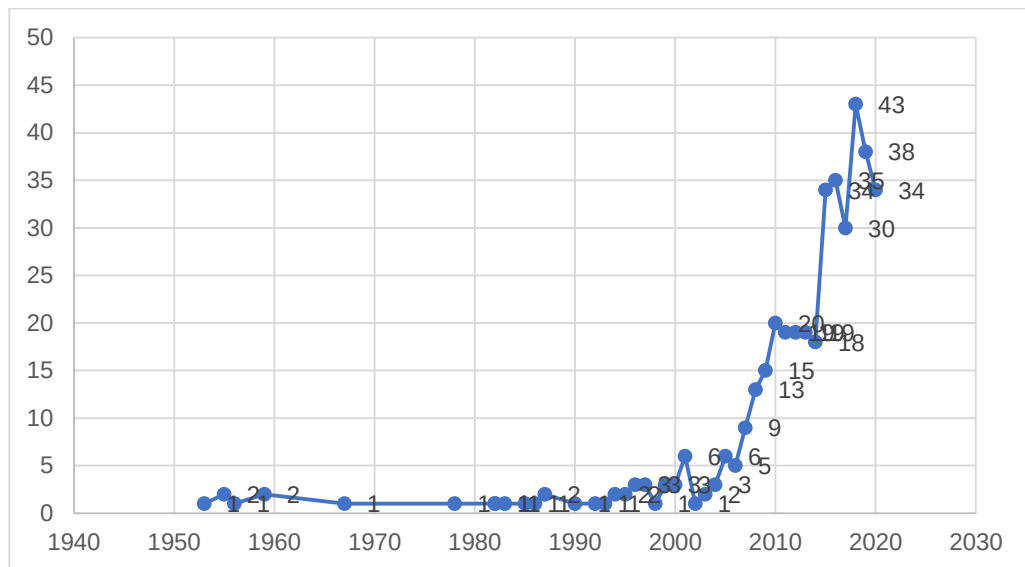
Na sequência, podemos observar o gráfico 3 que representa o crescimento de publicações que contemplavam, de certa forma, a palavra-chave "velh" e a tabela 3 no anexo 2, onde destacamos na cor vermelha os textos que trabalhavam com o processo de envelhecimento propriamente dito. Nesses trabalhos, havia uma predominância da Geografia Urbana com quase 50% dos textos escritos e como a Geografia da Saúde e Geografia das Sexualidade, tendo a minoria de textos publicados em períodos geográficos.

Outro fato que pudemos comprovar foi que o primeiro artigo publicado em períodos geográficos com a temática de envelhecimento e sexualidade foi no ano de 2016, com a autoria de Riscaroli (2016), texto esse também já mencionado no primeiro levantamento nosso, o que mostra uma repetição de texto na própria consulta. Observemos o Anexo 1¹¹ e a tabela 2, a seguir.

¹⁰ Por ser muito grande a tabela 2 e 3 ficaram respectivamente em anexo 1 e 2 nesse trabalho.

¹¹ Foi necessário colocar as tabelas 2 e 3 em anexo a esse trabalho, pois apresentaram um número expressivos de artigos como mostra os gráficos 3 e 4. Lembrando que a lógica da cor vermelha é para destacar o artigo que de fato contemplava algum elemento de nossa pesquisa.

Gráfico 3 – Produções de artigos em periódicos brasileiros entre 1939-2020 – Palavra-Chave “Velho”



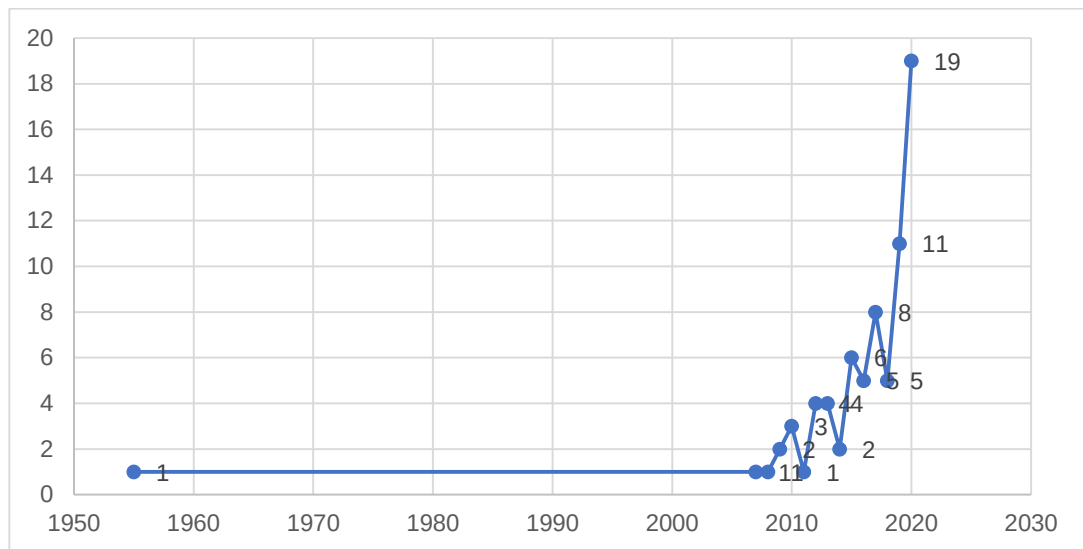
Fonte: Bancos de Dados – OGB

Outro fato interessante que encontramos com essa busca foi que a palavra ‘velh’ está dentro de outras palavras-chaves que pesquisamos como ‘enVELHecer’ e ‘enVELHecimento’ o que fez com que houvesse uma sobreposição de artigos e a repetição por conta da palavra. Além disso, analisamos a consulta com a palavra ‘idoso’, nela tivemos um total de 73 artigos consultados.

Da mesma forma que as outras consultas, não foram todos os textos que trabalhavam especificamente com o envelhecimento, mas traziam em seu corpo textual palavras como “duvidoso”, onde a consulta acaba identificando a palavra idoso, ou ainda textos que trabalhavam de forma superficial e rápida o perfil demográfico das cidades ou áreas que estavam sendo analisadas com outros objetivos, e não o próprio envelhecimento como, por exemplo, dados da população idosa.

Assim, destes 73 artigos, foram encontrados 34 textos que traziam em suas pesquisas uma análise sobre o processo de envelhecimento. Aqui ressaltamos mais uma incongruência na consulta, pois mesmo mudando as palavras-chave, houve uma repetição de textos, temas e autores entre as 3 consultas, que pode ser verificada na tabela 3 (Anexo 2):

Gráfico 4 – Produções de artigos em periódicos brasileiros entre 1939-2020 – Palavra-Chave Idoso



Fonte: Bancos de Dados – OGB

Após as incongruências no banco de dados, que possui um universo de mais de 19 mil artigos, nossas palavras-chave (envelhecer, envelhecimento, velh e idoso) resultaram um total de 522 artigos. Destes 522 artigos, após a limpeza dos dados, como as repetições e assuntos que não contemplavam a temática de nossa pesquisa, alcançamos um universo de 45 artigos produzidos sobre processos de envelhecimento no Brasil.

Cabe ressaltar que esses 45 artigos resultaram em 0,15% do total de 28.829 artigos que compõem o banco de dados. Quando a pesquisa ficou mais restrita à temática da nossa tese, fazendo uma análise entre envelhecimento e sexualidade, o resultado foi de 0,003%, o que comprova um desinteresse da temática por parte dos pesquisadores da área de Geografia do Brasil, tanto sobre envelhecimento quanto em relação às sexualidades.

Buscando evitar aquilo que criticamos sobre invisibilidades, aqui discutiremos alguns textos que acreditamos ser válidos para a compreensão geográfica do envelhecimento, como o trabalho de Fernandes (2000), primeiro texto publicado com uma preocupação em problematizar o envelhecimento.

A autora, mesmo não sendo da área de Geografia, aborda como o envelhecimento e temas como o urbanismo estão intimamente relacionados. Segundo Fernandes (2000), o planejamento urbano deve seguir as mudanças da própria

população, entre elas, o envelhecimento. Além disso, evidencia questões sobre as necessidades dos idosos como acessibilidade e deslocamento passam a ser de fundamental importância para uma melhor condição de vida nas cidades. Em nossa pesquisa, cabe ressaltar que trabalhamos com homens cis gays que vivem também no espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná.

Assim, pensar tal processo em espaços rurais poderia ter outros significados bem como outras necessidades, deixando aqui uma possível pesquisa futura. O que queremos mostrar é que tanto o espaço rural quanto o espaço urbano são campos de grande importância para análise da Geografia do Envelhecimento, pois ao longo de nossa pesquisa, fomos identificando espaços que são construídos na cidade e que são, em sua maioria, direcionados, ora para um público consumidor, ora para um público mais jovem na própria cidade. Essas discussões também são pontudas em diferentes textos sobre Espaço Urbano e Envelhecimento, como é o caso do estudo de Araújo (2006), que relata sobre a participação da juventude para com a nação brasileira e no próprio globo terrestre. Para o autor, há uma tendência para um rejuvenescimento populacional, isso porque há um avanço médico/tecnológico que aumentou significativamente a expectativa de vida das pessoas.

Segundo Araújo (2006), conhecimentos como a Antropologia e a própria Etnografia podem auxiliar na compreensão da diversidade humana e em suas pesquisas investigativas. Segundo ele, essa 'jovialidade urbana' deve ser considerada, principalmente nos grandes centros urbanos onde os contrastes sociais são mais evidentes. É nesses grandes centros urbanos que há organizações entre grupos (dentre eles pela idade), exigindo cada vez mais do poder público uma visão mais específica nas áreas urbanas para cada grupo social.

Já no texto de Silva e Mendes (2012), as autoras abordam discussões acerca da agricultura familiar no Brasil, que tiveram maior apelo por volta de 1990. As pesquisadoras compreendem os desafios das pessoas que vivem em comunidades rurais enfrentam como alto preço de insumos, a desvalorização de sua cultura e da sua produção, o baixo nível de escolaridade, o envelhecimento da população, estes últimos que ao falecerem levam consigo seus costumes, crenças, etc. Corroborando com esse texto, Losekann e Wizniewsky (2013) apontam para uma discussão sobre a reprodução social frente ao envelhecimento das agriculturas familiares camponesas no Rio Grande do Sul.

A partir do conceito de território, as autoras mostram como essas pessoas elaboram os significados de envelhecer mostrando que espaços, não só urbanos, mas também rurais, possibilitam uma compreensão significativa sobre o processo de envelhecimento. Por mais que esses textos abordem espaços agrários, a elaboração dos significados que são feitos sobre o envelhecimento a partir desses sujeitos, também nos auxiliam a compreender como o processo do envelhecimento perpassa por nós mesmos enquanto sujeitos na relação de espaço e corpo, discussão essa também pontuada no início desse capítulo.

Gomes e Thiollent (2019) destacam que o envelhecimento é um fenômeno processual, questão que também acreditamos ser válida, de modo que essa pesquisa opta na utilização do termo 'processo de envelhecimento'. Para os autores, os espaços de saúde devem atender aspectos de senescência e de senilidade da população idosa, questões que envolvem diretamente o Estado, e que serão discutidas no segundo capítulo dessa tese.

No estudo de Gomes e Thiollent (2019), fica evidente que, em períodos pandêmicos, percebe-se a existência de uma população envelhecida e que foi alvo do COVID-19, como também há grandes desafios para Estados, sistemas de saúde e a própria população quanto ao fenômeno do envelhecimento. Tal trabalho nos permite refletir onde está a população LGBTQIAP+ envelhecida e como essa população passou e passa o período pandêmico e pós-pandêmico, ou onde estão os dados dessa população e se o seu processo de envelhecimento é semelhante ao de pessoas heterossexuais.

Seguindo o destaque de trabalhos já realizados sobre a Geografia do Envelhecimento brasileira temos o livro 'Geografia do Envelhecimento', publicado por Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega em 2020. Pedro Cunha tem em seu currículo uma grande quantidade de publicações sobre Geografia do Envelhecimento, inclusive artigos identificados em nossas consultas pela OGB. Em seu livro, Nóbrega (2020) relata a relação entre espaço urbano e o processo do envelhecer, considerando outros elementos como a classe de renda e o trabalho de pessoas menos favorecidas financeiramente.

Esse trabalho traz uma importante visão geográfica sobre fenômenos sociais relacionados à velhice, entendendo como o espaço é produzido e como esse é constituído por relações cotidianas, ao passo que evidencia como "velhos pobres" promovem marcações no espaço, para que possam subverter a lógica de barreiras

que são erguidas socialmente entre as pessoas. Nóbrega (2020) faz uma proposta para pensarmos mais sobre a Geografia do Envelhecimento enquanto emergência do pensamento contemporâneo, sendo necessário atualizar novas abordagens de conceitos e temas.

Apesar de nossas preocupações em traçar tais caminhos de construção do pensamento geográfico, temos que ter claramente nessa discussão que quando fazemos uma espécie de ‘*overview*¹²’ também podemos estar carregados de interpretações, ideologias e contextos históricos e geográficos.

Portanto, todo texto utilizado como um referencial teórico deve ser pensado de acordo com o momento em que a ciência geográfica era analisada e pensada, pois assim como a sociedade, a Geografia também possui a característica mutável do seu pensar. Não queremos aqui ter o poder da razão absoluta, tampouco trazer a verdade nua e crua, mas evidenciar uma possibilidade de pensamento geográfico com as contribuições teóricas e as empíricas sobre a construção de uma temática que ainda possui uma baixa visibilidade no país.

Como pontua Claval (2013), todo grupo para afirmar sua existência, experimenta a necessidade de contar uma história. Portanto, para afirmar a existência de uma Geografia do Envelhecimento sob a luz do vasto campo de conhecimentos geográficos, acreditamos que ‘contar’ a ‘história desses Subcampos’ é uma forma de mostrarmos sua necessidade eminente para as discussões no campo científico, sobretudo, aqui no país.

A partir daqui podemos entender que a compreensão geográfica dentro de uma perspectiva pós-estruturalista entende o espaço geográfica não como estagnado, mas constituído por múltiplas relações e que, ao mesmo tempo que é construído pelas ações humanas, transforma nós mesmos e os nossos entendimentos. Da mesma forma, a relação corpo e espaço passam a ser fundamentais na elaboração do entendimento sobre o processo de envelhecimento, discussão essa que será amplamente verificada no capítulo dois.

Pensar a temática do processo do envelhecimento de homens cis gays é pensar através de diferentes Geografias humanas. Por isso, a última parte dessa seção visa traçar também uma outra trajetória, de uma outra Geografia Humana, a

¹² O termo Overview de origem em inglês tem o significado na tradução livre ao português “Visão Global”

Geografia das Sexualidades, pois entendemos que nossa pergunta central tem lastros na imbricação também nesse subcampo do conhecimento geográfico.

Partimos do pressuposto que o espaço geográfico não é apenas uma esfera totalizante ou apenas um receptáculo onde as ações humanas ocorreriam sobre ele. Pelo contrário, o espaço geográfico é uma construção constante humana, cabível de transformações que ocorrem ao longo do tempo. A partir disto, evidencia-se que em cada subcampo que aqui propomos pensar a compreensão do espaço geográfico foi sendo alterada de acordo com a empiria das pesquisas ou porque foi influenciado por uma determinada teoria ou corrente do pensamento.

Nas Geografias das Sexualidades anglófonas, identificamos que esse conceito passou a ser incorporado por volta de 1970 e 1980, tempo esse do próprio surgimento dessa subárea geográfica. Pudemos também perceber que ele foi sendo alterado à medida que novas teorias foram sendo elaboradas sobre o gênero e das próprias sexualidades. No que se refere à Geografia das Sexualidades brasileira, esse conceito passou a ter mais força nas discussões no final dos anos 2000 pois, antes entre as décadas de 1980 e 1990, o conceito que se destaca nas produções científicas era o conceito de território (Hanke; Ornat, 2019).

No âmbito anglófono, as Geografias da Sexualidades foi diferente, uma vez que a centralidade das discussões estava na América do Norte e na Europa. Tal fato fez com que o conceito de espaço fosse abordado antes do que aqui no Brasil, como é o caso dos textos de Ettore (1978), Levine (1979), Castells (1983) e Bell (1991). Esses trabalhos abordam temas como a formação dos Guetos (espaços destinados a homossexuais nos Estados Unidos) como também bares gays, a ocupação de espaços públicos pelos movimentos gay e das suas próprias vidas.

Contudo, nossos estudos salientam que a Geografia das Sexualidades já era pensada antes mesmo de existir as nomenclaturas ou o próprio subcampos da Geografia Humana e Geografia das Sexualidades. A sexualidade já era um tema que provocava o imaginário geográfico desde o século XVIII, como aponta Phillips (2007), sobre as obras de Richard Burton e as diferentes zonas ou áreas das sexualidades espalhadas pelo mundo a fora. Contudo, tal 'heresia' foi visto como não geográfico e aqueles que se propunham pensar foram definidas como '*persona non grata*' pela própria *Royal Geographical Society*. Isso nos faz pensar que do século XVIII até o momento atual, a Geografia das Sexualidades tem sido incorporada em passos lentos nas discussões dessa ciência – destacando, a partir dos anos 2000, um aumento de

produções científicas.

Com certa semelhança com a Geografia da População e a Geografia do envelhecimento, a Geografia das Sexualidades também é um subcampo que surge da Geografia Humana, por volta das décadas de 1960 e 1970. Esse período foi marcado por muitas reedificações humanas, principalmente de mulheres e o feminismo como também da própria comunidade LGBTQIAP+ que lutava por respeito de suas existências, como aponta Bell e Valentine (1995). Segundo os autores, os primeiros trabalhos geográficos com temáticas sobre sexualidades que surgiram foram das próprias pessoas LGBTQIAP+, que começaram a tensionar sua exclusão dentro e fora da disciplina. Entre o fim década de 1970 e início da década de 1980, alguns autores foram surgindo trazendo diferentes problemáticas para o conhecimento geográfico (Wheigtman, 1981; Castells; Murphy, 1982; Knopp, 1987; Bell, 1991, etc.).

Sendo um dos primeiros textos a ser publicado dentro de uma perspectiva da Geografia das Sexualidades, o texto de Ettorre (1978) discute sobre mulheres lésbicas e movimentos como *La Femme* em espaços urbanos do Estados Unidos. Contudo, Ettore (1978) não era pesquisadora da área da Geografia, mas isso não tira sua importância na contribuição para a Geografia das Sexualidades. Quando buscamos trabalhos realizados por pesquisadores da área da Geografia dentro deste subcampo da Geografia, temos o texto de Wheigtaman (1981), que trabalha sobre os bares *gays* e como esses espaços passaram a ser importante não só como diversão e de relacionamento, mas, também no fortalecimento de toda a comunidade *gay*.

Além desses primeiros textos, autores como Castells (1983) e Bell (1991) tiveram um papel fundamental na incorporação da temática das sexualidades na própria Geografia, principalmente no que se refere ao âmbito internacional, mas que até hoje servem como importantes referenciais teóricos para a construção desse subcampo, como nesse trabalho.

Castells (1983) problematizou em seus textos a importância dos movimentos sociais e a ocupação dos espaços públicos na garantia de direitos de pessoas homossexuais. Segundo o autor, a cidade de São Francisco foi um grande palco contraditório entre movimentos conservadores e preconceituosos e os movimentos sociais que lutavam por ser direitos, sendo efervescente para pesquisadores e pesquisadoras contextualizarem tais elementos no espaço geográfico.

Aqui, o espaço fora compreendido como produto dessas relações, onde elas

ocorreriam através dele, modificando-o, transformando-o em um grande cenário de análise geográfica, mas também político, pois como aponta Bell (1994). Uma Geografia das Sexualidades trata-se também de uma reconfiguração de uma Geografia Política, onde incluir a sexualidade em seus debates, passando a fazer parte de uma relação mais profunda da própria cidadania em reconhecer o outro.

Também, Knopp (1987) trazia em seus textos tais preocupações sobre os movimentos sociais, apontando que esses foram importantes para o fortalecimento e para a elaboração de políticas públicas de toda a comunidade LGBTQIAP+. Se atualmente tratamos de uma incorporação de uma Geografia das Sexualidade dentro da ciência geográfica brasileira é porque no passado, não muito distante, pessoas e pesquisadores lutaram, ocuparam e visibilizaram uma Geografia ofuscada, tornando as sexualidades um tema de grande relevância para os contextos atuais.

Então, já na década de 1990, Bell (1991) propunha que pensássemos não só em uma Geografia das Sexualidades, mas, especificamente, uma Geografia da Homossexualidade. Para o autor, temos que analisar a vida de *gays* além de suas sexualidades, buscando outros critérios que os constituem. Aqui percebe-se uma mudança significativa sobre o pensar do espaço geográfico e da própria Geografia, onde as subjetividades dos sujeitos passaram a ser consideradas nas problematizações e nas suas análises.

Corroborando com aquilo que Bell (1991) propõe, acreditamos que trabalhar com o envelhecimento de homens cis *gays* é uma forma de sair de uma espécie de ‘bolha do pensando das Geografias das Sexualidades’, mostrando que esse campo, além de ser complexo, possibilita a existência de outras Geografias das Sexualidades, onde os *gays* não deveriam ser marcados apenas por suas sexualidades, mas por múltiplas identidades e categorias sociais de análise, como o envelhecimento.

Para autores como Binnie (1997), a Geografia positivista foi uma das responsáveis por excluir a Geografia das Sexualidades enquanto um subcampo legítimo da Geografia. Somente com o avanço da própria Geografia Humana, sobretudo, da Geografia Cultural e Feminista, é que houve a abertura para que essa temática começasse a ter, literalmente, ‘espaço’ na Geografia. Uma das questões levantadas por Binnie (1997) é a ruptura de epistemologias na Geografia, com o avanço da epistemologia *Queer*. Segundo Louro (2016), a palavra *Queer* vem da origem ao inglês e quer dizer ‘estranho’ que para nós no Brasil poderiam ser como os adjetivos “bicha”, “sapatão”, “viadinho”, etc.

Mesmo que em contextos diferentes ao do Brasil, esses autores, nos trazem a reflexão de pensar diferentes caminhos dentro da homossexualidade e na própria Geografia das Sexualidades brasileiras.

Pessoas LGBTQIAP+, sobretudo nos Estados Unidos, eram chamadas de ‘*queers*’, que na tradução livre significa, estranho. Contudo, os movimentos sociais incluem essa palavra até então pejorativa e a revestem de empoderamento, representatividade e orgulho como forma de enfrentamento. Na Ciência não foi diferente, a palavra *Queer* possibilitou uma nova forma de pensar a Ciência e suas teorias, criando aquilo que conhecemos como epistemologia *Queer*. Essa era uma busca de formular estratégias de resistência sob uma sociedade regida pela heteronormatividade¹³.

Além de influenciar a própria ciência, a epistemologia *Queer* passou a ser um grande tema nas discussões de diversos filósofos, como Judith Butler e suas problematizações sobre o gênero e sexualidades. Para Butler (2008), a heteronormatividade são práticas que regulavam e que normatizam as pessoas em uma linearidade entre sexo, gênero e desejo, tornando-os ‘gendrados’.

Essa palavra vem de uma construção de um ideal imaginário onde o gênero não é só uma identidade mutável humana, mas um mecanismo que foi utilizada para controlar e definir onde cada corpo deve se encaixar, contribuindo para a formação de espaços (hetero)sexualizados, como já evidenciado por Valentine (1993).

Com isso, as questões teóricas começaram a ser produzidas dentro da Geografia com a temática das sexualidades. Essa epistemologia criou críticas sobre as práticas heteronormativas que estão presentes tanto nas relações sociais quanto nas espacialidades que as pessoas vivenciavam e vivenciam. Para Knopp e Brown (2003), tais avanços geográficos modificaram não só as perspectivas de analisar o espaço geográfico, como possibilitou difundir a cultura *Queer*, novas identidades e as novas políticas de enfrentamentos ao preconceito.

Knopp (2007) resgata a importância da diversidade das Geografias *gays* e *lésbicas*, como também a amplitude que se deu sobre a teoria *Queer*. Segundo o autor, essa teoria não se deu de forma independente, mas foi fruto de teorias e metodologias que foram criadas na Geografia feminista sobre as questões de gênero.

¹³ Criado por Michael Warner em 1991, o termo heteronormatividade corresponde a uma imposições normativa sobre a sociedade e seus indivíduos na qual a heterossexualidade passa ser a norma e toda outra expressão de gênero ou de sexualidade são excluídos ou deixado de lado.

Aqui entendemos o movimento do pensar epistemológico das Ciências, fruto das próprias relações sociais que passam a modificar-se.

Essas mudanças também se refletiram sobre o pensar do ‘espaço geográfico’, onde cada perspectiva era influenciada por uma determinada corrente do pensando, ora marxista em outra feminista, ora a estruturalista e em outra pós-estruturalista, como vimos no início desse capítulo.

Como já apontava Browne, Lim e Brown (2007), a perspectiva pós-estruturalista do pensar geográfico não refuta outras formas de pensar a Geografia e, conseqüentemente, o espaço geográfico, pois cada pesquisa e cada fenômeno demandariam uma teoria, na qual cada pesquisador deve entender a qual sua pesquisa melhor se encaixa. Segundo os autores, esse pluralismo teórico, epistemológico e metodológico deve ser visto de uma forma saudável, pois como já apontava Morin (1982), o conhecimento científico não pode ser apenas um mero acúmulo de verdades.

O expoente da Geografia das Sexualidades e dos próprios movimentos sociais que ocorreram no âmbito internacional permitiram que nós também criássemos uma Geografia das Sexualidades no Brasil, como já mencionado em tempos e espaços diferente, mas que não deixam de ter uma conexão.

Afinal, o conhecimento científico não surgiu do além, mas do próprio processo evolutivo humano e de suas trocas. Portanto, quando trazemos para a realidade do Brasil tais discussões, essas chegam mais tarde, seja por conta do acesso as teorias que estavam sendo pensadas como também nas traduções de outras línguas para o português.

Essa monopolização construiu barreiras que a Geografia das Sexualidades brasileira encontrou e que até hoje encontra no país. Na própria escrita dessa tese, passamos por dificuldades em encontrar textos, mesmo que em inglês, de forma gratuita e acessível. Isso reforça, ou pelo menos reforçou o baixo percentual de pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia produzindo conhecimento científico relacionado as temáticas das sexualidades, entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, no Brasil.

Segundo Silva (2015), os períodos anteriores as décadas de 1970 e 1980 no Brasil foram tensos onde as publicações e os temas acabavam sendo podados e/ou

controlados por um Estado militarizado¹⁴ – o que pode também ter contribuído na baixa publicação de artigos que buscavam em suas compreensões as sexualidades.

Assim, Silva (2015) argumenta que a partir da 1990, com a redemocratização no país, houve novamente um aumento nas expressões dos movimentos populares, e dentre eles, o movimento LGBTQIAP+ e que isso, de certa forma, possibilitou uma melhor inclusão nos debates acadêmicos sobre as sexualidades. Aqui podemos então afirmar que começa o processo de incorporação da Geografia das Sexualidades no Brasil.

Entre a década de 1990 e anos 2000, trabalhos como de Mattos e Ribeiro (1996) passaram a ser grandes expoentes na produção de uma Geografia das Sexualidades brasileiro. Em seus trabalhos, Miguel Ângelo Ribeiro (1996; 1997; 1998) passou a trazer o conceito de território na compreensão geográfico sobre as sexualidades. Esse autor buscou entender como as áreas das prostituições e do turismo sexual se organizam na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

Ainda em Silva (2015), a autora apresenta as temáticas da produção científica geográfica sobre sexualidades entre os anos de 1995 e 2012. O que pudemos perceber nessa pesquisa é que a produção geográfica sobre *gays* no Brasil estava centrada em espacialidades como Festas e Paradas LGBT's e banheiros. Além disso, os trabalhos produzidos traziam uma forte relação com a temática educação. Porém, nenhum desses trabalhos mostraram uma relação com a velhice.

Outro elemento importante está relacionado ao campo conceitual utilizado pela Geografia das Sexualidades do país, passando o conceito de espaço a ser difundido na Geografia das Sexualidades a partir dos anos 2000, pois como aponta Silva (2015), nesse período que a Geografia das sexualidades passa a ter maior visibilidade no país, isso porque, grande parte das revistas e periódicos *online* surgem no início desse mesmo ano, chegando a quase 80% das publicações, o que pode ter contribuído para espaços de discussão e até de aceitação desses trabalhos.

Mesmo com certas estratégias para o fortalecimento desse subcampo no Brasil, no início dos anos 2000 ainda havia uma certa invisibilidade nas discussões geográficas sobre as Sexualidades, pois como apontava Silva (2009), as ausências e silêncios criados sob determinados grupos sociais são resultados de uma própria

¹⁴ Aqui destacamos o período de governos militares no país, marcada pela Ditadura Militar que ocorreu entre os anos de 1964 a 1984.

comunidade científica, que constrói carapaças sobre teorias e grupos hegemônicos na promoção de sua soberania e poder.

Contudo, o acesso às novas epistemologias, aqui destacamos as próprias feministas e *Queer* já mencionadas, que acabam chegando somente por volta desse ano no Brasil, passam a fragmentar rígidas estruturas teóricas e epistemológicas na Geografia brasileira. Ainda que tenhamos um longo caminho de enfretamento, essa abertura em torno do conhecimento científico mostrou uma luz no fim do túnel para nós das ditas Geografias Subversivas.

Essa luz já pode ser enxergada por nós, pesquisadores da Geografia das Sexualidades brasileira, na segunda década do Século XXI. Se hoje estamos em um momento de crescimento e de visibilidade das Geografias das Sexualidades, diria que estamos esperançosos e até um pouco ansiosos para o crescimento desse campo, é porque de fato houve toda uma produção entre as décadas 2000, 2010 e 2020 que ajudaram a incluir e a dar visibilidade para esse subcampo no país.

Por isso, acreditamos ser de fundamental importância dar visibilidade para alguns desses trabalhos que foram os pilares para o fortalecimento e incorporação das sexualidades nos trabalhos científicos geográficos do Brasil, como o trabalho de Solla (2002) e suas discussões sobre os espaços de maior ou menor exclusão, sobretudo, nos espaços urbanos para com diferentes grupos, entre eles os *gays*. Também é importante mencionar os trabalhos de Ornat (2008; 2009), resgatando o conceito de território na elaboração da vivência de Travestis, bem como a formação de diferentes redes de prostituição considerando a dominação desses territórios por diferentes agendes que não só ocupam, como também organizam e controlam esses espaços de poder.

Já Silva (2008) discute como ocorre a representação de determinados espaços, como o escolar, na vivência espacial das Travestis, definindo o que ela denomina como espaços interditos. A partir desses primeiros trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia preocupados com a problematização das sexualidades na Geografia brasileira, nos anos de 2010 a 2020, houve um aumento significativo nas produções das Geografias das Sexualidades como podemos observar em Hanke e Ornat (2019). Tal aumento pode estar justificado na ampliação do acesso à internet, nas novas leituras, principalmente com o referencial anglófono como de Jutih Butler, Gilian Rose, Gill Valentine e John Binnie que

trouxeram novas perspectivas na elaboração das pesquisas sobre sexualidades no Brasil como aponta Silva (2015).

Segundo Silva (2015), as redes de influências teóricas internacionais na Geografia das Sexualidades brasileira, além desses autores citados anteriormente, temos também Stuart Hall e Michel Foucault. Já os referenciais específicos das Geografias das Sexualidades de ordem nacional são Joseli Maria Silva, Miguel Ângelo Ribeiro, Luiz Mott e Benhur Pinós da Costa. Trabalhos como de Costa (2012a; 2012b) tiveram a preocupação de compreender a partir das microterritorializações os espaços homoerotizados e homoafetivos. Esses trabalhos são importantes à medida que mostram espaços de resistência incumbidos de poder.

Esses espaços marcados por diferentes relações são organizados e construídos pelos homossexuais, ora estratégico, ora de sobrevivência e manutenção de uma sexualidade marginalizada. Indo além, em 2013 trabalhos como de Arcos (2013), Boivin (2013a; 2013b), Brown (2013) e Cabral, Silva e Ornat (2013) trouxeram em suas discussões diferentes análises sobre o espaço geográfico, como a relação entre espaços privados e públicos, espaços de homossocialização da Cidade do México, questões de homonormatividade dentro das relações homoafetivas ou ainda espaços de mortes.

Todos esses trabalhos apresentam como conceito fundamental, o espaço geográfico em suas problematizações. Assim, podemos perceber que a passos lentos e calejados a Geografia das Sexualidades passa a ser incorporada na Geografia brasileira e hoje tem se fortalecido como um subcampo de discussão cada vez mais emergente. Por isso não podemos mais afirmar que há uma invisibilidade no campo teórico e empírico da Geografia das Sexualidades brasileiros. Podemos dizer que estamos no caminho, buscando a inclusão da diversidade na Geografia, promovendo assim, melhor compreensão da ação humana que modela a superfície da Terra. Portanto, a inclusão e o entendimento da diversidade na Geografia nos permitem compreender ainda mais a humanidade em sua diversidade.

Ao apresentarmos esses subcampos da Geografia nessa subseção, queremos evidenciar que elas não se apresentam de forma unificada, nem em teoria, empiria e tampouco em seus métodos, mas sim como subcampos plurais originárias da Geografia Humana. Tais movimentos da ciência Geográfica não ocorrem de forma linear e nem nos mesmos espaços e tempos, como pudemos observar. Cada região

do globo terrestre possui um contexto para se referir as Geografias Humanas como também da População, do Envelhecimento e das sexualidades.

Países como o Brasil ainda possuem uma baixa representatividade sobre a temática da Geografia do Envelhecimento - semelhança com a própria Geografia da Sexualidade. Entretanto, cabe ressaltar que nos últimos anos um processo de incorporação dessas discussões vem ocorrendo no país. Um dos autores brasileiros que tem uma preocupação maior sobre esse subcampo é Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega (2020). O autor desenvolveu questões que contemplassem o envelhecimento e a produção do espaço urbano. No entanto, quando o assunto é a relação entre o envelhecimento e a sexualidade, sob uma compreensão geográfica, o volume de pesquisa é baixíssimo tanto no Brasil como na produção anglófona.

Assim, para compreender ainda mais o universo brasileiro, realizamos uma análise específica a partir de teses e dissertações do banco de dados da própria CAPES¹⁵, na relação entre sexualidade e velhice em diferentes campos da ciência, encontrando uma representação muito pequena de trabalhos. No campo da Geografia brasileira, essa é uma temática praticamente inexistente nos trabalhos de pós-graduação.

Isso pode estar relacionado ao fato de interesses da temática, dos orientadores e dos orientandos, abertura para projetos e bolsas em programas de pós-graduações sobre temáticas relacionadas a gênero, a sexualidade e à velhice e tantas outras hipóteses – que somente aqui caberia uma pesquisa. Contudo, nossos esforços estão sobre aquilo que foi produzido, ao fazermos uma busca com os termos de busca “velho”, “velhice” e “sexualidade”, encontramos um resultado de 26 trabalhos, sendo 17 dissertações e 9 teses.

Esses trabalhos produzidos estavam em diferentes programas de pós-graduação no Brasil, onde as áreas em maior volume de trabalhos eram: Gerontologia, Enfermagem, Serviço Social, Psicologia, História e Linguagem. Fato é que, não encontramos dissertações ou teses na área de Geografia que trabalhasse com a relação entre velhice e homossexualidade em nossa pesquisa, como podemos observar o quadro abaixo:

¹⁵ Cabe salientar que fizemos esse levantamento no ano de 2022 no desenvolvimento dessa tese, alguns trabalhos que foram defendidos posteriormente ao ano de 2022

Tabela 2 – Produções de Dissertações e Teses Brasileiras – Termo de Busca “velho”, “velhice” e “sexualidade”.

(Início)

ANO	AUTOR	TÍTULO DO TRABALHO	NÍVEL	PPG	INSTITUIÇÃO
1989	OLIVEIRA, Clara Regina Bach de.	Eu fiz tudo para ser feliz: bem estar entre velhos asilados e não asilados em Florianópolis, SC.	DISSERTAÇÃO	PPGCS	UFSC
2001	PEREIRA, Maria Luiza Medeiros.	Das aparas do tempo as horas cheias: uma leitura das memórias de Pedro Nava.	TESE	PPGEL	UNICAMP
2006	LIMA, Tânia Gonçalves .	Tornar-se velho: O olhar da mulher homossexual.	DISSERTAÇÃO	PPGGER	PUC-SP
2007	SANTOS, Katia Ricciodos.	Imagens e narrativas de uma instituição asilar e da velhice, construídas por três segmentos distintos: idosos moradores, gestores e voluntários.	DISSERTAÇÃO	PPGE	UNICAMP
2008	XAVIER de Lima e SILVA, Viviane.	Até o apagar da velha chama: satisfação sexual entre homens idosos cadastrados no Programa Saúde da Família.	DISSERTAÇÃO	PPGSC	UFPE
2008	LIMA, Susana Moreira de.	Outono da vida: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas.	TESE	PPGLB	UnB
2008	CUNHA, Estela Saléh da.	Velhices: múltiplas faces de um processo socialmente construído.	DISSERTAÇÃO	PPGSS	UFJF
2009	CORREIA, Carlos Alexandre Costa.	Homossexualidade e velhice: a dupla estigmatização.	DISSERTAÇÃO	PPGGER	PUC-SP
2010	MAIA, Gabriela Felten da.	Olhares sobre o envelhecer: uma leitura de Gênero no centro de Santa Maria.	DISSERTAÇÃO	PPGCS	UFSM
2012	SAIS, Almir Pedro.	Dispositivo de Velhice: uma analítica interpretativa.	TESE	PPGP	UFSC
2013	NOGUEIR, Francisco Jander de Sousa.	Mariconas: itinerários da velhice travesti, (des)montagens e (in)visibilidades.	TESE	PPGS	UFPB

Fonte: Capes Brasil

Tabela 2 – Produções de Dissertações e Teses Brasileiras – Termo de Busca “velho”, “velhice” e “sexualidade”.

(Continuação)

ANO	AUTOR	TÍTULO DO TRABALHO	NÍVEL	PPG	INSTITUIÇÃO
2014	BASTOS, Marta Maria.	A mulher (trans) formada na ficção de Fernanda Young.	DISSERTAÇÃO	PPGEL	UFG
2014	PAIVA, Mariana Mapelli de.	Prevalência e fatores associados à violência contra idosos no município de Uberaba – Minas Gerais.	DISSERTAÇÃO	PPGAS	UFTM
2015	LEMONS, Alex Eduardo	Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos.	DISSERTAÇÃO	PPGES	UNESP
2015	MOREIRA, Adailson da Silva.	Metamorfose da alma: visões do processo de envelhecimento homossexual masculino.	TESE	PPGP	PUC-SP
2016	CORDEIRO, Ruane Pereira.	Além das aparências: um estudo sobre a identidade de idade de mulheres na terceira idade.	DISSERTAÇÃO	PPGA	UFRRJ
2016	SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos.	Negras velhas: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade.	DISSERTAÇÃO	PPGE	UFRGS
2017	SILVA, Fábio Ronaldo da.	As porosidades do tempo: velhos e velhices nas publicações homoeróticas brasileiras (1978-2013).	TESE	PPGH	UFPE
2017	MOREIRA, Maria Arlene de Almeida.	Longevidade: novas conquistas, novos espelhos, novos olhares.	TESE	PPGP	PUC-SP
2017	SILVA, William Assis da	O feitiço do jogo: sociabilidade entre homens no Parque Halfeld de Juiz de Fora.	DISSERTAÇÃO	PPGCS	UFJF
2018	NARDELLI, Giovanna Gaudenci	Conhecimento sobre HIV/AIDS e o uso dos serviços de saúde de usuários idosos da Estratégia Saúde da Família.	DISSERTAÇÃO	PPGAS	UFTM
2018	CREMA, Izabella Lenza.	Sexualidade, gênero e geração: significados e experiências de idosos na pós-menopausa.	DISSERTAÇÃO	PPGP	UFTM
2018	NONATO, Alice Alves Menezes Ponce de Leão.	Sexo e sexualidade na velhice: práticas transgressoras e negociadas no contexto amazônico.	TESE	PPGP	UFAM

Fonte: Capes Brasil

Nota: Hanke, 2023.

Tabela 2 – Produções de Dissertações e Teses Brasileiras – Termo de Busca “velho”, “velhice” e “sexualidade”.

(Conclusão)

ANO	AUTOR	TÍTULO DO TRABALHO	NÍVEL	PPG	INSTITUIÇÃO
2019	MARCELI NO, Raynara Alves da Silva.	Tramas e enredos do feminino: uma investigação da sexualidade na velhice.	DISSERTAÇÃO	PPGP	UFG
2019	SILVA, Camila Cuencas Funari Mendes e.	Sexualidade feminina na trama do tempo: narrativas indizíveis por mulheres invisíveis.	TESE	PPGP	UNESP
2019	SPIES, Márcia Franciele.	Só é velho quem pensa quem é: cuidado de si e estética da existência nos Grupos de Convivência de Toledo-PR.	DISSERTAÇÃO	PPGCS	UNIOESTE

Fonte: Capes Brasil

Nota: Hanke, 2023.

Por meio dessa pesquisa investigativa, podemos encontrar alguns trabalhos que dialogam com a nossa pesquisa mesmo em outras áreas do conhecimento, como a dissertação de Tânia Lima (2006), na área de Gerontologia. Nesse trabalho, a autora faz um estudo sobre as representações sobre a velhice a partir do olhar da mulher homossexual, como também mostra novas formas e arranjos sociais sobre a velhice das mulheres em meio ao duplo preconceito, por serem mulheres e homossexuais.

O trabalho de Lima (2006) argumenta que a perspectiva do tempo é dissociada entre corpo e consciência dessas mulheres lésbicas, ao passo que elas mostravam a estigmatização da velhice e o seu valor, em ambas as representações. O corpo era evidenciado como chave desse entendimento, questão essa que também trazemos no primeiro capítulo, quando mostramos a relação entre o conceito de espaço e a sua relação com o corpo, partindo do referencial teórico de Lefebvre (1991 [1974]).

Já no trabalho de Viviane Xavier de Lima e Silva (2008), na área de saúde coletiva, a autora apresenta a sexualidade na velhice como tema pouco representado e explorado entre as Ciências, fato que também encontramos na Geografia. Para ela, não só o seu trabalho mais a produção dessas temáticas podem dar suporte para a promoção à saúde dessas pessoas, como a própria saúde sexual. Por meio de entrevista, a autora explora a vida sexual de homens homossexuais idosos, mostrando que muitas unidades de promoção a saúde do idoso não estão preparadas

para trabalhar com temas que envolvem masculinidade, velhice e sexualidade. Para a autora, a vivência da sexualidade e a interpretação destas experiências por esses homens tem um caráter plural, assim como a sociedade deveria ser encarada, buscando uma educação mais direcionada e mais efetiva para a prevenção de doenças à essas pessoas.

O que podemos perceber nesses trabalhos é que há uma geograficidade oculta. Pois, tanto o corpo na relação com o espaço quanto os espaços de saúde são discutidos na ciência geográfica. Há exemplos como textos de Santos (1985), Lefebvre (1991), Santos (1997), Brown (2000), Binnie, Longhurst e Peace (2001) e Santos (2003). O que queremos dizer é que em ambos os textos, a perspectiva geográfica subsidia uma contribuição para outros trabalhos, mesmo estes sendo de outras áreas do conhecimento, ao passo que reiteramos a Geografia como uma Ciência e que pode contribuir com diferentes áreas do conhecimento.

Em Corrêa (2009), outro trabalho encontrado no banco de dados da CAPES da área de Gerontologia, o autor aponta para o olhar sobre o velho e a velhice, a partir de homens homossexuais velhos. Para o autor, as questões que envolvem o envelhecimento têm conquistado cada vez interesse, uma vez que passa ser uma temática em crescimento em todo o mundo. Além disso, o autor mostra que além de diferentes arranjos sociais que essas pessoas apresentam, suas relações afetivas são distintas à grupos considerados dominantes, como os heterossexuais. Através dos discursos de sua pesquisa qualitativa, Corrêa (2009) ainda elabora representações sobre a velhice, os estigmas e os preconceitos que marcam a vida dessas pessoas.

Na tese de Nogueira (2013), o autor mostra como os sujeitos identificados como 'mariconas', 'tias' e 'bichas velhas' lidam com o processo de envelhecimento e a própria velhice. Para o autor, muitas das vezes, a condição de 'velhas' acaba sendo camuflada ou burlada por esses sujeitos para minimizar preconceitos já acumulados em suas vidas. Além disso, o autor relata que a velhice travesti questiona toda uma ordem cronológica, geracional e biológica e que suas vidas são marcadas pela invisibilidade e pelo silêncio, questões estas também abordadas na Geografia, como na dissertação de Cabral (2015) e no texto de Cabral e Silva (2016). Para Nogueira (2013) é através das vivências dessas pessoas que duvidamos de toda verdade imposta por uma sociedade heteronormativa. Essas pessoas tensionam os limites e contestam as normas de gênero e sexualidade, construindo e reconstruindo novas dispositivos de experiências.

Já nos trabalhos de Lemos (2015) e Moreira (2015), a temática envolve homossexualidade masculina e envelhecimento – o que faz esses trabalhos terem uma conexão ainda maior com essa tese. No primeiro trabalho, Lemos (2015) investiga a subjetividade existente entre a homossexualidade e o envelhecimento dentro da área de Educação Sexual. O autor aponta que as pessoas entrevistadas vivenciam dentro de seus contextos sócio-histórico as lembranças e as experiências que demarcaram essa geração de pessoas de 60 anos ou mais.

Para o autor, o estigma de ser homossexual e velho possibilita uma construção de novas subjetividades bem como diferentes modos de viver nessa nova fase da vida. Assim, surge uma necessidade de se trabalhar a sociedade, especificamente os profissionais da saúde, ampliando seus conhecimentos sobre as sexualidades humanas.

Segundo o estudo, essas pessoas sofrem ainda uma exclusão, algo comum em suas vidas, mas que dependendo de determinados espaços que vivenciam, são submetidos a constrangimentos e até agressões físicas, principalmente quando assumem suas sexualidades ou quando tem posturas mais associadas ao feminino. Tais discussões se relacionam com o trabalho de Xavier de Lima e Silva (2008), quando já apontava não só a carência dessas discussões em espaços de saúde, como também a sua necessidade.

Na área da Psicologia, Moreira (2015) discute que o envelhecimento, enquanto fase da vida, é marcado pela complexidade e pela heterogeneidade onde não há uma forma de ‘velho’, mas várias formas de ser velho e viver a velhice. Segundo o autor, com o próprio desenvolvimento tecnológico houve possibilidades da manutenção de uma jovialidade em todas as áreas e até nas sexualidades.

Para Moreira (2015), o envelhecimento por um lado proporciona a experiência e o amadurecimento, o que nos permite ter maior capacidade de decisão e enfrentamento. Por outro lado, também nos traz aspectos com caráter negativo como as doenças, sinais da própria idade avançada, como também as dificuldades tecnológicas, as carências afetivas, o saudosismo, a solidão e os medos.

Por mais que esses trabalhos tenham uma relevância nos assuntos sobre envelhecimento, nossos esforços ainda estavam na busca da área de Geografia. Assim, realizamos uma nova busca agora com os termos de busca “Envelhecimento”, “Sexualidade” e “Geografia”, obtendo o resultado de 5 trabalhos, sendo 3 teses e 2 dissertações, como mostra a tabela 3.

Tabela 3 – Produções de Dissertações e Teses Brasileiras – Termos de Busca, “envelhecimento”, “sexualidade” e “Geografia”.

ANO	AUTOR	TÍTULO DO TRABALHO	NÍVEL	PPG	INSTITUIÇÃO
2012	KULLO, Alcione, Tavora.	A força e o vigor da mulher idosa rural - Estudo Etnográfico sobre Envelhecimento em Dom Modesto, CARATINGA-MG'.	TESE	-	FIOCRUZ
2019	OLIVEIRA, Cecília Danielle Bezerra.	Distribuição espacial, perfil clínico epidemiológico e capacidade de autocuidado das pessoas com deficiência atendidas na atenção primária'.	TESE	ENFERMAGEM	FESP-UPE
2020	SANTANA, Aenne Zandonadi Rodrigues.	Aids em pessoas de 50 anos e mais no Brasil no período de 2007 – 2017: tendência e características'.	DISSERTAÇÃO	ENFERMAGEM	UFMT
2020	SOUSA, Alemar Moreira De.	Espacialidades do envelhecimento LGBT's nas cidades pequenas de Goiás.	TESE	GEOGRAFIA	UFU
2022	ABREU, Lidia Malaquias.	Conhecimento dos profissionais de saúde de pês sobre a sexualidade das mulheres idosas na região do leste goiano-GO'	DISSERTAÇÃO	GERONTOLOGIA	UCB

Fonte: Banco de Dissertações e Teses CAPES.

Diferente da busca anterior, conseguimos encontrar um trabalho que é da área de Geografia e ainda trabalha com sexualidade e envelhecimento. Esse trabalho é a tese de Alemar Moreira de Sousa. Segundo Sousa (2020), há importância nas discussões de gênero e sexualidade dentro da ciência geográfica, discussões essas que o autor pontua que ainda tem baixa representatividade como também pudemos comprovar aqui.

Ao desenvolver sua tese, Sousa (2020) faz uma construção do pensamento geográfico sobre a vivência de pessoas LGBT's nas cidades pequenas do estado de Goiás, mostrando os desafios em viver em áreas menores onde indivíduos tiveram que construir microterritorialidades, ao mesmo passo de desenvolviam questões do intra e interurbanas.

Além disso, o autor resgata as questões interseccionais existentes na própria população LGBTQIAP+ e ressalta a importância do respeito dentro da própria

comunidade sobre as diversidades existentes, para que a produção e reprodução não recaia exclusivamente da homo/heteronormatividade, como também foi percebido e pontuado na primeira seção desse capítulo.

Para Sousa (2020), um dos principais elementos que questionam as normas e regras cristalizadas dentro e fora das comunidades LGBT's é justamente o corpo, mostrando como as corporeidades ficam evidentes nas espacialidades, mesmo em décadas diferentes e ainda ressaltando a (in)visibilidade do processo de envelhecimento LGBTQIAP+, fato esse também identificado por nós.

Assim, o trabalho de Sousa (2020) passa a ser incorporado no decorrer do nosso texto de tese, ao mesmo tempo que nos permite fazer pequenas comparações, vistas no campo exploratório e também na dissertação de ambos os pesquisadores e suas respectivas pesquisas sobre pessoas LGBTQIAP+. Cabe salientar nesse momento que trabalhamos como de Sousa (2020) e a produção dessa tese ajudam no próprio entendimento sobre o processo de envelhecimento de qualquer pessoa, indiferentemente de suas sexualidades. Contudo, acreditamos que há uma diferença no envelhecer, havendo uma diferença no identificar-se velho ou não dentro da própria comunidade LGBTQIAP+.

Todos os elementos evidenciados por esses pesquisadores destacam a importância da temática do envelhecimento para toda a população. Entretanto, a pouca produção sobre uma população LGBTQIAP+ envelhecida, principalmente, na Geografia brasileira, está relacionada a um grupo que sofre duplamente preconceitos tanto na sociedade quanto na academia por serem homossexuais e/ou velhos. Afinal, ser velho e *gay* representa uma afronta a todos aqueles que negam a existência da diversidade nas sexualidades, mostrando que existem há muito mais tempo do que imaginamos, sendo esses sujeitos uma história viva da população LGBTQIAP+.

Portanto, a sexualidade não é 'modinha', a sexualidade é vivida por pessoas que lutam todos os dias para ser aquilo que realmente são. Por isso, a produção de trabalhos como esse e a socialização dessas discussões evidencia uma importância social destas pesquisas para todos e todas. Além disso, direciona acadêmicos e pesquisadores da Geografia das Sexualidades a continuarem a lutar em uma produção científica mais igualitária, onde todas as existências humanas, possam ser reconhecidas, respeitadas e estudadas.

Por fim, a última seção desse capítulo aborda a construção do objeto de pesquisa, através de nossa questão central como também das nossas subquestões.

Além disso, evidenciamos nessa última seção os caminhos metodológicos percorridos para a elaboração desse trabalho de tese.

1.3 CONSTRUINDO O OBJETO DE PESQUISA E A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Como visto inicialmente nesse capítulo, nossas indignações sobre situações sociais contra a população *gay* mais velha me instigaram a fazer não só questionamentos iniciais sobre o processo de envelhecimento *gay*, como também o desenvolvimento dessa pesquisa.

Passado esse tempo prévio investigativo e exploratório entre a construção da pesquisa, pensamentos e resultados preliminares que obtivemos na dissertação, nossa preocupação estava sobre o novo campo pesquisa e os seus resultados que estavam por vir. Para isso, elaboramos um projeto de doutorado o qual foi realizado sua apresentação em banca e aprovado em 2019. Esse projeto tinha como questão central a seguinte pergunta: Como ocorrem as transformações das vivências espaciais no processo de envelhecimento corporal de homens cis *gays* na cidade de Ponta Grossa, Paraná?

Em busca do amadurecimento da proposta que começou com o projeto de pesquisa para o Doutorado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), iniciamos a construção dessa pesquisa entre o desenvolvimento do campo e as pesquisas bibliográficas, como pudemos ver na segunda seção desse capítulo.

Para que pudéssemos responder à questão central, também foi realizado a construção das subquestões que subsidiassem uma melhor compreensão do fenômeno proposto. Sendo assim, a primeira subquestões busca entender como o envelhecimento corporal é percebido pelos homens cis-*gays* em Ponta Grossa? Entendendo como as pessoas representam a velhice *gay* e também compreender o que de fato torna-se objeto e abjeto, estigmatizado e não estigmatizado, centro e margem nas suas relações sociais e espaciais desses sujeitos.

Por isso, a representação do sujeito no seu processo de envelhecimento é de fundamental importância, pois entendemos que a 'representação' daquilo que é velho pode variar de pessoa para pessoa, de sociedade para sociedade, em tempos históricos e conseqüentemente de composições espaciais.

Pensando sobre isso, construímos a segunda subquestão: Como as

representações de masculinidades **gays** se transformam no processo de envelhecimento? As representações se dão pelo próprio ser humano, estes que são seres participantes das próprias construções simbólicas, como aponta Cosgrove (1998).

Para Moscovici (1978), a representação social é vista como uma forma de conhecimento que parte do individual, construindo entendimentos do comportamento e das comunicações entre os indivíduos. Assim, criamos perfis, normas e estereótipos que são produzidos e reproduzidos em diferentes tempos e espacialidades através das relações sociais.

Contudo, os movimentos sociais têm tensionado certas construções hegemônicas, sobre o que é representado sobre os sujeitos ao longo do tempo. Representações de masculinidade, heterossexualidade e tantas outras formas que passaram a ser estruturantes e dominantes nas relações sociais, estruturas estas que passaram a ser questionadas, refutadas e fragmentadas, como já apontava Hall (2011), e modificando as relações sociais normativas, preconceituosas e discriminatórias.

Além dessas discussões, outro conceito irá auxiliar nessa compreensão que é o de Interseccionalidade, considerando as discussões de Crenshaw (1991), Kobayahi e Peake (1994), Ruddick (1996), Platero (2012) e Rodó-de-Zárate (2013a). A interseccionalidade nos permite a compreensão de como diferentes elementos identitários compõe nossas próprias identidades que, por sua vez, compõem também nossas vivências espaciais, discussões essas que iremos aprofundar no segunda capítulo dessa tese.

Por fim, na busca de uma composição de mais elementos para corroborar a responder à questão central, construímos a terceira e última subquestão: Como as vivências espaciais de homens cis **gays** se transformaram no processo de envelhecimento? Entendemos esta subquestão enquanto um dos eixos da pesquisa de tese, pois mesmo sendo pouca explorada na Geografia, há uma importância em trabalhar a relação entre sexualidade, envelhecimento e espacialidades, como já apontava Hopkins e Pain (2007).

Após realizado a construção da questão central e das subquestões, fomos em busca dos sujeitos pesquisados – nesse momento, a pesquisa foi muito difícil, pois algumas das pessoas que tentamos o primeiro contato mostravam-se com muita resistência, principalmente, quando falávamos que iríamos fazer uma entrevistada

gravada. Muitos negaram em participar da pesquisa e apenas alguns acabaram cedendo, mas ainda com certo receio.

Além desses desafios de encontrar homens cis *gays* mais velhos e dispostos a participar da pesquisa, esta pesquisa foi afetada pela pandemia da COVID-19, sendo que as entrevistas tiveram que ser adiadas. Alguns sujeitos desistiram da entrevista por medo do contato direto com o pesquisador, pois mesmo depois da liberação com máscaras, muitos negaram em participar. É importante deixar claro que havia a possibilidade de entrevistas *online*, mas nem todos os entrevistados tinham o domínio das tecnologias da informação e comunicação e, em alguns casos, nem acesso à internet e computadores.

Além disso, o período pandêmico tenha terminado em 2023¹⁶, até hoje suas consequências nos assolam, visto que balizou o desenvolvimento da pesquisa e o tempo de sua finalização. Com um tempo curto e a necessidade de realizar disciplinas, seminários, artigos, trabalho fora da universidade e o desenvolvimento do campo da pesquisa, como pesquisador, me deparei com uma situação nova e opressiva, mas havia um objetivo primordial encontrar e realizar as entrevistas. Nossos desafios começaram a ser sanados a partir dos caminhos metodológicos que seguimos para a realização e a finalização dessa pesquisa.

Esses caminhos metodológicos ocorreram a partir de três métodos: Snowball (Bardin; Munhoz, 2011), Saturação (Sá, 1988) e Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). O método de Snowball na tradução ao português refere-se à 'bola de neve' e tem por objetivo descobrir pessoas a partir de um primeiro contado com um sujeito, e esse, por sua vez, indica outra pessoa de sua rede de sociabilidade que passa a recomendar outras pessoas, assim sucessivamente, criando uma rede de contatos (Bardin; Munhoz, 2011).

A técnica de amostragem Snowball é muito utilizada em pesquisas qualitativas como a nossa, pois ela visa através da entrevista com a população encontrar situações de difícil acesso – como foi o nosso caso para encontrar homens cis *gays* mais velhos, pois veremos no decorrer dessa pesquisa que algumas dessas pessoas acabaram voltando para o armário, reproduzindo uma heteronormatividade e evitando espaços direcionados a comunidade LGBGQIAP+.

¹⁶<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-fim-da-pandemia/#:~:text=Cinco%20de%20maio%20de%20dois,global%2C%20em%20janeiro%20de%202020>.

Dyniewicz (2009) destaca que as pesquisas qualitativas se baseiam nas pessoas, como elas vivem e descrevem suas próprias experiências, sendo atores principais de suas próprias histórias. Além disso, ao defender a pesquisa qualitativa, Malhotra (2011) argumenta que essa pode fornecer mais informações do que fora planejado. Mesmo sendo ideal para as pesquisas qualitativas, Snowball é uma técnica que precisa de atenção e sutileza no campo pesquisado, tendo vantagens e desvantagens, o que dependerá de como será utilizada na pesquisa (Vinuto, 2014).

Com esses desafios, através do método Snowball, pudemos encontrar algumas pessoas (12) que, mesmo em período pandêmico e pós-pandêmico, aceitaram participar da pesquisa. Como vimos no parágrafo anterior, percebemos no desenvolvimento dessa pesquisa que muitos LGBTQIAP+ velhos estavam buscando outra coisa menos qualquer exposição de suas imagens ou qualquer tipo de identificação.

Por questões éticas e profissionais, nessa pesquisa, não utilizaremos nomes reais dos nossos entrevistados conforme havíamos falado para todos que participaram dela, respeitando uma possível identificação dos mesmos. Assim, os entrevistados serão chamados de entrevistado 1, 2, 3, e assim por diante, na ordem que foram feitas as próprias entrevistas.

Sobre as entrevistas que conseguimos, aponta-se que foram feitas através de um questionário estruturado com perguntas quantitativas e qualitativas, que pode ser observado no Anexo 3 dessa tese. Após as entrevistas terem sido marcadas e o questionário feito, fomos para a aplicação das entrevistas. A maioria das entrevistas foram marcadas em espaços públicos para que os participantes tivessem maior confiabilidade na pesquisa e no pesquisador. Tal escolha não foi à toa, mas buscando segurança tanto do pesquisador quanto dos pesquisados, pois alguns alegaram terem sido vítimas de ataques e extorsões ao marcarem 'encontros' com homens cis supostamente *gays*.

Realizadas as entrevistas, nossa atenção agora estava na quantidade que teríamos que ter para ser consideradas suficiente para essa pesquisa. Assim, recorreremos a tática de Saturação proposto por Sá (1988). Segundo Sá (1988), o método de saturação corresponde à quantidade da amostra das entrevistas que devemos considerar para a pesquisa. A suficiência do número de entrevistas depende da saturação das respostas que você pretende responder e encontra, ou seja, quando se tem um montante onde as respostas dos entrevistados começam a se repetir, pode-

se considerá-las que aquele número de entrevistas ou aquela amostra foi suficiente (Sá, 1988).

Nosso caso, foram 12 entrevistas, pois a partir do décimo entrevistado algumas respostas começaram a ter repetições ai consideramos mais 2 entrevistas totalizando 12 homens cis gays mais velhos participantes dessa pesquisa. As entrevistas tiveram uma duração de mais de 17 horas e foram transcritas e lançadas em um Bando de Dados do software Libre Office, o que nos proporcionou a construção da tabela 4 onde mostra, inicialmente, o perfil socioeconômico dos entrevistados:

Tabela 4 – Perfil socioeconômico dos entrevistados

Gênero	Masculino	12
Sexualidade	Homossexual	12
Cidade a qual reside	Ponta Grossa	12
Renda	até 1 salário	2
	1 a 3 salários	2
	3 a 5 salários	4
	Acima de 5 salários	4
Escolaridade	Ensino Médio	1
	Superior Incompleto	1
	Superior	8
	Pós-Graduação	2
Racialidade	Branca	11
	Negro	1
Religiosidade	Católico	7
	Protestante	1
	Espírita	2
	Ateu	2
Idades	50	1
	55	1
	57	3
	60	3
	61	1
	62	1
	66	1
	69	1

Fonte: Entrevistas realizadas no ano de 2020 a 2022

Depois das entrevistas feitas, com o número de entrevistas consideradas suficiente, fomos para o trabalho de transcrever as respectivas entrevistas. O método de transcrição que consiste na escuta das entrevistas e essas passadas em um documento escrito é de fundamental importância para que se utilizada a metodologia

de análise de conteúdo. Seguimos a análise de conteúdo mediante as recomendações de Bardin (1977).

Para a autora, a análise de conteúdo é uma metodologia para as Ciências, principalmente sociais, para estudos de conteúdo em comunicação e textos onde podemos analisar numericamente dados até então qualitativos, encontrando frequência, intensidades, onde a semântica passa a ser o principal elemento resultante de sua análise.

Para Campos (2004), pode se dizer que o método de análise de conteúdo é balizado por duas fronteiras, uma do lado linguístico tradicional e outra pelo território da interpretação do sentido das palavras, a própria hermenêutica. Em nosso caso, caminhamos para a fronteira da hermenêutica para compreensão do nosso fenômeno. Assim, a análise de conteúdo expressa uma forma de quantificar trechos de entrevistas de acordo com categorias que são selecionadas pelo próprio autor e o que ele deseja identificar para responder sua pesquisa. Assim, nosso banco de dados possibilitou mais de 650 trechos de entrevistas que foram separadamente organizadas por categorias discursivas.

A categoria discursiva é a palavra chave do trecho de entrevista. Por exemplo, categoria 'autoidentificação' nessa categoria estão todas as falas que os sujeitos tiveram sobre autoidentificação de ser ou não velho, e assim fomos construindo nosso banco de dados dessa tese. Outro exemplo de categoria estava relacionado as espacialidades vivenciadas por esses sujeitos e assim, pudemos levantar um grande número de informações através das entrevistas transformando a pesquisa em qualiquantitativa. Como já dito, nosso grupo de entrevistados dessa tese foi um grupo diferente da dissertação, pois nesse trabalho de mestrado tínhamos homens *gays* cis de no máximo 33 anos. Aqui, os pesquisados dessa tese tem, no mínimo, 50 anos, como mostram as tabelas 4 e 5 abaixo:

Tabela 5 – Entrevistados e suas idades

Participante da pesquisa	Idade
Entrevistado 1	57 anos
Entrevistado 2	60 anos
Entrevistado 3	66 anos
Entrevistado 4	60 anos
Entrevistado 5	69 anos
Entrevistado 6	53 anos
Entrevistado 7	55 anos
Entrevistado 8	60 anos
Entrevistado 9	50 anos
Entrevistado 10	57 anos
Entrevistado 11	61 anos
Entrevistado 12	62 anos

Fonte: Entrevistas realizadas no ano de 2020 a 2022

Nota: Hanke, 2023

Assim, essas duas tabelas foram criadas para evidenciar algumas características dos sujeitos que participaram da nossa pesquisa para que tenhamos uma visão do universo de quem estamos trabalhando nessa tese. Reforçamos ainda que outras composições de sujeitos, bem como outras análises, podem possibilitar resultados diferentes ou comuns a essa pesquisa. Após a realização das entrevistas e os resultados iniciais dos perfis dos nossos entrevistados, foi elaborada uma rede semântica a partir da análise de conteúdo feita através do banco de dados feito pelo próprio BrOffice. A partir disso, separamos nossa análise em: espacialidades discursivas e categorias discursivas, ou seja, nessa rede semântica podemos observar as vivências espaciais dos sujeitos e quais são as principais categorias discursivas em porcentagens de frequência em cada espacialidade vivenciada por esses sujeitos. Ao longo do trabalho, iremos mostrar com maior ênfase seus detalhes individuais, como os trechos de discursos dentro dessas categorias discursivas e cada espacialidade discursiva.

O capítulo sequencial irá abordar nossos eixos teóricos como corpo, sexualidade, envelhecimento e interseccionalidade na vida desses homens, mostrando como o corpo pode ser pensando por diferentes análises geográfica. Em nosso caso, a categoria “corpo” passou a ser uma ferramenta de análise primordial nas interpretações espaciais e geográficas, não como mero receptáculo das ações humanas ou resultado da natureza, mas sendo espaço e produzindo espaços simultaneamente, sobretudo, na compreensão do processo de envelhecimento e de vivência espacial dos sujeitos.

CAPÍTULO 2 - CORPO, SEXUALIDADES ENVELHECIMENTO: INTERSECCIONALIDADES E ESPAÇOS EM MOVIMENTO

Este capítulo explora as bases conceituais capazes de sustentar as respostas à questão central estabelecida para esta tese, que visa compreender como ocorrem as transformações das vivências espaciais no processo de envelhecimento corporal de homens cis gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná.

Esse questionamento traz o desafio de discutir o corpo como um espaço geográfico em transformação durante os cursos de vida e suas relações com as outras escalas espaciais relacionadas a cidade, a casa, o trabalho ou espaços de cultura e de lazer.

Para desenvolvermos as discussões que realizamos neste momento, organizamos nosso argumento em 4 seções. Na primeira seção deste capítulo, trazemos a relação entre o conceito de corpo e a experiência espacial, envelhecimento e a metáfora do armário. Na segunda seção, exploramos o processo de envelhecer como uma condição corpórea e de relações sociais e espaciais.

Em terceiro, trazemos o contexto de Ponta Grossa como uma cidade que tem uma dinâmica de envelhecimento populacional em geral, trazendo a necessidade de pensar a especificidade da vivência gay. Por fim, trazemos uma discussão sobre uma geração pós-epidemia da AIDS e a emergência do Orgulho Gay que foram responsáveis por marcar toda uma geração que estão em processo de envelhecimento.

2.1 CORPOS, ESPAÇO, ENVELHECIMENTO CIS GAY: CONSTRUINDO A IDEIA DA METÁFORA DO ARMÁRIO

Antes de realizarmos as discussões de cunho geográfico sobre essa relação entre corpo e espaço, gostaríamos de tratar de como o corpo e o espaço poderiam ser pensados e relacionados nas mais diversas possibilidades geográficas ou não, como é o caso das discussões feitas por Daniela Alves Beskow (2017) sobre a relação entre corpo, o espaço e a arte.

Mesmo não trazendo uma perspectiva geográfica, essa autora realiza uma importante contribuição para pensarmos a relação entre espaço e o corpo. Beskow (2017), argumenta que o corpo é um espaço próprio que é percebido, ao mesmo

tempo em que as relações com o espaço (social) são estabelecidas. Para a autora, o espaço pode ser visto como corporificado, na medida em que possui sua própria existência geométrica: o corpo do espaço. Ao movimentar o corpo, podemos perceber até onde ele alcança, criando o espaço ao seu redor ou como a própria autora define, o espaço do corpo. Assim, o corpo é visto como espaço e o espaço é visto como corpo, relacionados e ao mesmo tempo, independentes.

Portanto, para que possamos nos relacionar com o espaço e os elementos que o cruzam eu preciso entender o meu próprio espaço, o meu corpo. Então, para a autora, o corpo busca seu próprio mapa da vida e o entendimento de si como estrutura, distâncias, formas e outras tantas possibilidades pois, tanto espaço quanto o corpo são possíveis de serem traçados a partir de uma superfície multidimensional, onde a complexidade está na própria relação corpo e espaço.

Pensando nessa relação, Beskow (2017) pontua que teríamos, ao menos, quatro formas de pensar a relação corpo e espaço. A primeira, já mencionada, seria pensar um 'corpo do espaço'. Nessa perspectiva, poderíamos estar pensando que o corpo de um determinado sujeito ocupa um determinado espaço, estando sobre uma determinada organização sociotemporal construído por seres humanos ou não. Poderíamos então pensar na relação ao corpo humano sendo resultado do meio como fora pensado na Geografia Clássica. Lembremos que nem o corpo e nem o espaço tinham grandes relevâncias nessa época, mas vistos como meros resultados do trabalho social e natural.

Ainda, para Beskow (2017), poderíamos pensar o 'espaço do corpo' que, por sua vez, é compreender os movimentos corporais como a dos braços e pensar em uma circunferência ao redor do próprio corpo e o que ele ocupa de um espaço, podendo medi-lo, pesá-lo ou quantificá-lo. Nessa segunda perspectiva da autora, caberia a compreensão de uma Geografia quantitativa, onde o positivismo lógico prevaleceria em suas interpretações, como quantos habitantes ocupariam um determinado espaço, por exemplo.

Já na terceira interpretação de Beskow (2017), a autora discute que poderíamos entender a relação do 'espaço como corpo'. Nessa relação, podemos considerar que através da experimentação do olhar, do tato e do sentir, acabamos por conhecer o espaço do nosso próprio corpo e os seus limites. Sobre a ótica geográfica, essa forma de interpretação resgataria as compreensões de uma Geografia mais humanista, onde a subjetividade, o sentimento e a experiência ganharam força nas

discussões geográficas, como mostra as discussões de Lima (2009) e Azevedo, Pimenta e Sarmento (2009), no Livro 'Geografias do Corpo'.

Esse livro, organizado por diversos autores e publicado em 2009, para além de uma compreensão geográfica, traz diversas interpretações sobre o corpo através das Geografias humanísticas culturais. Nas discussões do livro, o corpo passa por uma compreensão que vai da teoria à prática, onde as emoções e os afetos ultrapassam a carne em uma relação de dentro para fora.

À medida que vamos acessando os diferentes capítulos e autores, encontramos diferentes interpretações e significados sobre a relação entre espaço e corpo. Contudo, o que podemos perceber é que há nas discussões abordagens sobre espacialidade do corpo e de corporalidade do espaço por meio de, pelo menos, três elementos: poder, representação e práticas.

Dentre essas discussões, encontramos as argumentações de Azevedo, Pimenta e Sarmento (2009), que trazem importantes elemento de pensar o corpo que acreditamos ser válidas para essa tese e para a própria Geografia. Para a autora, apesar de o corpo e o espaço sempre estarem conectados nas discussões geográficas, sua abordagem não é tão simples e ainda, pouco frequente na própria ciência geográfica. Tradicionalmente, a Geografia era e é interpretada como uma Ciência que estuda a relação entre o ser humano e o meio ambiente e isso, provavelmente, acabou por afastá-la da problematização do corpo e do sujeito.

As discussões sobre corpo na Geografia surgem na década de 1970 e trazem o corpo como elemento central na tradição dos estudos de gênero e do próprio movimento feminista que, com ele traziam ligações com a teoria da psicanálise, onde se buscava compreender não só uma identidade feminina, mas também discussões de corpo e sexualidade sobre relações de poder que os cercam como o patriarcado e a própria masculinidade (Azevedo; Pimenta; Sarmento, 2009).

Para os autores, nessas discussões, o corpo passa a ser o lugar de identidade e prática, especialmente, na configuração dos papéis atribuído ao elemento dominante (masculino) e ao dominado (feminino). Além disso, havia também em paralelo uma discussão crescente na área das sexualidades, onde tínhamos e temos uma imposição da heteronormatividade sobre corpos não heterossexuais e não binários. Tais estudos não levaram apenas a denúncias de mecanismos de opressão, como também possibilitaram o desenvolvimento de linhas de pesquisa dentro da própria Geografia, como é o caso da Geografia das Sexualidades.

Obras como de Manuel Castells¹⁷ e de Lefebvre (1974) mostram as ramificações geográficas em seus estudos, onde o espaço e o corpo poderiam ter tido maior destaque, como o próprio Lefebvre (1974) defendia. Nas discussões de Castells (1982), o autor analisava a relação dos sujeitos não heteronormativos e os questionamentos que estavam surgindo entre as décadas de 1970 e 1980, através da ocupação de espaços como as ruas. Além da eclosão dos movimentos sociais nas avenidas de São Francisco, era através de seus próprios corpos, ora posicionados e ora em movimento, que suas próprias existências passavam a ser um ato de resistência.

Assim, Azevedo (2009) afirma que a discussão do corpo se torna crucial para um movimento atual de problemáticas, conceitos e práticas geográficas, argumentando que no seu histórico-formativo, a Geografia utilizou partes do corpo (no seu próprio julgamento) para construir uma Ciência, inicialmente, baseada na visão e na própria mente, dando o seu caráter clássico da racionalidade. Segundo a autora, isso acabou culminando em uma crise dentro da própria Ciência para com as discussões sobre representações, colocando-a em xeque enquanto Ciência.

Além disso, para Azevedo (2009), houve um processo de incubação de alguns elementos de análises sobre outros, considerados hegemônicos, como foi o caso do corpo. Inúmeros são os autores que foram reconhecidos na produção geográfica e do seu entendimento sobre as paisagens, os lugares e o próprio espaço. Contudo, essa visão era realizada através da relação entre os sujeitos e os lugares, construindo o que a autora denomina como uma ‘espacialização das relações sociais’.

Então, a autora propõe pensarmos no processo de realocação do corpo nas discussões científicas, sobretudo, geográficas. Como Azevedo (2009) mostra, houve no próprio desenvolvimento da ciência geográfica, situações em que o corpo do território, corpo do sujeito e o corpo do conhecimento viraram um só, ao mesmo tempo que na construção de um pensamento sobre o espaço, o corpo passava a ser um mero mediador entre superfície e a experiência do lugar. Dessa forma, pontua:

O campo epistemológico visualmente constituído transformou-se, desde modo, no domínio de um meta-sujeito do conhecimento, um sujeito alegadamente neutro que percebia o mundo do exterior e que perseguia uma visão pura dos fenômenos, a qual deveria ser transcrita na materialidade do espaço (Azevedo, 2009, p. 41).

¹⁷ (CASTELLS, 1982; CASTELLS, 1983; CASTELLS, 1999)

Contrária a isso, a autora discute na elaboração de um sujeito observador de superfícies. Isso fez com que houvesse não só um regime do 'visual' dominante, mas que protegesse a própria visão científica de uma ambiguidade criativa de diferentes modos de ver os fenômenos e seus estudos. Indo além, a autora ainda questiona a Geografia dos outros sentidos como o olfato e o tato. Então, para Azevedo (2009), o espaço, o corpo e o lugar vêm de um regime de conhecimento de priorizou apenas um sistema cognitivo de interpretação, orquestrando toda uma produção das subjetividades da ciência geográfica.

Por isso, o crescente movimento sobre um conhecimento corporizado tem questionado esse modelo e têm mostrado, através do corpo, diferentes posições dos sujeitos sobre determinados fenômenos – como é o caso de homens cis *gays* e seus processos de envelhecimento. Tal abordagem traz não só uma discussão espacial, como também das sexualidades, onde o corpo passa ser central na compreensão das sexualidades, como também do seu próprio processo de envelhecimento.

Pensando nisso, voltamos a resgatar a última perspectiva apontada por Beskow (2017), quando a própria autora discute em uma quarta possibilidade de interpretação, o corpo como espaço. Nessa última perspectiva, a exploração do corpo passa por diversas possibilidades, muitas das vezes, complexa e multidimensional, onde o corpo não se limita na carne e nem nos ossos, tampouco é algo medido ou quantificado ou ainda, um mero resultado das relações sociais que são estabelecidas sobre o espaço mapeado.

Sabemos que as diferentes Ciências estudam e entendem o corpo por distintas perspectivas. A Geografia enquanto uma ciência, traz o espaço geográfico em seu ventre epistemológico. Aqui ressaltamos a importância da Ciência geográfica e seu potencial para pensar o corpo. Afinal, conseguimos entender que é através dos nossos corpos é que percebemos as mudanças de nós mesmos e também da própria sociedade, estando sempre atrelado as nossas subjetividades. Assim, nas discussões de Martins (1997), evidencia-se que nossas relações se efetivam na materialidade do espaço social, elas são lidas pela intersubjetividade de seus indivíduos.

Então, mesmo que o espaço social seja primeiramente compreendido por sua dimensão material e objetiva, sendo um produto da transformação do espaço natural através do trabalho social e ainda palco de relações sociais, ele é uma forma de interpretar as relações, pois o próprio espaço geográfico que é social, não se limita

apenas no material e no objetivo, mas é compreendido pela subjetividade do corpo do próprio sujeito.

Associadas a essas discussões, os debates de Lefebvre (1974) sobre uma teoria da produção do espaço nos parece ser um ponto inicial de compreensão da relação entre corpo e espaço. O autor mostra que o espaço não pode ser mais compreendido como passivo, vazio ou um produto final, mas integrante total das próprias relações sociais, relações essas que ocorrem por meio dos sujeitos e dos seus próprios corpos, reafirmando aquilo que o autor já dizia que espaço e corpo são mutualmente construídos.

Assim, Lefebvre (1974) discute que o espaço é compreendido enquanto um conjunto de relações que intervêm na produção, na organização e na partição de redes de produtos, de trabalhos, de transportes de matérias e energias. Portanto, sua ação é produtiva e de produção, não podendo ser isolada ou mantida de forma estática. Indo além, Lefebvre (1974) relata que o espaço produzido se decifra e se lê, implicando em um processo de significados.

Portanto, se nós nos entendemos a partir daquilo que vemos em sociedade, podemos concordar ou não com aquilo que, muitas das vezes, nos é imposto. A exemplo, se há uma sociedade que produz suas relações por meio do espaço geográfico no qual define e condiciona o próprio processo de envelhecimento em um único 'molde', cabe a Geografia e o seu objeto realizar tais análises e desmistificá-los, pois como aponta Massey (2008) o espaço geográfico não é desprovido do tempo ou atemporal. Sua leitura do tempo e das mudanças que ocorreram só são perceptíveis através dele. Elas podem ser vistas, lembradas e até marcadas através do espaço geográfico.

Para a autora, o espaço geográfico sempre estará em construção. Ora, se o espaço geográfico está sempre em construção, o corpo como espaço também está. Afinal, pensar que através do processo de envelhecimento o corpo espacial de um determinado sujeito mudou, fisicamente e subjetivamente. Assim, compreendemos que para que possamos fazer tal análise, entender o processo de envelhecimento de homens cis *gays* nos dá uma possibilidade de pensar o espaço e sua relação com o tempo e que isso só é visto através dos próprios sujeitos, não como mero receptores das relações, mas como peça fundamental para que aconteça.

Dependendo do contexto que tal sujeito esteja, sua corporalidade é definida, marcada e julgada por moralidades pré-definidas, onde as normas sob a qual esse

corpo possa estar exposto, castiga-o, marginaliza-o, castrando qualquer ato de existir e resistir, como é o caso de toda a comunidade LGBTQIAP+, frente a heteronormatividade. Nas discussões de Butler (1999), a heteronormatividade refere-se a práticas regulatórias que, por sua vez, são práticas normativas resultantes de uma linearidade entre gênero, sexo e desejo. Essa linearidade regula as práticas sociais e os sujeitos, tornando-os seres 'gendrados', ou seja, limitamos os corpos entre homem e mulher, macho e fêmea.

Contudo, há resistência, e a primeira forma de luta é o corpo, são os corpos dos LGBTQIAP+ que é o primeiro espaço de luta. É através dos próprios corpos que começamos a questionar e a subverter esse processo de normatizações de seus comportamentos e de moldagem de nós mesmos. Essa ideia de que há uma 'castração', também é discutida por Lefebvre (1991[1974]), quando argumenta que é justamente a limitação do corpo no e pelo espaço, principalmente, quando as relações sociais estabelecem hegemonias que são colocados como normas e até alguns casos como leis.

Assim, ao mesmo tempo que o corpo é influenciado por uma cultura dominante, essa passa a subverte-las através do seu próprio corpo. Esta compreensão relaciona-se com aquilo que é afirmado por Silva, Ornat e Chimin Junior (2019), quando apontaram o corpo como resistência, reforçando nosso argumento que ser homem cis *gay* velho não é apenas estar envelhecendo, mas uma construção de um corpo que se tornou um espaço de resistência. Como afirma Lefebvre (1991[1974]), o corpo teria essa capacidade de criar espaço, mas não no sentido de ocupação ou uma espacialidade fabricada, mas uma relação imediata entre o corpo e seu espaço. Sua distribuição do corpo no espaço e sua ocupação do espaço. Portanto, o corpo vivo, real e materializado é espaço e tem seu espaço, produz seu espaço no qual o corpo esteja inserido.

Para Silva, Ornat e Chimin Junior (2019), as concepções Lefebvrianas, o corpo marca o espaço absoluto e o espaço abstrato. Segundo os autores, o espaço absoluto é concebido pela primeira natureza, sendo que para Lefebvre (1991[1994]), a primeira natureza corresponde a natureza propriamente dita, aquilo que vem do natural, enquanto o espaço abstrato na visão lefébvriana, corresponde as marcas de apropriação espacial naquilo que ele denomina como segunda natureza.

A segunda natureza, seria as transformações realizadas na primeira natureza que foram concebidas e construídas pelo ser humano. As transformações que

ocorreram através dos movimentos sociais em prol de direitos conquistados por toda a comunidade LGBTQIAP+, só ocorreram porque houve um entendimento dos seus próprios corpos que passaram de meros “*queers*”, para campos de luta, de simbologias e de reconhecimento de si mesmos. É portanto, o corpo o espaço primário de toda a concepção espacial geográfica, pois tanto o espaço geográfico quanto a teoria queer, só existem por serem pensados através do corpo, que passou a conceber-los e a construí-los.

Assim, o corpo humano externa suas relações em um paradigma de espaço interno e externo, marcado por subjetividades que não se limitam na visão ou o que está a sua volta. O corpo constrói espaços à medida que se reconstrói, modifica-se, transformando-se à medida em que o próprio processo de envelhecimento acontece. Contudo, esse entendimento só ocorre quando o próprio ser humano compreende a dimensão do seu corpo como espaço, vivendo-o, concebendo-o e percebendo-o. Essa compreensão de corpo como espaço ganha força na ciência geográfica, principalmente, na perspectiva da teoria *queer*.

Para Binnie, Longhurst e Peace (2001), a teoria *queer* trouxe para a compreensão geográfica o corpo humano enquanto um veículo para entender as relações entre as pessoas e os espaços. Esses autores apontam para as estratégias utilizadas de determinados sujeitos e seus próprios corpos para vivenciar a cidade, seja através da busca de suas sexualidades através do sexo ou a relação com a morte – em paralelo - a nossa discussão com o envelhecimento também são formas de compreender a relação do corpo com o espaço.

Segundo os autores, muitas paisagens urbanas acabam erotizando e rotulando determinados corpos não heterossexuais, como é o caso de lésbicas. Então, os corpos não são meramente biológicos, mas sim espaços de constantes lutas e de resistências a diversos mecanismos de poder, como a própria heteronormatividade e o machismo que os cercam. Indo além, acreditamos que os corpos são instrumentos essenciais para pensar o próprio espaço geográfico, pois tudo que é vivido, percebido e concebido só ocorre através do corpo.

Portanto, as discussões geográficas para essa tese partem dessas últimas perspectivas, as quais entendem o corpo como um espaço ao mesmo tempo que permeamos a teoria *queer*, pois foi essa teoria que acabou ousando falar do corpo não apenas como algo orgânico, mas revestido de interpretações, marcas, normas e

tantas outras subjetividades que o tornam um campo rico de análise para nós das ciências humanas, sobretudo pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia.

Reforçando o entendimento da teoria *queer*, Safatle (2015) discute que a palavra *queer* é originária do idioma inglês, tem em suas traduções originais como algo ‘bizarro’ e ‘estranho’, ou seja, era um termo utilizado, sobretudo, por norte-americanos para menosprezar pessoas que eram ou que aparentavam ser homossexuais. Somente em 1980 é que houve uma ressignificação dessa palavra para um aspecto positivo. Tal fato ocorreu, pois nessa mesma década houve um grande movimento de grupos de LGBTQIAP+ que ao tomarem as ruas, lutaram por ser direitos de existir. Para a autora, o termo propriamente dito teoria *queer* começou a ser utilizada por uma feminista chamada de Teresa de Lauretis¹⁸.

Entretanto, para Louro (2016), antes mesmo da teoria *queer*, haveria o ‘sujeito *queer*’, que é considerado desviante da forma de pensar e de ser naquilo que é estabelecido enquanto centro das relações e das normas sociais que, por sua vez, passam a ser regulatórias. Essas normas regulatórias baseiam-se na própria heterossexualidade como regra dominante. Mesmo assim, o termo só teve sua ampliação por volta de 1990 tanto nas discussões teóricas quanto políticas das ciências sociais (Louro, 2016).

Portanto, *queer* pode ser compreendido, como aquele sujeito que questiona as regras impostas sobre si e seus corpos, através de seus comportamentos, falas, modo de se vestir, etc, ao mesmo tempo que é uma teoria que visa uma desconstrução sobre normas e valores pré-estabelecidos que organizam uma sociedade baseada naquilo que Judith Bulter (2010) dizia, sobre a linearidade entre sexo, gênero e desejo. Sob isto, todos nós deveríamos corresponder a lógica biológica a partir daquilo que nos foi designado ao nascer, como também através de uma heterossexualidade compulsória impostas pelas Instituições de poder (Butler, 2008).

Por isso, ao problematizarmos nessa pesquisa as falas de homens cis *gays*, evidenciamos não só os sujeitos *queers*, como também utilizamos da própria teoria para pensar os seus próprios corpos, não como inativos as relações sociais, mas corpos ativos a suas histórias, que através do processo de envelhecimento, resistem e lutam para simplesmente envelhecer. Afinal, esses sujeitos trazem em suas

¹⁸ Artigo – Tecnologias de Gênero - 1987

bagagens corporais décadas de luta enfrenando uma cultura normativa que os colocavam e os ainda colocam como errados, pecaminosos e desviantes.

Além dessas particularidades sobre a teoria *queer*, acreditamos que resgatar discussões sobre o conceito de espaço na Geografia, passa a ser fundamental para entendermos como o corpo pode, também, ser espaço. Assim, para Rose (1993), o espaço paradoxal é constituído na elaboração de uma Geografia complexa, pois envolve diversas articulações e dimensões na sua compreensão onde o sujeito é visto vivendo em uma multiplicidade de experiência e diferentes identidades, mas também posicionamentos nas relações sociais e, conseqüentemente, pelos espaços.

Para nós, mais uma vez, isso só pode ocorrer quando há o entendimento desse sujeito e do seu próprio corpo, reforçando o argumento que tanto nossas ações quando nossas percepções só podem ocorrer quando entendemos na relação do nosso corpo para com o espaço social. Trabalhando especificamente com o feminismo, Rose (1993) aponta que o próprio sujeito feminino passa a ser o local da diferença, onde esse desvia-se do masculino.

Em nossa leitura, o local de diferença seria o próprio corpo do indivíduo que não é apenas um objeto, mas um espaço de entendimento da diferença, pois como argumenta a própria autora, há tantas diferenças dentro do sujeito do feminismo quanto das possibilidades de sua autorrepresentação, onde ambas têm sido articuladas através do espaço, que aqui diríamos do corpo.

De fato, as diferenças percebidas e que Rose (1993) argumentava entre homem e a mulher podem ser vistas na relação com o espaço social, como, por exemplo, um homem andando na rua a noite sozinho e uma mulher andando a noite sozinha. Ambos têm os mesmos direitos de ir e vir, na teoria. Mesmo assim, esses sujeitos podem vivenciar situações diferentes, principalmente quando considerado o elemento gênero, como foi o caso da autora. Nessa situação, e a partir de dados estatísticos que tratam deste fenômeno, a existência de uma possível violência contra mulher passa a ser maior do que com homens nas ruas à noite.

Contudo, acreditamos que a diferença inicial não está nesse espaço (social) 'rua', mas no próprio corpo e como os homens e mulheres são lidos socialmente nessa relação através do gênero. Portanto, é o próprio corpo, quando compreendido como espaço, que passa ser o início da materialização da diferença. Nesse exemplo, homem-mulher ainda que em perspectiva binária, são compreendidos pelas relações sociais que os cercam de formas distintas, pois estão sobre uma cultura predominante

que constrói, de um lado a fragilidade, e de outro a força, por exemplo. Isso permitiu, nas compreensões de Rose (1993), que no gênero havia diferença de percepções entre homens e mulheres em espaços públicos, como a rua.

A construção cultural sobre seus corpos e os papéis entre homens e mulheres são vistas nas discussões de Silva (2003), em que homens e mulheres têm se posicionado diferentemente no mundo, como também suas relações e consequentemente seus lugares. Para a autora, esses acabaram por revelar um conjunto de elementos de opressões nas mulheres pelos homens, sendo que aqui também poderíamos dizer de heterossexuais e homossexuais. Da mesma forma que a compreensão de gênero trouxe uma nova leitura e compreensão espacial entre homens e mulheres, outros elementos identitários vem sendo analisados e mostrando novas posições dos sujeitos. Seja compreendendo através de espaços sociais ou através dos próprios sujeitos e seus corpos.

Com a *teoria queer* pudemos compreender outras formas além da binaridade entre homens e mulheres, mostrando que pessoas que não seguem a linearidade entre sexo, gênero e desejo (Butler, 2008), como também são lidos, perpassam por opressões ou são posicionados em diferentes hierarquias nas relações de poder. Isso nos mostra a complexidade que é analisar sujeitos através de seus corpos como também seus elementos identitários como a sexualidade, o gênero, a religiosidade e etc., sem desconsiderar os espaços sociais.

Quando pensamos o corpo como espaço, estamos também pensando de forma simultânea no espaço cartografado constituído pelas próprias relações sociais, pois se o próprio espaço geográfico vem do pensar humano sobre si e ao seu redor, a compreensão do processo de envelhecimento acaba ocorrendo através de diversas situações, que cabe ao pesquisador tem a sensibilidade de compreender o que o indivíduo está querendo dizer, ora o espaço social que ele vivencia, ora o próprio corpo como espaço. O que podemos afirmar é que, de fato, há uma relação entre idade e corpo no entendimento do processo de envelhecimento e essa relação é lida diferentemente e individualmente por cada sujeito que está inserido sob uma determinada cultura.

A idade, enquanto uma categoria identitária, pode passar por diversos processos conflitantes ou não com esse espaço, ora corpo-espaço, ora espaço-sociedade. Pensemos a relação entre a idade e o corpo como espaço. Essa relação, ocorre internamente e individualmente em cada sujeito de forma distinta. Quando

Rose (1993) traz em suas discussões como *insider*, sendo aquele conflito que ocorre de forma interna, em nossa leitura pensando o corpo como espaço, há também situações internas conflitantes.

Sobre isso, reitera-se aqueles sujeitos que fazem de tudo para modificar seu próprio corpo físico para não mostrar ou não aparentar uma idade que realmente tenha, seja por desejo, seja por negação ou até mesmo por consequência da influência de uma cultura baseada na jovialidade. Então, podemos perceber que o corpo como espaço é o principal palco de transformação no processo de envelhecimento, pois ele é modificado fisicamente ou não pelo indivíduo a partir de suas subjetividades que são construídas para si mesmos e o seu entendimento do envelhecer.

Pensar o conflito interno do corpo com a própria idade do sujeito no processo de envelhecimento não é descartar as discussões de Rose (1993). Pelo contrário, é interpretá-las a partir do nosso fenômeno. Há exemplo, quando a autora relata sobre os *outsiders*, que em nossa perspectiva é compreender aquilo que está além do corpo do sujeito, mas que também pode o influenciar como o espaço social. Aqui, poderíamos pensar o espaço social como a cidade, a cultura em que o indivíduo esteja inserido e que o influenciam de fora para dentro como também de dentro para fora em um processo paradoxal, o que também seria pensar a relação entre o corpo e o espaço.

Porém, para nós, pensar o corpo como espaço é entendê-lo na capacidade de alteração e fluidez que o sujeito constrói no seu próprio corpo-espaço, seja pensando o processo de envelhecimento ou qualquer outro elemento que o constitui, não descartando o que o cerca, mas permitindo o próprio corpo a capacidade de sua construção.

Da mesma maneira, Rose (1993) afirma que a relação de centro e margem é vivida, experienciada e sentida. Afinal, se centro e margem podem ser vividos, então entender o processo de envelhecimento é, portanto, compreender que vivemos o corpo como espaço, experienciamos as mudanças internas e externas do meu próprio corpo e ao mesmo tempo que sentimos o tempo, passamos a conceber as mudanças do espaço social da minha volta que são, ora no centro, ora a margem

Para nós, o espaço não por ser apenas imaginado, seja ele o espaço social ou o próprio corpo, ambos são vividos, experienciados e concebidos por nós, sujeitos donos dos nossos próprios corpos e protagonista das nossas relações sociais,

percebendo, concebendo e vivendo-os. Para Soja (1999), a Geografia sempre se preocupou com duas formas de se analisar o espaço. A primeira, o espaço percebido que ele chama de primeiro espaço, ou seja, '*Firstspace*'. Em segundo, o espaço concebido que ele denomina como '*Secondspace*'. Haveria ainda o terceiro espaço, proposta do próprio autor, como aquele é experienciado diretamente por fenômenos empiricamente mensuráveis e mapeáveis.

Para Soja (1999), essa forma de pensar materializou a espacialidade, onde as Geografias humanas passaram a ser apresentadas meramente como resultados ou produtos de forças que não estariam propriamente nelas, mas seriam apenas derivações entre a socialidade e da historicidade. Para muitos, principalmente aqueles que veem a Geografia como uma ciência formal, é o único objetivo em que o espaço vale a pena de ser estudado.

Contrário ao *firstspace*, Soja (1999) argumenta que o espaço 'concebido' é mais subjetivo e mais imaginado do que o espaço percebido. Assim, o '*Secondspace*' está mais preocupado com as representações da espacialidade e os processos do pensamento, do que compreender um espaço totalmente fixo e materialmente perceptível. O espaço concebido concentra-se e explora mais o cognitivo, o conceitual e os mundos simbólicos. Portanto, o segundo espaço passa a ser mais idealista do que materialista e embora se tenha a existência da epistemologia no primeiro espaço, é no *secondspace* que ela recebe uma maior atenção.

Não contente com apenas as duas formas de se pensar o espaço geográfico, Soja (1999) propõe a existência de um terceiro espaço, este denominado pelo autor enquanto '*Thirdspace*'. Assim, explica-nos como uma via de compreender e agir para mudar a espacialidade da vida humana. Para o autor, o terceiro espaço é um modo distinto de percepção espacial, o terceiro espaço ou 'o espaço vivido', é simultaneamente um modo de olhar, interpretar, de dar condições às mudanças espaciais.

Entretanto, isso não quer dizer que ele seja melhor do que o *firstspace* ou o *secondspace*. Segundo o autor, o terceiro espaço passa a ser uma forma mais rica e abrangente sobre as imaginações da socialidade e historicidade, mas também do encontro de estratégias para promover ações políticas coletivas contra formas de opressão humana.

Essas concepções de Soja (1999), sobre os três espaços, percebido, concebido e vivido e ainda a dialética proposta pelo autor entre historicidade,

socialidade e espacialidade, acabam por auxiliar na compreensão do nosso fenômeno proposto, pois entendemos que todo esse conhecimento sobre as diferentes formas de entendimento sobre o espaço, só ocorrem, de fato, quando esses perpassam pelo corpo, onde há aquilo que é vivido, percebido e concebido, só nós mostra que o corpo é o nosso primeiro espaço. É através dele e do processo de envelhecimento, que há uma elaboração do pensamento e do entendimento de si, nossa posição e as nossas próprias relações, resgatando a tríade de historicidade, da socialidade e da espacialidade propostos por Soja (1999).

Sendo assim, a compreensão do espaço social não passa a ser apenas vista em termos de um território sobre o corpo, mas uma relação de tudo que o sujeito experiencia ao longo de sua vida. Pensando nisso, nas discussões de Campos, Silva e Silva (2020) ao analisarem pessoas que passaram por violência sexual, identificaram que o corpo passou a ser fundamental na compreensão da pesquisa geográfica, mas também para as próprias pessoas que passaram por essa violação.

Segundo os autores, ao invés de citar em suas narrativas espaços como a rua, a casa, etc. – pensando, por exemplo, aquilo que citamos anteriormente na relação corpo no espaço, as vítimas acabavam trazendo o corpo como um espaço em suas narrativas. Em outras palavras, não era o local, o espaço social, o principal espaço da violência, mas seus próprios corpos violentados, mostrando que dentro de uma historicidade, sociabilidade e espacialidade, seus corpos eram o seu espaço violado.

Aqui cabe salientar uma semelhança que encontramos com o nosso trabalho, mesmo sendo assunto e pessoas totalmente diferentes da nossa pesquisa. Quando os entrevistados dessa tese foram questionados sobre o processo de envelhecer, muitos atrelavam a temática a partir das mudanças do seu próprio corpo, reforçando mais uma vez a ideia do corpo como espaço, pois tanto o vivenciar, o perceber e o conceber sobre envelhecer eram, primeiro, a partir dos seus corpos e somente, em segundo plano, havia em suas narrativas mudanças de bares, casas, etc. Ou seja, os sujeitos reiteravam que o primeiro entendimento sobre envelhecer não está no espaço social vivido, percebido e concebido, mas através, dos seus próprios corpos.

Ainda assim, Campos, Silva e Silva (2020) argumentam a respeito das dificuldades de encontrar estudos do corpo na tradição geográfica brasileira. Para os autores, o que há no momento são iniciativas de uma exploração do pensar o corpo como espaço, pois como já argumentava Silva (2009), o corpo passa a ser

considerado em elemento geográfico quando essa passa pela ideia de uma desconstrução de um sujeito e suas características físicas e identitárias, à medida que essas diferenças corporais modificam as relações sujeito e o próprio espaço.

Recentemente, foi publicado um livro intitulado, “Corpos e Geografia: expressões de espaços encarnadas” (2023)¹⁹, organizado por Joseli Maria Silva, Marcio Jose Ornat e Alides Baptista Chimin Junior. Esse livro mostra uma necessidade de discussão dentro da Geografia como também nos provoca a pensar sobre posicionamentos políticos e epistemológicos sobre alguns paradigmas geográficos sobre espaço e corpo.

Segundo Silva, Ornat, Chimin Junior, Cesar, Pinto, Santos e Silva (2023) durante a trajetória do pensamento geográfico houve alguns equívocos ao analisar ou não o corpo. Segundo os autores havia, anteriormente, um entendimento de que o espaço geográfico era objeto sempre exterior ao sujeito, tendo a superfície da pele a fronteira com a exterioridade. Nessa perspectiva, pensaríamos apenas a relação do corpo e espaço, considerando o espaço algo exterior ao corpo, como fora pensado nas bases conceituais e teóricas da Geografia. Pouco se pensava e falava sobre a compreensão do corpo como espaço geográfico – como já havíamos dito.

Tais apontamentos também surgiram na pesquisa dos autores. Em suas buscas do entendimento nas bases históricas sobre o pensamento do corpo, os pesquisadores encontraram um dos primeiros textos publicados em periódicos brasileiros que trata na relação do corpo, não apenas como resultados de espaços sociais, mas pensando o corpo como componente essencial para a compreensão geográfica, o texto apontado pelos autores é de Eliane Sebeika Rapchan²⁰, em 1989.

Mesmo assim, reforçando aquilo que tínhamos visto anteriormente a maior parte dos trabalhos que foram desenvolvidos, cerca de 92%, foram produzidos a partir da segunda metade do século XXI (Silva, Ornat, Chimin Junior, Cesar, Pinto, Santos e Silva, 2023). Além disso, o texto dos autores aponta para uma produção com 0,45% da produção brasileira, o que nos mostra ainda uma baixa produção no cenário da Geografia brasileira na relação com o corpo.

¹⁹ <https://www.todapalavraeditora.com.br/store/corpos-geografia-expressoes-de-espacos-encarnados/>

²⁰ No texto a autora é identificada como “pós-graduanda em Geografia da Universidade de São Paulo (USP)” e agradece a saída de campo para o Vale do Pindaré-Mirim à Prof^a Dr^a Regina Sader. Entretanto, ao analisar o currículo lattes da autora, ela acabou por fazer Mestrado em Antropologia Social na mesma universidade.

Um dado interessante levantado pelos autores são as abordagens das temáticas realizadas nos artigos que se propuseram a discutir corpo no campo da Geografia. Destes, 'Teorias', 'Mulheres' e 'Gênero', 'LGBTQIAP+' e 'Arte' foram os temas com maior frequência nos textos publicados. O interessante é que os autores mostram que a geografia brasileira ainda interpreta o espaço como descorporificado. Somente nos anos 2000, com publicações como de Lima (2007), Silva (2008) e Sousa (2009), o corpo ganha mais peso nas discussões espaciais, ainda que seja um assunto recente na Geografia comparada à sua História enquanto ciência.

Outro elemento levantado pelos pesquisadores e que chamou nossa atenção foi a tradição epistemológica na Geografia e na Geografia que pensou o corpo como um elemento espacial. No primeiro, há um destaque para o Milton Santos, mostrando como o autor ainda é amplamente utilizado nas bases teóricas brasileiras. Já nos artigos que evidenciam o corpo como um elemento espacial em suas discussões, havia, além do Milton Santos, autores como Michel Foucault, Joseli Maria da Silva e Y Fu Tuan que, em grande parte de suas obras, pensaram nos aspectos das experiências dos sujeitos não como algo fixo, orgânico e materializado de seus corpos no e do espaço, mas como um elemento central na compreensão de biopolíticas, relações sociais e de poder a partir de seus corpos.

Para Butler (2018), o corpo pode ser compreendido como um elemento espacial que é incorporado por normas que dificultam algumas transformações sociais, sobretudo, em relação a gênero e ao sexo. Mesmo assim, o corpo não pode ser entendido como mero receptáculo de ações sociais que os moldam, o corpo é além disso, é um espaço fluído que se reinventa constantemente, resistindo, sobrevivendo e se transformando através do movimento da vivência espacial.

Em nosso caso, o processo de envelhecimento de homens cis gay, ainda é um tema pouco explorado nas discussões sobre corpo na Geografia como pudemos observar em nossos levantamentos, mas a pesquisa aqui evidencia que o corpo é o principal elemento na compreensão do envelhecimento como também da vida dos homens cis gays.

Pudemos perceber através dos sujeitos aqui analisados que, ao vivenciar espacialidades exteriores ao corpo, utilizam seus corpos para construir diferentes espaços de acordo com suas vivências e relações que a constituem. Seus corpos são espaços próprios, à medida que envelhecem o entendimento de si está em seus corpos em suas mudanças físicas/biológicas, mas também sociais e subjetivas de

suas vidas, configurando seus corpos como espaços únicos de vivência. Portanto, o corpo como espaço é resultado de relações e das vivências espaciais, que está em constante transformação através do processo de envelhecimento, do nascimento à morte do sujeito.

Ao trazermos suas experiências por meio do processo de envelhecer, resgatamos as concepções como as do corpo lefbvrianas, que foram deixadas de lado. Assim, podemos criar um novo imaginário geográfico, onde o corpo não seja apenas um resultado da vivência espacial ou uma mera ferramenta de construção de espaços cartografados, mas que seja como o espaço onde tudo que é percebido, concebido e vivido, em uma matriz de historicidade, sociabilidade e espacialidade. Da mesma maneira, entende-se que o corpo não seja o fim das percepções geográficas, mas o ponto de partida para tudo que é pensado e compreendido pela Geografia.

Assim, as contribuições geográficas de diversos autores e correntes do pensamento geográfico nos levaram a pensar a importância do corpo para a própria compreensão do próprio espaço geográfico, mas também do processo de envelhecer. Nossa Geografia nem sempre foi corporificada, mesmo o corpo sempre estando presente em suas produções por nós e pelas relações que construímos ao longo do tempo. Nossas percepções, nossa escrita e nosso desenvolvimento enquanto Ciência só ocorreram porque existiu um corpo vivo, produzindo, refletindo e entendendo o espaço, o eu e o espaço e agora o espaço em mim. Pensar o processo de envelhecimento nas vivências espaciais de homens gays cis é compreender parte de uma sociedade que foi invisibilizada no seu direito de existir, principalmente, nas problematizações da Geografia brasileira.

Assim, o corpo que fora pensado até aqui, em nossas concepções, é o espaço primário, onde o medo acontece, o sentir acontece, o si ver novo e si ver velho se transformam, o lutar e o resistir surgem e tantas outras possibilidades que podemos desenvolver em nosso imaginário geográfico.

Portanto, entender as percepções iniciais do processo de envelhecer traz necessidade de articular discursos na ordem psicológica, histórica e espacial visto que o termo que designa algo a vir "primeiro", os processos de ordem cronológica se entrelaçam diante das perspectivas individuais e coletivas que permeiam tais aspectos da identidade de si.

Assim, em primeiro lugar, faz-se necessário pensar a autoidentificação do envelhecer enquanto processo de ordem histórica e espacial. De modo geral, as

sociedades ocidentais da antiguidade analisaram o envelhecer de forma plural. Para os hebreus, o patriarcalismo não se estruturava apenas como uma forma de dominação interna, mas permeava a liderança da comunidade. O respeito ao líder mais velho e aos anciãos percorre o regime do patriarcado até o Êxodo e se estende até o final do juízo (Moraes, 2011).

No período bíblico, o envelhecer está diretamente associado com a construção de experiências. Outras sociedades trazem ideais semelhantes aos dos hebreus, como é o caso da sociedade egípcia, suméria e mesopotâmica, sobretudo no primeiro e segundo impérios babilônicos. Os homens mais velhos, que não eram escravizados ou estrangeiros, participavam diretamente das decisões políticas e religiosas, seja na tomada de decisão ou mesmo na participação política ativa (Moraes, 2011).

Assim, o processo de envelhecer está associado com a construção de experiências e a valorização dos saberes carregados ao longo do tempo. Porém, algumas sociedades compreendem o envelhecimento mediante circunstâncias relacionadas com a saúde física e mental do idoso. Em Esparta, por exemplo, os militares que alcançassem os 60 anos de idade e tivessem lutado pela pólis como suas profissões, poderiam participar da Gerusa, assembleia responsável por decisões políticas, econômicas e militares (Paula, 2016).

Em Atenas, a participação democrática era restrita a cidadãos homens, com pai e mãe atenienses, não escravizados e com mais de 40 anos. Assim, em ambas as localidades, o envelhecer está diretamente ligado a processos de desenvolvimento da experiência, com melhores contribuições para a sociedade em questão (Paula, 2016).

Mas é relevante considerar que entre algumas comunidades indígenas brasileiras, como os Tupinambás, os idosos que estivessem doentes ou "inválidos" para o trabalho, eram abandonados. No entanto, figuras religiosas como o Xamã e o Pajé poderiam ser pessoas idosas. Diante dessas considerações, ainda se destaca a chegada, permanência e expansão do cristianismo na sociedade europeia ocidental (Marques et al, 2007).

Ainda que sua base ideológica de crença esteja também no Antigo Testamento, a ênfase no trabalho, nas obrigações e na proteção territorial, o feudalismo traz dificuldades para as populações idosas. Segundo Macedo (2017), muitos vassalos que chegavam a idades superiores aos 50 anos poderiam ser

amparados em instituições religiosas que ofertavam alimento e proteção, mas também exigiam trabalho.

Em alguns momentos do medievo europeu, como crises climáticas, a Grande Fome (1345-1347) e a Peste Negra (1431-1437), a faixa etária considerada como velhice foi reduzida significativamente, dado ao quantitativo de mortalidade decorrido. Vale lembrar que a utilidade do sujeito idoso no medievo europeu está associada com sua contribuição para aquela comunidade e que a geração de filhos está diretamente vinculada com os cuidados e a retribuição da tutela na velhice (Macedo, 2017).

A Idade Moderna traz diferenças nas visões a respeito do envelhecer, principalmente com o surgimento do capitalismo. Em sociedades com maior potencial de urbanização e circulação mais efetiva de mercadorias, muitos desses sujeitos podem se tornar mestres nas corporações de ofício, ensinando a profissão para aprendizes e possibilitando extensão da vida laboral. Da mesma forma, o envelhecer na Idade Moderna está associado com o cristianismo e a construção de um legado (Macedo, 2017).

Aliás, o processo de envelhecer no Brasil Colonial também é perpassado por essa mesma dimensão do catolicismo expresso no medievo e na modernidade europeia. Ainda que as reformas protestantes estivessem ocorrendo na Europa, não há impactos significativos na mudança de mentalidade a respeito do envelhecer, no Brasil (que tinha o catolicismo por religião oficial) ou em outras localidades europeias (Chaguri Junior et al, 2020).

O discurso que pairava ainda era relacionado às experiências adquiridas e proximidade com o religioso. Da mesma maneira, aos idosos também cabia os aconselhamentos, pedidos de bençãos (sobretudo, a partir do início do século XIX), assim como orientações sobre a vida, o campo, as sensibilidades, dentre outros fatores. Segundo Chaguri Junior et al (2020), a situação do idoso se tornava mais complexa a partir do momento em que contraía alguma doença.

A Hanseníase estava entre os objetos de preocupação da Guarda Sanitária Portuguesa, que era isolado em hospitais-colônia como leproso. Diante disso, muitos desses sujeitos envelheceram nesses locais, com metamorfose da própria identidade, vendo a si mesmos como portadores da doença. Esse é apenas um dos possíveis exemplos para se analisar o tratamento que era dado aos idosos, sobretudo aos que tinham alguma doença, no Brasil Colonial (Souza, 2018).

Em 1794, no Rio de Janeiro, é fundada a Casa dos Inválidos, considerada como a primeira instituição de longa permanência no Brasil. No entanto, a instituição atendia apenas militares em idade avançada, o que destaca um processo de abandono e exclusão em Direitos e práticas. Ademais, é essencial considerar que somente em 1890 é fundada a primeira instituição de longa permanência para civis, intitulado Abrigo São Luís para Velhice Desamparada (Souza, 2018).

A instituição ainda possui funcionamento nos dias atuais. Por conta da extensão temporal, é válido destacar que o primeiro reinado, o período regencial e o segundo reinado trouxeram poucas mudanças na associação com as invisibilidades e exclusão social dessa população. Tais aspectos impactam em forma direta o processo de autoidentificação em forma construtiva e com protagonismo evidenciado, de modo a arraigado conceito baseado em processos religiosos e no utilitarismo (Souza, 2018).

Além disso, o Abrigo São Luís para Velhice Desamparada é fundado já no contexto imediatamente posterior à Proclamação da República, mas sem intervenção governamental, ou seja, com interesse desdobrado a partir de iniciativa privada. Assim, destaca-se que a população idosa, em grande parte da História do Brasil, permaneceu na marginalidade assistencial e legislativa. Vale destacar que tais percursos históricos são importantes para compreender como o envelhecer pode ser pensado e modificado ao longo do tempo, dos espaços vividos e dos contextos históricos diversos (Groissman, 1999).

Para Schenker e Costa (2019), desde a virada para o século XX, a transição demográfica verificada se edifica em aumento significativo da população idosa em países de Primeiro Mundo, com projeções de maiores quantitativos de crescimento em períodos posteriores. No entanto, as principais políticas de atenção ao idoso são efetivadas apenas a partir de 1990, com a Lei n. 8080 e a Lei 8142, assim como na PNI (Política Nacional do Idoso - Lei n. 8.842/1994²¹), no Plano de ação conjunta (1997) e no Estatuto do Idoso (Lei n. 10741/2003).

Assim, é fundamental compreender que tais políticas públicas permitem maior facilitação no processo de autoidentificação, principalmente porque incidem sobre uma visão normatizada, humanizada e voltada para o atendimento a essas pessoas, em suas particularidades, necessidades e vulnerabilidades. A autoidentificação histórica se efetiva a partir de mudanças de mentalidade que são pautadas por

²¹ A referida lei dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.

processos historiográficos, principalmente porque o idoso enquanto perfil de sujeito de Direitos, passa de uma visão marginalizada e excluída para outra, mais pautada na efetivação de seus Direitos perante a sociedade (Schenker; Costa, 2019).

No entanto, o processo de identificação de si também incide diretamente sobre outros elementos, muitos dos quais se colocam como processos de ordem social, ainda que arraigados com o viés histórico e espacial. O primeiro ponto está na compreensão do processo de envelhecimento em sua heterogeneidade, ou seja, a autoidentificação não será efetuada da mesma maneira ou com padronização de processos na visão dos indivíduos. Mas também há a negação ou omissão do envelhecer (Souza, 2018).

Eu ainda não me considero uma pessoa velha, mas eu não tenho dúvida que eu estou a caminho do envelhecimento. (Entrevista 4, realizada em Ponta Grossa, em 07/03/2022).

Eu vou dizer uma coisa, eu não me considero uma pessoa idosa, eu brigo com o meu corpo, brigo com a minha cabeça, que eu prefiro que a minha cabeça me determine, que ela me conduza, do que eu sofra um trauma né, me condicione num estágio de que eu estou indo para o...quando eu não tenho mais nada, onde não vai acontecer mais nada, onde é o fim, eu brigo diariamente com qualquer possibilidade de pensar sobre encaminhar as coisas dessa forma, entendeu? É um conflito, eu tenho aqui um conflito mental, mas não chega a ser um conflito, eu acho que é uma preparação mental, a palavra não é uma preparação mental para uma situação em que irá ocorrer então para mim. (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

De formas distintas, ambas as citações mencionam a negação do envelhecer, seja na percepção individual por não se considerar uma pessoa velha, mas a caminho do envelhecimento, ou mesmo pela determinação de que a mente trará a decisão do envelhecer, e de que o encaminhamento para o processo de velhice se traduz mediante a um processo mental. Ainda que ambas tragam essa negação, é fundamental mencionar que o envelhecer se coloca como processo, um caminho. Da mesma maneira, esse caminho se coloca a partir de rupturas e permanências, se percursos evolutivos e retrocessos (Souza, 2018).

Da mesma maneira, há interações múltiplas do sujeito idoso com a sociedade na qual interage, seja com valores da atualidade ou com processos de memória remetidos a temporalidades anteriores. Além disso, as mudanças históricas decorridas no tempo, principalmente a partir da década de 1990 e a intensificação dos cuidados legislativos na garantia de Direitos à população idosa, pautam-se em uma

nova forma de se olhar a identidade do idoso, enquanto sujeito que se compreende enquanto tal e que busca estabelecer seus Direitos em forma inclusiva (Souza, 2018).

No entanto, é fundamental considerar também as políticas nacionais focadas na saúde do idoso, o que se coloca como elemento de autoidentificação. Nos estudos de Farias e Santos (2012), destaca-se que os idosos entrevistados se autoidentificam como frágeis e mais suscetíveis a problemas de saúde, quedas e outras intercorrências. Mesmo assim, evitam a utilização do termo “frágil” para designação e defendem a autonomia da vontade e da ação perante as atividades colocadas no cotidiano.

Em uma das falas, essas políticas são enfatizadas:

Para nós, realmente o que que é uma pessoa idosa, é...o que é uma pessoa velha ou pessoa idosa, tá? já nos programas sociais nas políticas sociais principalmente aquelas orientadas né por pelo estatuto nacional do idoso e pela adequação dos estatutos estaduais e municipais tá, essa pessoa vai aparecer com esse conceito a partir dos 75 anos e a depois daí 85 já é a chamada maturidade... então são conceitos novos que estão surgindo e que a gente precisa todo instante é visitar esses conceitos procurar conhecer esses conceitos então uma pessoa da minha idade não é uma pessoa idosa dentro de novos conceitos, de novas políticas principalmente políticas sociais políticas sociais não quer dizer que elas nasceram nos governos não necessariamente elas podem ter vindo da própria sociedade, sociedade organizada. Que sociedade? a sociedade técnica, assistentes sociais da área médica paramédica né essas áreas de apoio, e os assistentes sociais que são as pessoas que trabalham com essa questão. (Entrevista 7, realizada em Ponta Grossa, em 07/04/2022).

De início, ocorre indagação a respeito do que seria uma pessoa idosa e, em sequência, são frisados os aspectos sociais de políticas e programas orientados pelos estatutos. Os conceitos relacionados às faixas etárias delimitadas são vistos como novos, assim como em frisar a negação da velhice a partir desses conceitos, pois colocam a velhice a partir dos 75 e 85 anos. Na verdade, os estatutos consideram o idoso a partir dos 60 anos, mas a extensão dada pelo sujeito é de demonstrar que não está no período de velhice. Da mesma maneira, está em questionar a sociedade técnica, o assistencialismo social e quem define tais parâmetros para considerar o idoso.

Outro ponto importante de ser analisado refere-se aos cuidados efetuados no campo da saúde permitem que a fragilidade seja vista como algo possível, mas que os cuidados prestados em torno de si mesmos possam minimizar esse elemento frágil, possibilitando maior qualidade de vida. Nesse sentido, é importante considerar que a

autoidentificação está envolta por inúmeros fatores, dos quais também é importante mencionar o saber psicológico (Farias; Santos, 2012).

Diante disso, o processo de autoidentificação do envelhecer traz consigo cargas de memórias e fragmentos do passado e do presente que permitem o estabelecimento de rupturas e permanências na relação do eu com o outro e com o mundo, principalmente, através das vivências espaciais. Além disso, Batistoni e Neri (2007) consideram que a compreensão do processo de autoidentificação com o envelhecer está associada com maior proximidade do diálogo interdisciplinar entre diferentes ciências, sobretudo no campo acadêmico.

Utilizarmos o termo ‘processo de envelhecimento’ por ir ao encontro do que entendemos sobre o envelhecer, afinal a partir do nosso nascimento, começamos a envelhecer (Teixeira; Guariento, 2010)²². Portanto, envelhecer não é somente uma fase, uma etapa ou a mera degradação de carbono que constitui os nossos corpos, mas um processo da vida no seu contínuo, pois como já afirmava Messy (1999) envelhecemos conforme vivemos. Como visto em Teixeira e Guariento (2010):

(...) os termos envelhecimento e senescência são usados como sinônimos porque ambos se referem às alterações progressivas que ocorrem nas células, nos tecidos e nos órgãos. O envelhecimento biológico é um processo que se inicia no nascimento e continua até que ocorra a morte. O termo senescência descreve um período de mudanças relacionadas à passagem do tempo que causam efeitos deletérios no organismo. A senescência representa um fenótipo complexo da biologia que se manifesta em todos os tecidos e órgãos. Esse processo afeta a fisiologia do organismo e exerce um impacto na capacidade funcional do indivíduo ao torná-lo mais suscetível às doenças crônicas (Teixeira; Guariento, 2010, p. 2846).

Então, o tempo é capaz de transformar os espaços sociais, mas também transforma o corpo. Essas mudanças são lidas no campo das subjetividades humanas, tornando-o assim, um espaço de análise e de compreensão social. Para uma compreensão sobre o processo de envelhecimento, acreditamos ser válido distinguir terminologias que são comumente utilizados para designar corpos não joviais. Não podemos confundir como sinônimos velho, idoso e terceira idade, pois ambos possuem significados diferentes por mais que tenham relação entre si. O termo ‘idoso’ surge no início de 1960 na França e tem como principal objetivo definir indivíduos acima de 60 anos de idade, diferente de ‘pessoa idosa’. Enquanto uma

22

<https://www.scielo.br/j/csc/a/9sQRcQ64fpC8rC3n3ZFJb6q/#:~:text=O%20envelhecimento%20biol%C3%B3gico%20%C3%A9%20um,causam%20efeitos%20delet%C3%A9rios%20no%20organismo.>

pessoa idosa é um sujeito resultante ou fruto do processo do envelhecimento, o idoso designa a um estado cronológico medido pela idade. Já o termo 'velho' vem da palavra velhice que é apontada como o último ciclo da vida.

Independente das condições de saúde e dos hábitos que tenhamos, a velhice estaria no sujeito enquanto uma condição individual e subjetiva. Portanto, a velhice passa a ser uma construção social no qual cada cultura, tempo histórico e espaços (social ou corporificado) podem defini-la, como também a questionar. Por fim, a 'terceira idade' é um termo que fora pensando de uma intersecção entre a aposentadoria e o envelhecimento em si e suas demandas biológicas no cuidado com a saúde. Esse termo também foi criado na França em 1962 com o surgimento de políticas sociais (Peixoto, 1999).

Para Birman (1995) a palavra 'velho' e o seu significado estão relacionados a uma interpretação do outro, esse em sua maioria, visto como aquele associado a pobreza, a incapacidade e a dependência. Já a palavra 'terceira idade' remete-se a uma ideia na qual seria aquela dos 'jovens velhos', ou seja, são aqueles que estão literalmente inseridos na sociedade, seja através da economia ou quaisquer atividades sociais que eles desempenhem. Por fim, a palavra 'idoso' é evidenciada pelo autor como uma categoria social na qual o indivíduo se encontra.

Beauvoir (1990[1970]) aponta que tanto na Etnologia quanto na Biologia, a velhice pode trazer diversas contribuições, como o entendimento sobre a memória e a experiência, estas que em sua execução pode contribuir na construção da própria sociedade e tudo aquilo que ela implica. Para a autora, a sociedade, sobretudo, a adulta, se apropria dos seus velhos e de seus conhecimentos para o próprio avanço e que o papel que essas pessoas desempenham na sociedade reflete muito daquilo o que próprio Estado lhes confere.

Assim, teríamos o envelhecimento como um processo o qual todos nós passamos desde o nascimento o qual ocorre através de nossos corpos, a velhice como uma etapa da vida, o idoso sendo aquele sujeito marcado pela idade e a pessoa idosa como um resultado de representação social e de papéis que passam a ser atribuídos sobre o próprio sujeito. É importante ressaltarmos que todos esses significados estão atrelados a um contexto social, cultural, temporal e claro, espacial, bem como seus preconceitos, estereótipos e até julgamentos que podem ocasionar situações desconfortáveis e até de negações dos sujeitos que se encontram nessa etapa da vida.

Pensando sobre isso, nossa discussão envolve-se também com as questões de memórias e representações das pessoas, além dos aspectos culturais e identitárias que são construídos por uma determinada sociedade, sobretudo, a ocidental brasileira. Nessa última, há uma exaltação ao jovem e uma deterioração do velho quase que em uma dualidade entre aquilo que é bom e saudável e aquilo que é ruim e sinônimo de doença, como mostra o trabalho de Oliveira (2009). Contudo, Birman (1995) argumenta que o ser idoso ou o jovem, ambo, não são questões simples de definir. Afinal, as concepções entre juventude e velhice se alteram de acordo com o percurso existencial do sujeito e também da própria sociedade, modificando-se substancialmente.

Sendo que essas mudanças são sentidas de geração para a geração, Neto (2002) argumenta que o processo de envelhecimento já era uma preocupação desde o início da civilização, onde as ideias sobre a velhice estão relacionadas tanto na própria História quanto no próprio desenvolvimento da humanidade, onde a incapacidade funcional foi e é associada a esse processo.

Para o autor, o Século XX marcou, definitivamente, as pesquisas sobre o envelhecimento por dois grandes motivos. O primeiro, associado ao grande crescimento da população e o segundo, por causa do aumento da população idosa em todo o mundo. Tais fatos pressionavam e até exigiam dados e estudos sobre essa temática, fazendo com que surgisse em 1903 o Campo da Gerontologia²³ através dos trabalhos de Elie Metchnikoff. Cientista renomado, Metchnikoff criou e pensou tal ramificação de uma área específica do conhecimento, relacionado a velhice e ao envelhecimento, pois essas temáticas estavam em ascensão e havia a necessidade de problematizá-las.

Mesmo com baixa aceitação inicial pela comunidade científica, 6 anos depois, em 1909, Ignatz Leo Nascher criaria uma especialidade nos campos de conhecimento da Medicina, a Geriatria ou o estudo clínico da velhice (Gorzoni, 2017). Esses estudos permitiram uma abertura ao campo sobre o processo de envelhecimento que, inicialmente, foram vistos pelo olhar biofisiológico, ou seja, na visão biológica sobre a saúde do corpo humano.

Neto (2002) aponta que nesses trabalhos foram encontradas algumas características em comum nessa etapa da vida, como os processos patológicos e

²³ A palavra Gerontologia vem das expressões *Gero* (velhice) e *Logia* (estudo).

também o envelhecimento comum e o envelhecimento bem-sucedido. Somente em 1930, o autor argumenta que começaram a surgir uma grande quantidade de trabalhos em todas as áreas do conhecimento que hoje compõem a Ciência do Envelhecimento.

Além das Ciências da Saúde, as Ciências Humanas também buscaram outras compreensões sobre o envelhecimento, como os significados que foram elaborados sobre o envelhecer, a idade idosa e o processo de autoidentificação. Por isso, a idade aqui apresentada não é somente um elemento identitário que compõe as identidades dos nossos entrevistados, mas uma categoria de análise e uma marcação sobre o envelhecimento, tanto para nossa compreensão de nós, enquanto sujeitos e sociedade, como também de nossas vivências espaciais que vão ocorrendo nas diferentes etapas da vida.

No livro “A Velhice” de Simone de Beauvoir (1990 [1970])²⁴ ressalta as dificuldades de encarar a própria velhice, ao mesmo tempo em que mostra nossas limitações e as angústias na passagem do tempo de nossas próprias vidas. Já na introdução, a autora remete à ideia de vários pontos de vista sobre a velhice e, em um determinado momento, argumenta que os velhos que não constituem qualquer força econômica, não teriam meios para fazer valer seus direitos. Para Beauvoir (1990 [1970]), há interesses dos exploradores na quebra da solidariedade entre os próprios trabalhadores, quando passam a considerar as pessoas velhas como improdutivas.

Com uma forte crítica social sobre o próprio sistema capitalista e como ele trata seres humanos que estão velhos, podemos perceber que o seu entendimento sobre a velhice permeou, novamente, aquilo que entendemos como espaço primário, seu corpo, pois quando a autora observa as mudanças no seu próprio corpo ela começa pensar sobre ele e como as relações sociais no espaço social e cartografado estavam sendo organizados.

Na elaboração do livro a autora remete-se as suas memórias e memórias histórica para compreender como o processo de envelhecimento fora visto por diferentes civilizações. Além de questões históricas, Beauvoir (1990 [1970]) discute sobre uma velhice pobre, pouca pensada e desenvolvida na época como também das questões de gênero sobre as mulheres velhas foram inferiorizadas.

²⁴ A primeira versão do livro foi publicada em 1970 com o título original ‘*La Vieillesse*’ – Editions Gallimard.

Algumas dessas vivências de Beauvoir (1990 [1970]) ficaram atreladas em suas memórias, pois já não acontecem mais. Essas vivências memoriais são marcadas pela individualidade ou por memórias coletivas que traçaram as nosso caminho histórico no processo de envelhecer. Para Pollak (1992), a memória passa a ser um instrumento de análise quanto utilizamos a história oral como metodologia de pesquisa. Para o autor, compreendemos, muitas das vezes, a memória restrita ao indivíduo. Contudo, essa compreensão vai muito além, pois a memória também é social e coletiva.

Enquanto as memórias sociais são pontos marcantes no desenvolvimento da própria humanidade, as memórias coletivas, por sua vez, podem ser entendidas como o desenvolvimento da humanidade ou também do agrupamento específicos como de homens cis *gays* velhos pertencentes a comunidade LGBTQIA+ no Brasil e no mundo, esses podem configurar suas próprias memórias coletivas quando consideramos períodos marcantes como a ditadura militar, a proliferação da AIDS e os momentos mais atuais, com certas liberdades conquistadas, mas que ainda possuem uma grande caminhada para ser considera como ideal – contudo - essas discussões faremos com maior aprofundamento na última seção desse capítulo.

Queremos apenas mostrar que a própria comunidade e os próprios homens cis *gays* velhos, além de compreender o processo de envelhecimento através dos seus corpos como espaço, ainda passam a ser a materialização de memórias vivas de grupos que foram caçados, julgados e exilados de uma sociedade baseada nos pilares da branquitude, da heterossexualidade, do homem e daquele de classe média.

Por conta disso, muitos homens cis *gays* acabam construindo espaços distintos, espaços de resistência, espaços negociados e o próprio armário. A metáfora do ‘armário’ é algo constante na vida de homens cis *gays* e na velhice isso também acontece, esse movimento parece para alguns como um retrocesso, um medo, ‘voltar para o casulo’ e até pode ser. Contudo a metáfora do armário vai muito além disso, pois os homens cis *gays* mais velhos utilizam-se dos seus próprios corpos para tentar driblar situações e violências que possam estar sofrendo, principalmente na velhice, onde seus espaços de luta, seus corpos, estão mais vulneráveis.

Assim, é interessante trazer visibilidade para esses sujeitos, seja no campo acadêmico ou na vida cotidiana, de modo a compreender os motivos do silenciamento, as formas pelas quais o conhecimento é interiorizado e quais são as instituições com maior peso emocional e mental na opção pela continuidade no armário, questões

essas que veremos no capítulo quatro dessa tese. Da mesma maneira, para o pesquisador, a abertura da porta do armário traz consigo, também, a libertação do eu para o confronto com essa identidade conservadora colocada sobre os sujeitos (Alves, 2017).

O armário é opressão, mas também pode ser resistência. Assim, torna-se essencial que o saber geográfico seja verificado diante desse tema para que haja um arrancar da homossexualidade da área da Psicologia para estabelecer tal temática mediante outros aspectos, como a cultura, a política e as identidades- e aqui ainda ressaltamos – os aspectos espaciais. Assim, entender a presença do armário enquanto processo de opressão e resistência é agir a partir de um certo "daltonismo" cultural, verificando como a família e a escola corroboram para a continuidade dessa expressão (Andrade et al, 2023).

Em outras palavras, o protagonismo do sujeito é deixado de lado para evidenciar a exclusão e o risco de oposição aberta, em algumas espacialidades, consolidado enquanto prática, regulando seus espaços, dentre eles seus próprios corpos. As espacialidades relacionadas ao espaço do armário ainda se estendem por gerações e são enfatizadas em espaços mais conservadores, como em igrejas e nas religiões cristãs ou espaços mais tradicionais como foi apontado por nossos sujeitos como a cidade, unidades de saúde e os 'bailes' para a terceira idade.

A opressão sofrida pelas relações hegemônicas traz à tona novamente na vida desses sujeitos, mesmo aqueles que já assumiram as suas sexualidades, a ocasião do armário é, portanto, é um processo construído historicamente e verificada geograficamente nas diferentes espacialidades e gerações, começando, geralmente, na infância e adolescência e retornando na velhice em alguns casos. Da mesma maneira, é essencial considerar que o armário também consiste em uma forma de representação da vivência a partir do que poderia ser, mas que não é por ocasião de situações e contextos mobilizados externamente (Andrade et al, 2023).

Na visão de um dos sujeitos entrevistados, a cidade como um elemento constituinte da vivência espacial desse sujeito também é um espaço social limitante a suas práticas sexuais seja na escala corpórea ou na própria cidade.

A cidade é uma cidade mediana, não é uma São Paulo da vida, obviamente vamos ter menos pessoas, menos bares, menos baladas, onde todo mundo conhece todo mundo e muitas pessoas que estão no armário acabam indo para outras cidades ou se encontrando em lugares mais reservados evitando

uma maior exposição. (Entrevista 9, realizada em Ponta Grossa, em 17/04/2022).

Dessa maneira, a ideia do armário é verificada pelo entrevistado a partir da cidade enquanto espaço de esclarecimento ou ocultação da sexualidade. Assim, há o interesse de pessoas que estão no armário em deslocarem-se para outras cidades, de modo que não haja exposição. Dessa forma, a saída do armário de *gays* na velhice é feita de forma parcial, para tentar se enquadrar, uma vez que acabam, em sua maioria em um processo de isolamento na velhice, o que faz com que muitos escondam sua sexualidade para tentar se enquadrar em grupos mais velhos heteronormativos.

Mas essas visões pré-concebidas são verificadas em forma hegemônica na sociedade e acabam perpassando a mentalidade desses sujeitos, de modo que muitos passam a considerar a ideia de permanecer no armário como parte consolidada de suas trajetórias, não verificando formas de mudança em relação ao que realmente verificam em suas sexualidades. Mas ainda há julgamentos verificados internamente, dentro das próprias comunidades, o que também traz temor e evidencia julgamentos a respeito da comunidade (Santos; Pereira, 2018).

O trabalho de Sedgwick (2007) também é essencial para essa discussão ao estabelecer uma epistemologia do armário e enfatizar espaços e processos de exclusão a partir de traços históricos e geográficos.

Nessa linha, o sagrado e o profano, o público e o privado, o mundo individual e a coletividade se colocam em oposição, de modo que os segredos estabelecidos em dimensão privada não são externados por diferentes motivos, que envolvem a opção ou a opressão. Nesse viés, o segredo aberto nem sempre é capaz de produzir binarismo, mas se edifica em uma mudança de realidade subjetiva na esfera dos sujeitos e da sociedade que os destaca (Sedgwick, 2007).

Em relação aos *gays*, Santos e Pereira (2018) destacam que mesmo os assumidos possuem algum tipo de esconderijo da identidade para pessoas ou instituições, o que se coloca também mediante dimensão privativa. Como a própria sexualidade em si pode ser analisada de maneira privada, particular, sobretudo em sociedades cristãs europeias ou com matriz de influência ocidental, o mesmo pode ser aplicado a outros modelos de sexualidade, já que possuem amplitude cultural (Sedgwick, 2007).

Para Silva Junior (2018), muitos sujeitos buscam espaços de atendimento psicológico para entender a consciência, a mentalidade e a própria identidade, verificando se o que sentem é normal ou se possuem algum transtorno. A indicação do tratamento mediante processo de normalidade nem sempre é aceita com o ato de assumir a si mesmo perante a sociedade, de modo que consideram os problemas de aceitação familiar, as questões de trabalho, o relacionamento com os amigos (sobretudo, entre adolescentes), dentre outros espaços.

Além disso, mesmo uma pessoa assumidamente *gay* pode ter de lidar com diferentes sujeitos que não sabem de sua sexualidade, o que implica em um exercício de percepções internas ou de esconder a própria identidade. Assim, mesmo que o armário não seja a única barreira opressora impactante na vida social, ele pode ser considerado como uma das principais balizas nesse processo. Dessa maneira, Nunes, Costa e Silva (2023, p.354) complementam:

O armário, enquanto espaço, é constantemente atravessado pelo regime de visibilidade/invisibilidade. Estar nesse espaço é condicionado aos homossexuais que não desejam que outras pessoas saibam de suas práticas afetivo-sexuais. Por outro lado, estar fora do armário é sinônimo de ser “assumido”, de lidar com a sua orientação sexual de forma mais aberta, sem precisar se esconder dentro desse espaço, que é o armário.

Em termos históricos, o armário é a tônica da opressão *gay* sofrida durante todo o século XX. Da mesma maneira, a saída do armário representa falsa sensação de grupo e união de forças diante de opositores em comum, o que não pode ser verificado enquanto verdade absoluta, já que essas comunidades não são plenamente unidas em suas estruturas e conjuntos de ideias (Santos; Pereira, 2018).

Diante disso, essa relação pública e privada da saída do armário ou permanência na espacialidade se coloca em situação de contradição em relação à prática, pois o assumir-se *gay* não traz sentimento de coletividade, tampouco expressa aceitação da própria comunidade, assim como o permanecer no armário não traz benefícios para o eu. Tal ação coloca esses sujeitos em uma situação complexa, na qual qualquer um dos caminhos enfrentados pode trazer sentimentos negativos e exclusão social (Santos; Pereira, 2018).

Dessa maneira, o binômio conhecimento e ignorância se faz presente no entendimento desses conflitos entre o sair do armário e o permanecer. Isso porque o conhecimento filosófico e histórico da própria identidade sexual pode produzir

relações de representação mais efetivas, com maior respeitabilidade e aceitação. Novamente, a ignorância pode ser balizadora e reforçadora da exclusão (Santos; Pereira, 2018).

Mesmo assim, o conhecimento estruturado a partir do século XIX, mesmo amparado em bases iluministas, acaba por trabalhar o conhecimento na associação com a recusa da sexualidade entre homens ou entre mulheres, mas efetiva-se na aceitação só relacionamento heterossexual e no viés da reprodução. Ainda que Diderot, pensador francês iluminista, tenha enfatizado que o conhecimento em si e o conhecimento sexual implicam em um desejo sexual pelo mesmo sexo, tais pressupostos filosóficos ainda estiveram amparados por valores cristãos, que estão diretamente relacionados com a manutenção da ordem heteronormativa e, portanto, de permanência no armário (Sedgwick, 2007).

Da mesma maneira, o armário pode ter indicativo de outras formas de preconceito, associadas a outros fatores:

Ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões. O racismo, por exemplo, baseia-se num estigma que é visível, salvo em alguns casos excepcionais (casos que não são irrelevantes, mas que delineiam as margens, sem colorir o centro da experiência racial). O mesmo vale para as opressões fundadas em gênero, idade, tamanho, deficiência física. Opressões étnicas/ culturais/religiosas, como o anti-semitismo, são mais parecidas, pois o indivíduo estigmatizado tem pelo menos alguma liberdade de ação – embora, o que é importante, não se possa garantir quanta – sobre o conhecimento das outras pessoas acerca de sua participação no grupo: poder-se-ia “sair do armário” como judeu ou cigano, numa sociedade urbana heterogênea, de maneira mais inteligível do que se poderia “sair” como, digamos, mulher, negro, velho, usuário de cadeira de rodas ou gordo (Sedgwick, 2017, p.23).

A partir do trecho, reitera-se que a saída do armário está no não reconhecimento de si e das particularidades que envolvem o ser, em nome de uma adequação social padronizada e opressora. Nesse contexto, o sair envolve o exercício de um protagonismo, assim como o reconhecimento do eu perante o mundo, nas necessidades de atenção e aceitação. O armário se torna opressor em espacialidades diversas que envolvem etnia, nacionalidade, gênero e idade, assim como outros inúmeros aspectos. Nesse ponto, o entendimento da saída do armário expressa de maneira inteligível em perceber quem é, qual seu lugar social e possibilidades de vivência na sociedade

A promoção de uma pesquisa onde busca a compreensão do corpo como espaço através do processo de envelhecimento nós mostra muito além da individualidade, mas mescla um entendimento multidimensional, em que o corpo humano passa ser formação e reformulação do nosso entendimento sobre o espaço geográfico, mas também sobre nossas relações sociais e sobre nós mesmos.

Assim, a segunda seção desse capítulo traz uma discussão sobre dados do IBGE e como o envelhecimento fora pensado, além de elementos na formação de espacialidades de homens cis *gays*, resultados do campo que visa mostrar que as vivências espaciais vão além do corpo como espaço, mas isso não significa que a existência de dois espaços, corpo como um espaço e corpo social dois se anulem. Na verdade, há uma coexistência espacial em que corpo e espaço não são mais separados, mas pertencentes a mesma matriz de pensamento geográfico.

2.2 AS ESPACIALIDADES DO ENVELHECIMENTO CIS GAY: DOS DADOS DO IBGE AOS SUJEITOS PESQUISADOS

Começamos essa discussão da segunda seção desse capítulo com alguns apontamentos provocativos de Beauvoir (1990 [1970], p.9), quando argumenta que havia “interesses dos exploradores na quebra da solidariedade entre os próprios trabalhadores, principalmente, quando esses passam a considerar as pessoas velhas como improdutivas”. Assim, compreender o envelhecimento das pessoas é também pensar nas relações de poder que os envolvem.

Para Foucault (1999), o poder não é algo fixo e único, mas uma rede de relações onde os indivíduos, que estão envolvidos, hora são geradores e em outra receptores, dando vida e movimento ao próprio poder. Além disso, para o autor, o poder é produzido através das práticas discursivas, ou seja, através da linguagem e do próprio conhecimento e é exercido por normas e práticas que, por sua vez, passam a determinar e a considerar o que é verdadeiro e correto para uma determinada relação ou até mesmo para uma sociedade inteira. Assim, Foucault (1999) argumenta que o poder se articula com o Estado, atravessando todas as estruturas sociais, não que o Estado seja de fato o poder, mas como uma estrutura de poder, usada por nós, seres humanos e suas relações.

Então, para Foucault (1999), haveriam duas ‘tecnologias’ de poder, uma que perpassa o corpo na tríade entre organismo, disciplina e instituições e a outra pela

própria população, onde o Estado passa a ser uma ferramenta fundamental de poder sobre um grande contingente de pessoas. Enquanto a primeira é centrada no corpo, produzindo efeitos mais direcionados e individualizados, tornando-nos mais úteis e dóceis, a segunda não utilizaria o corpo, mas a vida como manobra de agrupamento e dos efeitos da grande ‘massa’ de uma determinada população (Foucault, 1999).

Aqui podemos perceber que tanto o corpo quanto o Estado são ferramentas fundamentais para o funcionamento do poder, vestindo-se de determinadas ideias para manipular, organizar e regular os comportamentos humanos ao padrão estabelecido, que vai do corpo individualizado a grandes massas populacionais.

A crítica inicial que trazemos para esse momento é sobre o entendimento do envelhecimento através de dados numéricos sobre a população considerada idosa e os espaços que são destinados à eles, como também pontuar a importância do resgate das subjetividades sobre o corpo e sobre o envelhecer, não como meras características moldadas sobre a esfera econômica, mas que sejam compreendidos, de fato, como elementos humanos.

Dados estatísticos e indicadores sociais feitos em países através de censos demográficos, como no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), trazem relevantes dados sobre população e seus principais indicadores como a População Economicamente Ativa (PEA), a População com Idade Ativa (PIA), a População não Economicamente Ativa (PNEA) ou a População Economicamente Inativa (PEI). Contudo, essas mesmas pesquisas podem reforçar uma determinada ideia e norma, ou romper com elas. A questão é como nós iremos usá-los e explicá-los.

Buscando compreender esse universo dos dados demográficos do Brasil, resgatamos alguns que estão disponibilizados pelo IBGE (2022), que acreditamos ser válidos para um universo mais abrangente sobre o processo de envelhecimento no país. Nesse caso, resgatamos inicialmente o comportamento da população idosa em duas escalas a priori, nacional e estadual, para posteriormente trabalhar especificamente com o universo municipal e também o subjetivo dos nossos participantes dessa pesquisa, que estará na última seção desse capítulo.

Vale ressaltar que por causa de um período pandêmico que se iniciou em dezembro de 2019 e com término em 05/05/2023²⁵, o último censo brasileiro que seria

²⁵<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-fim-da-pandemia/#:~:text=Cinco%20de%20maio%20de%20dois,global%2C%20em%20janeiro%20de%202020> 20.

realizado em 2020, acabou sendo adiado para o segundo semestre de 2022. Por esse motivo e por uma questão de tempo na produção dessa tese, tivemos que utilizar os dados do último censo do IBGE registrado, que foi o ano de 2010. Mesmo assim cabe ressaltar que, o último censo do IBGE também mostrou o interesse em colocar a orientação sexual e identidade de gênero em seus questionários, porém ainda não foi efetivada sua aplicação nesse último censo de 2022. Entre alguns argumentos estavam a dificuldade da população no entendimento dos termos como heterossexualidade e cisgênero, como mostra a reportagem²⁶.

Posto essa informação que acreditamos ser válida, abaixo retomamos os dados que retiramos do IBGE com dois gráficos do comportamento demográfico da população brasileira. Um está na escala nacional e o outro estadual do ano de 2010 com projeção para o ano de 2060. Nesses gráficos, podemos perceber que o Estado do Paraná, pertencente ao grupo eleito dessa pesquisa e por isso a escolha, possui um comportamento muito parecido com a média nacional dos grupos etários.

Destacamos que o Brasil, país de extensões continentais, possui diferentes relações regionais, o que pode mudar não só os dados quantificados de suas populações como também seus aspectos mais subjetivos, como a representação do processo do envelhecimento, deixando claro outras possibilidades de pesquisa como também de interpretações geográficas sobre o processo do envelhecimento.

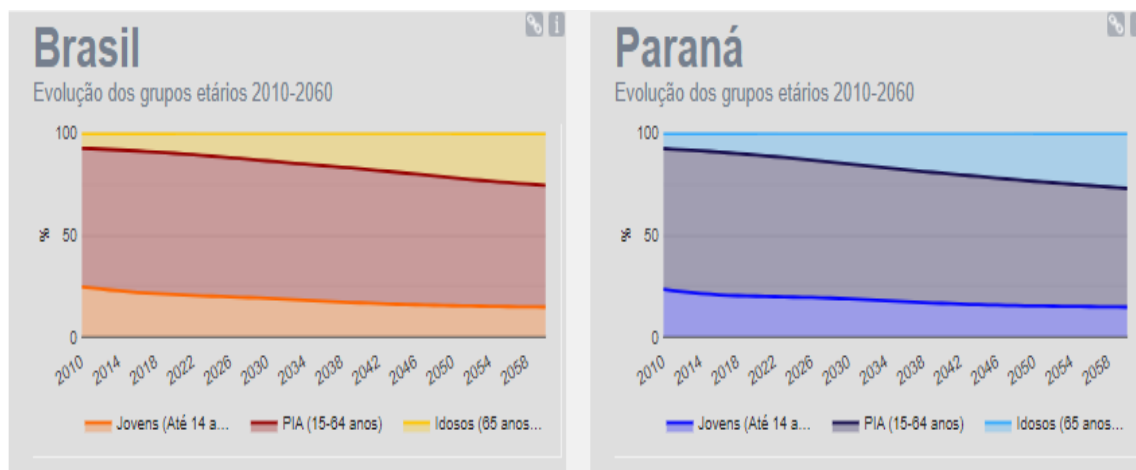
Em uma análise desses dados do IBGE percebemos uma redução da População com Idade Ativa (PIA) e um aumento da população idosa (65 anos ou mais) em ambos os gráficos 2 e 3, tendência essa também registrada em grande parte dos países no cenário global, sendo um fenômeno universal, como aponta o texto de Kalache, Veras e Ramos (1987). Para os autores, o declínio de taxas como de fecundidade e de mortalidade acabaram por impulsionar a expectativa de vida, bem como o próprio processo de urbanização, que acaba mudando a rotina e a vida do campo para a cidade.

Além disso, cabe salientar a própria revolução da medicina, como métodos contraceptivos e a vacinação que acabaram por prolongar a idade de vida média de todos os seres humanos, ao mesmo tempo que as mudanças espaciais modificaram a forma de vestir, de ser e de se comportar na cidade.

²⁶ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/10/27/censo-nao-tem-dados-sobre-identidade-de-genero.ghtml>

Assim, a humanidade se transformou e com ela novos questionamentos passam a trazer relevância para as Ciências Sociais e Humanas, que têm um papel fundamental na problematização de diferentes temáticas, dentre elas as da sexualidade e de gênero, que mostram que ainda há um campo muito vasto a ser problematizado. Abaixo evidenciamos os gráficos desse comportamento demográfico:

Gráfico 5– Evolução dos grupos etários no Brasil e Paraná



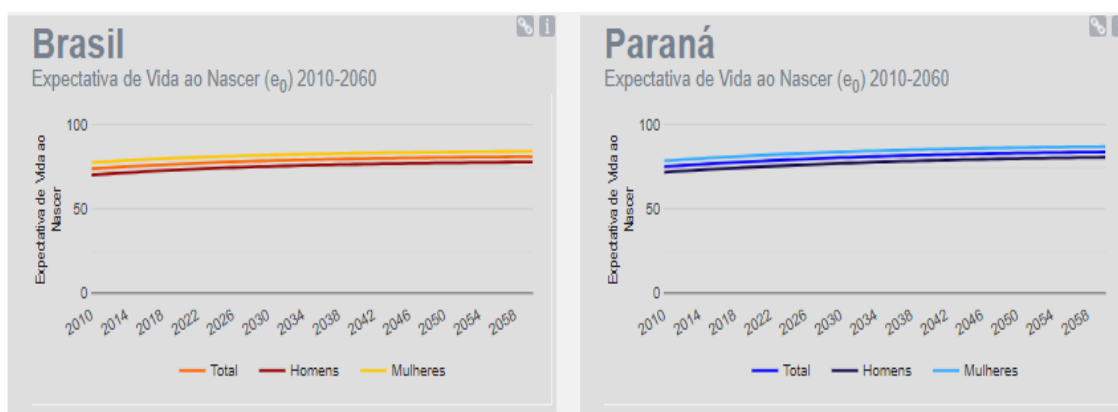
Fonte: IBGE, 2010

Ao observarmos o gráfico 5, do Estado do Paraná, essa passa a apresentar uma das melhores médias em expectativa de vida no país, como aponta o próprio IBGE. O Estado do Paraná representa os participantes dessa pesquisa, o que permite apontar que, mesmo entre todas as subjetividades, o processo de envelhecimento passa a ter uma percepção diferente das demais regiões do Brasil, uma vez que as médias e a presença de pessoas mais idosas se tornam comum no cotidiano dos paranaenses.

Contudo, quanto a nossa temática em trabalhar com homens cis gays e o seu próprio processo de envelhecimento, isso acaba tornando-se mais específico, porque muitos dos entrevistados relataram não ver homens LGBTQIAP+ idosos. De início, podemos perceber que, em âmbitos gerais, até podemos ter uma percepção do envelhecer a partir de uma sociedade mais envelhecida a qual estamos inseridos, mas quando buscamos algo mais subjetivo através de pessoas que foram e são marginalizadas, as percepções mudam e nós não vemos pessoas LGBTQIAP+ idosos.

Se nossas próprias percepções são construídas de acordo com o que vemos e sentimos, mesmo que haja entendimento da percepção da velhice como um caráter humano, quando se trata da percepção e da expectativa de vida de pessoas LGBTQIAP+ idosas, parece haver falha nos dados demográficos, onde essas pessoas estariam, pois, não as vemos. Por isso, entender a existência de LGBTQIAP+ idosos é entender que essas pessoas sempre existiram, não é algo do agora, uma ‘modinha’, mas que, assim como se constituíram no espaço e se confirmam enquanto História.

Gráfico 6 – Expectativa de vida ao nascer no Brasil e Paraná



Fonte: IBGE, 2010

Nos indicadores do gráfico 6 citados acima, podemos encontrar idades inferiores a 10 anos quanto superiores a 60 anos de idade em diferentes versões de análise. Porém, nosso interesse para esse momento é de entender, através desses dados existentes, que há uma construção espacial sobre envelhecer ao mesmo tempo em que os significados são fabricados sobre o sujeito idoso e seus próprios corpos.

Podemos perceber que o principal elemento de compreensão sobre o envelhecimento, a partir dos dados demográficos, passa a ser a idade. Nesses dados iniciais, essa categoria identitária é o centro da compreensão social sobre envelhecer, onde muitos, inclusive alguns de nossos entrevistados, acabam por definir, compreender e representar o envelhecimento a partir categoria identitária ‘idade’.

Embora haja, de fato, uma comprovação biológica sobre a idade e o próprio Estatuto do Idoso reforce a ideia da idade como ponto crucial de definição de pessoas idosa, há aqueles que subvertem essa lógica, questionando justamente o elemento idade como definição para seus *status* da lógica da vida. Como já vimos, a preocupação dos estudos demográficos estão, muitas das vezes, alinhados com os

das Ciências Econômicas e são realizados por meio dos Estados, como é o caso dos Censos.

Para Machado (2007), em uma sociedade capitalista, uma pessoa velha e aposentada pode ser vista como um gasto ou um número negativo na contabilidade Estatal ou como a própria Beauvoir (1990[1970]) ‘pessoas improdutivas’. Tais argumentos também são vistos quando um dos entrevistados reclama do abandono do próprio Estado, onde sua vida está se tornando cada vez mais difícil.

[...] Parece que eles estão querendo fazer como, o que conosco? Idosos aqui no Brasil sofrem, eu sou contra os americanos, os americanos fazem esse abandono com seus idosos, eles têm muita estrutura, eles têm hospitais gigantes né par, que somem de vista e aí? Mas para quem pode pagar, os idosos são abandonados pelo sistema[...]. (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

Os dados do IBGE auxiliam na compreensão geral da sua população, mas também servem de ferramentas cujas funções incluem exercer poder sobre os corpos quando os colocamos na existência ou na não existência. Da mesma maneira, houve uma flexibilização de políticas recentes que, em teoria, deveriam cuidar e proporcionar uma vida digna para a população que chega aos *status* da velhice. No entanto, o que se evidencia é, na verdade, uma redução desses direitos àqueles que conseguiram envelhecer, como têm mostrado as últimas reformulações dos sistemas previdenciários no mundo e no próprio Brasil, como aponta Silva (2003).

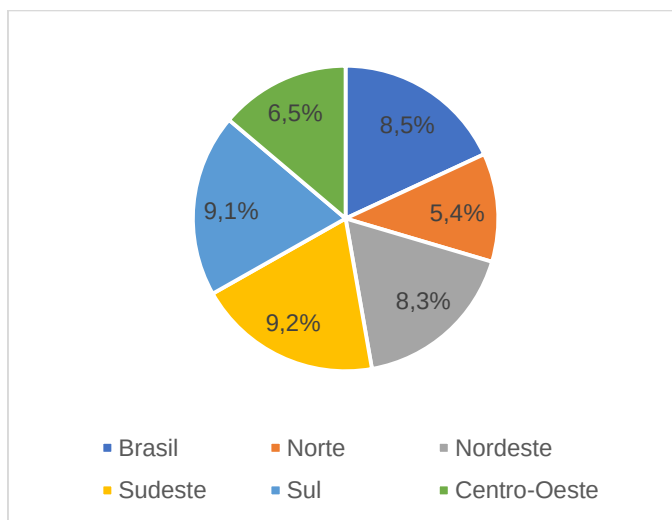
Ainda no universo multiescalar sobre envelhecimento, fizemos um recorte da população idosa brasileira em diferentes escalas: regional, estadual e municipal para compreender um pouco do universo da população idosa brasileira até a nossa análise que são os próprios sujeitos cis *gays* e seus respectivos processos de envelhecimento. Os dois primeiros gráficos representam a população acima de 60 anos em porcentagem entre os anos de 2000 a 2010, pois como já pontuamos, utilizamos os últimos censos realizados no país.

Evidencia-se, nesse primeiro gráfico, que a região que possui o maior número de porcentagem da população idosa é a região sudeste do Brasil. Por mais que essa região seja a mais populosa, as porcentagens nesse gráfico referem-se na relação com a própria população absoluta de cada região.

Entretanto, mesmo em população absoluta onde a região nordeste está na segunda posição, quando analisada a partir do assunto da população idosa, essa

região (Nordeste) acaba ficando em terceiro, perdendo para a região sul, que toma a posição de segundo lugar em quantidade de percentual (9,1%) de pessoas idosas, mostrando uma melhor qualidade de vida, acima da média nacional que é de 8,5%, o que pode ser um fator determinantes para o melhor envelhecimento, como podemos observar abaixo:

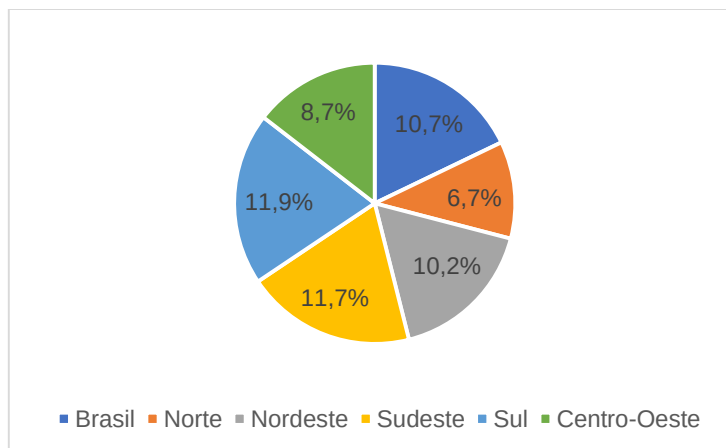
Gráfico 7 – População acima de 60 anos – regiões do Brasil - ano 2000



Fonte: SIDRA IBGE, 2010.

Em comparação com o gráfico de número 6, o gráfico de número 7 apresenta uma mudança significativa no aumento da população acima de 60 anos, dos anos de 2000 para 2010. Podemos observar no próximo gráfico (6) uma melhora da qualidade de vida em quase todas as regiões, a partir do aumento da expectativa de vida. Tendo como referencial o Brasil com uma média de 10,7% em comparação a 8,5% dos anos 2000 que em números absolutos saltou, aproximadamente, de 14 milhões de idosos (2000) para mais de 19 milhões de idosos em 2010. Ainda, podemos perceber entre as macrorregiões, que a região Sul (11,9%) passa a apresentar melhor expectativa de vida do que o Sudeste (11,7%), tornando a macrorregião com maior número de pessoas idosas do Brasil.

Gráfico 8 – População acima de 60 anos – regiões do Brasil – ano 2010



Fonte: SIDRA IBGE, 2010.

Ao fazermos a análise no site da SIDRA, onde há grandes potencialidades para diversos trabalhos, não só geográficos como para toda a comunidade científica, verifica-se escassez de um olhar mais cuidadoso no questionário que é aplicado nos censos. Essa invisibilidade da população LGBTQIAP+ já mencionada é produzida quando questionários não dão conta de contemplar toda a diversidade existencial humana. Mostrando-se em uma complexidade gigantesca que envolve o legislativo, executivo e judiciário. Portanto, as lógicas de organização das coletas de dados precisam ser reestruturadas²⁷.

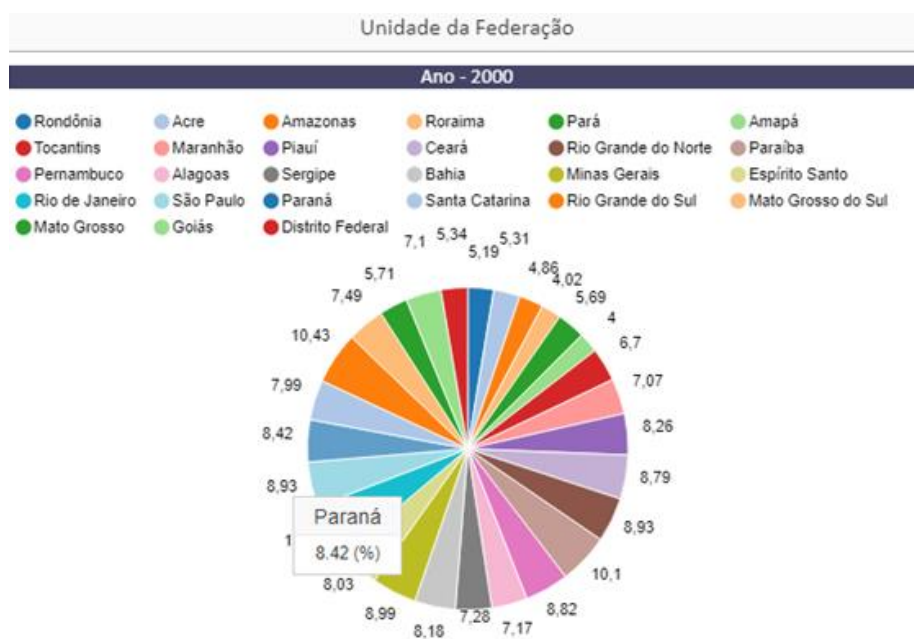
Entendemos que o objetivo do IBGE e do próprio Estado é compreender de forma geral sua população. Mesmo assim, ressaltamos a importância das especificidades de cada região e da própria sociedade, pois a invisibilidade de dados da comunidade LGBTQIAP+ acaba por dificultar as políticas realizadas para essa comunidade, sobretudo, quando o assunto é envelhecimento como também a construção de espaços para esses sujeitos, seja espaços físicos de socialização ou espaços mais íntimos como o próprio corpo na velhice. Através de dados qualitativos, podemos encontrar as subjetividades nas representações de cada população pertencente a uma determinada região do Brasil indo além dos números.

²⁷ Segundo o último censo do IBGE em 2022, houve uma inclusão de orientação sexual e identidade de gênero nos questionários aplicados, como mostra a reportagem: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/10/ibge-inclui-pergunta-sobre-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual-em-nova-pesquisa.shtml#:~:text=A%C3%A7%C3%B5es%20judiciais%20chegaram%20a%20pedir,derrubar%20os%20pedidos%20na%20Justi%C3%A7a.>

A partir dos gráficos 7 e 8, buscamos compreender as mudanças da população acima de 60 anos na escala dos Estados brasileiros no mesmo período (2000-2010), ou seja, saímos das grandes macrorregiões do Brasil e adentramos na escala estadual. Ao observarmos os resultados retirados dos gráficos, percebemos que entre os Estados do Sul – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nos anos 2000, o Paraná era o Estado que possuía o menor percentual da população acima de 60 anos.

Contudo, comparado aos demais Estados brasileiros, o Paraná estava entre os melhores. Aqui vale o destaque que o estado do Rio Grande do Sul foi o Estado com as melhores percentuais de população acima de 60 anos passando os 10% enquanto que o Estado do Amapá, ficou com a última colocação em torno de 4%.

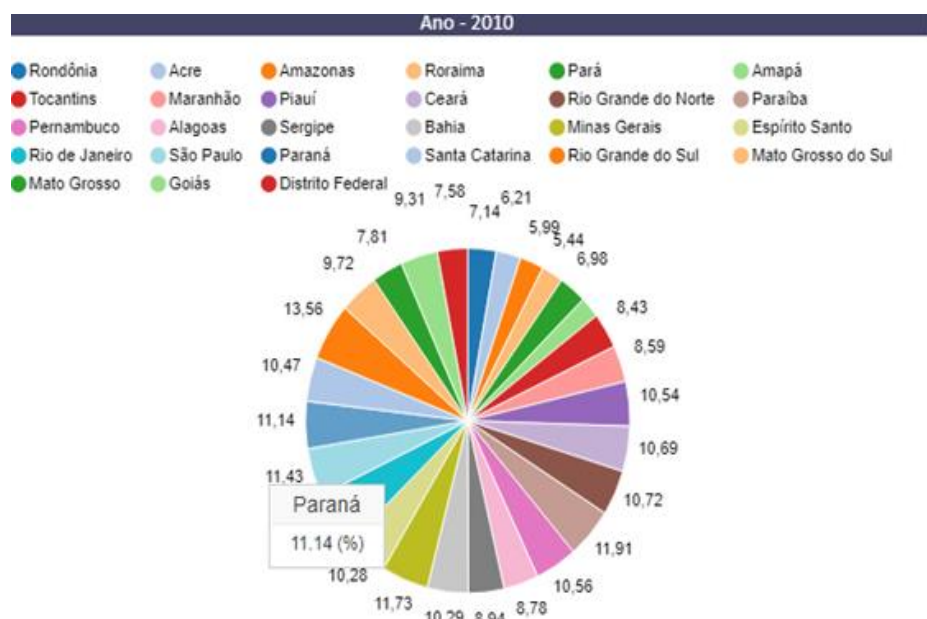
Gráfico 9 – População acima de 60 anos – estados do Brasil - anos 2000



Fonte: SIDRA IBGE, 2010.

No gráfico número 9, do ano de 2010, houve um grande crescimento nas porcentagens da população acima de 60 anos, a maioria dos Estados, ultrapassaram os 10% da população. Alguns Estados, principalmente do Norte, continuaram com porcentagens entre 5 e 8%, mostrando a realidade e as disparidades entre regiões e estados brasileiros, como podemos observar os dois gráficos que foram citados.

Gráfico 10 – População acima de 60 anos – estados do Brasil - anos 2010



Fonte: SIDRA IBGE, 2010.

Como verificamos anteriormente, a representação do envelhecimento bem como a formação das suas espacialidades pode variar de acordo com as regiões do Brasil, bem como Estados e Municípios. Podemos perceber nesses dados do IBGE que há, mesmo de formas distintas, um crescimento da população idosa no Brasil.

Isso foi um dos motivos para pesquisarmos homens cis gays, pois gostaríamos de saber não só suas representações sobre o envelhecimento, mas como essas pessoas estão envelhecendo de forma mais empírica, pois acabam se misturando com os dados gerais dos censos o que ocasionou suas invisibilidades para as políticas públicas dentro da própria comunidade LGBTQIAP+.

Buscando ainda encontrar mais elementos sobre o envelhecimento da população brasileira, encontramos o livro “Os Novos Idosos Brasileiros, muito além dos 60 anos?”, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2004, que traz uma importante contribuição quando o assunto é população idosa no país. Nos últimos anos, grandes mudanças ocorreram no Brasil, mas também no mundo – a população mundial está envelhecendo – sobre o aspecto idade, mas também as percepções, a economia, o mercado de trabalho e a disponibilidade dos recursos públicos e familiares vem sendo alterados no pacote dessas mudanças demográficas.

Segundo Camarano e Pasinato (2004), em uma Assembleia da ONU realizada em Madri, em 2002, foi elaborado um Segundo Plano de Ação para o envelhecimento. Nele, foi incentivada a criação de políticas públicas para com as pessoas idosas em países, sobretudo, em desenvolvimento.

Para as autoras, a esperança de vida ao nascer tem aumentando em todo o mundo, superando nas antigas projeções feitas, deste houve também um aumento de uma população centenária e com isso houveram transformações nas esferas econômicas, políticas e claro, sociais. Além disso, os autores argumentam nas alterações dos sistemas de valores, arranjos familiares que seguem quase que o mesmo curso em todos os países do mundo.

Para Camarano e Pasinato (2004), a elaboração desse segundo livro vem com a necessidade do entendimento e da complexidade que é esse subgrupo populacional que são os idosos. Esse grupo é constituído pela heterogeneidade e que suas demandas por políticas de proteção social estão borbulhando. Parte dessa heterogeneidade vem do alongamento da vida, onde a expectativa é de continuar 'se esticando', visto as mudanças também nos dados do IBGE.

Segundo dados dos brasileiros levantados por Camarano, Kanso e Mello (2004), entre 1940 aos anos 2000 houve um aumento de quase 5% da população idosa no país. Nesse mesmo período saltamos de 1,7 milhão de idosos para 14,5 milhões.

As autoras argumentam que, para 2020, a população idosa brasileira ultrapassaria os 30 milhões. Como o livro foi escrito em 2004, fizemos um levantamento atual sobre a população idosa brasileira e essa ultrapassa os 20 milhões de pessoas, pois segundo o Censo (2010) a população idosa já ultrapassava a casa dos 20 milhões, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 6 – População idosa no Brasil – 2000-2010-2022

Tabela 1209 - População, por grupos de idade								
Variável - População (Pessoas)								
Brasil								
Ano x Grupo de idade								
2000			2010			2022		
Total	60 a 69 anos	70 anos ou mais	Total	60 a 69 anos	70 anos ou mais	Total	60 a 69 anos	70 anos ou mais
169.799.170	8.182.035	6.353.994	190.755.799	11.349.930	9.240.667	203.080.756	17.820.621	14.292.869

Fonte: SIDRA IBGE, Censo 2022.

No ano de 2020 um contingente de aproximadamente 30,9 milhões de pessoas que terão mais de 60 anos (Beltrão; Camarano; Mello, 2004). Segundo o Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais (2020), no ano de 2100 o Brasil passará a ter mais de 70 milhões de pessoas acima de 60 anos. Isso mostra a projeção de um grande crescimento da população idosa no Brasil em suas múltiplas escalas, seja em cidades como Ponta Grossa, no Estado do Paraná ou na população brasileiro e mundial. Os dados aqui evidenciados são vistos por diversas instituições ligados direta ou indiretamente ao Estado. Porém, podemos perceber que, em sua maioria, esses dados são relativizados pela idade, e assim:

[...] o uso da idade para a definição de idoso é o poder prescritivo contido nessa definição. A sociedade cria e expectativas em relação aos papéis sociais daqueles com o status de idoso e exerce diversas formas de coerção para que esses papéis se cumpram, independentemente de características particulares do indivíduo". (Laslett, 1996 *apud* Camarano; Pasinato, 2004, p. 5-6)

Além disso, o último censo de 2022, mostra que a população total brasileira saltou de mais de 190 mil para mais de 203 mil. Nesse último censo, houve um aumento de mais de 10 milhões de pessoas com mais de 60 anos, chegando a mais de 32 milhões de idosos no país, considerando a idade como principal fator de categorização. Contudo, a idade não tem o poder de definir os corpos no *status* de velho e não velho. Nossos corpos são espaços e como tais temos a capacidade de construí-los, transformá-los e até usa-los como resistência a tudo aquilo que nos fixa, nos acomoda e normatiza. Através dos corpos questionamos as normas como a heteronormatividade, machismo e o racismo como também a construção de mecanismos como de gênero e idade, não como meras identidades, mas marcações que colocam as pessoas em diferentes *status* ora de centro e em outras de margem, como mostra o trecho dos entrevistados 4 e 2:

[...] É como eu falei, não é idade que nos define eu acho que é da cabeça da pessoa [...]. (Entrevista 4, realizada em Ponta Grossa, em 07/03/2022).

[...] Ai é difícil, às vezes, sem parecer babaca, mas eu acho que a idade é um número, eu acho que a idade realmente é um número. Como diz, a gente começa a envelhecer antes da gente pensar que a gente envelhece. É, eu acho que toda a hora tem limitações, então eu tenho cinquenta e nove, tudo bem se eu pegar um dinheiro do meu terreno lá, eu vou fazer um até um check up, uma repaginada, Sabe? Mas não é a idade que me define [...]. (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

Assim, a construção espacial do envelhecimento do Brasil tem sido mapeada a partir de números, uma vez que essa população consegue, mesmo em níveis de subdesenvolvimento em alguns casos, envelhecer, e ainda de forma distinta sobre as macrorregiões do país. Além disso, quando se trata da população LGBTQIAP+, esses dados específicos inexistem pelo menos até agora, o que temos são números que nem sempre corresponde a expectativa de vida da população LGBTQIAP+ - considerando censo do IBGE (2010).

Assim, podemos acreditar que construção espacial sobre envelhecer significaria apenas no perder saúde? no perder direitos? Para Beauvoir (1990[1970]), envelhecer estaria ligada a uma ideia de mudança ou transformação. Esta vai do nascimento do embrião até a morte do corpo e que, portanto, estaríamos constantemente em movimento. Por isso, desde o início dessa pesquisa, entendemos que envelhecer é um processo e a velhice seria uma das etapas desse processo. Mesmo assim, a velhice não é estável ou mórbida, pelo contrário, é variável e em constante fluidez entre corpo para corpo, região para região e país para país e ainda sobre determinado espaço e tempo sendo um elemento constituinte humano ao mesmo tempo que é relativo as conjunturas.

O que podemos afirmar é que, o processo do envelhecimento é vivido pelas pessoas através das geografias de seus corpos. Além disso, a partir da imaginação geográfica proporcionada pelas afirmações de Silva, Ornat e Chimini (2019) e Silva (et al, 2013). Como afirmado por estes autores:

Os corpos são materiais, possuem forma e tamanho e, inegavelmente, “ocupam” um espaço físico. Por meio de ações, os corpos produzem mercadorias. Sendo assim, estados corpóreos, como saúde, doença, força física, capacidade reprodutiva e habilidades manuais, são elementos de intensa associação entre o corpo e a sociedade e, portanto, o espaço. (Silva et. al., 2013, p. 87-8).

Contudo, por muito tempo a velhice teve seu olhar a partir do ponto de vista biológico, afinal os primeiros trabalhos que se preocuparam em pensar e discutir a velhice, foram os trabalhos das áreas de saúde. Pensando nisso, Beauvoir (1990 [1970]) argumenta que é um problema simples, se considerarmos o ser humano como constituído por apenas o seu organismo pois, todo organismo tende a persistir na sua própria existência e sobrevivência. Para que isso ocorra, a autora discute que é necessário que haja um equilíbrio sobre as mais diversas possibilidades de um mundo

externo, nesse contexto, o próprio ser humano tem o desenvolvimento do ‘auge’ até os 20 anos – referindo-se ao desenvolvimento do corpo humano.

Nas discussões de Teixeira e Guariento (2010) as autoras trazem algumas teorias biológicas para a compreensão sobre o envelhecimento, além dos mecanismos moleculares e celulares para explicar esse processo. Segundo as autoras, o envelhecimento biológico é algo que se inicia desde o nascimento e continua até a morte dos indivíduos. Além disso, as autoras trazem um outro termo, a senescência, que seria a passagem do tempo e como isso afetaria ou mudaria o próprio organismo, tornando-o mais vulnerável a doenças crônicas.

Mesmo trazendo uma visão mais biológica do envelhecimento, mostrando e comprovando como algumas células acabam entrando no processo involutivo e degenerativo com o passar do tempo, as autoras ressaltam que ainda há múltiplos mecanismos de entendimento sobre o envelhecimento que ainda são desconhecidos, ressaltando a complexidade para com a temática.

Indo além, Beauvoir (1990 [1970]) exemplifica, através dos neurônios, a fase inicial e da infância, que em termos biológicos, temos muitos mais neurônios do que realmente precisamos. A partir dos 10 anos, algumas de nossas capacidades passam por um processo gradativo de reduções como é o caso dos próprios neurônios ou da memória bruta, reduzindo-se com o avanço da idade. Assim, podemos pensar que ao nos tornarmos velhos, estaríamos nos degradando? Para muitos, tal compreensão estaria correta, principalmente, pelo viés fisiológico de nossos corpos.

Por outro lado, Beauvoir (1990[1970]) argumenta sobre a palavra maturidade, essa indicando a experiência e as capacidades que as pessoas adquirem, com o tempo e o espaço e que, portanto, cada sociedade cria seus próprios valores e compreensões sobre envelhecer, como também as espacialidades. Por isso, envelhecer não seria apenas um fato biológico, mas também um fato cultural e em nossa compreensão, um fato geográfico e espacial.

A forma que diferentes sociedades compreendem o processo do envelhecimento vai muito além de uma unidade de carbono que se degrada com o tempo. Podemos observar isso em algumas de nossas respostas dos participantes, quando questionados sobre envelhecer. Para alguns, ser velho estava totalmente relacionado a perda física e mental do corpo, mas isso não quer dizer que todos concordaram com essas percepções, como mostra alguns trechos das entrevistas:

[...] Eu ainda não me considero uma pessoa velha, mas eu não tenho dúvida que eu estou a caminho do envelhecimento [...]Entrevista 9, realizada em Ponta Grossa, em 17/04/2022).

[...] bom eu vou dizer uma coisa, eu não me considero uma pessoa idosa, eu brigo com o meu corpo, e brigo com a minha cabeça, que eu prefiro que a minha cabeça me determine, que ela me conduza, do que eu sofra um trauma né, me condicione num estágio de que eu estou indo para o... onde eu não tenho mais nada, onde não vai acontecer mais nada, onde é o fim, tá eu brigo diariamente com qualquer possibilidade de pensar sobre encaminhar as coisas dessa forma, entendeu? então é um conflito, eu tenho aqui um conflito mental com isso(...)Entrevista 3, realizada em Ponta Grossa, em 02/03/2022).

Isso nos permite dizer que o processo do envelhecimento é representado pelas percepções dos próprios sujeitos e de acordo com cada contexto que os cercam – o que dá o seu caráter mais espacial, seja pensando o espaço social seja pensando o seu corpo como espaço. Assim, para Beauvoir (1990[1970]), estudar a velhice e as condições dos velhos através de diferentes épocas e sociedades não é um trabalho fácil, pois a própria imagem da velhice é incerta e, muitas das vezes, contraditória, pois depende de diferentes contextos espaciais, temporais e sociais, que segundo a autora, é também uma questão de poder, como já apontado no início desse capítulo.

Beauvoir (1990[1970]), relata ainda que, até o século XIX, nunca se fez menção aos ‘velhos pobres’, afinal nesse período a longevidade era para poucos e os idosos pobres não representavam nada. Indo mais além, em uma sociedade estruturada no falocentrismo, aqueles que eram mencionados na literatura e na própria história eram, sobretudo, homens. Segundo a autora, tal fato nos faz questionar sobre o papel e a importância das mulheres idosas nesse período – assim como nos fez questionar nessa tese sobre as pessoas LGBTQIAP+ idosas.

Quando se trata do Estado, acreditamos que dois pontos são de fundamental importância para essa discussão. Primeiro, a compreensão do próprio processo de envelhecimento normatizado e regulado pelo Estado, sem considerar diferentes contextos das pessoas. Segundo o papel do Estado e suas políticas e ações na proteção à pessoa idosa.

O Estado e a própria constituição brasileira definem a pessoa idosa como todo aquele e toda aquela com 60 anos de idade ou mais. Essa definição está descrita pelo próprio Estatuto do Idoso e com respaldo constitucional, indicado no artigo 203, inciso V, da Constituição Federal. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pessoa idosa são aquelas com mais de 60 anos de idade (que residem em países em desenvolvimento) e acima de 65 anos (países desenvolvidos). Tal definição está

baseada na qualidade de vida e no aumento da expectativa de vida entre diferentes países e seus níveis de desenvolvimento. Cabe salientar que o critério da idade é usado como uma forma de agrupar pessoas com características mais comuns a todos eles.

Veremos que as pessoas aqui entrevistadas, em sua maioria, partem do princípio que uma idade é um fator determinante para ser considerada idosa, não necessariamente aquele estipulada pelo Estado ou pelos censos, que seria a partir dos 60 anos de idade ou mais. Pois, ao realizarmos as entrevistas encontramos também em meio aos dados empíricos dessa pesquisa pessoas que questionam a lógica do Estado e da própria OMS que consideram pessoas idosas pelo viés etário ou cronológico.

Se, de um lado, o Estado regula as pessoas na prática do exercício do poder, por outro, ele assume alguns papéis para com o cuidado à elas, afinal isso seria uma das suas funções básicas. Entre os papéis do Estado, está a proteção e a seguridade do atendimento às pessoas idosas. Esses papéis podem ser vistos através do tratamento e acesso a um saneamento básico, como também acesso e disponibilidade à saúde, a alimentação e a moradia digna. Todos esses elementos constituem o próprio Estatuto do Idoso²⁸, como podemos observar abaixo:

Artº 2. Idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (Brasil, 2004).

Contudo, Borges (2002) relata que mesmo havendo o Estatuto, isso não garante que o Estado proporcione tais direitos para todos as pessoas idosas. Segundo o autor, no Brasil, o Estado não garante tais acessos para as populações desprivilegiadas, tendo uma gestão falha em resolver problemas básicos dessa população, levando-os a vulnerabilidade. Para Borges (2002), aqueles que conseguem ter condições econômicas adequadas após a aposentadoria é porque possuem uma renda mais alta e acabam suprindo suas necessidades através dos setores privados.

28 lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Ministério da Justiça.

Um dos entrevistados, relatou sobre espaços destinados a pessoas idosas e que, muitos, acabaram sendo abandonados por seus familiares e que mesmo em espaços criados pelo Estado, muitos são provisórios ou para um processo de socialização, desenvolvimento de alguma atividade, mas nada pautado no cuidado integral deles.

[...] Como é que eu vou te falar..., nós temos uma política para o idoso no sentido de que ele viva mais para isso, mas ela não é específica para nós gays ou comunidade LGBT... acontecem algumas coisas positivas também né, eu penso no o sentido da leis, não podemos dizer que nada aconteceu...aconteceu...sobre passos lentos. Agora nós vamos encontrar aquela população bem vulnerável mesmo, inclusive LGBT's aqueles que não tem mais para onde ir, pois envelheceram e foram totalmente abandonados pela família e abandonados pela própria sociedade. Nossa população foi despejada nas instituições de longa permanência, literalmente despejadas, então ainda bem que temos esses espaços no Brasil oficiais e não oficiais, lá tem oficinas, algumas às vezes dão confusão porque tudo que é dirigido por humanos é complicado né e então vamos encontrar esse espaço dinâmico ali que é pessoal vai e vem [...]Entrevista 5, realizada em Ponta Grossa, em 13/03/2022).

Aqui podemos perceber que a construção de espaços específicos para pessoas idosas estão longe de serem ideias e que, muitas das vezes, esses espaços são de ordem privada, demandando força econômica o que para muitos isso se torna inviável na velhice, mantendo-os ou empurrando-os novamente para a vulnerabilidade, principalmente, pessoas da comunidade LGBTQIAP+.

Por isso, reforçamos a ideia de que os dados estatísticos são de fundamental importância para as visões gerais de um país e servem, até certo ponto, para a construção de políticas públicas mais paliativas para a população como um todo, mas também acreditamos que dados qualitativos e regionais/locais possam melhorar ainda mais esses estudos, sendo complementares pois, ao trabalhamos com homens gays velhos, não sabemos onde estão e qual é de fato a suas expectativas de vida e suas vulnerabilidades.

Acreditamos que estudos mais direcionados possam ajudar nesse problema social da comunidade LGBTQIAP+ e suas populações idosas, mesmo que nesse trabalho estejamos pensando o processo de envelhecimento através do corpo como espaço, acreditamos que podemos, de alguma forma, lembrar da importância de falar sobre essa temática nos assuntos geográficos e suas pesquisas, mesmo em dados quantitativos.

O importante para esse momento é mostrar que a temática envelhecimento na Geografia está demandando pesquisas nessa área, para que possamos juntos construir, através de mecanismos científicos e pautados na realidade e na representatividade das pessoas, políticas com maior eficiência à toda a população idosa, seja ela da comunidade LGBTQIAP+ ou não

Afinal, trabalhar com representatividade é mostrar não só o caráter subjetivo do indivíduo pesquisado, mas também evidencia uma compreensão de como o envelhecimento é compreendido no contexto geral (país) e/ou contexto local (cidade)²⁹ que determinadas pessoas vivem. Portanto, para alguns a idade pode definir seus status de pessoa idosa, contudo para outros o envelhecimento está na forma de pensar ou na percepção das mudanças do seu corpo, inclusive questões de saúde.

Buscando compreender ainda mais esse universo das espacialidades e o processo de envelhecimento de homens cis *gays*, mostramos inicialmente uma tabela (4) no capítulo 1 do perfil socioeconômico dos 12 entrevistados que se autoidentificam homens cis *gays*, com idades de 50 até 69 anos de idade³⁰.

Resgatando o perfil de nossos entrevistados, trazemos uma parte do que fora feito na sistematização dos dados da pesquisa. No que se refere ao material empírico desta tese, foram realizadas entrevistas com 12 pessoas que se autoidentificam como homens cis *gay*, que possuem idade acima de 50 anos. Essas entrevistas foram feitas com um roteiro semiestrutura (Anexo 3) com perguntas abertas e fechadas e que resultaram em mais de 17 horas de gravação produzindo mais de 650 evocações, como mostra também nossa rede semântica no primeiro capítulo.

Abaixo, mostramos as principais espacialidades que foram evidenciadas nas entrevistas com os sujeitos sempre relacionando-as com o processo de envelhecimento. Essas espacialidade surgiram do processo de análise de conteúdo onde tínhamos as espacialidades discursivas e através delas tínhamos as categorias discursiva, ou seja, quando os entrevistados falavam sobre uma determinada espacialidade, que eram os principais discursos ou categorias discursivas elaboradas sobre aquela vivência espacial no seus processo de envelhecimento.

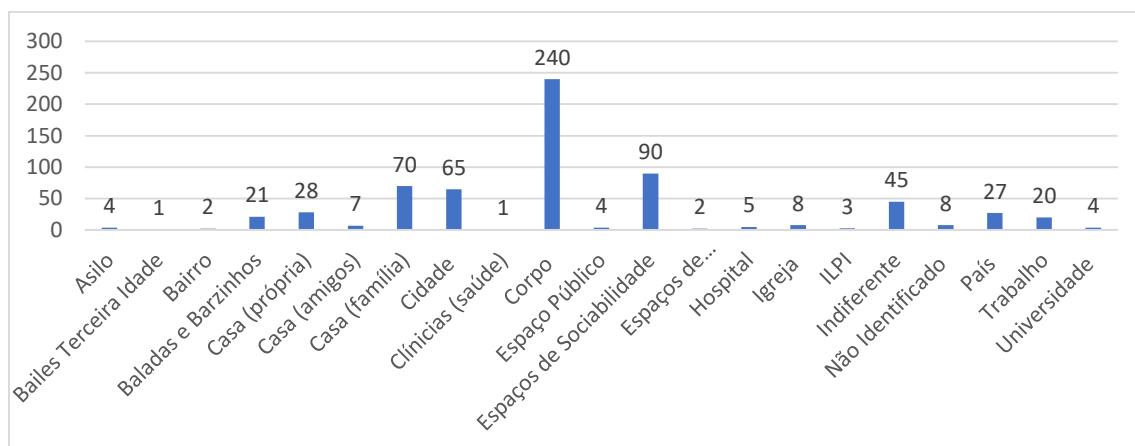
Podemos perceber no gráfico abaixo a intensidade de cada espacialidade sobre os discursos que foram elaborados pelos próprios entrevistados. Entre os

²⁹ Essas discussões sobre a cidade serão vistas na terceira seção desse capítulo.

³⁰ Pela dificuldade de encontrar as pessoas acima de 60 anos que se autoidentificavam como *gays*, foi necessário entrevistar homens com idades entre 50 e 60 anos, tendo por recorte etário pessoas de 50 anos ou mais.

espaços em destaque, temos o corpo, espaços de sociabilidade, casa da família e a cidade sendo as espacialidades mais faladas em seus discursos sobre seus processos de envelhecimento.

Gráfico 11 – Espacialidades Discursivas dos entrevistados



Fonte: Entrevistas
Org. Hanke, 2024.

Em primeiro lugar, é importante destacar que as espacialidades apresentadas pelos sujeitos nos processos de fala estão estruturadas mediante alguns campos de interação, destacadas nos gráficos a seguir. Diante dessas questões, verifica-se que as espacialidades relacionadas ao corpo, espaços sociais, casa familiar e cidade se constituíram de maioria a ser representada. Da mesma maneira, o item que traz os aspectos da indiferença em relação às espacialidades também se colocou de maneira abrangente.

Para Manso et al. (2021), o corpo se traduz enquanto espacialidade por se tratar de uma relação dinâmica que envolve o eu na interação com diferentes ambientes, nos quais a ação se efetiva pela utilização do corpo, esfera visível da presença dos sujeitos. Ainda é importante considerar que os espaços de sociabilidade são múltiplos, o que traz interpretação diversa para os sujeitos participantes na menção aos mesmos.

Assim, entender quais são esses espaços torna-se válido porque os mesmos não são reiterados em outras categorias, como o barzinho ou a igreja. A generalidade na menção pode estabelecer novas categorias e espaços, assim como pode indicar generalidade e intenção de não mencionar tais espacialidades. Da mesma maneira,

Segundo Chaguri Júnior (2020), o processo de envelhecimento pode trazer diferentes espacialidades, nos quais os asilos, as universidades, a casa de amigos e espaços públicos são menos frisados. Tais questões são importantes para se compreender que espaços privativos ou indesejados podem estar permeados pelo envelhecer, no discurso social (asilos e ILIPs³²) ou mesmo no não pertencimento, como os bailes, o barzinho e espaços públicos. Entender essa relação de pertencimento é fundamental na compreensão dos processos de análise de conteúdo e também na compreensão do fenômeno proposto.

Em relação ao corpo, aponta-se que os sujeitos participantes da pesquisa delimitaram a velhice como parâmetro principal na categoria discursiva da temática. O envelhecimento também foi largamente mencionado, assim como a morte. Questões relacionadas com a saúde, idade, identidade e juventude foram destacadas com menor potencialidade, sobre o corpo que está em processo de envelhecimento e que, são considerados, em tese, nos status da velhice ou no início dela.

Diante dessas considerações, é fundamental compreender que o processo de envelhecimento, junto à velhice, se coloca com fator importante na definição do corpo dessas pessoas, no sentido de não apontar as mesmas características de outrora. Segundo Simões (2011), o envelhecimento traz o medo da morte e a sensibilidade de que muitas das ações realizadas em tempos anteriores não podem mais ser edificadas por ocasião das limitações físicas, mentais, de saúde ou deslocamento.

Assim, as entrevistas apontam uma relação de temor com o corpo, no sentido de que o envelhecimento está associado com a limitação, com a morte uma vez que, envelhecer, pressuporia o fim.

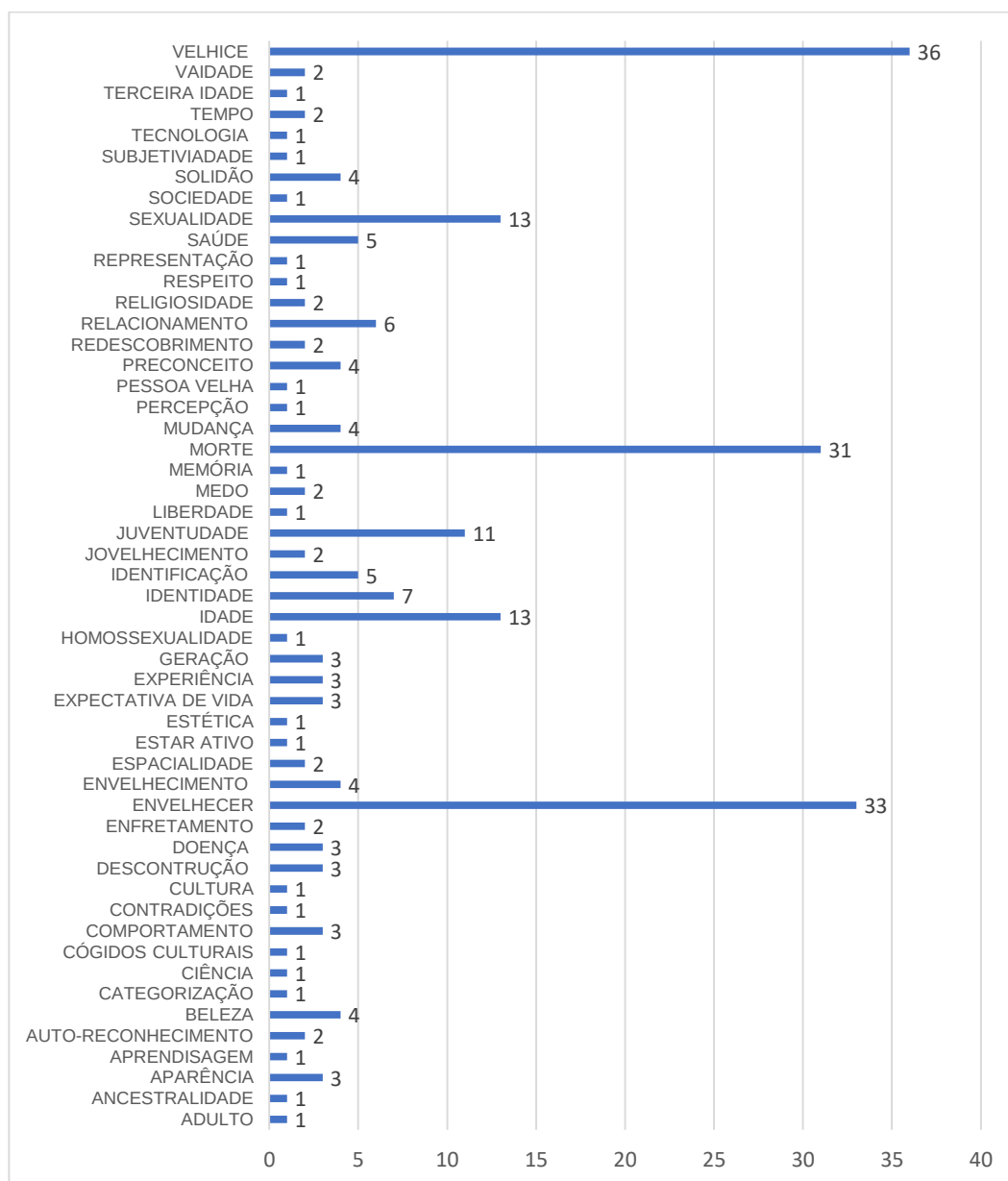
Diante disso, os dados apresentados pelos nossos entrevistados associados com a teoria apontam para um corpo em processo de envelhecimento, cuja percepção da morte se torna evidente para alguns desses sujeitos, assim como na necessidade de compreender a própria velhice, entendendo as limitações relacionadas com esse período. Mesmo assim, o corpo na compreensão dos entrevistados é atravessado por vários outros elementos, além daqueles que se destacaram quando o assunto foi envelhecimento.

Assim, o gráfico 13, diferente do gráfico 12 salienta a quantidade das categorias discursivas sobre o corpo, mencionado e quantificando cada um dos itens

³² Instituições de Longa Permanência da Pessoa Idosa

mencionados, pelos entrevistados quando falaram sobre espacialidade discursiva (corpo) e suas categorias discursivas, como podemos observar abaixo:

Gráfico 13 – O Corpo e seus discursos



Fonte: Entrevistas

Em relação à velhice e ao envelhecimento, aponta-se para uma diferença pequena na esfera dos resultados. Inicialmente, dois processos podem ser colocados na compreensão dos dados. O primeiro se refere ao fato de alguns dos respondentes entenderem o processo de envelhecer enquanto um momento mais longo, no qual as

mudanças decorrem gradativamente, não reconhecendo ou legitimando a velhice enquanto consolidada.

No segundo, reitera-se uma interpretação parcial em relação ao envelhecer com a velhice enquanto processo finalizado, o que indicaria número maior de pessoas a associar as evocações corporais associadas com o envelhecer. Para Goissman (1999), a velhice e o envelhecer, ainda que associados, não devem ser vislumbrados como o mesmo conceito, já que o elemento temporal é um diferenciador importante. Isso mostra também que, se os sujeitos entendem a velhice como o fim, logo a morte estaria próxima o que faz com que suas evocações sejam direcionadas a um maior percentual de falas sobre a morte.

Portanto, podemos perceber que as espacialidades discursivas desses sujeitos foram bem variadas, fruto tanto da vivência espacial quanto temporal. Quando analisamos trazemos a compreensão do processo de envelhecimento como um elemento que constitui a vivência espacial de homens cis gays, identificamos que o corpo é fundamental para que haja, de fato, a vivência nos espaços sociais, mas também para a compreensão do sujeito sobre o seu próprio processo de envelhecimento.

Na sequência, trazemos a cidade de Ponta Grossa como um elemento constituinte da vivência espacial desses homens cis gays, pois como evidenciado nas espacialidades discursivas a cidade é um espaço social que traz muita relevância na compreensão do envelhecimento, seja através dos dados matemáticos do IBGE ou através dos sujeitos e seus olhares e interpretações sobre a cidade a partir de suas próprias vivências.

Assim, a seção 2.3 desse capítulo evidencia uma discussão sobre a cidade de Ponta grossa como um elemento constituinte da vivência espacial desses sujeitos e do seu processo de envelhecimento. Além disso, a cidade de Ponta Grossa situada no estado do Paraná é o nosso recorte espacial escolhido pelo próprio autor por uma questão exequível de pesquisa.

2.3 A CIDADE DE PONTA GROSSA COMO ELEMENTO DO ENVELHECIMENTO CIS GAY

Como vimos anteriormente em nossas discussões, tanto o espaço social quanto o corpo como espaço formam nossos sujeitos e por isso, entender a

composição de suas localidades é de fundamental importância. Cada cidade, cada estado e cada região do Brasil forma diferentes composições de relações sociais e de sujeitos, seja através da cultura, da língua, da qualidade de vida ou dos comportamentos das pessoas.

Fizemos uma análise entre macrorregiões do Brasil e estados através dos dados do IBGE com o objetivo de ter uma visão geral do comportamento do envelhecimento no país e como o envelhecimento vem sendo pensado a partir de dados do IBGE. Entretanto, deixamos claro que nossa análise aqui presente parte de uma visão mais localista, fruto da composição social pontagrossense, que ora se assemelham com dados estaduais e nacionais e outras de distanciam, principalmente, pelos dados qualitativos que coletamos.

Buscando aquilo que propomos no título dessa subseção e trazendo nossa análise mais próxima do fenômeno dessa tese, fizemos uma análise a partir dos municípios e posteriormente da cidade de Ponta Grossa, nosso recorte de espaço social. Nessa pesquisa foi possível realizar novas tabelas e gráficos da própria cidade em que os sujeitos residem. A elaboração também foi feita através do site da SIDRA/IBGE com o filtro 'município'.

O município de Ponta Grossa, está localizada no estado do Paraná, na região sul do Brasil e possui uma população com mais de 358 mil habitantes segundo o último censo de 2022 e no ano passado, 2023, contemplou seus 200 anos. Possui um dos maiores parques industriais do interior do estado, considerada um encontro rodoviário muito importante para o transporte de mercadorias. Sobre seus aspectos econômicos, a cidade é baseada na agricultura, indústria, comércio e prestações de serviços sendo que, os últimos, são as principais atividades que empregam a população.

Segundo o próprio site do IBGE³³, a cidade apresenta um PIB per capita de 54.316,58 reais com uma média salarial de 2,6 salários mínimos e cerca de PEA em torno de mais de 11 mil. No aspecto educacional a taxa de escolarização com crianças de 6 a 14 anos ultrapassa 98% com mais de 97% de área urbanizada e cerca de 81% de residência possuem saneamento básico, dados esses que colocam a cidade como uma cidade mediana com boa infraestrutura para a sua população.

³³ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/panorama>

Buscando aspectos mais direcionados a população, podemos encontrar no site do SIDRA/IBGE alguns elementos válidos na composição da cidade como a configuração da população através do gênero e da etnia – únicos elementos que podem ser encontrados por enquanto nos dados do IBGE, evidenciando uma carência em dados como as sexualidades e identidade de gênero para o nosso trabalho como já havíamos dito.

Por isso, não sabemos de fato quantas pessoas se identificam como homossexuais, transexuais, bissexuais, etc. para que pudemos evidenciar aqui nesse trabalho. Nesse sentido, tabela sequencial de número 9 traz os elementos como gênero e etnia a partir da população absoluta pontagrossense, como podemos observar:

Tabela 7 – População total, Gênero e etnia pontagrossense

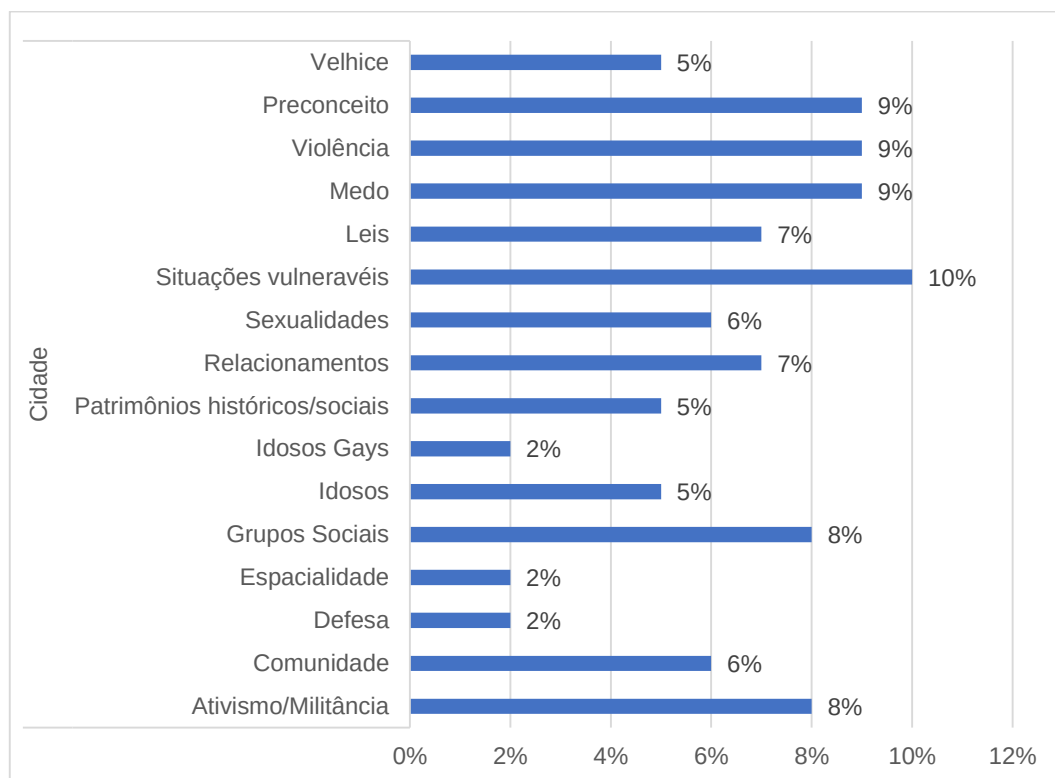
Tabela 9606 - População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a idade																	
Variável - População residente (Pessoas)																	
Município - Ponta Grossa (PR)																	
Idade - Total																	
Ano - 2022																	
Cor ou raça x Sexo																	
Total			Branca			Preta			Amarela			Parda			Indígena		
Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
358.371	173.582	184.789	257.676	122.310	135.366	13.382	7.079	6.303	1.254	647	607	85.748	43.389	42.359	298	150	148

Fonte: SIDRA IBGE, Censo 2022.

Nessa tabela podemos perceber que há uma certa predominância do gênero feminino como também da racialidade branca, tanto em mulheres quanto em homens. Isso está relacionado a um processo histórico de imigração europeia predominante no sul do país. Contudo, a cidade é um espaço geográfico em constante transformações, composto por complexas relações sociais, dentre elas, a de homens cis gays mais velhos.

Assim, nossos entrevistados mostram um outro olhar sobre a cidade, não pelos aspectos demográficos e tampouco pelos aspectos econômicos, mas sim através de suas vivências enquanto homens cis gays mais velhos e suas sexualidades, como podemos observar no gráfico 14

Gráfico 14 – Cidade



Fonte: Entrevistas

Quanto ao espaço da cidade, o item mais destacado se efetivou nas situações vulneráveis. Além disso, também houve menção relacionada com o preconceito, a violência, o medo, os grupos sociais e a militância. Ainda que evocações distintas fossem mencionadas, como militância e violência, o item traz maior concordância para entender a cidade como um espaço hostil para esses sujeitos.

Dessa maneira, o espaço urbano é visto na esfera do medo, do preconceito e da violência, assim como das vulnerabilidades, que podem ser associadas, segundo Oliveira et al (2017), questões de ergonomia e estrutura de deslocamento, mas também a uma ameaça para a própria identidade.

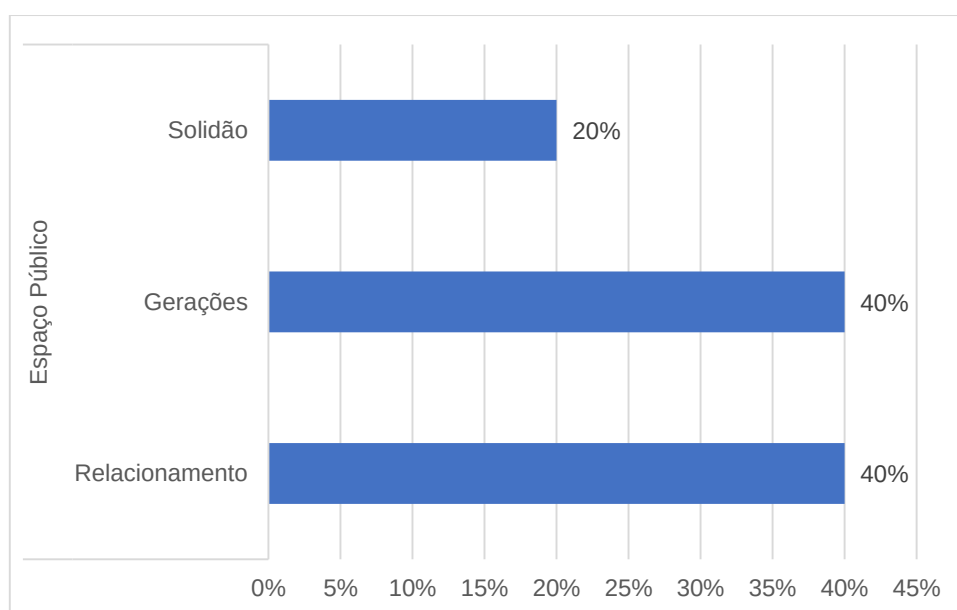
Nesse contexto, a cidade passa a ser compreendido pelos sujeitos como um espaço para exclusão e vulnerabilidades, assim como para ativismo e militância, ou seja, um espaço para discussão e exigência de igualdade e equidade justamente para àqueles que as sofrem. Ainda, para os entrevistados, a cidade é provinciana e que com passos lentos tem se mostrado menos hostil as relações homoafetivas.

Muitos deles, comentaram não praticar qualquer gesto homoafetivos em público, justamente por terem se sentirem vulneráveis e terem medo de sofrer algum tipo de violência. Relataram ver jovens fazendo isso, o que para eles seriam um

grande avanço, mas por terem sido uma geração que sofreu muito preconceito, calados e sem direitos ainda vivem com o bloqueio de demonstrar afetividade em público com seus parceiros.

No gráfico 15, considerando a espacialidade discursiva ‘Espaços públicos’ as principais categorias discursivas sobre essa espacialidade foram: gerações, solidão e relacionamento, como mostra abaixo:

Gráfico 15 – Espaços Públicos



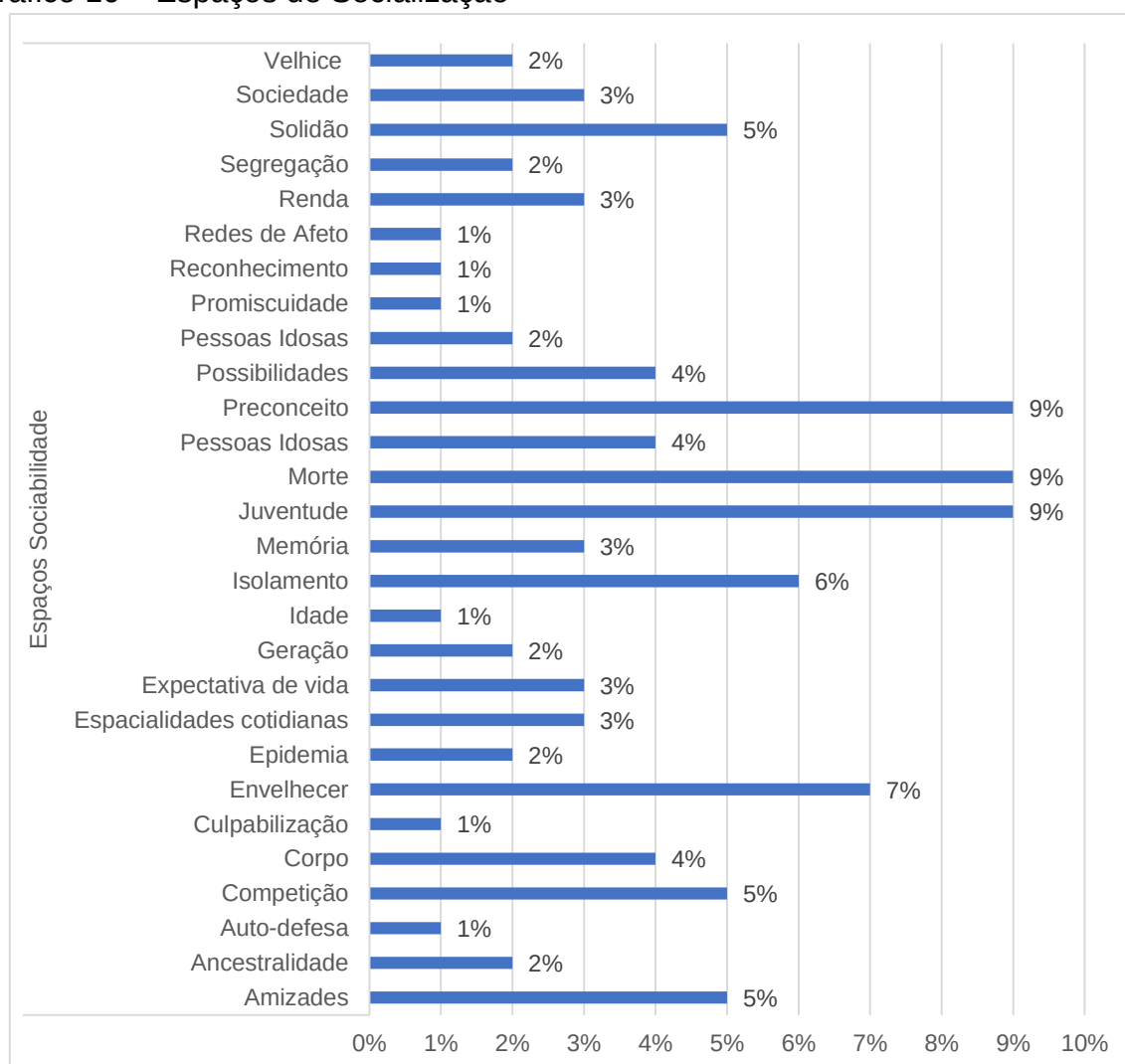
Fonte: Entrevistas

Em relação aos processos de socialização em espaços públicos, vistos enquanto espacialidade, os relacionamentos, as gerações e a solidão se configuram como aspectos importantes. Da mesma maneira como o relacionamento ganha espaço nas interações, a solidão também é manifesta, o que se coloca em discurso contrário, pois ao mesmo tempo que podem encontrar pessoas para um possível relacionamento, quando se tornam homens mais velhos, em vez de relacionamento encontram a solidão.

Sobre esse ponto, a solidão é verificada como ponto de consideração importante, pois mesmo os espaços públicos não são capazes de promover sociabilidades efetivas para essas pessoas. Da mesma maneira que os relacionamentos são possíveis nesses espaços, há também o encontro de diferentes gerações nessas espacialidades, seja pensando as relações sociais ou as diferentes gerações de homens cis gays.

Segundo Simões (2011), os espaços públicos podem promover inclusão ou exclusão, sociabilização ou solidão, pois não influenciam necessariamente na integração entre sujeitos, mas na passagem e em relacionamentos mecânicos e temporários. Assim, o espaço público reserva a ambiguidade entre estar sozinhos e estar acompanhados, ou mesmo em contato com outras gerações. Assim, esses sujeitos diferenciaram os espaços públicos de espaços de socialização nas suas vivências espaciais, como mostra o gráfico 16.

Gráfico 16 – Espaços de Socialização



Fonte: Entrevistas

Em relação aos espaços de socialização, através das evocações da análise de conteúdo podemos identificar as principais categorias discursivas como preconceito, morte e juventude aparecem em destaque com outras, como solidão, isolamento, envelhecer, competição e amizades, dentre outras. Nesse viés, os

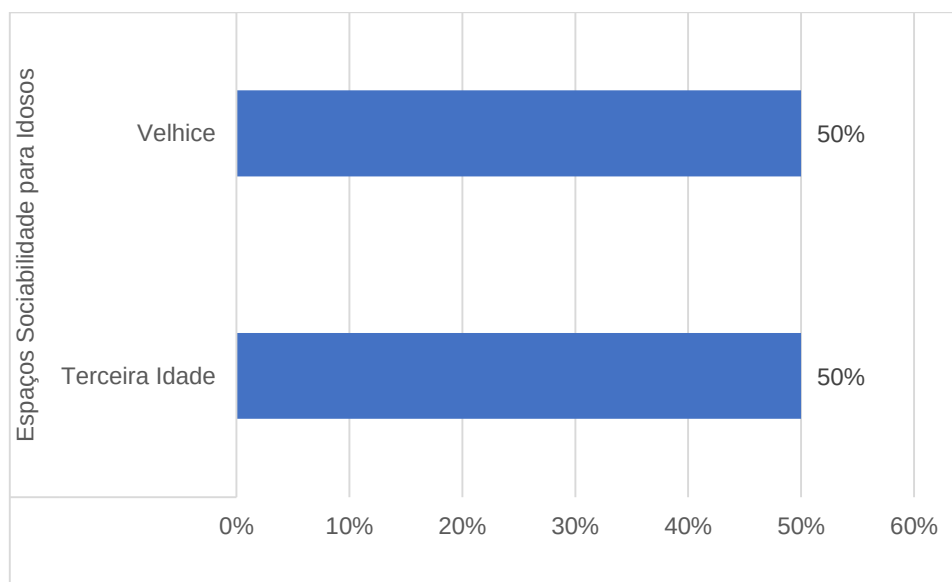
espaços de socialização são vistos de forma distinta pelos sujeitos entrevistados, seja na esfera da aceitação ou da rejeição. Da mesma maneira, os espaços de socialização podem estar associados a algo exclusivo da juventude ou mesmo da competição, mas estão também ligados ao preconceito e morte nos discursos desses sujeitos.

Tem a palavra geração aparece nessa espacialidade uma vez que, sua vivência resulta no encontro de diferentes gerações o que pode promover trocar de experiências, respeito ou questões opostas como a rejeição e o preconceito por terem ideias distintos, características físicas, sociais e financeiras diversas.

Assim, há uma relação de comparecimento ou evitabilidade em relação a esses espaços. Segundo Manso et al (2021), os espaços públicos podem ser de integração ou exclusão, o que pode depender do ambiente, das pessoas e das formas de sociabilidade. Assim, cabe compreender as inserções desses sujeitos nos espaços para apontar sua influência e as relações ali estabelecidas.

Já o gráfico 17, apresenta espaços de socialização específicos para a população idosa.

Gráfico 17 – Espaços de Socialização para Idosos



Fonte: Entrevistas

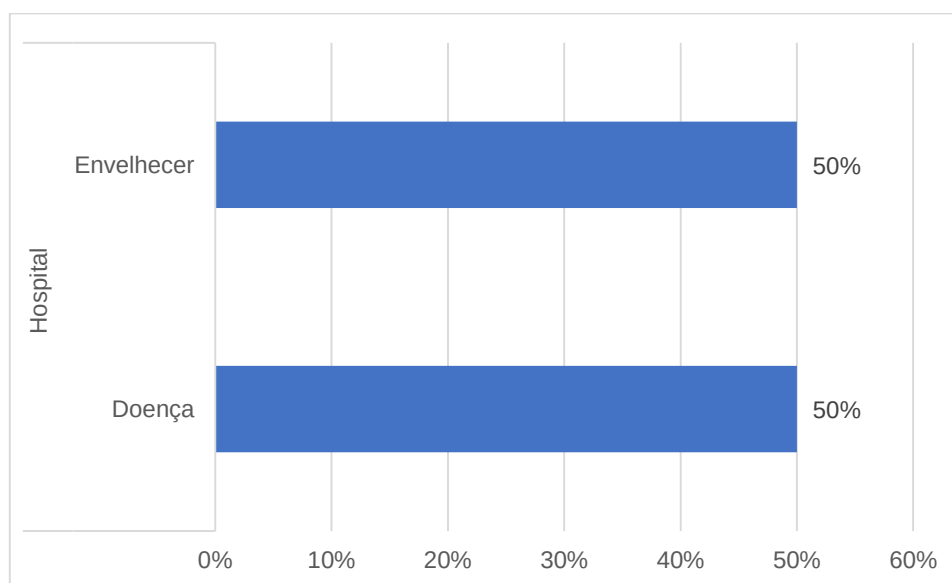
Quanto aos espaços de socialização para idosos, os fatores mencionados foram velhice e envelhecimento. De modo geral, entendeu-se que tais espaços são exclusivos para sujeitos que estão na velhice e na terceira idade. Aliás, é importante ressaltar que, nesse quesito, não foram considerados termos como envelhecimento,

mas já enquanto velhice consolidada, verificando que os espaços em questão são para pessoas já em Terceira Idade, quase que espaços segregados.

Para Oliveira et al (2017), muitos dos espaços de socialização para idosos são pensados apenas para essas pessoas, o que traz acessibilidade, mas também promove exclusão ou impossibilidade de inclusão com outras gerações. Assim, torna-se necessário pensar em espaços com maior integração entre gerações, visando menor segregação.

Outra espacialidade evidenciada pelos sujeitos e que possui uma relação direta com a cidade e a qualidade de vida de seus habitantes é o hospital. Essa espacialidade ela é representada por duas principais categorias discursivas, envelhecer e doença, mostrando como, parte dos discursos que são elaborados nessa espacialidade pensam sobre esse espaço.

Gráfico 18 – Hospital



Fonte: Entrevistas

Assim, o espaço hospitalar está diretamente associado com o envelhecer e com a doença, evocações que foram divididas entre os sujeitos que mencionaram tais aspectos. Segundo Seffner e Duarte (2015), o espaço hospitalar é vinculado ao cuidado, mas a quantidade de pessoas idosas associada com os riscos relacionadas a doenças, que podem acometer mais pessoas com essa faixa etária, trazer discursos de que o espaço do hospital está relacionado com o corpo adoentado, limitado e envelhecido, como podemos observar em nossos sujeitos entrevistados.

A incidência de doenças traz à tona um corpo vulnerável e que pode desenvolver doenças. Da mesma maneira, a ação de envelhecer traz mais risco de permanência ou visita a hospital, o que também é processo que pode ser refletido no estudo como espaços distintos, porém com semelhanças em alguns aspectos quando são representados na relação da velhice com as espacialidades consideradas específicas.

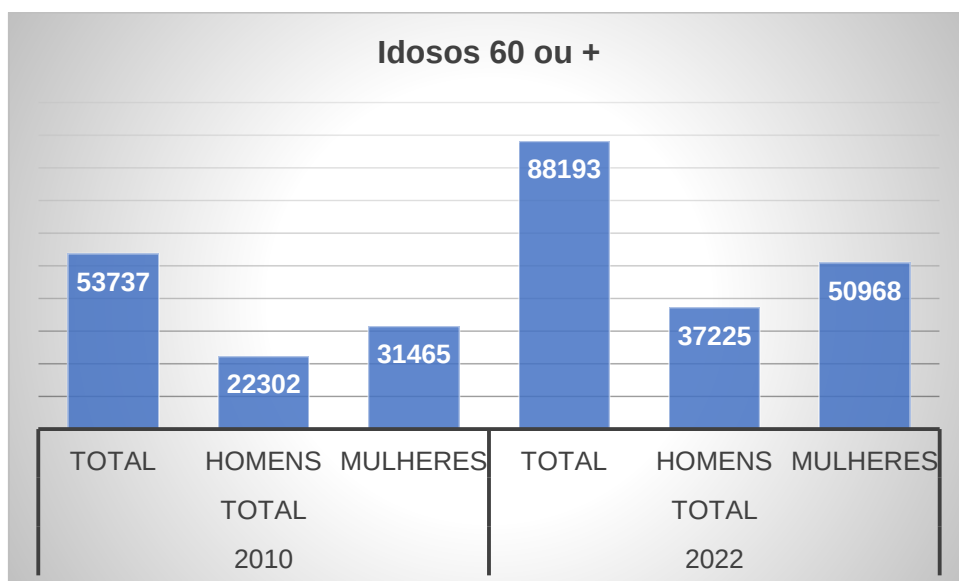
Portanto, os entrevistados, a cidade não se apresenta como segura e com infraestrutura adequadas para todos que chegam na velhice, pelo contrário. Para os entrevistados a cidade se apresenta como opressora sobre suas sexualidades desde o seu nascimento até a sua velhice, ao mesmo tempo que tornar-se um espaço de campo de luta para toda a comunidade LGBTQIAP+ pontagrossense que visa justamente lutar contra o preconceito e se fortalecer nos direitos civis e sociais.

O que pudemos constatar é que não há uma preocupação sobre a população LGBTQIAP+ envelhecida, seja nas questões sobre moradia, questões salariais como aposentadorias e assistência à saúde pois, não há dados sobre isso especificamente na cidade, o que temos são dados em conjunto com a própria população, isso acaba invisibilizados uma população e esses próprios homens cis gays que a décadas luta para existir, mostrando que a cidade não é apenas algo que vivenciamos rotineiramente, é um espaço constituído por relações que compõe a vivência espacial das pessoas. Temos que lembrar que muitos desses sujeitos sofreram e sofrem preconceitos de seus familiares e na própria cidade e que se veem na velhice abandonados novamente.

Assim, partindo da população total do município de Ponta Grossa, resolvemos trabalhar especificamente com a população considerada idosa de forma geral em números absolutos, uma vez que não encontramos dados específicos para o grupo que analisamos.

Contudo quando fomos atrás de analisar os dados do IBGE e em diferentes períodos entre os anos 2010 e 2022, percebemos uma grande variação e conjuntos de idade, por esse motivo, fizemos a soma de todas as idades que fosse acima de 60 anos, para que pudemos ter o número absoluto de idosos da cidade, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 19 – População Idosa Município de Ponta Grossa – PR



Fonte: SIDRA IBGE, Censo 2022.

O que pudemos identificar nessa análise foi que houve um aumento significativo de pessoas consideradas idosas a partir da legislação vigente. Do mesmo modo, não encontramos ainda dados específicos sobre a população idosa LGBTQIAP+ nos dados do IBGE. Na verdade, essa população está mesclada com toda a população da cidade.

Pela falta de dados tanto do IBGE quanto do município, ainda não temos a real numérica de pessoas LGBTQIAP+ idosa da cidade. Mesmo assim, ressaltamos que esses dados são importantes para que tenhamos uma dimensão da localidade em que esses sujeitos estão inseridos, à medida que analisamos o gráfico e percebemos um crescimento significativo da população idosa, sobretudo, do gênero feminino, gênero esse que não corresponde aos sujeitos aqui analisados, somente por essa dimensão já começamos a entender que o processo de envelhecimento desses homens cis gays é diferente.

Os dados do IBGE que foram retirados pelo site da SIDRA-IBGE, mostram uma tendência de crescimento da população idosa no Brasil e na própria cidade de Ponta Grossa. Algumas regiões com mais ou menos percentuais de acordo com suas próprias infraestruturas para com a sua população. Ainda assim, nosso agrupamento de pessoas entra nos dados gerais da população seja ela através das regiões, estados e até mesmo município. Mas, afinal, quantos homens cis gays idosos teríamos no município de Ponta Grossa?

Tal pergunta não pode ser respondida por nenhum desses gráficos, pois a sexualidade não é uma categoria de interesse para o Estado, e o IBGE como seu instrumento fica à mercê de suas regras e decisões sob aqueles que assumem o poder, como mostra a reportagem de Silva (2021) lavorski (2021)³⁴

Segundo a Fundação Municipal de Promoção ao Idoso, vinculada à Secretaria Municipal de assistência Social, hoje eles atendem cerca de 12 mil idosos cadastrados, prestando atendimentos a partir dos 55 anos – mantendo convênio com 9 entidades – 31 grupos e 4 centros de convivência. Contudo, ressaltam que a população idosa com 60 anos ou mais ultrapassam os 20 mil, correspondendo pouco mais de 6% da população total, segundos dados da própria FAPI (Fundação Municipal de Promoção ao Idoso).

Em relação à pesquisa aqui apresentada, os sujeitos entrevistados trouxeram algumas contribuições para se pensar o contexto da cidade como um elemento constituinte de suas vivências espaciais e de seus processos de envelhecimento através de três categorias discursivas: aceitação, rejeição e na comparação com outras cidades, como mostra o discurso do entrevistado 1:

E um amigo meu X, esse meu amigo é bem mais jovem do que eu, mesmo assim somos amigos, aí estava um amigo dele de São Paulo e eu estava conversando com ele, claro que eu não disse a minha idade né (risos) a gente mente. Esse rapaz disse não, acho que isso é uma questão de Ponta Grossa, em SP a gente encontra muita gente com mais de 40 que quer um relacionamento, são pessoas ativas, eu fiquei quieto porque eu não ia falar para ele que eu estou na faixa dos 50 e não 40 (risos) e a gente ficou conversando e foi legal porque quase eu não estou saindo né, a gente ficou analisando e ele como é uma pessoa de fora ele disse...nossa olha aquele cara casado que está ali ele não para de me olhar, ele está praticamente me comendo com os olhos. Aí eu disse, puts eu nem tinha notado que ela era biba (risos). (Entrevista 1, realizada em Ponta Grossa, em 06/02/2022).

No trecho em questão, Ponta Grossa é comparada com a cidade de São Paulo em relação à quantidade de *gays* com faixa etária maior que 40 anos e que deseja um relacionamento. Aponta que São Paulo possui maior abertura do que Ponta Grossa e que a ação de mentir a idade estaria associada a algo local, ou seja, um medo que se encontra na região, mas que não aparece na cidade de São Paulo. Portanto, também se percebe uma ausência de espaços e de homens cis *gays* mais velhos e a

34 <https://periodico.sites.uepg.br/index.php/direitos-humanos>

frequência dos mesmos nesses espaços quando comparado com cidades maiores como São Paulo.

Como temos também alguns dos entrevistados mostram conhecimento sobre espaços destinados a assistência ao Idoso. Entre esses dois trechos temos uma importante análise, pois de um lado não há um reconhecimento de homens cis gays velhos na cidade e aqueles que se enquadram negam tal identificação, por outro o reconhecimento de espaços onde há assistência específica para pessoas idosas, conforme verificado em outras menções:

Ponta Grossa tem uma receita muito alta ter se criar centros, um grande espaço um grande complexo onde as pessoas vão e passam o dia só que lá elas têm tudo... elas têm cultura, elas têm esporte, elas têm lazer, tem alimentação e tem saúde, equipes têm equipes daí fisioterapia, médico, dentista, tudo, mas aí ele funciona como centro dia ele tem que canalizar no mesmo espaço no mesmo complexo tudo isso...todas as atividades... durante o dia, sem pernoitar. (Entrevista 3, realizada em Ponta Grossa, em 02/03/2022).

Tem espaços públicos... olha por exemplo Ponta Grossa, Ponta Grossa deve ter no momento, porque eles sempre estão mudando lá, aquelas coisas nós tínhamos lá em 2012 quando eu organizei a população idosa uma obra chamada causas de lendas de Ponta Grossa eu visitei 30 grupos de terceira idade organizados...na cidade. (Entrevista 5, realizada em Ponta Grossa, em 13/03/2022).

A partir do trecho, destaca-se que Ponta Grossa possui espaços estruturados para os idosos, e que pessoas estariam se mudando para o município por ocasião desses serviços. Porém, há imprecisão nos dados, visto que partem de discursos são individualizados e que podem estar comparados a outros municípios não mencionados, que não teriam ou não seriam percebidos nos serviços executados para essas pessoas, justamente por alguns idosos gays voltarem para o armário pois, como mostra outros discursos a cidade de Ponta Grossa é vista também como uma cidade conservadora e preconceituosa, conforme os trechos seguintes:

Eu nasci em ponta grossa, aos 25 anos eu era um menino soltinho adorado pela vizinhança CDF, super popular, mas lá em cascavel eu era mais baladeiro no meio das bixas. Eu tinha essa vida dupla, entendeu? eu tinha um gás, uma vontade de vida muito grande, eu queria mudar de país. (Entrevista 1, realizada em Ponta Grossa, em 06/02/2022).

Eu nasci aqui em Ponta Grossa, vivi minha vida inteira aqui, Ponta Grossa é preconceituosa, tanto na idade quanto em qualquer outra coisa, a cidade de Ponta Grossa é preconceituosa... Já fui em outras cidades que você é tratado normalmente não interessa idade você é rico, é pobre, branco, é igual, mas Ponta Grossa é tratado diferente. Idoso é idoso eles consideram idoso como

se fosse um animal... a minha mãe tem 80 anos já devia morrer, eu pensei, e a hora que ela morrer será que você não vai chegar nessa idade? Já me deram mais de 65 anos. (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

Nesse ponto, o “menino soltinho”, conforme se autoidentifica o sujeito, possuía dois comportamentos distintos: um em Cascavel (mais “baladeiro”) e outro em Ponta Grossa (adorado pela vizinhança, popular). A vida dupla fazia com que o sujeito desejasse se mudar do Brasil, o que trazia incômodo. Assim, segundo Simões (2018), o desejo de expressar a sexualidade, mas encontrar conservadorismo pode levar os sujeitos a planejarem a saída para lugares onde tenham maior aceitação.

No outro trecho (entrevistado 2), Ponta Grossa é vista como cidade preconceituosa e também comparada, mas de forma negativa, a outras cidades. Nela, os idosos são tratados de forma diferente, “como um animal”. Da mesma maneira, reitera-se no discurso de Simões (2018) que existe um conflito geracional com o qual o idoso é desvalorizado e que mesmo com o Estatuto e políticas públicas, não há efetividade nos processos de respeitabilidade, sobretudo em relação a minorias, mostrando que a cidade enquanto espaço social e construído através das relações sociais que ali se estabelecem promove sobre o indivíduo homem cis *gay* mais velho a representação de espaços de idosos onde nem sempre ele poderá se assumir enquanto *gay*.

Então acabam por promover a exclusão da existência pois, não evidenciam os dados dessa população em conjunto com a FAPI e ainda promovem o preconceito mantendo práticas heteronormativas como padrão nesses espaços de geração em geração, não respeitando as diversidades de seus cidadãos, tornando esses espaços como negociados na vida dos homens cis *gays* mais velhos, como veremos no último capítulo.

Essas discussões não visam sanar todas as lacunas sobre a comunidade LGBTQIAP+ na cidade de Ponta Grossa tampouco as criadas a décadas sobre a temática de envelhecimento na Geografia, mas chamar a atenção de pesquisadores e pesquisadoras da área da Geografia para o desenvolvimento de novas pesquisas, como também os órgãos públicos para com suas responsabilidades sociais.

Podemos perceber que a cidade de Ponta Grossa enquanto um elemento constituinte da vivência espacial e do processo de envelhecimento dos homens cis *gay* precisa caminhar muito na elaboração de espaços sociais mais inclusivos ao

mesmo tempo que políticas públicas possam auxiliar no preconceito, na violência e na vulnerabilidade que pessoas da comunidade LGBTQIAP+ da cidade ainda presenciam ao viver aqui.

Temos que resgatar a importância tanto social quanto cultural das pessoas LGBTQIAP+ idosas, pois são pessoas que passaram e passam por diversas lutas e encorajamento a décadas fruto de traumas e conquistas. Por isso, a última seção desse capítulo mostra uma geração pós-epidemia da AIDS e a emergência do orgulho gay.

2.4 A GERAÇÃO PÓS-EPIDEMIA DA AIDS E A EMERGÊNCIA DO ORGULHO GAY

De início, cabe enfatizar que compreender o processo geracional no contexto pós-epidêmico de AIDS e a emergência de movimentos associados com a homoafetividade, como o Orgulho Gay, se traduz enquanto exercício complexo, amplo e de elevada profundidade teórica. Assim, os escritos que se seguem buscam desdobrar alguns aspectos desse momento histórico, assim como dos espaços a ele relacionados.

Para Simões (2018), gerações podem ser conceituadas a partir das trajetórias dos sujeitos recortadas no decorrer do tempo e mediadas por processos individuais e coletivos passados nas dinâmicas empreendidas em uma História Social. Além disso, a geração não incide apenas sobre uma sequência de nascimentos, mas nas respostas a indagações e reflexões estruturais e existenciais propostas em um determinado recorte histórico, vista como significativa em suas experiências para diferentes sujeitos. Nesse viés, entender os processos geracionais decorridos no contexto pós-epidêmico da AIDS é verificar como algumas das experiências adquiridas dialogam ou confrontam-se para formar e remodelar representações sociais.

O histórico do vírus HIV precisa ser pensado de maneira conjunta com a trajetória da própria História dos vírus e das práticas relacionadas aos Direitos humanos. Isso porque o surgimento da pandemia mundial decorridas na década de 1980 trouxe desafios e corroborou para se pensar que o sistema de saúde pública ainda não estava preparado para o enfrentamento da doença (Silva; Cueto, 2018).

Um dos sujeitos de pesquisa evidenciou esse aspecto, destacando que:

Eu digo que minha vida da vários livros, vários capítulos, quando eu morava com o NOME Y, ele tinha um irmão mais novo que era gay, morava na Alemanha e de repente a gente ficou sabendo que ele estava doente e que ele ia vir para o Brasil, começou a surgir boatos, daí de repente chegou ainda estava mais ou menos, mas a gente não sabia o que era, a gente tinha carro, levava ele na boate, naquela era o uber dele, levava pra lá e pra cá, e o NOME Y não era de ir junto, não era de aprontar, eu também não era mas eu gostava de sair. Aí ele ficou uns 6 meses foi, e aí ia voltar para o Brasil porque estava morrendo de AIDS. A gente não sabia nem como receber ele. Fiquei amigo da mãe dele. Ele veio num contêiner, com luvas, esterilizados, ele numa cadeira de rodas, barba branca, cabelo branco, parecia um defunto, daí levamos na casa da mãe dele, levamos no médico daí falavam os cuidados que tinha que ter, foi muito complicado. Em 2 meses ele recuperou não sei quanto quilos, o cabelo e a barba ficaram preto, ele se recuperou. Então eu sempre digo cabeça é tudo. Recuperou totalmente, começou a dirigir, tinha o problema de ter perdido um olho. Tinha um fusca, ia para lá e pra cá e participava de grupos em Curitiba. Ai depois de uns 2 anos definiu e morreu. (Entrevista 8, realizada em Ponta Grossa, em 15/03/2022).

Nesse contexto, observa-se que a partir da chegada de um cunhado que morava na Alemanha, verificou-se que o sujeito ficaria um tempo no Brasil e retornaria, pois estava com AIDS. Diante dessas questões, destaca-se que o sistema ainda não era preparado e que os cuidados eram realizados em esfera local (Silva; Cueto, 2018).

Além disso, também vale ressaltar que a visão midiática enraizada em torno dos estigmas que cercam a ocorrência do vírus em questão trouxe desafios ainda mais expressivos e escancararam vulnerabilidades. É importante compreender que os períodos posteriores, na década de 1990, não trouxeram mudanças substanciais na visão edificada acerca da mentalidade sobre a AIDS, assim como as preocupações sobre sua aparição e complicações começaram a ser estudadas de modo mais específico, o que corroborou para avanços na área médica, mesmo com limitações na área sociológica e estrutural (Silva; Cueto, 2018).

Pensando nisso, compreender o surgimento da AIDS também é reconhecer que os processos de saúde, assistência e sociabilidade, estão associados a rupturas e permanências, muitas delas associadas com processos historicamente constituídos e outros que exigiram medidas emergenciais para reforço nos níveis de atenção e conscientização (Fernandes; Bruns, 2021). Aqui, sabe ressaltar que tal processo ocorre historicamente e geograficamente, à medida que espaços passam a serem constituídos, seja pela informação, irradiação, tratamento sobre o desenvolvimento da doença, onde a própria comunidade LGBTQIAP+ passaram a fazer parte dessa construção, depois de muita luta e opressões sofridas socialmente, como também impactada diferentemente da expectativa de vida desses sujeitos, Tanto que alguns

dos entrevistados relatavam não ter perspectiva de vida e nem imaginar-se na velhice, pois era uma condição rara para os gays dessa época.

Em primeiro lugar, é essencial apontar que a epidemia de HIV-AIDS ainda se coloca enquanto problema de gravidade ímpar, assim como expõe vulnerabilidades do sistema de saúde e assistência, no Brasil e em outros países do mundo. Seja no que diz respeito à prevenção ou ao processo assistencial, ainda existem diferentes balizas a serem trabalhadas, o que perpassa fatores de ordem financeira, social e moral. Sobre isso, Simões acrescenta:

A epidemia de HIV-aids com a qual convivemos há quase quatro décadas permanece um grave problema social não apenas em termos de prevenção e assistência, mas também pelos embates morais que envolve no que se refere ao lugar concedido às expressões e às práticas não heterossexuais. Homens que praticam sexo com outros homens, gays e travestis continuam sendo os segmentos que constituem a parte mais significativa da população vulnerável à epidemia, apresentando um risco de infecção e adoecimento consideravelmente superior ao da média registrada na população geral (Simões, 2018, p. 10).

Diante do excerto acima, destaca-se que ainda existem preconceitos que relacionam a incidência da AIDS ao relacionamento homossexual. Da mesma maneira, essa população se encontra em situação de maior vulnerabilidade, seja na falta de políticas públicas ou mesmo no processo orientacional que carece na atenção primária à saúde. No mesmo contexto, a autora aponta que homens jovens que se identificam como *gays* possuem maior risco, de modo que algumas das alegações a respeito da contração do vírus se dá porque não houve orientação adequada no início da vida sexual.

Da mesma maneira, a permanência e intensificação de estigmas associados com a homossexualidade, com associação de que há responsabilidade maior na expansão do vírus HIV no planeta, traz problemas de ordem irreparável, assim como há ampla necessidade de se combater práticas discriminatórias em relação à doença. A geração no contexto pós-epidêmico faz parte desse contexto em modo direto (Parker, 2019).

Para Garcia e Souza (2010), entender as vivências e trajetórias dessa população que viveu no contexto pós-epidêmico de AIDS, sobretudo a partir dos anos 1990, é verificar rupturas e permanências na ordem discursiva e nas práticas voltadas

para a saúde pública, assim como na constituição de experiências relacionadas ao período e a reprodutibilidade dos estigmas construídos em torno do homossexual.

Em pesquisa realizada pelos autores, os resultados apontaram que os sujeitos menos escolarizados, mais velhos e que se identificam como homens, foram os que apresentaram menor quantidade de informações sobre a AIDS. Pessoas com mais de 45 anos, mas ainda como menor escolaridade, homens e mulheres, apresentaram conhecimento regular sobre a transmissão da doença. Da mesma maneira, os entrevistados do estudo alegaram que não faziam uso de preservativos e que sua utilização se daria mais em parcerias eventuais. Ademais, o estudo ainda concluiu que os homens fazem menos uso de preservativo que as mulheres (Garcia; Souza, 2010).

Um dos entrevistados ainda complementa:

Primeiro não são muitas pessoas LGBTs que chegam até uma idade tão avançada, agora acredito que tende a melhorar, a uns tempos atrás por vários motivos com o advento da AIDS isso acabou e do HIV enfim... acabou abreviando a vida, hoje com o avanço da Medicina, com tudo que aconteceu, eu vejo hoje que é uma situação de vulnerabilidade, principalmente, a econômica, porque tem a questão do abandono de família que é bem comum, a rejeição ... então é um conjunto de coisas assim ruins, então o envelhecer para um gay eu acho que é bem mais difícil e complicado. (Entrevista 3, realizada em Ponta Grossa, em 02/03/2022).

Nesse ponto, reitera que o HIV abreviou a vida de muitas pessoas. Mas que o avanço da Medicina tende a diminuir esse percentual. Ainda argumenta que as vulnerabilidades tendem a trazer maior problemática para a infecção e agravamento da doença, assim como a rejeição. Os dados apresentados trazem algumas considerações importantes a serem pensadas. A primeira delas refere-se ao fato de haver maior vulnerabilidade de conhecimento entre os homens, assim como menor utilização de preservativos. Outro ponto se coloca no fato de que os sujeitos com maior faixa etária apresentaram menos conhecimento a respeito da AIDS, o que também se constitui enquanto processo de relevância (Garcia; Souza, 2010).

Vale lembrar que a partir da década de 1990, houve aumento no número de casos de pessoas infectadas com HIV e que apresentavam 30 anos ou mais. Do mesmo modo, a partir dessa década, também foram observados decréscimos quantitativos entre os homens infectados e o aumento no número de mulheres com exame positivo. É válido considerar que as desigualdades sociais influenciaram a disseminação da AIDS, assim como a baixa escolaridade. Em termos geracionais, portanto, destaca-se que o contexto pós-epidêmico foi marcado pelo surgimento de

medicamentos retrovirais, pelo incremento das informações, mas ainda por uma disparidade no acesso ao conhecimento. Assim, para esses homens *gays*, a percepção de envelhecer e envelhecimento em seus distintos espaços pode ser vista de forma múltipla, sem necessariamente carregar um único significado, mas demonstrar suas percepções no tempo e nos espaços em questão (Parker, 2019).

Para Pereira (2004), as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por maior ativismo nos Direitos de Cidadania para a população homossexual, de modo a se afirmar no contexto cultural e político em forma paralela ao movimento feminista e negro, na esfera da Contracultura. As *Gay Pride Parades* começam a ser cada vez mais comuns em diferentes espaços, de modo que esses cidadãos passavam a ganhar seus locais de interação mais efetivos e abertos para a comunidade. O surgimento da AIDS traz perturbação para esse contexto, com período de pausa na edificação desse movimento de cidadania que se fazia abrangente na cena pública.

Os autores enfatizam que a presença de uma cultura *gay* em formação, já afirmada pelo ativismo homossexual, trazia “contaminação” de vários espaços sociais e culturais, com a consolidação de uma “hegemonia *gay*” em alguns espaços intelectuais e culturais. Assim, havia um *ethos* homossexual, visto como processo incontrolável por parte da mídia do período.

Na ótica dos pesquisadores, tal inserção do movimento *gay* com força expressiva no cenário midiático brasileiro se coloca como “pânico coletivo” na incidência da AIDS, pois o imaginário social e a culpabilização do homossexual pela chegada e impactação da doença reacende preconceitos e possibilita o renascimento de um discurso com maior violência e exclusão. “Inicialmente de modo discreto, mas com velocidade cada vez maior, começava a se desenhar no horizonte uma certa postura “anti-*gay*” que os anos 80 viriam testemunhar em diferentes setores da vida social” (Pereira, 2004, p. 56).

Apesar de haver um reacender da homossexualidade como “doença”, os discursos de perversão associado com o homossexual masculino, principalmente, ganha força no senso comum. Mesmo assim, é possível afirmar também que a incidência e impactos da AIDS trazem novas maneiras de solidariedade e organização social para a pauta dos debates governamentais, ainda que de forma rápida (Lopes, 2021).

Diante dessas questões, verifica-se que o surgimento da AIDS trouxe interrupções significativas para um movimento *gay* que se encontrava em expansão e

cujas bases dialogavam com outros movimentos de Contracultura, como o feminismo. Os impactos sobre o movimento são significativos, representando novos posicionamentos conservadores, *antigays*, assim como culpabilizando o movimento pela expansão da doença (Lopes, 2021).

No que tange, especificamente, aos *gays* que viveram esse período, é válido reiterar que também há problemas associados à dimensão do pertencimento, principalmente por conta do componente de marginalidade que aguça as discussões e estereótipos criados e reforçados no surgimento e expansão da pandemia de AIDS. Diante disso, faz-se necessário compreender alguns aspectos identitários do que se considera teoricamente enquanto Orgulho Gay, para verificar posteriormente como ambos os contextos apontam para espaços do envelhecer (Carneiro, 2006).

Portanto, o contexto pandêmico da AIDS trouxe rupturas para o desenvolvimento do movimento *gay*, assim como colocou essa comunidade em uma relação de marginalidade e exclusão. As relações desse contexto com a temática do envelhecimento são inúmeras, mas é válido ressaltar algumas dessas particularidades (Carneiro, 2006).

Para Santos Junior, Rocha e Lima Soares (2019), a luta contra a AIDS, no Brasil, também está associada com a redemocratização e o fim da ditadura militar, de modo que muitas das pessoas participantes desses movimentos eram esclarecidas intelectualmente, com formação sólida em termos de política e economia. As Paradas organizadas pelo Movimento Gay, a partir da década de 1990, tinham objetivo de promover maior visibilidade para essa população, entender suas demandas e compreender que a construção de estereótipos ligados ou não com a AIDS só traria entraves para o processo de atendimento.

As temáticas iniciais das paradas de orgulho *gay* estão associadas com processos de igualdade e equidade. Desde a 17ª Conferência Mundial da ILGA, em 1994, quando se almejava a reunião da comunidade *gay* de todo o mundo, no Rio de Janeiro, para discussão de pautas relacionadas com os Direitos dessas pessoas, até os dias atuais, nos quais as paradas são realizadas anualmente, é possível notar rupturas e permanências nas estruturas de mentalidade (Santos Junior; Rocha; Lima Soares, 2019).

Nota-se claramente que as visões associando a AIDS ao sujeito homossexual ainda existem, demonstrando aspectos estereotípicos e rechaçando as lutas presentes no movimento. No entanto, quando se trata do Orgulho Gay, as questões

que envolvem sensibilidades de apreço, orgulho, representatividade e autoidentificação surgem como componente de resistência. Nesse processo, torna-se importante compreender as relações de gênero e sexualidades em seus aspectos de tensão e contradição, nas relações consigo e com o mundo (Santos Junior; Rocha; Lima Soares, 2019).

É fundamental considerar o gênero enquanto categoria de análise histórica, como já reiterado por Joana Maria Pedro (2005). Concomitante a isso, compreender as particularidades que envolvem a conjuntura histórica e espacial também é relevante na construção da trajetória através do processo de envelhecimento dos sujeitos. Para além dos movimentos de Beauvoir (2014), que ainda considerava o feminismo em seus aspectos biológicos, Butler (2018) traz as identidades homoafetivas para o cenário da luta na defesa do gênero e na valorização dos sujeitos, de modo a proceder com a desconstrução de estereótipos e edificação de um conceito de cidadania baseado na equidade.

Assim, a dimensão de gênero não adquire aspectos meramente vinculados à imagem coletiva, mas nas próprias individualidades, como também as sexualidades. Ademais, é fundamental considerar que a construção do conceito de gênero em suas práticas e trajetórias históricas não impediu o surgimento de contradições dentro do movimento, como as diferenças no processo de identidade na relação com a faixa etária dessas pessoas, suas sexualidades e religiosidades. Para os que passaram pelas conferências e paradas *gays* organizadas na década de 1990, as experiências constituídas revelam um movimento de orgulho que ainda precisa ser estruturado de forma mais inclusiva, para além dos componentes midiáticos (Parker, 2019).

Em primeiro lugar, reitera-se que algumas dessas pessoas já estavam na faixa idosa da população no momento da pandemia de AIDS. Para boa parte desse grupo, há o endosso da homossexualidade como doença ou justificção da relação entre a doença e a homoafetividade. Mas parte dessa geração estava em idade adulta ou jovem, de maneira que as formas pelas quais representa o movimento se colocam de modo mais plural, seja no reforço do conservadorismo ou mesmo na desmistificação do estereótipo (Silva et al, 2020).

É importante considerar que as conquistas posteriores do movimento *gay* são enfatizadas nesse contato de gerações, algumas que vivenciaram apenas o contexto pós-pandêmico e outras que estão na transição entre os dois cenários históricos específicos (Silva et al, 2020).

Para Leite e Nascimento (2022), em estudo realizado com idosos homossexuais, a passagem de geração não trouxe modificações significativas para a mudança nos estereótipos, mas acabou por criar estigmas internos na comunidade. Nomenclaturas como “viados-susana-vieira” ou “bichas velhas” passam a ser utilizadas de forma depreciativa, em contraste a outras nomenclaturas heterossexuais, como “paizão” ou “tiozão”.

Além disso, em relação a questões de orgulho, o corpo do idoso homossexual acaba sendo visto como sendo de valor menor, ocupando espaços pelos quais não são destinados. Assim, o envelhecer para o idoso homossexual se coloca como elemento mais desafiador, seja no que diz respeito a aspectos voltados para a heteronormatividade ou mesmo na homonormatividade. Nessa linha de pensamento, é importante verificar que o envelhecer produz discursos a respeito dos espaços de inserção dos sujeitos e que, para os homossexuais idosos, existe um processo de exclusão evidenciado, cuja incidência precisa ser refletida (Leite; Nascimento, 2022).

Flôres (2019) acrescenta que existe ausência da representatividade do idoso gay perante a comunidade, nos discursos ou nas práticas relacionadas com o Orgulho. Assim, a falta de visibilidade dessas pessoas na sociedade atual é, também, resultado dos discursos e exclusões verificados no contexto pós-epidêmico da AIDS no cenário brasileiro. Na visão do autor, essa invisibilidade traz incertezas importantes de menção, pois é necessário demonstrar que há possibilidade de um envelhecimento satisfatório e feliz, sendo homossexual.

Nesse ponto, o componente de identidade tratado pelo autor se faz relevante para apontar que há uma crise de representatividade na mídia, pois existem diferentes famosos que se autoidentificam como *gays*, mas que, em sua maioria, são jovens. Para o pesquisador, é nítido verificar que dar maior visibilidade para o idoso homossexual é valorizar sua História, trajetória, assim como enfatizar aspectos primordiais relacionados com o orgulho.

Da mesma maneira, Antunes e Mercadante (2011) reiteram que tal invisibilidade e exclusão de alguns grupos na esfera da sexualidade contribui para que ocorra uma leitura de que tal sexualidade não existe. Aliás, o movimento de Orgulho Gay propõe-se em uma relação de pertencimento, com promessa de aceitação e pertencimento, mas é válido reiterar que boa parte do comportamento social inserido em uma sociedade capitalista está moldado em torno de competitividade e mobilidade, com variação nas formas de pensar no decorrer da trajetória de vida.

Ademais, também há uma relação de resistência a essa exclusão de parte dos idosos *gays*, com reprodução de discursos homofóbicos ou machistas. Assim, tais grupos podem alegar desaprovação do comportamento da juventude atual, desacordo com as recentes representações de gênero, a crítica ao *gay* afeminado, aversão a travestis e afirmações de que a juventude *gay* não apresenta posição discreta. É essencial reiterar que boa parte dessas visões construídas está pautada em um contexto pós-epidêmico imediato de AIDS, no qual era necessário parecer discreto e “menos afeminado” para não levantar suspeitas a respeito da própria sexualidade, visto que o discurso era de culpabilização do homossexual na incidência e aumento do quantitativo de casos de AIDS na sociedade brasileira (Antunes; Mercadante, 2011).

Na visão de Santos e Lago (2013), os idosos entrevistados chegam a mencionar que não viam possibilidade de frequentar os mesmos espaços que pessoas mais jovens e que o processo de representatividade entendido por eles se fazia presente de maneira qualitativa, para além dos processos quantitativos mencionados. Dessa forma, percebe-se que a ideia de orgulho perpassada por esses sujeitos está diretamente vinculada com o processo da privacidade e intimidade, do reservar para si espaços e posições, algo igualmente discreto na relação com posturas atuais vinculadas à identidade.

Ainda é válido considerar que gerações posteriores ao contexto epidêmico da AIDS, como a geração atual, ainda reproduz elementos de continuidade em relação às pessoas idosas, mesmo que algumas formas de comportamento tenham se modificado. O Orgulho Gay se expressa em diferentes espaços, como as redes sociais e portais digitais de comunicação, seja no mês do orgulho ou em outras datas.

Dessa forma, houve nova expansão do processo de representativa, com maior ação da mídia no protagonismo homossexual ou mesmo em novos estudos acadêmicos, sobretudo nas Ciências Sociais. Mesmo assim, essa população idosa que se autoidentificam enquanto pertencente à comunidade LGBTQIAP+ ainda permanece na marginalidade, de forma invisível às demandas e necessidades colocadas pela sociedade, assim como na esfera do julgamento interno e externo sobre quem são e como devem se reconhecer no contexto ao qual estão inseridos (Santos; Lago, 2013; Leite; Nascimento, 2022).

Ainda é fundamental considerar que parte dessa população jovem no período pós-pandêmico imediato da AIDS no Brasil não teve referências de idosos com as

mesmas perspectivas e discursos de gênero, principalmente porque grande parte dos soropositivos acabaram entrando em óbito por ocasião do enfraquecimento do sistema imunológico ocasionado pelo vírus. Assim, a falta de referências a personalidades idosas no discurso e prática do orgulho *gay* estão associadas com a aparição da doença e suas potencialidades na geração de vítimas, o que trouxe resultados desastrosos para se pensar o processo geracional e o envelhecimento (Santos; Lago, 2013).

Isso porque a geração em questão não teve sua completude, ou seja, não houve quantitativo suficiente de pessoas idosas que envelheceram com saúde e potencial ativista para o desenvolvimento de uma experiência associada ao orgulho *gay*. Da mesma maneira, muitos dos idosos que se identificam como *gays* não se encontram associados ao movimento, seja por questões vinculadas a críticas próprias ou ao fato de efetivamente não se identificarem com suas características modernas (Manso et al, 2021).

Dessa forma, pensar nessa população é fundamental para entender o componente geracional como parte de uma problematização maior, que envolve a própria identidade, pois esta necessita de elementos da experiência e da memória para construção histórica. No viés sociológico, o aspecto identitário precisa ser pensado mediante processos de socialização, evidenciados na cooperação e nos traços de aproximação entre os sujeitos, dentre outros aspectos (Manso et al, 2021).

No viés geracional, pelo fato de muitas pessoas soropositivas não terem envelhecido, pois foram a óbito antes da chegada do período em questão, traz lacunas significativas na construção de experiências, assim como um abismo de socialização entre homossexuais jovens, adultos e idosos. Em relação ao último grupo, aliás, a falta de identificação com o movimento de Orgulho Gay pode estar associada à descoberta de si enquanto homossexual após o período pandêmico, o que traz modificações no processo de memória e das vivências do período, que podem ser minimizadas (Manso et al, 2021).

Para um dos sujeitos em texto de evocação, destacou-se que:

[...] aí surgiu nos anos 80 a AIDS não é? que era uma coisa de todos mas que no começo foi imputada exclusivamente como peste *gay*, eu vivi esse terror porque eu nasci 56 em 76 o dia 20 anos e como é que eu falei muito precoce muito precoce...então com 20 anos no período antes AIDS 'evoé' que sou um sobrevivente porque eu fiz muito, de todas as formas, principalmente

na parte emocional, por incrível que pareça. (Entrevista 3, realizada em Ponta Grossa, em 02/03/2022).

O sujeito de pesquisa frisa que mesmo sendo uma doença de todos, a AIDS, no início, foi imputada como peste *gay*. Também destaca que tinha 20 anos na época e que foi um sobrevivente em relação aos processos emocionais passados. Assim, se o contexto da AIDS reservou momentos difíceis para essas pessoas, o processo pós-pandêmico trouxe desafios semelhantes, visto que as mentalidades não foram alteradas em relação à homossexualidade (Santos; Lago, 2013).

Dessa maneira, ingressa para o discurso o processo de autoidentificação, que se estrutura na diferença dos sujeitos para com os outros, seja nos traços de semelhança entre ambos ou mesmo na separação de corpos e personalidades, processos nos quais estão implícitos inúmeros fatores, dentre os quais consta as percepções individuais e coletivas e a própria identificação e pertencimento a determinados grupos. Assim, identificar-se enquanto sujeito em processo de envelhecimento se traduz em mudanças aparentes na estrutura física, mas também nas personalidades.

Da mesma maneira, outro sujeito também frisa questões relacionadas com a AIDS, de modo que o trecho a seguir explicita o medo da morte:

Eu acho que a gente por ter pego as gerações mais antiga a gente convive com a morte, porque a gente que passou pela pandemia da Aids pela violência do preconceito a gente que já sofreu ameaça de vida por ser *gay*, então a gente tem uma relação diferente com a morte, a morte está ao nosso lado todo momento, não é uma coisa distante, por exemplo, com um heteros que pegou covid, isso é uma coisa, é uma doença que todos podem pegar e morrer, mas agora a gente sempre foi meio um alvo para a sociedade preconceituosa sabe, então a gente vive diariamente com a morte e não imagina ela somente na velhice. Podemos dizer que a nossa relação com a morte não é o mesmo que no mundo heteros que é algo distante e que a gente projeta na velhice, a morte está ali e a gente flerta com a morte porque os *gays* se drogam mais, se colocam em risco muito mais do que os heteros, a relação com a morte pode ser até mesmo mais comum assim. (Entrevista 1, realizada em Ponta Grossa, em 06/02/2022).

Essa relação de fortalecimento e enfrentamento da morte é analisada pelo sujeito de pesquisa a partir de uma diferenciação entre héteros e não-héteros, com citação de que houve passagem pela pandemia de AIDS e pelo preconceito, colocados lado-a-lado. Assim, destaca que a própria relação com a morte não é efetuada mediante a naturalidade e fatalidade da vida, mas com algo que não é necessariamente veiculado na velhice, por conta da falta de cuidado de alguns. Nesse sentido, Flôres (2019) evidencia que no contexto pandêmico da AIDS, a proximidade

da morte fez com que muitos desses sujeitos compreendessem o resistir a partir do sobreviver, com uma dimensão mais efetiva de autocuidado.

Nessa linha de pensamento, compreender o processo de autoidentificação é importante para verificar seus traços históricos e psicológicos, no sentido de compreender como a população idosa se reconhece em suas especificidades. Da mesma maneira, compreender essas questões identitárias torna-se importante para averiguar como a identificação parte desses sujeitos.

Os participantes dessa pesquisa, são fruto de uma geração marcada por preconceitos e pela epidemia da AIDS, onde muitos não puderam chegar no status de velhice para que houvesse um processo de identificação, um processo de reconhecimento e até mesmo uma projeção da velhice. Muitos acabaram projetando suas vidas por volta de 40 anos, pois não se via homens cis gays velhos. O desenvolvimento de um orgulho gay, vem com o reconhecimento quanto seres humanos e o processo de autoidentificação sobre suas sexualidades e identidades de gênero. Tal movimento vem de lutas constantes para serem respeitado e ter o direito de ser quem são.

Por isso, o capítulo três traz em suas discussões as percepções do envelhecimento desses sujeitos após esses eventos da epidemia da AIDS e o Orgulho Gay, pois eles modificaram a compreensão do processo de envelhecimento de toda a comunidade LGBTQIAP+, sobretudo, nossos pesquisados, homens cis gays.

Assim, o capítulo seguinte mostra além dos discursos desses sujeitos sobre as percepções de envelhecer, relações de poder e inadequações que vem junto com esse processo que chamamos de envelhecimento. Ainda, o capítulo aborda o processo de autoidentificação do envelhecer, para alguns dos entrevistados, esse processo é tranquilo e fruto da vida, para outros esse processo ainda está muito longe de acontecer, pois para alguns envelhecer está atrelado ao conceito de velhice e de fim da vida.

CAPÍTULO 3 - PERCEPÇÕES DO ENVELHECIMENTO E SEUS ESPAÇOS

Esse capítulo busca evidenciar algumas das principais percepções a respeito do envelhecimento a partir dos processos de autoidentificação, poder e inadequação no envelhecimento contemporâneo e de contextualização histórica dos espaços e cenários constituídos em uma relação que envolve políticas públicas, mentalidades e sensibilidades, assim como no entendimento das individualidades e subjetividades.

Dessa maneira, a partir de diálogo teórico, há o intuito em elucidar como o envelhecimento pode ser associado com processos históricos, geográficos, interdisciplinares, psicológicos e nas relações com o poder instituído.

3.1 PODER E INADEQUAÇÃO DO ENVELHECER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Os aspectos destacados nesse tópico estão diretamente relacionados com as diferentes formas pelas quais o envelhecer passa a ser ressignificado, tendo como base de ação a evidência de uma sociedade capitalista que preza pela juventude, jovialidade, vigor e manutenção da beleza física, com a venda de promessas a partir de produtos e processos que trazem uma representação visual mais jovem.

Diante disso, as ideias trazidas buscam permear alguns pontos importantes do que pode ser considerado como o envelhecimento, nas tentativas de extensão tardia perante a sociedade ou no reconhecimento de si e dos traços do envelhecer em suas particularidades. As relações de poder podem ser estruturadas de diferentes formas, a nível micro ou macro. Na dimensão privada da vida cotidiana ou na vida pública, os processos de poder são destacados em sua horizontalidade ou verticalidade, dependendo da sociedade, das mentalidades e das instituições, assim como as formas de entendimento constituídas a respeito do exercício de poder (Tótora, 2008).

Mas como as relações de poder estabelecidas no conteúdo de ação capitalista impactam do diretamente na incidência, impactos e outras vicissitudes do envelhecer? Tal indagação se traduz em ponto fundamental da abordagem, pois também se coloca como estratégia de diferentes empresas de múltiplas áreas, com intuito de vender

produtos que mantenham a juventude ou, ao menos, sua representação visual mais imediata (Tótor, 2008).

Em primeiro lugar, Negreiros (2004) sustenta que o processo de envelhecer traz diferenças significativas entre as visões edificadas sobre homens e mulheres. Alguns dos principais discursos midiáticos trazidos no senso comum apontam que o envelhecer masculino está pautado por processos de experiência profissional, amadurecimento relacional, conhecimento de realidade, mudanças nos padrões de atratividade (charme e elegância), assim como a liberdade de não estar vinculado ao trabalho.

Em relação à mulher, tais questões são edificadas de modo distinto nos discursos e práticas. O envelhecimento pode ser verificado mediante a perda da beleza estética, as mudanças nos padrões corporais, o aparecimento de rugas, assim como alterações hormonais, como o climatério e a menopausa (Negreiros, 2004).

Em segundo lugar, para compreender as relações de poder a respeito do envelhecimento nos discursos contemporâneos, é essencial verificar que tais interações surgem a partir de diferentes sensibilidades, que podem ser analisadas mediante o viés da subjetividade. Isso significa que mesmo havendo relações de poder frisadas pelo componente midiático, pelo discurso religioso ou pela sociedade, de modo geral, a interiorização desses discursos está vinculada com a forma pela qual cada sujeito, com suas vivências e incompletudes, entende o seu próprio eu na relação com o mundo (Andrade, 2012).

Uma das falas dos entrevistados aponta para a segregação que as relações de poder produzem:

Mesmo assim, eu já tenho um pouco de receio assim... eu acho que a tendência agora é ter cada vez menos espaços segregados sabe, eu concordo que hoje em um bailão um velhinho *gay* seria segregado, mas eu acho que está geração que já está idosa. As gerações que estão vindo agora já não vai mais ter isso, então eu acho que isso é um problema que tende a acabar, eu não acho, talvez, para minha geração ainda serviria esses lugares assim... bem segregados assim... como eu falei que meu amigo que tem ideia e que está com projeto para montar isso sabe, ele tem 46 e ele já projeta e vai fazer, só que assim... talvez para essa geração ainda sirva, mas eu acho que, para geração que “seriam os meus filhos” ou netos eu acho que não seria mais necessário, porque eu não vejo mais essa segregação nas gerações mais novas e eu acho que isso é muito nítido quando você ver as baladas, porque na minha geração ainda existia a balada *gay* e existia a balada hetero, hoje em dia está cada vez menos as baladas segregadas, misturou totalmente, os heteros começaram a frequentar as ditas baladas *gays* e as *gays* começaram a ir nas baladas heteros. (Entrevista 9, realizada em Ponta Grossa, em 17/04/2022).

Existe, no discurso, uma intenção de produzir esperança para as novas gerações, de modo que os espaços sejam mais integrados para pessoas com diferentes faixas etárias. O sujeito em questão não exclui as gerações mais jovens, mas aponta que a segregação já não se faz mais como em tempos anteriores. Porém, outra fala efetua processo de segregação, conforme verificado a seguir:

Nesse últimos dois anos eu quase não sai, não fui em festas, tenha contato com a novíssima geração da comunidade LGBTQIAP+ aqui na cidade, as vezes a gente conversa, troca ideia, uma drag novinha herdou uma série de figurinos meus, porque assim..eu sempre fui meio esquisito assim.... (risos) eu tinha roupa minha guardada de quando eu tinha o programa na tv na virada do século...Então eu tinha roupa tamanho 40/42 que nunca mais ia entrar em mim (risos) e eu tinha tudo guardado. (Entrevista 1, realizada em Ponta Grossa, em 06/02/2022).

Diante das questões apontadas, reitera-se que evitar ir em festas e ter contato com as novas gerações pode ser complexo e inseguro para muitos desses sujeitos. Da mesma maneira como alguns podem verificar a integração em ambientes de balada, com gerações distintas na mesma espacialidade, há exclusões e falta de confiança nesse contato, efetuando verificação ambígua dessa integralização mencionada.

Da mesma forma, os elementos que trazem essa subjetividade são construídos a partir de processos internos e externos, ou seja, na visão que os sujeitos constroem de si e dos processos vividos, assim como de influências externas e que exercem poder sobre suas opiniões e vivências (Andrade, 2012).

Ambos os aspectos podem agir mediante mecanismos micrológicos de poder para que os sujeitos construam representações condizentes com os padrões de consumo estabelecidos, em uma relação vantajosa para o sistema. Da mesma maneira, diferentes grupos de pessoas podem ser impactadas por fatores diferenciados, com incidência sobre suas visões internas e externas da própria realidade.

Mas é importante compreender as relações de poder e a inadequação do envelhecer na sociedade contemporânea por intermédio do discurso jurídico e do suporte, ou sua falta, nas políticas públicas. Ainda que haja documentos importantes, como o Estatuto do Idoso e políticas nacionais de cuidados com a população idosa, ainda há uma ineficiência nas práticas retratadas nos documentos, assim como maior estrutura e oferta de serviços para essa população (Paulino; Siqueira, 2013).

Dentre os sujeitos de pesquisa, alguns reiteraram que:

No mundo gay, é você ter juventude e você ter beleza, então assim, a primeira avaliação que as pessoas fazem é juventude e beleza, então quando você deixa de ter isso, você já está à margem. A sorte que a gente tem anos de janela, a gente faz, a gente é criativo e a gente conquista por outras qualidades (risos) (Entrevista 9, realizada em Ponta Grossa, em 17/04/2022).

Por que de fato nós sofremos preconceito frente a sociedade, mas nós enquanto grupo também promovemos os preconceitos, porque nós criamos os perfis né ideal que é a Barbie, tudo que foge do perfil da Barbie passa sofrer algum tipo de preconceito (Entrevista 11, realizada em Ponta Grossa, em 12/04/2022).

Na primeira citação, destaca-se que a juventude e beleza fazem parte desse universo e que a primeira avaliação é relacionada a esse fator. De igual modo, se o sujeito deixa de ter beleza e fica à margem, precisando conquistar de outras formas. Na segunda citação, ainda há o acréscimo do perfil de aceitação, que seria o 'Barbie', cuja demonstração de juventude e beleza é mais evidenciada. Se a exclusão é interna e trabalha dentro das esferas dos grupos gays, também pode ser pensada a nível externo, institucional.

Isso porque o poder público enquanto esfera de atuação também atua de forma impactante na relação com a população idosa, o que traz representação externa de como diferentes governos compreendem e trabalham em prol desse perfil populacional. Com todas essas particularidades, cabe verificar como as relações de poder recaem sobre a população idosa, assim como as adequações junto a uma sociedade contemporânea (Paulino; Siqueira, 2013).

Inicialmente, é importante destacar que as relações de poder estruturadas entre empresas produtoras de mercadorias e serviços para idosos e a população consumidora se faz mediante o conhecimento de alguns contextos específicos, como o fato de que o processo de envelhecimento não está associado somente com a idade, mas com diferentes fatores (Motta, 2012).

Assim, as indústrias voltadas a produtos naturais, complexos vitamínicos, produtos antirrugas, estimulantes sexuais, smartphones com fontes em tamanhos maiores, medicamentos, suplementos, dentre outras, compreendem que muitos idosos estão em busca de manutenção da jovialidade, assim como entendem que é um grupo com potencial de recursos variável para tais compras (Motta, 2012).

Da mesma maneira, apontam que ao idoso qualquer serviço ou produto pode ser acessível, com experiências distintas que nem sempre correspondem à realidade.

Aspectos notadamente subjetivos, como o aproveitamento do tempo, a redução de distâncias, a felicidade, o conforto, a praticidade, a aventura e a acessibilidade passam a ser ofertados em produtos e serviços distintos, o que pode ser vantajoso para as empresas, assim como no acesso de algumas dessas pessoas a mercadorias que tragam alguma sensação de juventude, ainda que temporária (Motta, 2012).

Nesse sentido, muitas das empresas que ofertam produtos para a população idosa se utilizam de um discurso de poder inscrito na própria definição biológica do envelhecimento: a deterioração do corpo traz rejeição ou exaltação acrítica do processo de envelhecer, assim como uma aproximação temporal mais efetiva com a morte, a dependência, o afastamento (Paulino; Siqueira, 2013).

A partir do entendimento de que esses são fatores importantes para se entender a subjetividade no pensamento de muitos idosos, indústrias de cosméticos, tecnologias de comunicação e produtos que prometem jovialidade também podem trazer noção de independência e autonomia. Da mesma maneira, também é importante pensar nas relações constituídas no próprio ambiente domiciliar, com a perda da autonomia (Andrade, 2012).

Em alguns casos, móveis são trocados para melhor ergonomia e menor risco de acidentes; o tipo de piso passa a ser trocado; locais com acesso por escada passam a ser evitados; há restrição de espaços em circulação e, em alguns casos, há maior monitoria das ações, seja pelos filhos, outros familiares ou pessoas contratadas. Nesse caso, o conceito biológico vinculado com a deterioração do corpo também pode ser vinculado com as relações de poder, já que o idoso passa a ser cuidado por outras pessoas, com rotinas edificadas, perda de algumas escolhas, monitoramento das redes sociais, assim como outros cuidados (Andrade, 2012).

É essencial compreender que muitas dessas restrições estão associadas com cuidados de saúde, amplamente discutidos na literatura especializada e que trazem sólido suporte para o entendimento da segurança dessas pessoas. No entanto, é válido destacar que o envelhecer traz consigo mudanças nas relações de poder, dependendo da sociedade e da visão constituída em suas raízes e práticas.

Para Torres, Camargo e Bousfield (2016), a visão estereotipada de que o idoso não pode se inscrever de maneira ativa na vida social se coloca, na atualidade, como um problema social de efetiva relevância. Isso porque coloca a população idosa em uma relação de biopoder enfatizada em sua marginalidade e problemática. Vale lembrar que o conceito de biopoder, na ótica de Foucault (2019), se destaca na ação

de poder focada no nível da vida, das relações sociais, da espécie e etnia. Assim, o biopoder reorganiza o imaginário a respeito do envelhecer na sociedade ocidental contemporânea.

Diante disso, para além dos processos biológicos, parte do discurso oficial utiliza-se de novas nomenclaturas para identificar a população idosa, como "boa idade", "melhor idade", assim como apontam para a sociabilidade e por engendrar uma visão mais dinâmica e ativa para a população idosa. Mesmo assim, tal marginalidade se configura em outros aspectos, mediante uma relação de invisibilidade discursiva dessa mídia que apregoa o consumo, mas com elementos que perpassam as sensibilidades e subjetividades (Torres; Camargo; Bousfield, 2016).

Um dos pontos de invisibilidade é a sexualidade, seguida de questões sobre o corpo e o mercado de trabalho. Em relação ao biopoder, a invisibilidade da sexualidade do idoso nos discursos se coloca em uma negação da relação sexual e na queda da libido a partir dos 60 anos. No entanto, tal argumento é falacioso e denota generalidade, já que a forma pela qual os idosos podem compreender a própria sexualidade se dá de maneira distinta e subjetiva, seja na atividade sexual ou mesmo nas relações de gênero (Torres; Camargo; Bousfield, 2016).

Em uma das falas, ressalta-se:

Aí esse tempo de vida do corpo padrão é muito curto assim, eu acho que dos... sei lá ... dos 20 aos 35 anos eu diria, acima disso tá velho. Tá velho e não pode frequentar os mesmos lugares que a gente e a gente se sente discriminado quando vai na balada assim eu me sinto muito, muito... eu me sinto muito mais mal na balada *gay* do que na balada hetero...então fica bem claro isso sabe, na balada hetero eu não me sinto tiozinho da balada, agora na balada *gay* eu me sinto a bixa velha que não devia tá aqui...parece que a gente já tá meio fora...mas o público *gay* discrimina muito mais. (Entrevista 9, realizada em Ponta Grossa, em 17/04/2022).

Quanto ao corpo, a invisibilidade pode ser verificada ao exclusivismo da dualidade entre saúde e doença. Em outras palavras, o corpo do idoso passa a ser discutido de forma mais veemente em pesquisas relacionadas ao campo da saúde, reduzindo sua possibilidade de discussão mais ampla.

Quanto ao biopoder, tal redução implica em considerar padrões culturais e sociais para o corpo, conduzindo determinadas discussões e evitando ou minimizando outras. No que tange ao mercado de trabalho, Batista e Teixeira (2021) destacam a dificuldade de reinserção laboral no contexto posterior à aposentadoria, as

dificuldades de comunicação com recrutadores e colegas de trabalho, os desafios e desigualdades em promoções e progressões, as dificuldades de contratação e atualização na atividade laboral, dentre outros inúmeros aspectos.

Em relação a essas questões, Foucault (2019) destaca parte de sua obra para o poder-saber, que significa o poder do conhecimento e o acesso a informações que tragam vantagens para quem as detém. Nesse caso, o filósofo francês destaca que a burguesia da modernidade, a partir de novas tecnologias centralizadas no corpo e nas vivências, trouxe novos conhecimentos e formas de dominação para o corpo, na esfera da sexualidade, do corpo e do mercado de trabalho, de maneira a articular propostas e práticas voltadas para a disciplina dos corpos, alinhamento junto ao mercado de trabalho, assim como na extensão da vida para quem ainda produz e para a marginalidade e ausência de cuidados para quem não produz.

Assim, o corpo envelhecido passa a ser visto, na ótica burguesa discutida por Foucault (2019), como sendo um traço do que já havia sido anteriormente. Os símbolos atrelados com a velhice estão pautados pela falta e pela proximidade maior com o patológico.

No entanto, os processos de vigiar e punir podem ser percebidos na ótica do envelhecer e biopoder. De modo geral, os discursos a respeito de um conservadorismo associado com o corpo e com a sexualidade também estão relacionados com a vigia da sociedade e seus julgamentos, assim como o componente religioso e o regimento social e normativo que rege os processos sociais. Em relação à punição, o próprio processo de invisibilidade social, a marginalidade ou a existência de julgamentos em relação a comportamentos que fujam da ordem, também podem ser interpretados dessa maneira.

Outra esfera de poder que pode ser percebida na ação de envelhecer, na idade contemporânea, está intimamente ligado com os valores do passado e as tradições estruturadas durante a idade adulta ou a juventude. Os processos geracionais impactam uma determinada visão de realidade que é confrontada com valores da juventude atual (Batista; Teixeira, 2021).

Diante dessas particularidades, parte dessa população idosa repercute tais valores a partir de um passado saudosista e patriótico, no qual as relações de poder são estruturadas por meio da experiência e da vivência. Em alguns casos, ocorre uma tentativa de convencimento associada a um determinado fato histórico, colocado de forma impositiva a outros sujeitos (Oliveira et al, 2022).

Em uma das falas, enfatiza-se:

Você deve estar preparado, como você se prepara? se preparar ocupando a sua mente com diversas situações claro que aos 30 anos você terá uma mobilidade física que você não terá 85, 90, mas o que não te impede de participar de um artesanato de ir uma exposição de fazer uma viagem um grupo da terceira idade até mesmo de participar de reuniões sociais. (Entrevista 7, realizada em Ponta Grossa, em 07/04/2022).

Como forma de exemplificar, destaca-se que muitos do que hoje são considerados enquanto população idosa no Brasil apontam para a ditadura militar como um período de tranquilidade e segurança, demonstrando saudosismo e desejo de retorno à época. Ainda que seja necessário pensar os processos de experiência em suas individualidades, essa estrutura de mentalidade acaba por perpassar discursos conservadores e de intervenção militar (Oliveira et al, 2022).

Diante disso, uma experiência decorrida em determinado período histórico, associada com individualidades e o endosso de um discurso, é capaz de gerar uma tentativa de sobreposição discursiva, o que se coloca como exercício de poder. A disciplina enfatizada por Foucault (2019) como uma forma dominação do sujeito e da coletividade ao sistema passa a ser seguida, no meio militarizado, como traço de uma sociedade que necessita de maior ordem.

Em relação aos processos históricos contemporâneos, sobretudo na realidade nacional, tal tentativa de imposição de poder se utiliza de uma população idosa cujo discurso de coloca entre a necessidade de respeitar e o revisionismo discursivo em torno de visões parciais da realidade. Assim, também é válido considerar as relações de poder que colocam a população idosa como sujeitos protagonistas de um discurso histórico específico e que seja de interesse de outras classes sociais e políticas (Rozendo; Justo; Correa, 2010).

Ademais, as relações de poder também perpassam outras esferas sociais de atuação, como é o caso dos processos jurídicos. A atenção em relação à população idosa está enfatizada em políticas públicas voltadas ao atendimento assistencial, de saúde, educação, segurança e acessibilidade (Rozendo; Justo; Correa, 2010).

Em primeiro lugar, cabe salientar a Política Nacional do Idoso, edificada mediante documento que assegura os Direitos Sociais dessa população, de modo que sua interação social, participação cidadã e inclusão sejam consideradas e aplicadas adequadamente. Da mesma maneira, o Estatuto do Idoso se coloca como documento primordial para organizar processos legislativos relacionados com a saúde, segurança

e bem estar dessa população, o que se constitui como importante avanço no processo de desenvolvimento de práticas mais coerentes e que tragam melhorias para essa população (Dias; Paes-Ribeiro, 2018).

No entanto, as políticas públicas existentes ainda não são plenamente capazes de trazer mudanças expressivas de realidade social e muitas das pautas discutidas em plenário estão associadas a públicos e interesses distintos, assim como demandas primordiais passam a ser discutidas em nível secundário ou excluídas da pauta pública (Dias; Paes-Ribeiro, 2018).

Diante disso, as relações de poder instituídas pelo Estado democrático de Direito acabam por tornar a população idosa mais vulnerável e dependente do governo, sobretudo no que diz respeito à população com menor quantidade de recursos. Como exemplo, destaca-se o Sistema Único de Saúde e o acesso a medicamentos. Muitos idosos dependem do SUS para o tratamento de diferentes patologias, mas a pasta da saúde no governo tem sofrido inúmeros cortes de verba, em virtude do teto de gastos implementado desde o governo Michel Temer (Dias; Paes-Ribeiro, 2018).

Da mesma maneira, há falta de medicamentos essenciais, o que coloca essa população em condições de submissão ao Estado. Aliás, tal condição de impotência diante de mudanças estruturais por parte do Estado incide sobre a própria previdência social, visto que a reforma feita pelo então presidente Michel Temer também cerceou recursos e estendeu o tempo de trabalho, inclusive, na faixa etária delimitada para a população idosa (Marin; Panes, 2015).

Em outras palavras, as relações de poder instituídas na esfera estatal tratam a população idosa de forma parcial, sem atender efetivamente às suas demandas nas políticas públicas existentes ou mesmo na extensão do período de trabalho para a aposentadoria, mantendo essa população como sendo economicamente ativa. Em relação ao acesso a saúde, as questões são as mesmas, com falta de acesso e estrutura (Marin; Panes, 2015).

Aliás, as relações de inclusão e exclusão também impactam diretamente o poder que o idoso possui na relação com a própria qualidade de vida. A partir do momento em que possui espaços propícios para sua interação ou que consegue alcançar a estrutura adequada para melhor bem estar, sua inclusão facilitada amplia o desenvolvimento mais proveitoso dos serviços e produtos, assim como o acesso (Marin; Panes, 2015).

Da mesma maneira, a falta de inclusão gera exclusão social, que pode ser exemplificado na inadequação dessa população a padrões sociais, não aceitação dos espaços preferenciais, dificuldades mais expressivas na socialização, problemas relacionais, incompreensão das questões que envolvem falhas de memória, hiperfoco e repetições, dificuldades no acesso e permanência na educação de jovens e adultos, dentre outros aspectos (Fornasier; Leite, 2018).

Em uma das falas, o sujeito expressa que:

Uma praça como o Parque ambiental, é uma mistura você tem a academia ao ar livre para idosos, mas tem a pista de skate, tem as quadras e tem a pista de caminhada, então eu vejo alguns lugares públicos com essa mistura, mesmo achando que são mais destinados a jovens. (Entrevista 6, realizada em Ponta Grossa, em 19/03/2022).

Nesse contexto, é importante mencionar que as políticas públicas existentes precisam ser pensadas a partir da atualidade e das novas demandas, principalmente com o envelhecimento da população e as novas necessidades de lazer, saúde e segurança para essas pessoas. No entanto, pensar as relações de poder entre o Estado e a população idosa significa também compreender os processos de tentativa, realização ou ausência (Fornasier; Leite, 2018).

A tentativa se estrutura em fazer cumprir o Estatuto do Idoso, a Política Nacional do Idoso e o discurso constitucional de proteção a essas pessoas. Nas realizações, a partir de processos realizados e do assistencialismo prestado, nota-se que a ação estatal edifica projetos e propostas, voltadas a processos de saúde, educação e lazer, mediante centros de atenção e unidades básicas de saúde (Torres; Camargo, 2016).

Quanto a ausências, percebe-se que ainda há locais e serviços que não chegam em quantidade e qualidade suficiente para essas pessoas, indicando a necessidade de criação de programas e projetos vinculados aos interesses do idoso. Ainda é essencial verificar que as políticas públicas existentes precisam ser avaliadas em sua eficácia, assim como reformuladas e estruturadas de acordo com necessidades e vulnerabilidades dessas pessoas (Torres; Camargo, 2016).

Da mesma maneira, ainda é essencial considerar que outro elemento de exclusão do idoso na sociedade se coloca na utilização e domínio de mídias digitais de interação e comunicação. A chamada "exclusão digital" não só impacta diretamente na não utilização de mídias digitais, como também torna mais vulnerável

o sujeito idoso que utiliza as redes sociais, pouco familiarizado com os sistemas e mais suscetível a fraudes (Marinho, 2022).

No que diz respeito às relações de poder, o idoso possui maiores dificuldades em atender demandas laborais em ambiente digital, assim como possui inadequação de comportamento em relação à recepção de informações digitais. Para Marinho (2022), a população idosa possui maior probabilidade de repassar notícias falsas recebidas por aplicativos de comunicação, assim como têm maior capacidade de crença em informações inverídicas e conspiratórias direcionadas para propagação de determinadas ideologias.

Da mesma maneira, Ames, Martins e Lagoas (2021) corrobora para se analisar que essa população possui maior potencial de convencimento em relação a ideias de ordem fundamentalista e religiosa. É fundamental considerar a pluralidade que envolve o sujeito idoso, mas as mudanças tecnológicas decorridas em momento geracional anterior, com chegada e expansão rápida da internet e dos dispositivos móveis, podem trazer mudanças significativas em parte da população idosa, que passa a ser alienada em favor de grupos conservadores.

A exclusão digital ainda permite entender que muitos dos dispositivos móveis digitais não estão adequados para esse grupo de pessoas e que há um desincentivo para adequação ao mundo digital, algo igualmente complexo. Nesse sentido, Moura et al (2020) compreendem que estar integrado com o mundo digital é parte de uma estrutura cultural e social de convivência e que estar excluído desse espaço é privar os idosos da aquisição e diálogo com esse universo cultural que se coloca na sociedade contemporânea.

Assim, é importante considerar que as relações de poder que permeiam a inadequação do idoso na sociedade contemporânea estão ligadas a processos de ausência, exclusão, ineficiência, ostracismo e desigualdade. Da mesma maneira, em alguns aspectos busca-se protagonismo e inclusão, integração e estruturação de projetos vinculados, ainda que de forma parcial (Moura et al, 2020).

No entanto, é válido ressaltar que as relações de poder referidas se pautam em dimensões de biopoder (corpo e sexualidade), mas também perpassam aspectos externos, de representação de si e dos outros (Foucault, 2019). Da mesma maneira, nota-se que há marginalização e invisibilidade social e profissional de parte da população idosa, por vezes vista como desatualizada, resistente a novas ideias ou retrógrada em relação a tecnologias e processos de trabalho (Marinho, 2022).

Se no espaço laboral as relações de poder e escuta não favorecem o protagonismo do idoso na sociedade, o mesmo pode ocorrer na vida privada, já que os processos de escuta e atendimento podem ser vistos na esfera da tutela e dos interesses de outras pessoas. Em outras palavras, o envelhecer traz diferentes sensibilidades e perda de autonomia, o que impacta diretamente no poder de decisão a respeito dos desejos e necessidades levantadas (Marinho, 2022).

Os processos de cuidado e autonomia se tornam ainda mais complexos quando o sujeito idoso é pessoa com deficiência ou pessoa em situação de rua. Isso porque o processo de inadequação do idoso na sociedade contemporânea causa maiores impactos para pessoas mais afetadas pela desigualdade social, com menor escolaridade e com maiores demandas por acessibilidade (Marinho, 2022).

Nesse ponto, é importante considerar que o processo de envelhecer deve ser tratado também a partir dos fenômenos sociais atrelados a aspectos educacionais e de valores estruturados, assim como nas tradições apontadas. Assim, entender o envelhecer também traz considerações individuais em como cada sujeito percebe tal momentos da vivência. Mesmo assim, o envelhecer com qualidade está diretamente associado com um suporte estatal adequado que busque a inclusão desses sujeitos na sociedade contemporânea (Fernandes; Caldas; Soares, 2022).

As Políticas Nacional vinculadas ao Idoso, assim como o próprio Estatuto, são documentos permeados pelo entendimento do envelhecer mediante aspectos sensíveis da trajetória, assim como na edificação de práticas que tragam garantias constitucionais, seja no que se refere a dignidade ou mesmo para liberdade de locomoção, ação e respeito à História individual de cada um (Fernandes; Caldas; Soares, 2022)

No que tange aos aspectos relacionados com o poder, ainda cabe ressaltar que existem situações nos quais os processos de autonomia precisam ser mediados e nos quais a tutela precisa ser apontada de maneira mais específica. Dentre esses casos, exemplifica-se os casos de sujeitos com Mal de Alzheimer, doenças degenerativas, demência, dentre outras particularidades que envolvem o cerceamento de algumas liberdades em prol da melhoria da qualidade de saúde (Fernandes; Caldas; Soares, 2022).

Assim, o processo de envelhecer deve ser tratado também a partir das escolhas dos sujeitos, mas também vislumbrado nas escolhas feitas pelo contexto ou pela imposição de processos relacionados com a trajetória de vida e suas classes de

renda. Diante disso, as políticas públicas existentes precisam suprir as demandas do atendimento a essas pessoas, oportunizando melhoria da qualidade de vida e bem estar consolidado.

Quanto aos casos médicos, cabe compreender também as dinâmicas de preparo dos serviços de saúde e a própria relação de poder inferida no atendimento aos idosos, o que não envolve apenas a estrutura farmacológica e o suporte necessário para a saúde, mas também um elemento educacional na conscientização, humanização e sistematização dos cuidados de saúde em diferentes esferas, o que inclui a atenção primária (Torres; Camargo; Bousfield, 2016).

Nesse ponto, é fundamental verificar que o envelhecer pode ser visto mediante uma relação de protagonismo ou de imparcialidade, de maneira que a visibilidade ou invisibilidade social desses sujeitos precisa ser analisada mediante processos de saúde, educação, espacialidade, processo histórico, grupo de renda e assistência.

Nessa perspectiva, pensar o processo de inadequação do idoso na sociedade contemporânea é importante para se refletir a respeito de formas pelas quais tal inadequação se constrói, como as gerações mais jovens entendem o idoso e quais devem ser as ações estatais vinculadas a políticas públicas para que ocorra melhoria prática da qualidade de vida (Torres; Camargo; Bousfield, 2016).

Da mesma maneira, entender as visões representativas a respeito do idoso na sociedade contemporânea é verificar os discursos sobre a própria juventude. Os mais jovens possuem visões específicas relacionadas aos adultos e idosos, algumas delas relacionadas com as experiências e outras apontadas em diferentes aspectos, como a inadequação tecnológica ou as vulnerabilidades relacionadas ao mundo digital.

Em pesquisa realizada por Santos (2019), os autores verificaram que as relações sociais estruturadas entre jovens e idosos são permeadas pelo entendimento de valores e o respeito, mas também uma percepção temporal parcial que incide diretamente sobre a ação de envelhecer, pois alguns adolescentes defendem que seu envelhecimento se dará em tempos com maior quantidade e qualidade de tecnologia, assim como outros reconhecem a necessidade de defesa dos direitos das pessoas idosas por conta do amparo necessário e da necessidade futura dos mesmos serviços.

Outro ponto observado no discurso dos adolescentes e percebido na mesma pesquisa se coloca no medo que possuem do abandono, quando estiverem em idade avançada. Mesmo assim, alguns dos sujeitos consideram que os idosos estão incluídos na maioria dos espaços sociais e que devem aproveitar o momento da velhice, deixando postos de trabalho e vagas em universidades para os mais jovens (Santos, 2019).

É importante considerar esse fator porque verifica-se que alguns dos sujeitos mais jovens apontam o idoso como um concorrente ou alguém que não está em seu lugar social, principalmente no mundo do trabalho. O entendimento das necessidades individuais de estar trabalhando ou ocupando esse local não são plenamente esclarecidas para esses sujeitos. Assim, a inadequação também está presente no discurso dos mais jovens em relação ao idoso na sociedade contemporânea (Santos, 2019).

Essa inadequação ainda incide diretamente sobre o abandono, pois a falta de uma visão associada ao protagonismo do idoso na sociedade contemporânea traz também o espaço de cuidado das instituições de longa permanência para a pauta do debate, visto que a inadequação dos sujeitos nos espaços que antes lhes eram naturais, agora trazem risco para determinados ordenamentos e rotinas (Lopes, 2021).

Algumas famílias acabam, portanto, entendendo que a inadequação ao comportamento social e falta de autonomia podem ser solucionados nas instituições de longa permanência. É fundamental considerar que tais instituições não devem ser criticadas na essência de suas atividades, mas verificar que os cuidados prestados poderiam ser aperfeiçoados, assim como o papel da família precisa ser de motivar, apoiar e trazer conforto para o idoso que se encontra nesses espaços. Da mesma forma, segundo Lopes (2021), entender a família como instituição vinculada a relações de poder é essencial para verificar os processos de autonomia e a inserção ou imposição de valores de uma geração posterior a outra que é anterior.

Compreender as contribuições dessa geração para a sociedade é primordial para uma nova forma de se pensar as relações de poder no envelhecer, não mais pautadas no processo de exclusão e invisibilidade, mas na inclusão e reforço das individualidades e potencialidades. Mesmo assim, tal inclusão precisa deixar de ser um elemento meramente teórico para adquirir conotação prática. Nessa dinâmica estrutural relacionada aos processos de envelhecer, cabe o entendimento do sujeito

idoso em seu protagonismo, suas atividades e sua identidade, diante dos elementos de autoidentificação ou mesmo na percepção da realidade mediante seu olhar (Lopes, 2021).

A sociedade contemporânea traz mudanças rápidas e exige dos sujeitos inserção social e laboral rápidas, a fim de garantir que a produção e o capitalismo se mantenham dinâmicos. As alterações são importantes para um sistema que se pretende enquanto manutenção de suas engrenagens e dominação. No entanto, a exclusão de sujeitos precisa ser pensada de forma problemática, entendendo a inadequação como parte de um contexto maior, onde o próprio capitalismo pode ser indagado.

Diante disso, para que haja melhorias e equilíbrio nas relações de poder entre Estado e indivíduo, é essencial que haja melhoria na assistência, seja para promover maior qualidade de vida para essas pessoas ou mesmo para promover maiores condições de equidade social da população idosa, com oferta e conscientização na relação com os serviços básicos de saúde, educação profissionalizante e segurança, com objetivo para diminuir as vulnerabilidades reiteradas.

3.2 AS PRIMEIRAS PERCEPÇÕES DO ENVELHECER: AUTOIDENTIFICAÇÃO

Desse modo, salienta-se que as Ciências Sociais e a Biologia, em debates estabelecidos entre as disciplinas, corroboraram para o refinamento das teorias relacionadas com a Psicologia do Envelhecimento e as percepções dos sujeitos idosos diante de tais perspectivas. Assim, dentre as muitas contribuições, consta o processo classificatório da Psicologia e que envolve a indagação ao paciente se seu envelhecimento foi bem-sucedido e se os padrões de envelhecer estão vinculados a um estado normal, ótimo ou patológico (Batistoni; Neri, 2007).

Diante disso, são apontadas avaliações psicológicas voltadas para a saúde, funcionalidade mental e física, afetividade, motivação, autonomia e aspectos de ordem financeira. Os processos são verificados de forma comparada, ou seja, entre as expectativas atuais e a realidade, os cenários de vivência do presente e as condições a que eram colocados no passado (Schenker; Costa, 2019).

Assim, a autoidentificação é verificada a partir de descrições de si mesmos, o que implica em verificar o ajustamento ao processo de envelhecer e à satisfação e motivação consideradas nesse momento da trajetória de vida. No estudo em questão,

Batistoni e Neri (2007) apontam que um dos aspectos mais enfatizados para se pensar a autoidentificação refere-se ao conceito de classe social. As pesquisas apontam que a maioria dos idosos que foram sujeitos do estudo em questão enfatizaram ser pertencentes à classe média.

Da mesma forma, no que diz respeito a aspectos relacionados com a mobilidade social, reiteraram que não sofreram mudanças significativas de posição social quando comparado com a vida adulta. Assim, aspectos diretamente vinculados com a própria percepção da classe social apontam para uma autoidentificação do ser, de maneira que o envelhecer traga estabilidade financeira, conforto, bem estar e acesso a produtos e serviços. Sobre essa temática, as autoras ainda complementam que:

A consideração dos efeitos das variáveis classe social percebida e mobilidade social percebida sobre o bem-estar subjetivo dos idosos é uma opção válida para os interessados em estudar a depressão nas coortes mais velhas, uma vez que a depressão tem relação com processos motivacionais que guardam estreita associação com as crenças pessoais sobre identidade, controle e agência. Estas são aprendidas ao longo da vida e apoiam-se em mecanismos de comparação social. Comparações para cima podem ser importantes mediadores do estabelecimento de metas e para o uso de mecanismos de enfrentamento que ajudarão a pessoa a desenvolver-se e a sentir-se no comando da própria vida (Batistoni; Neri, 2007, p. 7)

A partir do trecho selecionado, destaca-se que as crenças pessoais a respeito da identidade, processos de controle e agência estão diretamente vinculados com mecanismos de comparação e que tais elementos podem trazer maior ou menor autonomia no gerenciamento da própria vida. Da mesma maneira, a partir do momento em que o sujeito idoso se percebe enquanto parte de uma trajetória laboral que não oportunizou ascensão de classe social, as questões psicológicas relacionadas ao eu, ao mundo, ao esforço e às desigualdades ganham espaço, o que pode trazer problemas como a depressão.

As autoras consideram que é importante verificar a necessidade de entendimento, com maior aprofundamento, da influência de fatores relacionados com a classe social e mobilidade como parte do processo de impactação depressiva nesses sujeitos. Ainda assim, consideram que o processo de autoidentificação pode ser analisado mediante aspectos de ordem subjetiva, e que questões relacionadas com a renda dos indivíduos podem ter papel maior ou menor no grau de frustração ou angústia, dependendo do sujeito.

Aliás, também é relevante considerar o processo de autoidentificação do envelhecer a partir das perspectivas vinculadas ao outro e ao que se edifica enquanto juventude, em termos de comparação. Os estudos realizados por Caldas e Thomaz (2010) discorrem a respeito de como os jovens analisam o que é envelhecer, de modo a averiguar a questão relacionada com a identidade do idoso contemporâneo.

Nessa ótica, aponta que processos psicológicos e históricos estão agrupados no entendimento da autoidentificação do envelhecer, principalmente porque houve modificação na imagem do idoso, com inserção de estigmas e críticas. Isso porque o desenvolvimento do capitalismo trouxe a ideia de que a juventude está associada com o que é bem-sucedido e que o envelhecer indica a percepção mais evidente das vulnerabilidades.

Da mesma maneira, alguns discursos identitários verificados nas pesquisas de Caldas e Thomaz (2010) apontam para a acomodação em relação à realidade e a realização de sonhos já consolidada. Assim, para algumas dessas pessoas, valores como felicidade e alegria estão imbricados de conquistas realizadas, como a criação dos filhos, a carreira percorrida em nível laboral ou a admiração da família. Dessa forma, o processo de autoidentificação não está associado somente ao presente temporal, mas principalmente ao passado.

Mesmo assim, é importante observar que o aumento da população idosa pode trazer mudanças na relação com a autoidentificação, principalmente com maior amplitude do mercado consumidor enquanto nicho para geração e incremento de lucratividade de algumas empresas. A visão do idoso enquanto ativo e participativo na sociedade passa a ser veiculada de maneira mais enfática na publicidade, o que também propicia uma interiorização dessa imagem de atividade. O poder de decisão sobre o que deseja consumir passa a ser um dos fatores colocados, assim como a possibilidade de transformação da própria imagem social do idoso. Assim, tal autoidentificação é construída a partir de bases capitalistas, com apropriação social e novos significados.

Para Paiva (2011), a descrição de identificação do idoso é definida por outrem, e não por ele mesmo, e que é um sujeito que reage à situação na qual se encontra, interiorizando os processos. É válido mencionar que tal alegação está pautada na obra de Beauvoir (1990) e denota que é preciso contextualizar o envelhecer mediante a uma significativa rede de experiências, o que não deve generalizar a ação. Assim, os processos de autoidentificação precisam ser verificados mediante o processo

interdisciplinar, assim como torna-se importante promover escuta qualificada do idoso, no fortalecimento de sua autoestima e na ressignificação de sua trajetória de vida.

Da mesma maneira, cabe entender que aspectos negativos da autoidentificação são construídos a partir de processos ideológicos e psicossociais, nos quais as relações afetivas são estruturadas. Assim, é fundamental compreender que se a própria velhice é processo biossocial que não existe de forma tão evidente, de maneira a analisá-la no plural enquanto “velhices”, os processos de identidade que permeiam as trajetórias e memórias dessas pessoas também não podem ser verificados em sua generalidade e exterioridade.

Segundo Paiva (2011), é fundamental resgatar o caráter complexo e plural que perpassa a identificação própria do envelhecer na sociedade contemporânea, seja na relação com a identidade ou mesmo com a memória. Aliás, torna-se primordial entender os significados implícitos nas experiências relatadas e as considerações no jogo de aparências. Entender o que dito e o que não é dito, assim como diálogos e discursos, é fundamental para que os processos de construção das identidades sejam trabalhados de forma adequada, ofertando protagonismo no falar e no receber das informações destacadas.

Nessas primeiras percepções, ainda é importante considerar os elementos que distinguem mulheres e homens na essência, mas não nas informações salientadas: as alterações do corpo podem perpassar diferentes elementos, mas são impactantes para ambos os gêneros. No caso dos homens, a queda dos cabelos, o aparecimento e/ou intensificação da calvície, os cabelos brancos, as rugas, alterações na libido e perda de força física estão entre alguns dos fatores mencionados na ação aparente do envelhecer. Entre as mulheres, a chegada do climatério, as alterações no corpo, a aparição e intensificação de cabelos brancos, a perda da libido e de força física, assim como outras mudanças no padrão estético também passam a impactar a mentalidade e o cotidiano (Paiva, 2011).

No que diz respeito aos processos psicológicos, essas primeiras percepções do envelhecer trazem identificação física, assim como podem ser perpassadas por processos de negação, ira, depressão e aceitação da situação do envelhecer. Para Mari et al (2016), em estudo realizado com pessoas de meia-idade, a respeito da autoidentificação do envelhecer, reiteram que é importante a conservação de bons hábitos de saúde, alimentação adequada, atividades físicas realizadas, ocupação

profissional durante parte do tempo, manutenção de bem estar físico, mental e espiritual, cuidados de si, convívio familiar, cuidados médicos e higiene.

Diante disso, os entrevistados da pesquisa de Mari et al (2016) consideram que o envelhecer pode ser mais saudável se houver menor consumo de produtos com agrotóxicos, refrigerantes e ultraprocessados; adequação das rotinas com atividades físicas de qualidade; visitas regulares ao médico; paciência e cautela na alteração de hábitos, assim como equilíbrio do sistema cardiovascular, respiratório e circulatório. Nesse ponto, destaca-se que a autoidentificação do envelhecer também está associada a fatores de modificar da nutrição alimentar e dos hábitos de saúde, aspecto que se liga a processos históricos e psicológicos, mas que também constitui especificidade biológica Mari et al, 2016).

Ainda é essencial verificar que umas das formas de identificação com o envelhecer está associado com a utilização maior de medicamentos e a aparição de dores musculares ou outros sintomas associados com desgastes físicos e mentais. Assim, uma das maneiras de entender o processo de autoidentificação com o envelhecimento está diretamente vinculado com uma maior quantidade de fármacos para regulação de funções do organismo, o que permite entender a ocorrência de eventos adversos ou ocasionais voltados para uma trajetória de vida que trouxe impactos para determinadas regiões do corpo, o que traz deterioração de algumas funções essenciais ou complementares. Diante disso, refletir no envelhecer a partir dessa relação de dependência farmacológica é importante no entendimento da complexidade vinculada a esse processo.

Na visão de Marinho e Dos Reis (2016), no decorrer do processo de envelhecimento, é essencial verificar que os sujeitos assumem identidades distintas e variáveis, em acordo com os momentos experienciados, pois o processo de envelhecer se faz na forma biológica e social. Porém, um dos fatores que mais se refletem no envelhecer, segundo os autores, se efetiva justamente na decadência da imagem, com perda de características associadas à juventude. Nesse ponto, as modificações corporais podem denotar aspectos identitários sobre quem é ou não é idoso.

Para Blessmann (2004), é no momento do envelhecimento que ocorre maior potencial dramático de interação do sujeito com a própria imagem do corpo, pois em uma sociedade que se pauta pela juventude e beleza, o corpo envelhecido passa a ser inicialmente negado. Assim, muitas pessoas buscam tentativas de extensão dos

traços da juventude, de modo que o envelhecer seja pautado por traços de autoidentificação diferenciados, ainda verificados na idade adulta, o que pode ser alcançado por cirurgias estéticas, utilização de produtos para retardar o envelhecimento, mudanças na nutrição familiar e utilização de fármacos. Todos esses aspectos foram anteriormente discutidos como parte importante do entendimento dessa autoidentificação, mas é essencial mencionar sua relevância para compreender tais processos identitários.

Da mesma maneira, Marinho e Dos Reis (2016) acrescentam que o processo de autoidentificação pode trazer protagonismos, seja na extensão dos cuidados com o corpo e com alimentação saudável, ou mesmo na aparência, atividades físicas e entendimento dos benefícios de uma vida equilibrada em aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Diante disso, a desmistificação do envelhecer e a desconstrução das generalizações em favor de uma imagem mais abrangente desse processo se faz necessária para que haja maior diálogo e entendimento das subjetividades que envolvem a população idosa no reconhecimento de si e de sua identidade perante a sociedade. Compreender esses aspectos é, também, corroborar para que haja maior atenção na escuta qualificada e outros cuidados psicológicos, assim como no entendimento do processo histórico relacionado com a população idosa e a própria ação do envelhecer.

3.3 O ENVELHECER: ENTRE HISTÓRIAS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES

Nas definições de Birman (1995), a palavra ‘velho’ está relacionada a uma interpretação do outro que, em sua maioria, é visto e associado como aquele que possui a incapacidade e a dependência. Já a palavra ‘terceira idade’, para o autor, remete-se a uma ideia de ‘jovens velhos’, ou seja, são aqueles que estão literalmente inseridos na sociedade, seja através da economia ou quaisquer atividades que eles desempenhem. Por fim, a palavra ‘idoso’ é evidenciada pelo autor como uma categoria social na qual o indivíduo se encontra.

Então, a partir dessas concepções teríamos o envelhecimento como um processo o qual todos nós passamos desde o nascimento, a velhice como uma etapa da vida, o idoso sendo aquele sujeito marcado pela idade e ainda, a pessoa idosa como um resultado de uma representação social e de papéis que passaram a ser

atribuídos sobre esses próprios sujeitos. É importante aqui ressaltarmos que todos esses significados estão atrelados a um contexto social, cultural, temporal e claro, espacial, bem como seus preconceitos, estigmas ou estereótipos que podem ocasionar situações desconfortáveis e até de negações dos próprios sujeitos que estão nessa etapa da vida.

Pensando sobre isso, retomamos nossa questão central de como o processo de envelhecimento compõe as vivências espaciais de homens cis *gays*. Esses sujeitos o entendem e o representam a partir de um exercício de memorização elástica de ‘vai e volta’, ou seja, hora olham para o passado e em outros momentos para suas realidades atuais. Por isso, a representação sobre a velhice não pode ser definida como algo estanque, mas fruto das experiências temporais e espaciais que esses sujeitos foram tendo no percurso de suas vidas. Compreender o processo de envelhecimento, é também identificar aspectos culturais, históricos e espaciais desses sujeitos.

Segundo Belato (2009) a velhice foi sendo modificada ao longo da cultura ocidental³⁵, por exemplo, nas sociedades antigas, onde a expectativa de vida era de 30 anos. Nesse período, as pessoas velhas eram vistas como guardadores da memória coletiva. Nesse mesmo período, Beauvoir (1990 [1970]) argumenta que importância dessas pessoas velhas se dava a partir do conhecimento adquirido com o tempo, o que chamamos de experiência e que isso garantia ao velho a permanência no seio familiar, pois nas sociedades antigas a forma de conhecimento era alimentada através de geração para geração.

Contudo, Belato (2009) aponta que mesmo nesse período, havia uma certa divisão entre os velhos úteis e os velhos dementes. Enquanto os primeiros mereciam estima, respeito e cuidados, os outros deixavam de ser gente e por isso não mereciam mais cuidados. Assim, ser velho nas sociedades antigas era uma condição muito deslizantes, sendo de uma hora para outra descartado ou sendo considerado inútil. Belato (2009) argumenta que, na idade Média, surge a ideia de caridade, essa vindo com o próprio cristianismo. Nesse período (476 a 1453), os velhos eram interpretados como desvalidos e que então, necessitavam de assistência. Para o autor, aqui a exclusão dos velhos foi mascarada pela ideia de caridade.

35A cultura ocidental é o conjunto da Filosofia Grega, do Direito Romano e da Religião Católica. Esses 3 pilares baseiam o modo de pensar e, conseqüentemente, de agir das pessoas educadas no hemisfério ocidental.

Belato (2009) reitera que é no Renascimento, entre os séculos XV e XVI, que a beleza e a juventude se fortalecem como centralidade e a velhice passa ser interpretada como doença, tornando-se objeto quase que exclusivo da medicina. Guiddens (1992) complementa que, enquanto nas sociedades pré-modernas, a tradição e a continuidade estavam vinculadas a própria geração, nos contextos modernos, a geração passa ser uma oposição ao tempo padronizado, onde práticas de uma determinada geração não são repetidas, mas transformadas.

Aqui podemos pensar as discussões do espaço geográfico como uma importante contribuição na compreensão dessas experiências, pois tanto a memorização quanto o processo de envelhecimento ocorrem através do tempo e do espaço. Dessa forma, Giddnes (1992) argumenta que o curso da vida se transforma em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para a outra. Para Debert (2004), a idade cronológica passou a ser uma dimensão fundamental no modo de organização social da modernidade, organizando o próprio curso da vida e seus diferentes âmbitos.

Nesse caso, temos idade para estudar, idade para trabalhar, idade para consumir, idade para constituir família e até idade como fonte de formulação para políticas públicas. Para Oliveira (2009), na cultura ocidental há uma exaltação ao jovem e uma deterioração do velho quase que em uma dualidade entre aquilo que é bom e saudável e aquilo que é ruim e sinônimo de doença.

Segundo Neto (2002), o processo de envelhecimento já era uma preocupação desde o início da civilização, onde as ideias sobre a velhice estão relacionadas tanto na própria história quanto no próprio desenvolvimento da humanidade, onde a incapacidade funcional foi, e é associada a esse processo. Entretanto, Birman (1995) já argumentava que as questões de definição do ser idoso ou do ser jovem, não são simples de conceituar. Afinal, as concepções entre juventude e velhice se alteram de acordo com o percurso existencial do sujeito e também da própria sociedade, modificando-se substancialmente.

Essas questões começam a ficar mais evidentes no século XX, pois como aponta Neto (2002), esse século marcou, definitivamente, as pesquisas sobre o envelhecimento por dois grandes motivos. O primeiro, associado ao grande crescimento da população e o segundo, por causa do aumento da população idosa em todo o mundo, resultando da própria revolução da medicina em meados ao século

XVI que, por sua vez, aprimorou gradativamente a expectativa de vida das pessoas nos séculos posteriores.

Então, tais fatos pressionavam e até exigiam dados e estudos sobre essa temática, fazendo com que surgisse, em 1903, o Campo da Gerontologia³⁶, através dos trabalhos de Elie Metchnikoff. Cientista renomado, Metchnikoff criou e pensou tal ramificação de uma área específica do conhecimento, relacionado a velhice e ao envelhecimento, pois essas temáticas estavam em ascensão e havia a necessidade de problematizá-las.

Mesmo que no começo havia uma baixa aceitação pela comunidade científica, 6 anos depois, em 1909, Ignatz Leo Nascher criaria uma especialidade nos campos de conhecimento da Medicina: a Geriatria, ou o estudo clínico da velhice (Gorzoni, 2017). Segundo o autor, esses estudos permitiram uma abertura ao campo sobre o processo de envelhecimento que, inicialmente, foram vistos pelo olhar biofisiológico, ou seja, na visão biológica sobre a saúde do corpo humano.

Para Neto (2002), nesses primeiros trabalhos foram encontradas algumas características em comum nessa etapa da vida, como os processos patológicos como também a diferenciação entre o envelhecimento comum e o envelhecimento bem-sucedido. Em 1930 começou a surgir uma grande quantidade de trabalhos em todas as áreas do conhecimento que hoje compõe a Ciência do Envelhecimento.

Além das Ciências da Saúde, as Ciências Humanas também buscaram outras compreensões sobre o envelhecimento, como os significados que foram elaborados sobre o envelhecer, a idade idosa e o processo de autoidentificação. Aqui, destacamos a importância de estudos das ciências humanas na construção das problematizações sobre o processo de envelhecimento, onde a subjetividade, a representatividade e os significados sobre o envelhecimento passam a ser válidos tanto quanto os demais estudos sobre essa condição humana.

Assim, a idade aqui apresentada não é somente um elemento identitário que compõe as identidades dos nossos entrevistados, mas uma categoria de análise e um mecanismo do próprio entendimento do processo de envelhecimento, sendo uma importante ferramenta de compreensão dessa pesquisa como também no entendimento sobre os significados que diferentes sujeitos trazem consigo em suas vivências espaciais. Algumas dessas vivências ficam atreladas em nossas memórias

36 A palavra Gerontologia vem das expressões *Gero* (velhice) e *Logia* (estudo).

como já mencionamos, outras estão acontecendo ou ainda acontecerão ao longo de cada trajetória de cada sujeito.

Essas vivências memoriais são marcadas pela individualidade, mas também por memórias coletivas que traçaram as nossas histórias no processo de envelhecer, podendo marcar uma ou mais gerações. Por isso, falar sobre envelhecimento é também compreender as memórias. As discussões sobre memória remontam o final da década de 1960, como o autor, considerado um dos pioneiros nessas discussões, Maurice Halbwachs (2004 [1968]). Halbwachs (2004 [1968]) discute que a memória é um processo parcial e limitado de lembrar fatos de um determinado passado ou como aquele próprio indivíduo representa esse passado. Já para Pollak (1992), a memória não é apenas algo próprio do indivíduo, mas passa a ser um instrumento de análise para pesquisas sociais que não pode ser compreendida apenas individual, mas também como algo coletivo e social.

As memórias coletivas, por sua vez, podem ser entendidas como o desenvolvimento da humanidade, de determinadas sociedades ou ainda, através de comunidades como a LGBTQIAP+. Em outras palavras, as memórias desses sujeitos são tanto parte deles individualmente, como também passam a fazer parte de um todo, de um coletivo, de uma comunidade que é unificada em prol de lutas aos seus direitos. São essas memórias que trazem consigo campos de resistências sociais que proporcionaram não só a formação de suas próprias identidades como também a conquista de direitos.

Assim, como o fenômeno proposto é compreender como o processo de envelhecimento compõe as vivências espaciais de homens cis *gays*, consideramos que ao instigamos a falar sobre envelhecer, diretamente esses sujeitos também falam sobre suas mudanças espaciais ao longo da trajetória de suas vidas. Essas trajetórias tiveram diversos caminhos e ainda têm. Contudo, encontramos também além de suas subjetividades, momentos históricos que ambos passaram e que acabaram por marcar suas vidas durante esse processo, como a ditadura militar, a proliferação da AIDS e os momentos mais atuais, com certas liberdades conquistadas, mas que ainda estão longe de serem ideais. Isso só é possível pelo processo de memorização da vida desses sujeitos.

Então, nas reflexões de Pollak (1992), mesmo que a memória passe a ser um fenômeno flutuante e que está em constante movimento e transformações. A existência de momentos estanques em nossas memórias se dá através de momentos

históricos que se caracterizam enquanto 'marcos históricos' nas memórias das pessoas. Quando pensamos na vivência espacial das pessoas, sobretudo, dos homens cis *gays*, evidenciamos que essas mudanças acontecem por vários fatores, seja por períodos históricos, seja através de seus corpos hoje marcados pela velhice ou ainda pelas marcações sociais que são instituídas dentro de agrupamentos como a dos LGBTQIAP+.

Assim, Pollak (1992) relata que em uma história de vida individual ou até mesmo em memórias coletivas, determinados períodos ou fatos são invariantes, no qual o trabalho de solidificação da memória foi muito importante, impossibilitando a ocorrência de mudanças. Quando pensamos em nos participantes dessa pesquisa, não estamos tratando-os como exclusivos ou puramente vítimas de uma sociedade, mas como pessoas que passaram a fazer parte da construção de toda uma comunidade LGBTQIAP+ interligada em múltiplas escalas do local ao global e que trazem consigo fatos que são invariantes em suas vivências sejam elas individuais ou coletivas.

Como aponta Pollak (1992), os elementos que constituem uma memória são os acontecimentos individuais; os acontecimentos coletivos. Quando as pessoas se sentem pertencentes ao um determinado grupo ou uma determinada identidade, mesmo eles não estando fisicamente naquele determinado espaço-tempo, é como estivessem provocando no sujeito a ideia de ser ou estar presente. Compreendemos aqui que esses sujeitos sofreram e sofrem diversas ações de preconceito e por isso foram impossibilitados de terem vivências espaciais plenas em suas juventudes, período esse que marcou o corpo *gay* como repulsivo e pervertido. Como apontava Foucault (1988), a sexualidade vem sendo censurada e reprimida há cerca de dois séculos.

Isso fez com que essas pessoas limitassem suas vivências espaciais e, em muitos casos, até os impedissem de vivencia-los, construindo 'espaços interditos' como apontava as discussões de Silva e Ornat (2010) sobre as mulheres travestis. Além das discussões sobre espaços interditos, há também uma outra discussão que acreditamos ser pertinente na compreensão espacial de homens cis *gays* e o seu processo de envelhecimento. Com seus corpos mais envelhecidos, suas vivências espaciais passaram a ser outras, ora centro e em outras de margem, dependendo de cada sujeito e de cada contexto. Pensando nisso, retomamos as discussões de Rose (1993) sobre o espaço paradoxal. Para a autora, a ocupação espacial ocorre de

maneira simultânea entre centro e margem. Nessa lógica, Rose (1993) pontua que o espaço paradoxal é ao mesmo tempo reconhecimento e luta, não ocorrendo apenas na matriz *insider* ou *outsider*. A relação centro e margem é variável, pois ocorre através das próprias relações sociais.

Nesse sentido, é válido inferir que nem todos os nossos entrevistados sofreram diretamente com a ditadura, tampouco todos foram infectados com o vírus do HIV ou ainda, que sofrem por serem considerados mais velhos. Essas pessoas foram estigmatizadas a partir de um imaginário de memórias sociais coletivas sobre um determinado grupo, como os LGBTQIAP+, ao passo que alguns ainda continuam sendo estigmatizados por serem *gays* e agora por serem velhos, onde a relação centro e margem passa ser um jogo de sobrevivência em suas vivências espaciais durante suas vidas.

Mesmo que alguns de nossos entrevistados não tenham passado diretamente por essas situações, em seus relatos por meio das entrevistas eles afirmam que tiveram perdas de amigos, companheiros e familiares o que fez com que carregassem em suas memórias grandes fardos pessoais e sociais a partir de sua homossexualidade, pois entre as décadas 1970 e 1980 havia-se um medo de contrair o HIV, mesmo que isso não se limitava aos homossexuais, esse grupo foi marcado pelo vírus e pela doença, construindo uma memória individual e coletiva sobre eles, fato que a AIDS ficou popularizada como “doença gay”. Segundo Green (2019), o advento da AIDS acabou por ressuscitar o vínculo da homossexualidade como uma doença o que potencializada o preconceito e a violência sobre homossexuais.

Pensemos, um outro caso, por exemplo, os relacionamentos homoafetivos que ocorriam em 1964 a 1984. Nesse período havia muitas restrições à própria liberdade, principalmente as práticas homossexuais que podiam ser enquadradas na lei da ‘vadiagem’ ou ‘tentado ao pudor’. Caso fosse comprovado tal ação, as consequências podiam ser de uma violência física até prisões e mortes. Como aponta Green e Quinalha (2018), foi na ditadura militar que a homofobia se consagrou enquanto política de Estado. Mesmo aqueles que não sofreram diretamente uma agressão físicas, passaram a sofrer pelos seus comportamentos homossexuais, comportamentos estes que Trevisan (2018) argumenta que foram enquadrados como fora dos costumes, da moralidade e contra a família e que por isso, eram passíveis de violência, de controle e de restrições.

Trevisan (2018) constrói uma discussão sobre diferentes gerações do Brasil, bem como as práticas homoafetivas que a muito tempo já existiam, desmistificando que a homossexualidade enquanto uma prática restrita aos séculos XX e XXI. Segundo o autor, enquanto o século XX ficou marcado por certas dúvidas, julgamentos e preconceitos sobre a homossexualidade humana, despertando diferentes interesses, o século XXI, ficou marcado por suas emancipações e, principalmente, por conquistas dos direitos LGBTQIAP+, tornando uma sociedade cada vez mais justa para todos.

Na fala de um dos sujeitos, essa discussão de diferentes gerações é mencionada:

Uma das coisas que me preocupa dessa geração muito jovem é que eles acham que a tecnologia resolve tudo e que conhecimento não é importante, então assim às vezes você eu converso com pessoas muito jovens e eu vejo que elas não têm as mesmas referências não tem, não tem conhecimento básico sabe daí isso me assusta assim. (Entrevista 12, realizada em Ponta Grossa, em 10/05/2022).

No trecho, aponta-se que existe um choque geracional relacionado com a juventude e a tecnologia, de modo que os jovens teriam a crença de que os recursos tecnológicos são suficientes, mas que, segundo o sujeito de pesquisa, há falta de conhecimento básico sobre muitos assuntos.

Outro ponto importante destacado, além da questão geracional, é que Trevisan (2018) faz um importante levantamento dos principais casos de violência no Brasil, mostrando uma crescente entre as décadas de 1980 e até meados da década de 1990. Para o autor, entre o final de 1990 e início dos anos 2000, com figuras importantes na televisão brasileira como Clodovil estilista e apresentador, Roberta uma travesti famosa entre as décadas de 1960 e 1970 e a própria Robert Close, passaram a personificar o oposto dos traços comportamentais e normativos da virilidade masculina esperada.

Trevisan (2018) ressalta que isso era, de certa forma, um comportamento aceitável para uma apresentação, um show ou até mesmo para o 'outro', mas não para os meus filhos, meus namorados ou qualquer parente do gênero masculino. Para Butler (2008), o sexo faz parte de práticas reguladoras construindo corpos que ele mesmo produziria e isso se daria através de um 'poder produtivo', ou seja, aquele que demarca, diferencia, circunscreve o corpo que controla. Portanto, o sexo se torna um ideal regulatório assim como o gênero, ideais estes que são materializados segundo

práticas discursivas de uma determinada sociedade, sobre um determinado contexto espacial e histórico.

Então toda uma geração de pessoas LGBTQIAP+ passava a ser controlada e normatizada pelas práticas imponentes da heterossexualidade compulsória que, segundo Rich (2010) é a forma de 'apagar' as outras sexualidades de vários contextos e que isso é visto até hoje. A heterossexualidade passa a ser vista como uma instituição poderosa, de modo a arrastar todos aqueles sujeitos não lineares para a margem das relações sociais, invisibilizando-os.

Contudo, havia também a resistência, as lutas de toda uma geração, que mesmo com poucos direitos e muitas opressões traziam a visibilidade à tona. Aqui ressaltamos a importância da população idosa de LGBTQIAP+ para com a sociedade como um todo, destacando sua importância para a comunidade LGBTQIAP+. Seus idosos tem em suas memórias muitas lutas e algumas conquistas sobre suas formas de viver e amar, formando aquilo que podemos definir como uma grande memória de grupo ou coletiva, marcada pela luta constante de direitos.

Como afirma Heck e Landon (2002), o processo de envelhecimento pode apresentar em suas concepções variações como grupos sociais, bem como as visões de mundo que são resultados de práticas, crenças e valores que foram construídos socialmente. Além disso, Bassit (2002) argumenta que as contribuições de diferentes histórias de vida estão baseadas na ideia de que o envelhecimento é uma experiência diversificada podendo ser alterada, modificada por diferentes contextos sociais, culturais, históricos e espaciais.

Portanto, enquanto autores como Ribeiro e Pires (2011) entendem o processo de envelhecimento a partir da relação com queda de mortalidade e da fecundidade, impactando diretamente na expectativa de vida, nossas concepções sobre o processo de envelhecimento vão além. Entendemos que o processo de envelhecimento contribui para a formação de memórias individuais e coletivas de conquistas de direitos que ressaltam a importância dos movimentos sociais durante a passagem do tempo.

Sobre as discussões que envolvem a memória, ela também fortalece temas como as identidades. As identidades vão muito além de compreendê-las como algo fixo, único ou apenas individual, pois pensar identidade ou identidades é, na verdade, compreender uma complexidade de elementos que compõe as pessoas e que são cabíveis de constantes mudanças (Hall, 2011[1992]). Assim, a velhice, fase

pertencente ao número expressivo a nós enquanto seres humanos, pode partir do individual como também da própria identificação, podendo mostrar como uma cultura ou uma sociedade a determina, a significa e a representa.

Pensando nisso, Castells (1999) discute que a identidade por ser entendida como uma construção de significados que são elaborados de acordo com atributos culturais que são ressaltadas perante uma determinada sociedade. Indo além, o autor ressalta que a identificação com uma determinada identidade dependerá do próprio ator social (nós). Contudo, tanto a construção de uma identidade quanto a identificação passam a ser elementos que são moldados pelas forças políticas, econômicas e culturais de uma determinada sociedade, sob um determinado espaço-tempo. Para Hall (2011[1992]) e suas discussões sobre a identidade surge nas teorias sociais e que ao analisa-la, perceberam que essa sofria transformações ao longo do tempo, assim como ocorreu nas culturas (arcaicas), as identidades ditas 'velhas' passam por um declínio do seu pensar e do seu agir, visto, por exemplo, a grande diversidade de gênero e sexualidades existentes hoje.

Portanto, poderíamos dizer que a idade e a velhice estariam passando por um processo de transformação? Ou ainda estaríamos pensando a velhice do século passado? Será que os homens cis gays ao adentrarem na velhice interpretam ela da mesma forma que outras pessoas e a própria sociedade? Questionamentos estes que pretendemos estar respondendo ao longo desse trabalho por meio de nossas entrevistas. Como afirma Hall (2011 [1992]), as identidades estão sendo descentralizadas, deslocando-se ou ainda fragmentando-se tornando o conceito de identidade cada vez mais complexo.

Segundo o autor, essas mudanças estão transformando as sociedades modernas e os elementos identitários como gênero, sexualidade, idade, racialidades, etc. Acreditamos que isso já é muito perceptível sobre a idade, pois se no período medieval a média da expectativa de vida de uma pessoa era 30 anos, nossas percepções atuais sobre envelhecer vão muito mais do que o dobro dessa expectativa de vida. Assim, com as mudanças sociais nossas concepções e significados sobre o envelhecimento foram se alterando à medida que a expectativa de vida vem sendo aumentada.

Essas percepções de nós e da sociedade perpassam nas discussões de Hall (2011[1992]) quando elenca três concepções de sujeitos que formariam o próprio ser humano: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Enquanto

o sujeito do iluminismo é aquele que é centrado em si, unificado pela razão e consciência, o sujeito sociológico é resultado da complexidade do mundo moderno no qual o seu próprio 'eu' é resultado da interação das próprias relações sociais e a sociedade. Já o sujeito pós-moderno passar a desenvolver-se, o qual não possuiria uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas móvel e transformada continuamente a partir das formas culturais que nos rodeiam.

Dessa maneira, o autor aborda que as formas das identidades são construções sociais e históricas, nas quais os sujeitos assumem distintas identidades e em diferentes momentos. Tais apontamentos fazem uma ponte com as discussões de Crenshaw (1994) quando reflete sobre os conceitos de identidade e Interseccionalidade, pontuando que nós, enquanto sujeitos, somos preenchidos por diferentes elementos identitários que vão se alterando de acordo com diferentes contextos – aqui destacamos o processo de envelhecimento como um importante elemento para se pensar as diferentes composições identitárias sobre a idade.

As discussões sobre uma diversidade identitária são datadas desde 1851 em uma intervenção na *Women's Rights Convention* em Akron, Ohio, Estados Unidos, com um importante discurso de Sojourner Truth "*Ain't I a Woman?*" que na tradução livre significa "Não sou uma Mulher?" em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher. Nesse momento, Sojourner levantou-se para falar após ouvir de pastores que estavam ali presentes, que as mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher, sendo que a primeira mulher foi uma pecadora.

Assim, as discussões que permeiam as identidades resultam de grandes insatisfações sociais, onde que determinadas pessoas que não correspondiam as hegemonias e as relações de poder que eram constituídas sobre um contexto específico, passaram a não aceitar, a não concordar com certos discursos que eram criados para uma manutenção de hierarquização entre seres humanos. Nesse sentido, mulheres buscavam sua emancipação o machismo como homossexuais buscaram sua emancipação da heteronormatividade, alterando a partir dessas relações as próprias concepções das identidades.

Então, essas construções identitárias também funcionam através de diferentes espaços que são vivenciados cotidianamente pelas pessoas, em um jogo contínuo de interesses e estratégias. As identidades passam a ser instrumentos essenciais de mobilidade e transformação nas vivências espaciais dos sujeitos, mas

também nos seus próprios corpos na relação com espaço e enquanto espaço. Ora, se envelhecer é um processo, esse só pode ser visto e sentido pelo corpo que ao longo dele, assume distintas identidades como a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice, mostrando que o corpo não é apenas um objeto que sente as ações de espaços materializados construídos por um coletivo, o corpo é vivo, é um espaço em constante transformação (Lefbvre, 1974;1991).

Para Hall (2011[1992]) essa concepção sobre as mudanças identitárias tem mostrado grande rupturas pois, se antes limitavam o sujeito entre ele e a estrutura (sociedade) fixando-o, condicionando-o à essa realidade. Aqui, cabe ressaltar o quanto importante é os estudos sociais sobre a velhice, afinal essas pessoas quando chegam nessa etapa da vida passariam a serem condicionadas socialmente para o 'status de idoso', mas isso não significa que também não são humanos fluídos, questionado a própria estrutura que fora imposta sobre seus corpos. Por isso, Hall (2011[1992]) argumenta sobre o sujeito pós-moderno como aquele que não teria mais uma identidade condicionada socialmente, mas múltiplas identidades e que essas fariam parte de um grande jogo de relações sociais entre identificar-se ou não.

Ao questionarmos nossos entrevistados, pudemos perceber que alguns assumiam e incorporavam a identidade velho. Contudo, outros a questionavam, relatam passar por um processo de transformação, tanto do corpo quanto da mente e isso fez com que a velhice fosse significada a partir de diferentes interpretações, o que dá o seu caráter subjetivo. Pois, esse estado físico do ser humano enquanto inerte e apenas receptáculo das ações estão mudando para um sujeito fluído não de uma identidade, mas de múltiplas identidades ora contraditórias e em outras não resolvidas, celebrando a capacidade da dinamicidade humana em estar sempre em constantes mudanças (Hall, 2011 [1992]).

Sendo assim, quando pensamos nesses sujeitos envelhecendo, entendemos que eles são compostos por diferentes identidades que vão além da idade e que, mesmo dentro da própria categoria identitária idade, haveria um jogo contraditório e não resolvido do que é ser velho, idoso e de terceira idade. Para Castells (1999), a identidade pode ser ampliada para os significados e os atributos culturais. Segundo o autor, os significados é a identificação simbólica do ator (sujeito que a incorpora) e da ação praticada proporcionaria uma grande diversidade de significados, interpretações e representações.

Assim, o indivíduo pode ter diversas interpretações sobre si como também de sua ação social para com a sociedade. Isso porque se deve distinguir a identidade dos papéis, e entendemos que os papéis se relacionam através da ação social e o que se espera sobre determinadas identidades, como é o caso do velho e a incapacidade ou a dependência.

Enquanto a autorrepresentatividade estaria ligada à nossa identidade e aquilo que nós reconhecemos em nós mesmos, a ação social estaria conectada aos papéis que praticamos em sociedade ou que foram atribuídos sobre determinadas identidade como de gênero entre homens e mulheres ou aqui, sobre ser jovem e velho. Segundo Castells (1999), os papéis são como normas institucionalizadas e organizadas pela sociedade que são negociadas mediante as institucionalizações e as organizações. Isso também estabelece uma relação naquilo que Mayol (1996) argumenta sobre a ideia de conveniência, ou seja, como as pessoas devem se comportar e qual o benefício retirado do respeito às normas.

Além do processo de autoidentificação, as relações de poder de constituem tanto a vivência espacial quanto corporal desses sujeitos através do processo de envelhecimento. Essas pessoas acabam por criar estratégias espaciais sejam elas através dos espaços sociais ou através dos seus próprios corpos.

Assim, a pesquisa aqui evidenciada identificou que as transformações espaciais desses sujeitos se estabelecem em espacialidades de resistência, de negociação e do próprio armário.

O último capítulo dessa tese, mostra as transformações espaciais através do processo de envelhecimento desses homens cis gays, que até hoje resistem em meio a epidemias, preconceitos, violências para terem o direito de envelhecer.

CAPÍTULO 4 - PERFORMANCES DAS MASCULINIDADES E AS TRANSFORMAÇÕES DAS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DE HOMENS CIS GAYS NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

O capítulo proposto busca entender as performances das masculinidades *gays* no processo de envelhecimento como primordial na compreensão de alguns dos aspectos identitários da comunidade e dos próprios sujeitos. Processo estes como de aceitação e rejeição, assim como outras nuances relacionadas com o sujeito *gay* e aos espaços vivenciados por esses sujeitos ao longo de suas trajetórias de vida.

Por isso, a mediatização dialógica e conflituosa com o mundo, mediante processos de tensão e contradição passam compor suas vidas naquilo que evidenciamos como o masculino desejável e o indesejável, dando sentido em suas vidas a partir de estratégias que através de seus corpos utilizam para resistir, sobreviver e envelhecer.

Além disso, esse capítulo traz as transformações de vivências espaciais de homens cis gays através do processo de envelhecimento, mostrando como esses sujeitos ao vivenciarem espaços sociais e o próprio corpo como espaço, construíram espaços de resistência, de negociação e o armário para poderem existir e gozar do processo de envelhecer.

4.1 O MASCULINO DESEJÁVEL E INDESEJÁVEIS NAS ESPACIALIDADES GAYS

Entender o masculino desejável nas espacialidades *gays* é processo de fundamental importância, visto que o entendimento a respeito das esferas do desejo perpassa longa trajetória no campo da Filosofia, Sociologia, História e Geografia, cada uma delas com suas respectivas contribuições. Em primeiro lugar, é importante considerar que a homossexualidade foi abordada de formas distintas no transcorrer do percurso histórico brasileiro.

Segundo Bastos (2022), uma das dualidades mais frisadas no senso comum e nessa construção do sujeito homossexual se efetiva na oposição entre homem e *viado*. Na categoria homem, estariam os sujeitos que mantivessem relações sexuais com outros homens e com mulheres, de maneira indiferente. Da mesma maneira, a categoria homem se associa com a negação ao homossexual, ou seja, o homem se

define como alguém que não é homossexual, que não está no ambiente *gay* e que não pertence a esse meio.

A categoria *viado*, segundo o autor, seria definida mediante homens passivos em relação à sexualidade, com perfil afeminado e que, mesmo com aspectos anatômicos vinculados diretamente ao masculino, também demonstram traços femininos expressivos. “. Como não poderia deixar de ser, todas essas categorias que envolvem o controle dos corpos homossexuais e ditam os padrões estéticos de aceitação/exclusão social passam por valorações nas/pelas práticas de linguagem”. (Bastos, 2022, p.37).

Tais questões históricas possibilitam verificar que os corpos *gays* masculinos estão em constante diálogo no plano teórico ou midiático da sociedade brasileira. Com o advento da modernidade tecnológica, diretamente vinculada com maior contato com redes sociais e outros espaços digitais de interação, foram edificadas grupos que trazem legitimação para o que consideram enquanto desejável em um corpo.

Diante disso, outras nomenclaturas passam a ser criadas, como *barbie* ou padrão. Na primeira, são colocados os corpos *gays* de pele branca e que são magros ou estão próximos do padrão midiático colocado na moda e nos espaços publicitários. Da mesma maneira, ainda são nomeados como *poc* os *gays* que possuem comportamento afeminado, mas estão em classe média-baixa ou baixa, ou seja, vistos pelos membros da comunidade como pertencentes à pobreza (Baptista, 2018).

Outra atribuição se coloca no urso, que pode ser definido no *gay* que possui corpo com maior quantidade de pelos e gordura corporal, seja na obesidade ou mesmo na robustez. Por fim, ainda é importante considerar o *dad*, que são os sujeitos *gays* com corpos idosos. Em outros momentos da discussão, esses sujeitos intitulados enquanto *dads* serão analisados em forma mais específica. Assim, “essa categoria representa os indivíduos que vão na contramão do que ditam os parâmetros da masculinidade hegemônica”. (Baptista, 2018, p. 72).

A questão do desejável se edifica a partir de uma linguagem corporal e de interesse, pois envolve o sujeito desejado e aquele que deseja. Nessa linha de pensamento, Bakhtin (2017) reitera que o desejo está associado diretamente com a ação dos sujeitos, em forma individual, de avaliar um objeto e compreender o que nele é intencional e o que não manifesta desejo. Assim, o olhar passa a ser delimitado por aquilo que está determinado naquele sujeito, e não necessariamente por sua essência ou verdadeira aparência.

Desse modo, o desejável se constrói enquanto representação da realidade, pautado em elementos racionais e emotivos. No entanto, é fundamental considerar também o corpo não-desejável como parte da pauta de discussão, pois implica em uma relação que pode permear a rejeição. Especificamente em espacialidades digitais *gays*, como aplicativos de relacionamento, o perfil desejável pode ser verificado na quantidade e perfil dos encontros marcados e consolidados entre os envolvidos.

Segundo Grohmann (2016), em estudo realizado junto ao aplicativo *Grindr*, a maior parte dos encontros firmados se efetiva entre homens não afeminados, de classe média e média-alta, com juventude aparente, perfil atlético, vistos pela sua beleza física aparente. Os corpos que destoaram desse perfil anteriormente mencionado eram rejeitados, ou seja, não desejáveis. O autor complementa que:

Mas o homem *gay* não é apenas “*gay*” ou sua sexualidade: é atravessado por muitas outras identidades – como “homem cis” (gênero), pertencente a uma determinada classe social, ligado a alguns estilos de vida. Portanto, embates, hierarquias e desigualdades ligadas a esses elementos podem estar presentes em um ambiente como o *Grindr* (Grohmann, 2016, p. 73)

Assim, esses corpos passam a ser afastados da relação com o aplicativo e seus usuários e a opressão pode ser mais efetiva, o que faz com esses sujeitos ocupem espacialidade secundária no ambiente digital. Mesmo assim, os pesquisadores apontam que perfis diferentes do padrão, como os ursos e os *dads*, se colocam enquanto corpos de resistência, principalmente se não apresentam comportamento afeminado e podem trazer maior experiência, por ocasião de maior tempo de vida (no caso dos *dads*) (Grohmann, 2016).

Mesmo assim, é importante enfatizar que o masculino desejável no universo *gay* não pode ser visto de maneira estática e fixa entre os sujeitos envolvidos em diferentes processos históricos. A fuga dos padrões e resistência de alguns corpos em detrimento da cena de exclusão verificada torna-se importante para compreender que espacialidades distintas podem produzir discursos igualmente distintos a respeito do corpo.

Para Pereira et al (2012), o corpo desejado não se coloca apenas como sendo o corpo do outro, mas como o próprio, visto que o corpo consumido pode ser um reflexo de si, ou um espelho do próprio corpo, principalmente no que diz respeito à masculinidade. Os pesquisadores consideram que a masculinidade heterossexual busca-se distanciar-se do corpo *gay* para que não haja associação com o não-homem.

Mesmo assim, frisam que tais relações de mentalidade e atitude se estruturam nas relações sociais como construções, e que a masculinidade é vista como artefato cultural constituído, primariamente, de maneira negativa. Isso porque há necessidade de o sujeito frisar e convencer os outros de que não é mulher ou homossexual. Ademais, para cada grupo social, há um tipo de masculinidade vinculada. Na visão de Grohmann (2016), mesmo que as masculinidades homossexuais sejam entendidas como submetidas à heteronormatividade, há disparidades nos processos de poder e legitimidade nas múltiplas masculinidades associadas à espacialidade homossexual.

Além disso, é nítido considerar que os aspectos relativos à masculinidade não podem ser reduzidos ao componente biológico, assim como o corpo não está inerente ao sujeito. De modo mais abrangente, o corpo oculta e revela, constrói e desconstrói, liberta e mantém aprisionado, com carga expressiva de significações e símbolos, posicionando os sujeitos no tecido social que os insere. Especificamente no que diz respeito ao corpo *gay*, é primordial indicar que há processos envolvendo a estética, mas também há significações particulares, percebidas na ordem discursiva ou prática.

Para um dos sujeitos entrevistados:

Perfeito, e os *gays* são muito assim... o *gay* é uma pessoa assim extremamente julgado pela aparência, tudo é aparência no mundo *gay* primeiramente, depois a pessoa até pode querer conhecer você melhor, mas a princípio é aparência. (Entrevista 6, realizada em Ponta Grossa, em 19/03/2022).

É importante compreender que as ações edificadas no cotidiano estão diretamente relacionadas com determinados significados. Isso porque os sentidos atribuídos a produtos e serviços consumidos se traduzem na base material na qual a cultura é formulada e sob a qual dialoga com outras áreas da vivência humana. Nesse contexto, vale apontar que a cultura não pode ser vista em sua exclusividade hegemônica, principalmente porque alguns sujeitos e grupos sociais podem interpretar, vivenciar, oprimir e resistir a aspectos culturais específicos estruturados de forma prévia (Nogueira, 2013).

Uma das formas de se modificar a cultura pode ser efetivada no consumo. , que se edifica enquanto processo social articulado com a provisão de mercadorias e serviços, assim como ao acesso a eles destinados. Para Enne (2006), o consumo desenfreado de um bem ou serviço pode ser ocasionado pela busca da própria

subjetividade, assim como da completude a partir do reconhecimento de identidade que se modificam, na qual tais pessoas são vistas como consumidoras.

O consumo não é uma prática de passividade, mas de ação, ressignificação e apropriação de bens, serviços e processos. Da mesma forma, o consumo pode trazer maior exterioridade para as diferenças, principalmente quando pressupõe escolhas estéticas. O gosto se constitui de uma maneira para o julgamento social e reflete a posição dos sujeitos em relação ao grupo e ao tecido social (Enne, 2006).

Ainda se reitera o consumo a partir da ideia de posse e de demonstração para outrem do acesso e possibilidades de se encontrar naquele lugar social específico. Em relação ao corpo *gay*, tal estética de consumo prevalece, principalmente porque existem elementos identitários socialmente aceitos que também permeiam a ótica heterossexual. Em outras palavras, o corpo masculino *gay* também é desejável no sentido físico, pautado nos padrões sociais estruturados por mecanismos culturais, a partir de um viés que reforça desigualdades.

Para Casadei (2018), a manipulação do corpo se coloca como uma das formas centrais de se compreender a identidade homossexual, assim como na negação da heterossexualidade. Dessa maneira, a identidade do corpo é uma construção de si, mas é essencial frisar que tal construção não está isenta de julgamentos e estereótipos. Em estudo realizado por Pocahy (2012), o autor realizou entrevistas com pessoas que se assumiram como homossexuais em forma tardia, ou seja, na idade adulta ou idosa.

Nos grupos *gays* que se associou, muitos dos sujeitos entrevistados afirmaram encontrar posturas masculinas próximas do heterossexual, mas também a de consumir produtos e serviços que afastassem de um padrão afeminado, edificando uma nova forma de masculinidade. Para o pesquisador, essa cultura de consumo de produtos masculinos pela comunidade *gay* também pode ser visto pela ideia de recepção, ou seja, de que existe um padrão de corpo "aceitável" no qual o comportamento afeminado não possui mesmo viés de pertencimento e o padrão masculino próximo ao heterossexual é corpo mais desejável e "consumido" (Pocahy, 2012).

Assim, a reconstrução do corpo se faz por intermédio de processos de ressignificação e que a transformação do corpo para se tornar desejável e consumível passa por alterações na forma de vida, como maior frequência em academias, a

compra de produtos associados à estética, consultas a profissionais da nutrição, dentre outras ações reiteradas (Pocahy, 2012).

Dessa maneira, percebe-se que a expressão e representação corporal vai além das questões biológicas, pois incide diretamente na própria aceitação perante o grupo social. No entanto, esse mesmo grupo do qual se exige tal aceitação possui formas de compreender e desejar o outro a partir de uma cultura de consumo, nos quais os sujeitos que não se encontram nos padrões podem ser rechaçados, excluídos ou marginalizados (Simões, 2011).

Aliás, o corpo *gay* pode ser objetificado enquanto consumo a partir de processos de hierarquização e demarcação, sendo verificado como mercadoria. Os autores frisam que esse tipo de relação pode ser percebido de maneira mais visível em corpos idosos, que se encontram mais distantes do padrão estético a ser consumido (Simões, 2011).

É válido mencionar que a masculinidade *gay* desejável estruturada em uma sociedade se constitui a partir de parâmetros internos e externos. Na cultura greco-romana, o culto ao corpo manifesta-se no cotidiano, com a frequência a academias e treinamento para melhor exposição da musculatura corporal. Da mesma maneira, é importante considerar que a homoafetividade não era considerada como tabu. Aliás, “há, sempre, a necessidade de agenciar os fluxos discursivos e não-discursivos para perpetuar e produzir o corpo *gay* desejável, a sexualidade desejável. E, decerto, a maior parte das estratégias produzidas não são visíveis ou compreensíveis” (Rodrigues; Roseiro; Santos, 2017, p.361).

[...] o mundo *gay* coloca os padrões de beleza, peso e todas as corporalidades em geral. Então eu fujo completamente desses padrões, então nesse sentido eu me sinto velho. (Entrevista 4, realizada em Ponta Grossa, em 07/03/2022).

Da mesma maneira, é fundamental verificar que o ideal de beleza associado com a aceitação social também permeia outros campos da trajetória de vida, mas traz impactos significativos para a forma como os gregos viam o próprio corpo e como entendiam o desejável. Tais valores são alterados no feudalismo, de maneira que maior robustez corporal passa a ser relacionada com a qualidade alimentar e riqueza nutricional, assim como o corpo magro era visto como o corpo não alimentado, pobre, carente de proteínas e valores nutricionais que o mantivessem fortalecido (Rodrigues; Roseiro; Santos, 2017).

No Renascimento, o corpo masculino desejável passa a ser resgatado dos ideais clássicos greco-romanos, com vistas na pintura, escultura e literatura. Nesse momento, o corpo masculino desejável se coloca com maior presença em sua constituição muscular, não apenas com a justificativa de apresentar modificações no padrão estético, mas também de propor uma nova ótica para o corpo humano (Beiras et al, 2007).

Isso significa que o humanismo, naturalismo e antropocentrismo construídos em cada fase do renascimento italiano estão relacionados também com as questões de representação do corpo, seja ele ligado à mitologia grega e romana ou ao cristianismo. Imagens de santos, Jesus Cristo, Deus ou dos apóstolos são trazidas com musculatura aparente em cenas diversas. Em relação ao corpo masculino gay, é importante ressaltar que o cristianismo europeu da Idade Moderna traz invisibilidade na percepção desse potencial desejável, mas que é possível inferir semelhanças com o corpo masculino externado na pintura e na escultura (Beiras et al, 2007).

Tal herança cultural perpassa outros momentos históricos, com rupturas e permanências no que era considerado ideal. Da mesma maneira, é essencial considerar que os padrões de beleza masculinos se modificam parcialmente na Revolução Industrial e nas Grandes Navegações, de modo que o corpo masculino desejável se torna o corpo forte, robusto, não necessariamente musculoso em sua tonificação e aparência, mas na essência do trabalho. Com maior miscigenação europeia com povos eslavos, os padrões de altura também são elevados, constituindo parâmetro ideal para a época (Beiras et al, 2007).

No século XIX, a presença de vestuário preto, com barbas, bigodes e suíças passaram a ser considerados como moda, de maneira que não cabia buscar perfeição e musculatura corporal sem dar importância e visibilidade para os cuidados faciais. O século XIX traz diferentes considerações para se pensar a respeito do corpo masculino desejável, seja pela questão estética envolvida ou mesmo pela maior influência da mídia na elaboração de processos e práticas de influência ao público consumidor (Del Priore; Amantino, 2011).

Principalmente no contexto pós-Segunda Guerra, o corpo masculino desejável possui variações que se direcionam às subjetividades dos sujeitos envolvidos em cada grupo social. Assim, o padrão de beleza masculino desejável na comunidade afro-americana apresenta características distintas de subgrupos como o movimento Punk, Hippie, Gótico ou Gay (Del Priore; Amantino, 2011).

É essencial destacar que cada um desses grupos passa a ter padrões distintos do que pode ser considerado aceitável no consumo do corpo masculino e na construção e solidificação do desejo, o que pode caber análises e reflexões distintas. Ademais, as questões históricas também permitem compreender que as subjetividades existem, assim como desvios do padrão, mas que o elemento midiático foi primordial na percepção de um padrão a ser aceitável e outros a serem rechaçados ou invisíveis perante os sujeitos pertencentes àquele grupo (Del Priore; Amantino, 2011).

Segundo Morelli e Pereira (2018), o que ocorreu entre o final do século XX e o início do século XXI foi a "pornificação" do corpo masculino *gay*. A chegada de aplicativos de relacionamento, seja no campo heterossexual ou homossexual, trouxe objetificação para o corpo masculino, produzindo novos efeitos para o que é considerado desejável ou indesejável.

Contudo, o ideal corporal difundido pela pornografia *gay*, se ofereceu uma imagem positiva do desejo homoerótico, não questionou o culto da masculinidade heterossexual. [...] Nos dias de hoje, o corpo desejado no mercado amoroso e sexual on-line, no contexto homoerótico masculino, está relacionado a temporalidades históricas distintas que remetem ao menos ao cenário do pós-guerra (o corpo ultraviril dos soldados), à revolução sexual (o *gay* macho) e à epidemia da Aids (o corpo sarado, que elide de sua pele qualquer associação com a doença). Todos esses ideais corporais foram difundidos pela pornografia *gay* e, apesar das diferenças, o que esses ideais têm em comum na sua rearticulação com o presente é o alto valor atribuído à masculinidade heterossexual (Morelli; Pereira, 2018, p. 114).

Nessa linha de pensamento, o corpo masculino desejável passa a ser demonstrado em posições em que a atração seja intencionalmente gerada, o que traz para o corpo um status de mercadoria. Assim, o corpo masculino *gay* desejável também se torna objeto de consumo, ainda de forma distinta do corpo feminino, por questões de ordem histórica e social, mas também pensado dentro do processo de objetificação (Morelli; Pereira, 2018).

Da mesma maneira, o corpo masculino *gay* desejável pode ser "comprado" a partir da aquisição de produtos diversos, para os sujeitos que desejam ser aceitos perante tais padrões. A quantidade de produtos que prometem crescimento de cabelos, aumento do pênis, rejuvenescimento facial, crescimento uniforme da barba e tonificação muscular, dentre muitos outros, tem sido veiculado nas mídias televisivas e digitais de forma intensiva. Nesse mesmo ponto, muitos desses corpos são também

colocados em redes privadas, com compartilhamento de fotos e compra de pacotes de assinatura para obtenção de acesso a esses materiais (Miskolci, 2015).

Assim, percebe-se que a construção de um corpo masculino desejável se torna válida de reflexão por suas particularidades, assim como no potencial de consumo que parte da produção e recepção, ou seja, na criação e apropriação de um discurso de beleza para movimentar um mercado que não vende apenas produtos e procedimentos, mas a promessa de aceitação e mudança nas sensibilidades (Miskolci, 2015).

Da mesma forma, também é válido considerar a masculinidade desejável estruturada a partir de processos psicológicos. Segundo Pocahy (2012), o processo de aceitação ou rejeição do próprio corpo enquanto desejável ou indesejável se coloca de maneira distinta para cada pessoa ou grupo social. No que tange às construções da masculinidade, efetuar tal autorreflexão é importante, mas pouco externada a outros sujeitos. Aliás, através da análise de conteúdo, dentro da categoria discursiva autoidentificação, um dos entrevistados entende a si mesmo e ao envelhecer mediante qualidade de vida, o que traz questões psicológicas importantes:

O que eu imagino assim é um gay com qualidade de vida, que tenha uma saúde, que aproveita a vida, viajar, fazer o que gosta, eu tenho muito esta coisa assim que eu faço de tudo, eu planto no meu quintal, mas assim se esta preocupação hoje assim esta cheio de mato, conforme o dia eu vou la, cuido, planto, tem alface, berinjela, tomate, as vezes nem usa, estraga, dou pros vizinhos, mas eu tenho porque eu gosto. Então isso eu acho qualidade de vida, você ter estas coisas, poder sair, viajar, produzir minhas series, sempre to produzindo, é como você falou, eu nunca tive esta preocupação de pintar, eu pinto porque eu gosto, são várias series que eu tenho que nem está pós-humanos que eu tenho um trabalho em cima da morte, eu tenho uma outra seria que se chama as paisagens contemporâneas que eu fiz uma exposição agora no lado de olarias, no centro de educação ambiental. (Trecho entrevista 8, 2022)

Em alguns casos, tal rejeição do próprio corpo associa-se com a forma pela qual a trajetória de vida trouxe o sujeito até aquele momento. Assim, vivências na infância ou adolescência associadas ao corpo podem trazer impactos sobre a percepção de si em suas dimensões corporais. Em relação ao desejável, são verificadas diferentes percepções pessoais e coletivas a respeito do que pode ser atrativo, no que diz respeito ao heterossexual ou homossexual (Pocahy, 2012).

As visões estruturadas em cada caso são distintas, pois o corpo masculino desejável para o heterossexual possui componente de atenção voltado para os

interesses da mulher, do que ela considera válido e de como esse sujeito com corpo masculino desejável pela mulher passa a ser aceito pelo próprio grupo, diante de outros homens heterossexuais (Miskolci, 2015).

No caso do homossexual, a preocupação com o corpo tem um viés de desejo voltado para a atratividade de outro homossexual, ou de heterossexual, o que se constitui elemento de maior variação, mas com igual intenção de obter uma relação de recepção voltada para a atratividade. Em muitos desses casos, o corpo masculino desejável pode estar associado direta ou indiretamente a determinados estereótipos de gênero, ou seja, visões construídas externamente e que definem, no senso comum, padrões de comportamento ou representações visuais específicas dos sujeitos (Miskolci, 2015).

Ao homem, segundo Reis (2013), parte desses estereótipos não está ligada diretamente ao corpo, como é o caso da mulher. Para os autores, enquanto homens heterossexuais trazem maior destaque para a beleza física e traços corporais da mulher, as mulheres enfatizam o poder, a liberdade, o trabalho, a autonomia e a segurança do homem. Assim, o masculino desejável está associado não apenas ao fator físico e muscular, mas ao fato de que aquele sujeito proporciona estabilidade, confiabilidade, segurança para o cuidado com a prole, proteção, dentre outros aspectos.

Da mesma maneira, o masculino indesejável também foi mencionado na mesma pesquisa, frisando que o homem a ser evitado era o dominador, individualista e competitivo. Vale destacar que essas características foram mencionadas por mulheres, dentro de uma perspectiva de relacionamento heterossexual. Assim, compreender o masculino desejável não se coloca apenas na dimensão corporal, mas em processos de aceitação de si ou reconhecimento e adequação junto às características consideradas ideais ou desejáveis para esses sujeitos (Reis, 2013).

Da mesma maneira, torna-se importante entender o auto estereótipo na construção ou rejeição do masculino desejável. É nítido verificar que o desejável não se coloca apenas externamente, mas também internamente. Visões masculinas de si, galgadas na mídia ou advindas de outros espaços, verificadas em estereótipos, mas nem sempre compreendidas e reconhecidas pelos sujeitos dessa forma, podem corroborar para o reforço de padrões desejáveis a serem seguidos. Diante disso, é fundamental entender também o aspecto psicológico para averiguar como o masculino desejável se edifica em suas tensões e contradições (Reis, 2013).

Para Morgante (2014), a construção da identidade masculina se faz a partir de diferentes elementos, como a agressividade e o essencialíssimo, com diferenciação e oposição binária. A percepção dessa construção identitária como sendo agressiva auxilia na compreensão da violência de gênero, mas também possibilita compreender o corpo masculino vinculado a estereótipos de força física, dominação ou agressividade. Para a autora, a identidade pode ser vista na marcação da diferença, pois se constrói na oposição.

Da mesma maneira, o masculino desejável se edifica na oposição do feminino e do que não é desejável, de forma a marcar traços específicos de autoidentificação pautados em relações de poder e dualidade. Da mesma forma, o corpo masculino desejável, visto na dimensão psicológica, também possui viés diretamente relacionado com questões sexuais. “Da mesma maneira que o trabalho masculino atesta a virilidade, a honra e a posição dominante do homem na sociedade, o desempenho sexual e o controle sobre a sexualidade feminina também representam a identidade dos homens na sociedade contemporânea” (Morgante, 2014, p.147).

Em relação ao desempenho sexual, por exemplo, o corpo masculino age em dominação, seja para atestar virilidade ou para aliviar tensões latentes. Assim, o corpo desejável possui representações simbólicas pautadas em uma dominação e hegemonia masculinas, que dita padrões e estabelece comportamentos aceitáveis e não aceitáveis, com vistas a rechaçar e não reconhecer comportamentos vinculados com tais sujeitos que fogem a esse padrão. Mas, será que tais componentes históricos e psicológicos se aplicam na construção da masculinidade? Ou mesmo em relação aos idosos? Tais questões podem ser desdobradas a partir de reflexões destacadas nos tópicos a seguir.

4.1.1 O Envelhecimento e Estratégias de Masculinidades Desejáveis

Entender os aspectos que norteiam as masculinidades diante do processo de envelhecimento torna-se importante para verificar rupturas e permanências nos padrões de beleza instituídos, assim como na aceitação ou rejeição dos corpos e nas alterações no discurso moral pelas quais esses sujeitos passam. O processo de envelhecer também traz desafios e particularidades para o processo de masculinidade, seja na construção do ser ou mesmo da diferença.

Nesse momento do capítulo, destaca-se o envelhecer a partir da masculinidade, dentro de suas principais perspectivas e discursos teóricos associados. As pesquisas realizadas por Lima e Leite Junior (2018) corroboram para entender a intersecção entre a sexualidade, o envelhecimento e a masculinidade. Os estudos realizados possuem abrangência significativa na percepção de subjetividades de idosos a partir da própria masculinidade e da sexualidade.

Existem diferentes imagens associadas ao envelhecimento masculino nas relações com o eu e com os outros. Em processos de trabalho, carreira, família ou sexualidade, as formas de percepção da realidade em relação a rupturas e permanências, na expectativa e realidade, tornam os processos sensíveis mais complexos e com necessidade de verificação mais específica (Lima; Leite Junior, 2018).

A discussão acerca da masculinidade permeia entre o poder advindo das normas sociais e a reprodução de um padrão instituído incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ele exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Lima; Leite Junior, 2018, p. 114).

O envelhecimento masculino ainda está permeado por fatores limitantes, que nem sempre são reconhecidos por fenômenos de identidade. É válido considerar que o envelhecer masculino ainda está permeado pelo cuidado com filhos e netos, o abandono parental, a desvalorização da escuta, a redução da qualidade de desempenho sexual, as incertezas em relação ao futuro, assim como mudanças estéticas e no próprio comportamento.

Da mesma maneira, o envelhecimento masculino traz desafios para a convivência com outros sujeitos, na estruturação dos cuidados, na redução da produção de testosterona, nas individualidades ou mesmo em processos que envolvem toda a trajetória de vida. Em relação aos processos biológicos, além dos aspectos vinculados com o decréscimo hormonal, também há maior prevalência de doenças, principalmente por conta de maior possibilidade de falha localizada em regiões do organismo, das quais é possível citar o Alzheimer, Parkinson ou problemas urinários, dentre outros (Rhoden, 2011).

A andropausa não pode ser comparada de maneira direta com a menopausa, pois o déficit hormonal masculino é gradativo, mas é válido considerar que o homem também sofre impactos no processo de envelhecer, o que é de fundamental

consideração na aplicação de cuidados vinculados com a saúde e bem-estar (Rhoden, 2011).

Segundo Rhoden (2011), em relação às sensibilidades, muitos idosos consideram que o momento vivido traz menor capacidade de amar e expressar as individualidades, pois há um julgamento moral e uma visão social na qual determinadas demonstrações de sentimento podem ser tratadas como não pertencentes ao espaço do idoso. Assim, temem que a vivência de algumas sensibilidades seja vista como ação libidinosa, indecente ou inadequada.

Para os autores Lima e Leite Junior (2018), existem visões parciais prejudiciais em diferentes aspectos, partindo do pressuposto do idoso, mas também do mundo externo. Em essência, enquanto alguns idosos não possuem informações suficientes a respeito da própria sexualidade e das mudanças decorridas no corpo e na mente em cada momento do envelhecimento, tais conhecimentos também estão vinculados parcialmente na sociedade, de modo que muitas pessoas possuem dificuldades em compreender que o idoso também possui pensamentos vinculados ao erotismo, que desejam ser amados, ter novas sensibilidades e compreender suas subjetividades, assim como terem maior aceitação social e interna.

Para Daniel, Simões e Monteiro (2012), também há uma mudança de papéis no momento de envelhecer, pois muitos passam a ser avôs, o que parece confundir o entendimento e compreensão de aspectos voltados para a sexualidade e o erotismo, sobretudo perante a imagem externa. Essa visão equivocada e parcial ainda é aguçada por uma falta de entendimento do papel do idoso em seu protagonismo masculino, nas ações efetuadas e no próprio reconhecimento da masculinidade.

As questões médicas também são evidenciadas como elementos que compõem aspectos distintos na percepção do envelhecer. Os autores reiteram que houve modificações significativas no diagnóstico médico com o decorrer do tempo, principalmente a partir do final do século XX e início do século XXI.

Um dos exemplos para se considerar esse processo era a disfunção erétil, que se traduzia como sintoma regular do processo de envelhecimento, mas que passou a ser revisada como diagnóstico capaz de ser tratado, assim como no tratamento psicológico e na busca de opções terapêuticas associadas com o cuidado mental dos idosos, que foram desenvolvidas teoricamente com maior abrangência a partir do início do século XXI (Daniel; Simões; Monteiro, 2012).

A invenção e popularização do Viagra também trouxe alterações expressivas na dimensão da sexualidade masculina, não somente relacionadas ao envelhecimento, mas que se desdobram também ao processo de envelhecer, pois envolvem a retomada, ainda que medicamentosa, de aspectos relacionados com a virilidade. O climatério masculino, ainda pouco evidenciado em estudos biomédicos, precisa ser enfatizado a partir de mecanismos biológicos e sociológicos, principalmente por conta da invisibilidade associada a esse processo. Assim, pensar o envelhecimento masculino também se efetiva na aproximação entre teoria e prática, assim como na valorização de temáticas associadas ao homem e que impactam na trajetória do envelhecimento (Thiago; Russo; Camargo Junior, 2016).

Em relação aos processos de construção da masculinidade, Thiago, Russo e Camargo Junior (2016) considera o componente sexual como parte do processo. Os autores evidenciam que existem argumentos mandatários para se construir a ideia do ser masculino, que são: ser provedor, heterossexual e autossuficiente. Mesmo assim, os pesquisadores consideram que essa delimitação está borrada em suas fronteiras, já que o masculino se constitui enquanto elemento de maior amplitude, o que não pode ser definido dessa forma.

Para os autores, para homens idosos, as mudanças de comportamento são mais difíceis de serem assimiladas e naturalizadas, visto que o aspecto desejável da masculinidade está justamente em não ser impedido pela idade biológica a alcançar os objetivos estimados. Em caso de dificuldades na aquisição desse alcance, podem ocorrer crises de masculinidade.

Em outras palavras, segundo os autores até o momento analisados, é importante destacar que o masculino desejável está associado ao alcance dos objetivos, à virilidade, disposição sexual e melhoria dos conhecimentos a respeito do próprio processo de envelhecimento. Da mesma maneira, constam que a autonomia é fator importante para manutenção desse ideal de virilidade masculina, assim como a junção desses elementos evitam uma crise da própria masculinidade.

Ademais, para Lima e Leite Junior (2018) e Thiago, Russo e Camargo Junior (2016), é importante averiguar que a masculinidade desejável parte de um processo de passagem dos elementos de memória ente pais e filhos. Os progenitores podem passar as imagens de autoafirmação que serão evidenciadas posteriormente para os herdeiros, de modo que reproduzam e legitimem esses ideais de forma saudosa e com discurso de verdade.

A ideia de masculinidade desejável para o envelhecimento está associada, portanto, aos elementos anteriormente mencionados, como estabilidade, alcance dos objetivos, vigor, saúde física e mental e estrutura financeira. Outros estudos, como os de Almeida e Lourenço (2019) e Jardim, Medeiros e Brito (2019) também evidenciam, a partir de entrevistas semiestruturadas, que muitos homens desejaram ter, na velhice, alcançado os objetivos previstos na vida adulta, principalmente porque planejam um processo de envelhecimento sem interrupções ou instabilidades, com estabilidade financeira e emocional, assim como manutenção da virilidade e desempenho sexual.

Em alguns casos, também mencionaram algumas características físicas específicas, como a manutenção dos cabelos, aparência jovem, atratividade perante mulheres mais jovens e musculatura tonificada. Assim, entender a desejável parte de uma expectativa criada no próprio eu, a partir de elementos do envelhecimento saudável e do que a sociedade capitalista coloca como padrão de envelhecimento, dentro de uma pauta de provimento familiar e satisfação pessoal.

Aliás, para Almeida e Lourenço (2019), a masculinidade desejável estruturada no envelhecimento está pautada no fato de o homem poder sustentar, com conforto e bem-estar, a sua família. Da mesma maneira, o processo de envelhecer implica em relações que envolvem aspectos vinculados ao social e à saúde. Um envelhecimento masculino desejável estaria, portanto, associado a condições de saúde e de não adoecer, assim como não perder o vigor laboral, já que alguns desses sujeitos precisam continuar trabalhando mesmo após a aposentadoria.

Em alguns casos, tais questões envolvem aspectos hegemônicos da vida, como a sustentação de si e a ameaça de estabilidade e provimento. Os autores consideram que muitos homens ainda negam o processo de envelhecimento enquanto parte de uma masculinidade contínua (Almeida; Lourenço, 2019).

Em outras palavras, para que haja manutenção do que se considera como masculinidade, nega-se o envelhecimento e busca-se manter os valores, práticas e atividades anteriores, de modo rotineiro e sem percepção evidente das mudanças decorridas na ordem biológica. Em relação às questões que envolvem a saúde masculina, a negação também se faz evidente em diferentes momentos.

Um dos sujeitos entrevistados reitera:

Acredito que haja espaços sim, mas um jovem que tenha dinheiro, porque quando pensamos na relação com a idade, para mim os espaços são pensados mais para a fase adulta, onde você passa a estar ativamente na economia, já se formou, está desenvolvendo uma carreira e obviamente, está consumindo e querendo conquistas questões materiais também. Então para mim, os espaços não são tanto para jovens, mas para os adultos que tenham renda. (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

Nos estudos de Jardim, Medeiros e Brito (2019), considera-se a resistência de alguns homens em realizar exame de próstata, principalmente por ocasião da metodologia adotada, que consiste em toque retal. Os pesquisadores reiteram que ainda existe preconceito e evitabilidade do exame, representação que pode tardar sua realização e prejudicar diagnósticos de saúde.

Da mesma forma, alguns homens também evitam realizar exames para tratamento de disfunção erétil ou mesmo procedimentos simples, como hemogramas. A alegação de rompimento do ideal de masculinidade nem sempre é frisado, mas está subentendido na ordem do discurso, em alguns casos (Jardim; Medeiros; Brito, 2019).

Ainda é nítido verificar que o homem possui maiores riscos de morbidade e mortalidade, assim como possui menor preocupação com cuidados preventivos, o que indica preocupação no processo de envelhecimento saudável. Diante disso, o homem se coloca em maior condição de vulnerabilidade e fragilidade, principalmente pela descrença no sistema médico ou por buscas tardias a serviços especializados. Nesse ponto, a construção de uma masculinidade desejável pode ser pensada a partir dos cuidados e da conscientização em relação aos processos de saúde (Jardim; Medeiros; Brito, 2019).

Da mesma maneira, a mídia também produz sentidos para se pensar a masculinidade desejável no envelhecimento, seja por demonstrar a experiência adquirida ou mesmo o respeito e valores conquistados, perpassados para gerações posteriores. A velhice é apontada, em grande parte do processo midiático, mediante conteúdos que reiteram justamente os valores estruturados anteriormente, como estabilidade e provimento (Farber, 2012). O autor complementa, ainda:

Emblemática é a propaganda publicitária na qual, idosos se transvestem de roqueiros e são aceitos socialmente, se desvestem de roqueiros e são ignorados. Nos meios de comunicação, na maioria das vezes, a inserção da pessoa idosa é desejável contanto que se adeque esteticamente. Exceção feita ao idoso cult presente na cultura local como o filósofo, o pensador que rompe com as convenções sociais e conquista o privilégio de poder ser velho, ter a aparência da idade que realmente tem. Este é um espírito livre, mas a poucos é feita esta concessão (Farber, 2012, p. 125).

Nesse sentido, ao analisar o masculino desejável, é essencial verificar como o homem enquanto agente e produto da mídia pode ser reconhecido e visto em seu protagonismo, diante de diferentes espacialidades e na passagem do tempo. Mas também é importante considerar que a velhice, a partir do discurso da mídia, também coloca o homem enquanto coadjuvante de outras narrativas, figura secundária de um processo de vida no qual alcançou o que era previsto e no qual espera o fim de sua vida.

Tal visão construída perpassa também a representação individual e coletiva de alguns desses homens. As pesquisas de Farber (2012) destacam que tal visão construída no ambiente televisivo e cinematográfico influi direta ou indiretamente na ótica do envelhecimento, de modo que muitos homens passam a considerar o elemento da experiência como fator relevante na construção e reprodução da masculinidade, principalmente na construção dos valores para os filhos.

Alguns desses elementos são reforçadores de posturas legitimadoras da sociedade capitalista, como o apreço pelo trabalho, o "ser homem", a supressão das emoções, a demonstração de segurança e solidez no comportamento e uma postura firme quanto às próprias crenças e valores. Aliás, um dos componentes para se pensar a masculinidade desejável no envelhecimento se efetiva a partir da visão do homem enquanto cuidador da família na velhice, dadas às condições de vulnerabilidade que podem estar envolvidas no contexto social e econômico familiar.

Em muitos casos, tal masculinidade desejável é construída a partir de parâmetros bíblico-cristãos, com exemplos de personalidades cuja masculinidade é exemplificada perante a sociedade, como Abraão, Noé, Jacó, Moisés, Davi, Salomão, dentre outras. Valores representados no discurso bíblico como liderança, obediência ao divino, persistência nos valores, resiliência e sabedoria, a partir de exemplos das narrativas, podem ser veiculados com influência direta na vida destes homens, principalmente porque o próprio envelhecer pode trazer maior proximidade com o religioso e seus princípios (Blessman, 2003).

Dessa forma, Blessman (2003) aponta que não é possível tratar da temática do envelhecimento no singular, mas na pluralidade edificada, mas relações sociais. Da mesma maneira, também não há como tratar da masculinidade desejável como algo exclusivo e vinculado a valores fixos, mas em processos múltiplos. Também aponta que o envelhecimento masculino e o feminino possuem diferenças

significativas, o que implica em perceber as relações de gênero ante às condições de estar velho.

Se as relações de gênero são pautadas em processos vinculados com a autoidentificação, poder e desigualdade, tal processo também pode ser verificado no envelhecimento de homens e mulheres. Assim, a masculinidade desejável também pode estar vinculada com a afirmação do ser homem, assim como na demonstração de força, virilidade e segurança relacional, assim como na valorização da memória e da experiência. Nesse ponto, a masculinidade desejável no envelhecimento também está relacionada com a negação do feminino (Blessman, 2003).

Aliás, para Farber (2012), para muitos homens, a masculinidade desejável no envelhecimento está diretamente associada com a obediência da família, ou seja, em uma relação de poder vinculada com a dominação, em nome de uma tradição familiar cristã ocidental paternalista. Novamente, a negação do feminino, da sensibilidade, da emotividade e da violação do corpo passam a ser valores de legitimação perante o que se considera ideal no masculino.

O sexo também ingressa como fator importante. Historicamente, os valores da masculinidade estão associados com o trabalho, os cuidados com o corpo e a atividade sexual, todos vistos como elementos naturais do homem. No entanto, o sexo é superestimado na ótica masculina, e sua menor incidência no decorrer do envelhecimento pode ser fator relevante para se pensar crises de masculinidade.

Na ótica de Jardim, Medeiros e Brito (2019), o processo de aposentadoria e o crescimento dos filhos traz para o homem a sensação de que suas conquistas se encontram apenas no terreno do passado, o que pode trazer sentimento de luto. Nesse ponto, a passagem por esse luto pode ser mais curta ou mais longa, dependendo do sujeito e das formas como constrói suas experiências e vive a masculinidade.

Esse processo de luto também se dá, segundo os autores, porque as mudanças físicas ocorrem antes das alterações psicológicas. Na masculinidade desejável, essas mudanças não decorrem ou não são percebidas, quer seja pela visibilidade social do sujeito ou mesmo pela sua relevância diante do seu grupo social. Mas o fato externado é que o processo de legitimidade dessa masculinidade desejável implica no reconhecimento da mulher e da família, em submissão e nas experiências vivenciadas (Jardim; Medeiros; Brito, 2019).

Em relação ao processo de envelhecimento masculino e o desejo, também é importante considerar o que esses homens consideram enquanto algo desejável. Para Passamani (2017), a atratividade pelo corpo jovem ainda se mantém ante a chegada da velhice, com a percepção de que os processos de aceitação serão os mesmos.

Os interesses de pessoas com maior juventude na relação com os mais velhos nem sempre são percebidos por estes, já que a negação do envelhecimento é processo de grande percepção na ótica masculina. Os julgamentos a respeito do corpo de outrem pairam não apenas como uma comparação com o próprio corpo, mas em uma evidência de qualidade ou falta de qualidade a partir de um processo parcial e influenciado por fatores midiáticos (Passamani, 2017).

Mesmo assim, na dinâmica dos relacionamentos, há maior naturalidade no relacionamento de homens mais velhos com mulheres mais jovens, principalmente se ambas as faixas etárias estão acima dos 40 anos. Em relação ao próprio corpo, muitos homens não consideram necessidade na própria mudança, assim como se consideram adequados para a idade que possuem (Passamani, 2017).

Os processos de preocupação estão além da estética, envolvendo diferentes elementos, como o sucesso na carreira, a trajetória de vida, a proporção de segurança passada, a estabilidade demonstrada, o patrimônio conquistado, o trabalho, dentre outros aspectos. Nesse sentido, é válido notar que a masculinidade possui componente de dominação e poder, com elementos objetivos e subjetivos na edificação das práticas, assim como discursos internos e externos vinculados com determinados conceitos, como o patriarcalismo, a moral e os valores trazidos a partir do componente geracional (Henning, 2014).

Ademais, é importante enfatizar que o conceito de masculinidade reproduzido por muitos desses homens possui viés midiático ou familiar integrado a determinadas tradições e que o desejável é ser respeitado e estável, com ideias que perpassam diferentes momentos, mas que coloquem o homem na centralidade do discurso. No mesmo ponto, tal masculinidade desejável também se traduz na oposição e negação do feminino, maneira pela qual muitos homens definem a própria identidade e sexualidade (Henning, 2014).

O masculino desejável gay pode ter elementos próximos do heterossexual, pois valores almejados na estabilidade financeira e emocional, companhia, apoio, amparo, respeito e manutenção de características físicas também fazem parte da realidade estimada por muitos desses indivíduos. Nesse ponto, a ideia de

masculinidade desejável, mesmo pautando processos distintos da mentalidade em heterossexuais e homossexuais, traz elementos comuns a ambos (Henning, 2014).

Ademais, assim como o masculino desejável passa por elementos de dominação, é igualmente relevante verificar que o masculino a ser evitado está na sobreposição pelo feminino nessa dominação, o que seria uma relação de poder desigual pela qual o homem pode estar permeado. Além disso, muitas das visões teológicas trazidas para a pauta da masculinidade colocam a mulher como submissa ao homem, assim como obediente e confiante em relação à figura do esposo, pai, filho ou do divino (Pocahy, 2012).

Essa relação de dependência em relação ao homem é vista por muitos indivíduos dentro de um modelo considerado como ideal na sociedade, de modo a condenar o feminismo e o questionamento aos padrões de gênero como parte de uma ameaça a esse ideal almejado. Da mesma maneira, condenam a aproximação afetiva, a demonstração de sensibilibidades e o contato mais próximo com outros homens como elemento de afastamento dessa masculinidade desejável (Pocahy, 2012).

Assim, o homem não deve sentir dor, chorar ou demonstrar afetos que tragam instabilidade para essa imagem rígida e pouco flexível do ser homem. Da mesma maneira, no que tange às masculinidades *gays*, reitera-se afastamento maior em relação ao gesto afeminado, a fuga dos padrões estabelecidos ou a não aproximação das exigências reiteradas no próprio grupo. Desse modo, o corpo desejável não preza apenas na afirmação da jovialidade, etnia, traços corporais musculares ou visual atrativo, mas também no que o sujeito em questão pode oferecer enquanto status quo (Pocahy, 2012).

Desse modo, os processos de dominação masculina, vistos como importantes mecanismos para geração de componentes desejáveis da representação, se colocam com particularidades importantes, muitas delas vinculadas com a sociedade capitalista e os ideais de consumo dos corpos. A objetificação, ainda que não percebida da mesma forma, também perpassa as dimensões corporais da sexualidade masculina. No entanto, os valores considerados desejáveis na ótica das pesquisas reiteram, em grande parte, valores morais atrelados com as dinâmicas externadas no mundo do trabalho.

Diante disso, o tópico a seguir destaca a oposição desse processo, ou seja, o envelhecimento e as masculinidades indesejáveis. Tal contraponto é essencial para que sejam enfatizados os aspectos atrelados com a rejeição, o abandono e o

distanciamento com as padronizações corporais destacadas pela mídia e pelos processos de consumo. Alguns desses pontos podem ser observados a seguir.

4.1.2 O Envelhecimento e as Masculinidades Indesejáveis

Esse tópico busca discutir aspectos relacionados com a masculinidade indesejável, em oposição e negação ao que é desejável. Da mesma maneira, não se enfatiza apenas o processo de afastamento do desejo na dimensão corporal, mas nos fatores associados a outros processos e que influem sobre o corpo, principalmente na ótica do processo de envelhecer.

Em primeiro lugar, o indesejável pode ser definido a partir daquilo que não traz desejo ou atratividade, algo que não traz interesse e não compõe motivação mais específica, algo a ser repelido. Diante dessa conceituação inicial, é nítido considerar que o desejo ou a falta de desejo não podem ser definidos apenas na escassez ou ausência, mas também na rejeição do que é desejado. Em uma ótica filosófica kantiana mais abrangente, vincular a trajetória de vida apenas ao que é desejável torna-se uma forma de ser escravizado pelo desejo (Moreira; Nogueira, 2008).

As autoras reiteram que:

Marcadamente individualistas, narcísicas, exibicionistas e pouco solidárias, nessas sociedades o envelhecimento é investido de valores negativos, tornando o velho, a velhice e o envelhecer algo indesejável e gerador de sofrimento. Enquanto a juventude é fortemente exaltada, a velhice é excluída e estigmatizada, basta ver que, numa sociedade capitalista, o velho perde seu poder como produtor de bens e riquezas e como consumidor e, conseqüentemente, perde seu valor social. A velhice e o envelhecimento situam-se na contracorrente de uma sociedade centrada na produção, no rendimento e no dinamismo. No engendramento dessa exclusão está um sistema político e econômico que prioriza a força jovem no mercado de trabalho, descartando aqueles considerados “velhos ou ultrapassados” (Moreira; Nogueira, 2008, p. 48).

Da mesma maneira, repelir-se do desejo é não viver de forma adequada à própria vida. E assim como aspectos relativos à personalidade podem ser indesejáveis, o corpo também pode ser visto como algo avesso ao desejo alheio ou próprio. Quanto ao desejo de si, o indesejável pode estar diretamente vinculado com o corpo em si ou com traços específicos nos quais os sujeitos desejariam modificação.

O nariz longo, rugas, extensão ou marcas na testa, o tamanho dos seios ou quaisquer outras particularidades que sejam vistas pelos sujeitos como pontos

indesejáveis e que poderiam ser alterados. Em muitos desses casos, a quantidade de produtos estéticos e procedimentos de modificação é expressiva e pode mover empreendimentos e capital significativo no contexto de ação capitalista. Porém, o indesejável também pode partir do outro, o que significa verificar os padrões aceitáveis de um sujeito para se adequar aos seus processos de desejo (Alberte; Ruscalleda; Guariento, 2015).

Da mesma maneira, é importante considerar que o indesejável também pode ser construído historicamente. Da mesma maneira como o processo de envelhecer pode ser considerado com distinções importantes em sociedade diversas do decorrer do tempo e do espaço, a própria construção do que não é desejado também se efetiva historicamente. Em relação aos gêneros, homens e mulheres foram tratados de formas distintas na relação direta com o próprio corpo, principalmente quando este se tornava, ou era indesejável. E assim como o indesejável poderia ser algo temporário, também se tornava definitivo, em alguns casos (Alberte; Ruscalleda; Guariento, 2015).

Tais considerações são importantes para se pensar as sensibilidades diante das questões psicológicas e sociais envolvendo homens e mulheres. Entre feminilidades e masculinidades, as fronteiras entre o que era desejável e o indesejável poderia estar permeado por fatores coletivos, mais do que os individuais. Assim, haveria uma determinação do que é considerado enquanto padrão e, por negação ou ausência, o que estaria fora desse padrão. Da mesma maneira, a juventude e a velhice são momentos tratados de forma similar, já que o jovem representa o padrão de beleza, vigor e mobilidade, enquanto a velhice pode ser vista como momento de maior passividade, assim como pode ser analisada como indesejável, em muitos casos (Alberte; Ruscalleda; Guariento, 2015).

Vale lembrar que muitas das mudanças percebidas em processos indesejáveis em si podem ter relação direta com a visão da sociedade, em uma tentativa de adequação. Do mesmo modo, não há como apontar que todos os fatores considerados indesejáveis em si sejam, necessariamente, adequados ao componente social e seus padrões.

Para um dos sujeitos de pesquisa,

Esta semana até publiquei uma foto minha com 26 anos, olho verdão, daquele que pegava 4 numa noite, esse era meu tempo né? E todo munda falava, ai que lindo, ai que lindo, e eu olhava e falava, vocês não sabem o quanto isso era pesado né. Então aquela jovialidade que está presa naquela foto, ela é uma jovialidade é.... a gente fala muito hoje que as redes sociais elas escondem ne as coisas. Isso não é novo, naquela foto vocês pensaram

um código cultural, porque você não tinha um puto, você não tinha renda, você não tinha emprego, você não dormia também, ou naquela época especificamente, sobre aquela foto que mencionei, eu trabalhava numa escola do outro lado de Uberlândia, acordava 4:3h da manhã, pra tá lá as 7h, quem vê a foto né, não vê o corre. (Entrevista 7, realizada em Ponta Grossa, em 07/04/2022).

O olho verde, a quantidade de pessoas que ficaram com o sujeito por noite e a jovialidade se traduzem, para ele, no tempo em que vivia. Junto a isso, ainda se encontram vinculados fatores financeiros e a aparente insatisfação por não ter dinheiro, o que poderia ser indesejável em futuros encontros. Diante disso, o aceitável e o inaceitável partem de processos diferentes do desejável e indesejável, principalmente porque o último se traduz na ação de desejar possuir, ter para si, em uma relação emocional e racional, não apenas de conformismo. A partir disso, torna-se válido compreender como o corpo masculino pode ser visto como indesejável, principalmente no processo de envelhecimento (Moreira, 2016).

Segundo Moreira (2016), o corpo masculino desejável passou por diferentes representações ao longo da História, assim como sua oposição. Nesse cenário, alguns fatores do indesejável passaram por rupturas, mas outros permaneceram. Diante disso, apontar tais rupturas e permanências é importante para se entender o indesejável no contexto de envelhecer.

O primeiro aspecto que pode ser analisado mediante permanência é o corpo masculino adoentado e enfraquecido, dependente de outras pessoas. Essa situação torna-se indesejável para si e para a sociedade. Se o corpo masculino desejável se edifica na força física e ideal de provimento familiar a partir de suporte e recursos, o homem que está doente possui componentes indesejáveis no corpo e na relação consigo e com o mundo, visto que não pode contribuir como gostaria na mudança de sua realidade (Moreira, 2016).

Ser cuidado por outras pessoas pressupõe dependência, o que pode também causar falta de desejo na aproximação com esse corpo. No processo de envelhecimento, o homem pode apresentar problemas de saúde mais evidentes, principalmente pela falta de cuidado com o próprio corpo ou com as condições de trabalho enquanto mais jovem, processos que podem afetar muitos desses sujeitos (Negreiros, 2004).

Assim, o corpo projetado na velhice, de aproveitar a vida, trabalhar menos ou mesmo ter mais tempo de qualidade familiar pode ser limitado a especialidades mais restritas, na atenção hospitalar ou no ambiente domiciliar. Dessa maneira, os traços

de masculinidade indesejáveis também envolvem o não alcance dos objetivos, principalmente pelas condições de saúde. Mas existem outros pontos diversos a serem mencionados (Negreiros, 2004).

Em relação ao corpo físico, o processo de envelhecer envolve algumas mudanças nas características, que podem gerar incômodo e aversão por parte da sociedade. A calvície, o aparecimento de rugas, a chegada e permanência cada vez maior de cabelos brancos, o aumento de peso, o cansaço físico, a redução de desempenho em práticas esportivas, assim como o aparecimento de marcas de pele, estão entre alguns dos aspectos que podem tornar o corpo masculino indesejável (Negreiros, 2004).

Nesse contexto, Limoeiro (2016) aponta que ainda existem tabus na relação com o corpo masculino que não são plenamente compreendidos ou discutidos na sociedade, como a calvície. A aceitação ou não aceitação passa a ter julgamento social incluído, de modo que muitos desses homens passam a ser rejeitados. Do mesmo modo, empresas que realizam transplante capilar prometem, a preços elevados e com tratamentos que podem durar a vida toda, o ressurgir dos fios de cabelo, o que envolve não apenas uma mudança nas características físicas e uma busca pela juventude, mas principalmente o retorno para um padrão considerado desejável.

Diante disso, o corpo masculino indesejável também paira por outros aspectos da vida cotidiana, influenciando diretamente nas perspectivas de gênero. Como exemplo, é possível citar os espaços sociais permeados por maior quantidade de homens em área de disputa, como as academias. A busca pelo corpo tonificado e atrelado a um padrão passa a ser considerada como critério de distinção dentro desse ambiente. “O corpo que mostra sinais de envelhecimento, que são sempre indesejáveis, como rugas, manchas, varizes, pelancas, tem menor valor do que o corpo que se mantém jovem” (Limoeiro, 2016, p. 110).

Os homens que possuem maior força física e musculatura mais visível são mais atrativos e visíveis para mulheres e outros homens. No entanto, homens que estão iniciando, possuem percentual mais elevado de gordura ou que são muito magros, são considerados como indesejáveis em seus corpos, sendo chamados de “frangos”, objeto de depreciação corporal ou isolamento dentro desses espaços (Oliveira et al, 2017).

Em relação a outros espaços de micropoder, o corpo masculino indesejável também se coloca em disputa. Segundo Oliveira et al (2017), ainda existem problemas associados com a não aceitação de corpos mais robustos, com traços de obesidade, muito magros, afeminados ou idosos. Da mesma maneira, ainda há preconceito com corpos de pessoas com deficiência e outras minorias, de modo que as relações estabelecidas ou almejadas trazem tais componentes enquanto distanciados da ideia de beleza estruturada.

De início, Braga e Correa (2021) observa uma contradição nessa não aceitação, principalmente porque o corpo gay já é objeto de resistência e estereótipo diante da sociedade capitalista, mas também se aponta que dentro do movimento, as relações de desigualdade e preconceito em relação ao corpo se colocam com semelhante problematização. Dessa maneira, destacam os autores que a masculinidade tóxica pode gerar diferentes efeitos na comunidade LGBTQIAP+, de modo que elementos de agressividade, hiperssexualização, competição e virilidade passam a ser mais desejáveis, o que implica em reconhecer que a oposição desses valores é rechaçada dentro do movimento, ou seja comportamentos mais afeminados, menos viris, com menor potencial de sexualização e que não contenham potencial de agressividade aparente.

O próprio termo de utilização “gay” passa a ser utilizado como forma de menosprezo e diminuição de outro homem, com associação de fraqueza e vulnerabilidade. No que diz respeito ao envelhecimento, a rejeição ganha ainda mais espaço a partir do momento em que esses sujeitos passam a ter maiores dificuldades em sustentar e manter um relacionamento, seja pela decadência dos padrões estéticos corporais ou mesmo por ocasião da manutenção e incremento dessa posição de não pertencimento, enquanto corpo rejeitado e indesejável (Braga; Correa, 2021).

Outro ponto a ser considerado na masculinidade indesejável se efetiva na não preservação das memórias ou mesmo no questionamento aos processos de vida decorridos, com ofensas ou desprezo pela trajetória anterior. Os elementos psicológicos que norteiam essa rejeição do corpo masculino não estão associados somente com as questões físicas do organismo, mas com o não cumprimento de uma expectativa de estabilidade relacionada com o processo de envelhecimento. Ademais, tais questões psicológicas ainda pairam no questionamento do lugar social desses homens em relação a uma postura de passividade e aceitação que a velhice pode

impor, pois o envelhecer coloca a ideia de fragilidade, enquanto o masculino desejável se constrói na força e na promoção de segurança a outrem (Braga; Correa, 2021).

Sobre os aspectos psicológicos que norteiam a relação entre masculinidade, envelhecimento e consequências físicas e psíquicas, Leão e Silva (2022) destacam:

Nem sempre os homens conseguem responder em quantidade e qualidade aquilo que se espera. Se acaso fatores sociais como o desemprego, o estresse e o consumo de pornografia comprometerem a ereção ou desembocarem em ejaculação precoce, o indivíduo pode entrar em sofrimento psíquico. E o que dizer quando o homem atinge a velhice e sofre com episódios de disfunção erétil ou impotência sexual? Essas questões nos levam a pensar que a sustentação da masculinidade nos cânones do modelo patriarcal pode ser não só violentadora, que faz com que os homens se envolvam mais em condutas que ameacem a própria vida, mas, pode ser também autoviolentadora, quando os homens perdem a vontade de viver quando não conseguem mais responder aos requisitos impostos para a validação masculina (Leão; Silva, 2022, p. 203).

Além disso, é importante compreender que o masculino indesejável está diretamente associado com a decadência do corpo em suas funções e percepções, assim como em uma relação maior de dependência de outras pessoas, aspectos que são vistos de maneira conflituosa e até mesmo com negação da velhice por muitos homens. O corpo indesejável ainda é um corpo que aceita as condições de velhice, principalmente porque existe uma quantidade significativa de produtos capazes de promover aos sujeitos a ação de evitar essa aceitação, pois a identidade passa a ser estigmatizada (Leão; Silva, 2022).

Se o masculino desejável se edifica nas condições de saúde, percepção de jovialidade, discrição nas rugas e marcas corporais e manutenção dos cabelos e características que tornam o homem mais atrativo para mulheres ou outros homens, o indesejável se frisa na aceitação da velhice como parte da trajetória, sem maquiar o processo e compreendendo que há possibilidade de aceitação na forma como o sujeito se encontra. Diante disso, há um confronto entre diferentes identidades pessoais, atreladas a processos relacionados com as dinâmicas do capitalismo e de um mercado que busca manter a jovialidade (Leão; Silva, 2022).

Nas pesquisas de Separavich e Casnesqui (2020), destaca-se que a masculinidade indesejável também se encontra nas mudanças decorridas com o próprio teor de masculinidade observado. O jeito de olhar, a fala, o tom de voz, a inteligência e a beleza são fatores que não podem ser alterados e, em caso de mudanças, podem ocasionar reações inesperadas de rejeição no homem, sobretudo,

mais velho. Nesse ponto, percebe-se que essa masculinidade indesejável está próxima de um comportamento de mudança, decadência física, assim como na passividade imposta no contexto do envelhecimento.

Da mesma maneira, os autores cooperam para compreender que a masculinidade desejável está contida na ponderação emocional e na estabilidade sentimental. Diante disso, os valores considerados como indesejáveis podem ser situados na demonstração maior de emoções, na sensibilidade mais aguçada, assim como na percepção de falhas e gargalos no decorrer da trajetória de vida. Se existe um modo de ser midiático associado com a masculinidade e virilidade, também há o componente de oposição a esse processo. (Separavich; Casnesqui, 2020).

Ainda há outro ponto de importância singular na construção desse debate: os homens negros e a masculinidade desses sujeitos ante o processo de envelhecimento. A masculinidade negra ocupa uma posição tênue entre a dominação e a subjugação, em fronteira que problematiza não apenas questões étnicas, mas também de classe. Além de estarem mais vulneráveis a mortes, terem salários menores e serem hipersexualizados, os homens negros ainda precisam conviver com aspectos pejorativos e estereótipos criados em torno de sua jovialidade ou velhice (Separavich; Casnesqui, 2020).

Em relação ao modelo de masculinidade hegemônico e desejável, Alves e Araújo (2020) considera que o homem branco, cis, hétero, que possui riquezas e que constitui patrimônio ainda jovem se coloca no perfil mencionado. O homem negro faz parte do processo de exclusão, principalmente porque muitos desses sujeitos não possuem riqueza acumulada, assim como têm menor oportunidade de estudar. As médias salariais também são menores. Diante disso, tratar do processo de masculinidade indesejável também é evidenciar a exclusão do homem negro enquanto sujeito que trará estabilidade para o relacionamento, considerando tais pessoas como estando fora do lugar social.

Nesse sentido, os pesquisadores consideram que muitos desses sujeitos ainda procuram padrões de masculinidade e satisfação a partir de uma lógica que envolve e é dominada pelos homens brancos e com riqueza acumulada. De modo mais abrangente, tal relação de busca e exclusão pode gerar frustração nessas pessoas, assim como sentimento de que não são capazes de alcançar tais padrões e inadequação dos processos de masculinidade, visto que possuem maiores desafios no alcance dos padrões trazidos pelos homens brancos.

Os lugares sociais do corpo desejável para o homem negro também passam a ser definidos pelos brancos, que classificam tais espaços como a música, a prática esportiva e o meio artístico. Se o homem negro não consegue alcançar tal padrão estabelecido, também pode ser tratado como indesejável (Alves; Araújo, 2020).

Nesse ponto, percebe-se que analisar o masculino desejável ou indesejável implica também em uma compreensão de que existem subgrupos e questões étnicas que precisam ser consideradas para além das taxações pré-estabelecidas, seja na comunidade LGBTQIAP+ ou mesmo no meio heterossexual, na juventude ou no processo de envelhecimento reconhecido (Alves; Araújo, 2020).

Em relação ao envelhecimento, a masculinidade do homem negro traz características físicas diferenciais, como menor incidência de problemas crônicos, assim como envelhecer menos aparente, em termos físicos. No entanto, as questões que envolvem a jovialidade, o provimento da família e a segurança dos entes queridos são fatores mais dificultosos na atenção junto a esses sujeitos, principalmente por conta das desigualdades sociais e maior dificuldade em alcançar postos de trabalho que os homens brancos alcançam com menor esforço. Da mesma maneira, o homem negro também pode ser visto em seus aspectos de hipersexualidade, assim como na busca pela identidade de uma masculinidade negra (Batista, 2005).

Assim, o corpo masculino desejável para o homem negro pode estar diretamente vinculado com aguentar as condições de trabalho, apresentar maior força física, não demonstrar qualquer tipo de vulnerabilidade ou fraqueza e agir em dominância, aspecto verificado também em seu caráter simbólico. Ainda que alguns desses fatores estejam permeados também no discurso do homem branco, carregam, no caso dos homens negros, teor de associação com o contexto da escravização. Assim, o indesejável permeia o homem negro, principalmente se essas características mencionadas não estiverem presentes em sua trajetória de vida (Batista, 2005).

Em relação aos processos de envelhecimento e etnia, Burille (2017) também aborda que a masculinidade negra e branca é constituída de elementos semelhantes e diferentes, definidos por critérios baseados na cultura de classe, raça, etnia e idade. Assim, um homem negro de meia idade e classe média pode ter aspectos em comum, desejáveis ou indesejáveis, com um homem branco com mesma faixa etária e classe social. Porém, em relação a um homem negro que classe média baixa, tal masculinidade terá valores que não serão compartilhados por nenhum dos dois sujeitos. Nessa linha de pensamento, no processo de envelhecer, os fenômenos

descritos como comuns e indesejáveis podem gerar ou não o compartilhamento das vulnerabilidades, dependendo dos aspectos étnicos, de classe e idade.

Em relação aos aspectos que norteiam o indesejável em relação ao masculino negro, vale destacar que Foucault (1990) destaca o cuidado de si a partir de um sujeito moral, que se define em relação ao que respeita e estabelece parâmetro para que sua realização moral seja consolidada, agindo sobre si mesmo e buscando controlar os próprios impulsos e paixões para se transformar no que almeja. Em relação à masculinidade desejável vinculada com o homem negro, tal realização moral e alcance de valores possui aspectos similares aos do homem branco, mas ainda se evidencia que as relações desiguais figuradas no contexto histórico podem trazer amplos desafios para esse sujeito moral, assim como em suas definições.

Ademais, o corpo desejável liga-se com os aspectos de saúde e felicidade. Assim, o indesejável permeia a angústia, a tristeza e o sentimento de falta. A doença é, portanto, elemento histórico e social, além do fator biológico, que paira sobre o indesejável, ou seja, ela retira os padrões e os parâmetros considerados na edificação de uma masculinidade que reitera força e estabilidade. Da mesma maneira, ocasiona quedas, exige segurança reforçada e ainda traz ao idoso maior relação de dependência para com seu cônjuge e filhos (Burille, 2017).

Em estudo realizado por Santos e Rifiotis (2006), idosos reiteraram que a doença é tristeza, falta de ânimo, estar em falta consigo mesmo, sobrecarregado, para baixo, distanciado de outras pessoas, fechado. O indesejável, nesse caso, não é a não manifestação de sentimentos relacionados com o envelhecer, mas justamente a presença de sensibilidades negativas, reflexivas e que tendam o sujeito para o isolamento. Nessa linha de pensamento, é importante refletir a respeito do masculino indesejado na disposição física e moral, não apenas na imagem em si, mas principalmente na representação pública dessa imagem.

Para os pesquisadores, o envelhecimento possui potencial de corroer a masculinidade hegemônica. Para Butler (2017), o desempenho de gênero não pode ser pensado como processo de exclusividade individual, mas na operacionalização de dimensões coletivas e temporais. Diante disso, os corpos desejáveis e indesejáveis possuem uma matriz hegemônica que os consideram enquanto inteligíveis ou não inteligíveis. Em relação ao corpo masculino indesejável, é possível inferir que os homens da sociedade ocidental são “treinados”, desde a infância, para uma expressão ativa e insistente de demonstração da sexualidade e do desejo, da ênfase no viril e na

força física, entendendo que esses processos são hegemônicos de sua identidade. Assim, processos coletivos podem ser pensados nas dimensões do que é considerado no outro gênero ou no gênero do qual o sujeito parte.

Diante dessas especificidades, o indesejável se coloca na aversão ou não reconhecimento do funcionamento desse treinamento. Em outras palavras, as aprendizagens do que é considerado aceitável ou não aceitável passam a delimitar fatores de relacionamento ou rejeição, o que se torna mais complexo no envelhecer. Isso porque a libido pode se apresentar com menor percentual, os relacionamentos e paixões de outrora podem ser menores, assim como os momentos tidos como prazerosos são substituídos por outros, menos agradáveis (Santos; Rifiotis, 2006).

Nessa ótica de pensamento, ainda se acrescenta o fato de que as memórias podem não ser valorizadas como se espera ou as experiências podem ser vistas de maneira distinta da aguardada. Todas essas questões podem ser vistas como processos indesejáveis que partem do sujeito e que podem ser resultados da ação referida no próprio corpo ou na percepção em comparação com outros corpos. Aliás, a verificação do que é indesejável pode ser traço percebido pelo homem, principalmente porque a atmosfera de competição faz parte do corpo masculino e do próprio ideal de masculinidade (Alves; Araújo, 2020).

Em relação aos abusos e abandono, o indesejável também ingressa na percepção e constatação das vulnerabilidades masculinas. Isso porque o homem idoso pode desejar proteger sua família ou mesmo a si próprio. Porém, é válido constatar que o corpo masculino já não possui a mesma força física e vigor e que o reconhecimento dessa fragilidade temporal ocasionada pela idade avançada pode ser amplamente prejudicial para a imagem desses sujeitos (Alves; Araújo, 2020).

Ainda que os abusos sejam realizados, com maior predominância, na relação com o sexo feminino, os homens também são impactados com traumas psicológicos e sensação de impotência, visto que a fragilidade do corpo traz vulnerabilidades antes não percebidas da mesma maneira. Assim, o corpo indesejável, novamente, pode ser objeto de reflexão a partir de um contexto externo (Alves; Araújo, 2020).

A partir disso, a relevância desse capítulo esteve em compreender o que pode ser considerado como indesejável, assim como delimitar semelhanças e diferenças entre o corpo masculino desejável e o não desejável. Da mesma maneira, foi fundamental compreender que o corpo masculino em processo de envelhecimento aparente deixa de ter desejo por aspectos vinculados com o interno e o externo.

As mudanças decorridas nos sujeitos, em questões morais, físicas e psicológicas, partem tanto do sujeito para a sociedade, quanto em lado contrário. Dessa maneira, seja na masculinidade *gay* ou *hétero*, os desafios colocados para o corpo masculino em envelhecimento são significativos e precisam ser pensados na dimensão teórica e prática para conscientização e percepção das desigualdades existentes, assim como na subjetividade dos corpos.

4.2 TRANSFORMAÇÕES DE VIVÊNCIAS ESPACIAIS DE HOMENS CIS GAYS NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Essa subseção busca trazer considerações diversas para compreender as vivências e experiências de homens *gays* e *cis* no processo de envelhecimento, verificando alguns aspectos relacionados com a visibilidade ou invisibilidade em relação a si mesmos e a outras pessoas na perspectiva espacial. Dessa forma, estruturamos essa subseção a partir dos espaços construídos nas estratégias de vivência desses homens *cis gays*: espaços negociados, espaços de resistência e o armário..

4.2.1 Espacialidades Negociadas

Entender as espacialidades negociadas é fundamental para compreender a trajetória social desses sujeitos em relação à sociedade em que vivem. Da mesma maneira, cumpre verificar que existem diferenças substanciais entre as percepções estruturadas na sociedade civil e nas particularidades acadêmicas, com compreensão mais abrangente para os processos de construção da identidade.

Assim, a noção de espacialidades negociadas, na Geografia, precisa ser verificada mediante às maneiras pelas quais grupos sociais distintos efetuam negociações e interagem a partir do espaço físico e social que se encontra em sua volta. A espacialidade, nesses casos, se efetiva na cultura de convivência, na ocupação dos espaços, na adaptação em relação a outros grupos e a si mesmos, assim como na verificação das práticas e no julgamento de outros membros da mesma comunidade (Costa, 2010).

Da mesma maneira, conviver nesses espaços também se coloca de forma complexa e desafiadora, pois existem padrões relativos a tais espacialidades, com

configurações distintas de atuação e representação. Algumas espacialidades negociadas podem ser verificadas nos bairros *gays*, ou seja, regiões de cidades específicas com maioria das pessoas que se compreendem enquanto LGBTQIAP+, ou mesmo áreas que podem ser reconhecidas como sendo *gays*, mesmo que não haja estruturação oficial para tal prerrogativa e oficialização (Costa, 2010).

Mas mesmo nesses bairros, é importante considerar que as vivências podem ser sobrepostas por padrões específicos na ética, na moral e no próprio comportamento cotidiano. Outro espaço de sociabilidade negociada se efetiva em locais para encontro e socialização, como clubes noturnos, bares e cafés, além de inúmeros outros. A identificação local a partir dessas características pode trazer maior segurança para parte desses grupos, já que conseguem exercer a própria sexualidade livre de tabus sociais específicos (Costa, 2010).

Existem também aplicativos direcionados para essas espacialidades serem vivenciadas e construídas, com efetividade maior no relacionamento entre pessoas *gays*. Ademais, existem espacialidades negociadas a partir do ativismo *gay*, de modo que muitos espaços sejam verificados a partir de sua inclusão e visibilidade, na qual a socialização pode ser mais intensiva e voltada para a lógica interna do grupo (Gadelha, 2015).

Nesse ponto, a inclusão de campanhas para socialização e inclusão se torna fundamental, pois os espaços de interação podem ser aumentados e aprimorados, o que se constitui como necessidade nos dias atuais. O turismo também se efetiva em espacialidade negociada, pois pessoas *gays* também podem ter espaço específicos para a comunidade, tais como praias e eventos direcionados, de modo que haja evitamento ou combate à violência e discriminação (Gadelha, 2015).

Da mesma maneira, a negociação de espaço também envolve diretamente as sexualidades, com a seleção de locais que tragam maior segurança, confiabilidade e conforto aos sujeitos. Redes de apoio também são fundamentais, pois se traduzem em espaços atrativos e acolhedores para que a comunidade entre em contato e proceda com a socialização adequada (Gadelha, 2015). Mas há espaços em que essa sexualidade não pode ou mesmo não é evidenciada, como a igreja. Os sujeitos mencionaram que:

[...] a igreja também não vivencio mais, eventualmente socialmente, tipo casamento (Entrevista 6, realizada em Ponta Grossa, em 19/03/2022).

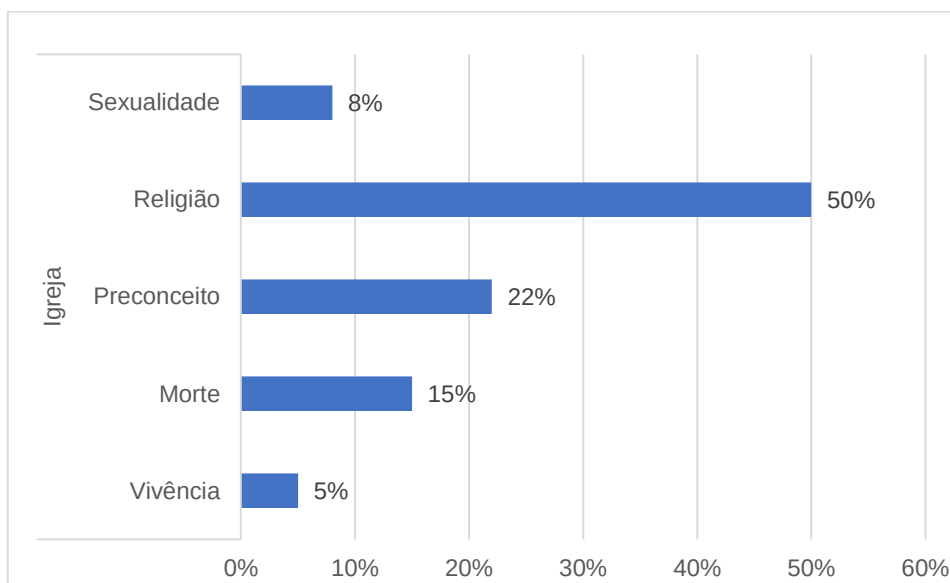
Eu fui em um casamento *gay*, inclusive foi lindo assim, foi maravilhoso, também o menino era bem mais jovem que eu, mas bem meu amigo por muitos anos, ain... foi muito legal, foi lindo a cerimônia, foi tudo muito bonito sabe. Então, lá também não tinha gente muito jovem assim sabe, era poucos muito jovens, mas é.. normalmente em festas fora casamento a gente reúne amigos assim, mas acaba não sendo só *gays* quando a gente se reúne. (Entrevista 1, realizada em Ponta Grossa, em 06/02/2022).

Então a religião produz gente extremamente amargurada, gente extremamente má, gente cruel, em todas as religiões, falsos moralistas, porque um moralista real, que acredita e é pura de coração mesmo em alguns dogmas que são passíveis de muita discussão, mas que sejam puras de coração...mas voltando na religião eles falam que cristo, que a cristandade nos deixou para cada um desses tem 100 filhas da puta, entendeu? Que querem Fuder com o vizinho...para falar o português chulo, baixo porque é o que realmente acontece, mas represente a realidade. Então essa religião é uma coisa assim que olha, eu como artista, como cantor, eu tento passar a mesma mensagem de John Leon, naquela música inédita, para mim aquilo é o mundo ideal, sem país, sem moeda, sem fome, sem religião, sem bandeira, uma grande irmandade humana, porque não? Eu ainda sou daqueles que acreditam nisso, sou um sonhador, que ainda acredita nisso e uso a minha arte para me expressar em função desse pensamento, eu quero acreditar no ser humano, não quero acreditar que o ser humano ou homem seja apenas um vírus que destrói onde habita, eu quero acreditar que há possibilidades, tomará. (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

Os três trechos de entrevistas são fruto da análise de conteúdo onde separamos não só as espacialidades discursivas como também as categorias discursivas sobre essas espacialidades, como veremos na sequência. Os trechos acima trazem visões distintas da igreja enquanto espacialidade negociada, seja na inexistência de sua vivência, mas sem mencionar motivos, no pertencimento enquanto espaço que permite o casamento *gay* e o contato geracional, ou mesmo como um espaço para produção de mentalidades amarguradas, e dogmas. No terceiro trecho, inclusive, reitera-se a visão de John Lennon, na canção *Imagine*, de modo que haja crença no ser humano e sua liberdade, mas sem uma religião específica.

Além dos trechos das entrevistas, foi realizado a análise de conteúdo que tem por objetivo separar trechos das entrevistas e categorizar esses trechos para que possamos quantificá-los não simplesmente por número e porcentagens, mas por intensidades de discurso. Ou seja, realizamos o processo de categorização que consiste na separação de cada entrevista e cada trecho que formulam uma evocação. A partir disso, obtivemos mais de 650 evocações que evidenciam as categorias que selecionamos: espacialidade discursiva e categoria discursiva, como havíamos mencionado no primeiro capítulo dessa tese. Assim, obtivemos além dos trechos de entrevista o seguinte resultado das entrevistas sobre igreja:

Gráfico 20 – Igreja



Fonte: Entrevistas

Em relação ao espaço religioso, a própria religião foi largamente mencionada, assim como o preconceito, a morte, a vivência e a sexualidade. Para Simões (2011), muitos homossexuais possuem dificuldades em ingressar nos espaços religiosos por ocasião do gênero e das questões relativas à sexualidade.

Da mesma maneira, encontram na religião, sobretudo de matriz cristã ocidental, aspectos de preconceito e discursos de morte. Em alguns casos, a igreja é vista como espaço de vivência, mas não há menção de que essa vivência é positiva ou negativa. Os autores afirmam que a igreja pode se colocar em ambos os aspectos, dependendo das formas de aceitação desses sujeitos na comunidade.

Sobre isso, Gelinski (2017) mostra como algumas igrejas inclusivas acabam conciliando prática religiosa e sexualidade entre indivíduos da comunidade LGBTQIAPN+, tornando-as espaços de acolhimento, o que não ocorre em religiões mais fundamentalistas. A igreja sempre foi uma espacialidade contraditória em minhas pesquisas e também nos estudos de Gelinski (2017), pois ora as pessoas buscam o conforto na prática de suas religiosidades, ora acabam sendo oprimidos por ser sexualidades não serem consideradas corretas o que promovia nesses sujeitos seu afastamento e/ou exclusão desses espaços.

Contudo, a igreja passa a ser um espaço negociado na vivência espacial gay, principalmente, entre suas duas identidades, religiosidade e sexualidade. Mesmo que as categorias discursivas sobre a espacialidade igreja tragam com relevância

preconceito e morte, a categoria discursiva mais usada em seus discursos foi religião, mostrando que muitos desses sujeitos, negociam suas identidades para que possam vivenciar determinados espaços, como é o caso da igreja. Já outros, deixam de vivenciar esses espaços, justamente pelo preconceito as suas formas de ser e existir. Mesmo assim, chamamos atenção para as estratégias que são elaboradas na vivência desses homens cis gays.

Diante dessas considerações e desses resultados, é importante compreender que muitas das espacialidades anteriormente retratadas não se efetivam apenas para proteção da comunidade LGBTQIAP+, mas também em espaços de segregação dessas pessoas. É fundamental compreender que as experiências de negociação de espaço podem variar significativamente com base na localização geográfica, na cultura e na legislação local (Monteiro, 2022).

Da mesma maneira, essas espacialidades podem ser modificadas ao longo do tempo e do espaço geográfico, com mudanças refletidas na própria sociedade da qual o movimento parte. Cada uma dessas redes de relacionamento constituídas nas espacialidades múltiplas, possuem apropriação e discurso focado em diferentes atores sociais. Para Recuero (2012), a negociação implica em reconhecer determinados espaços, como aplicativos de relacionamento, como sendo de potência de redes, e não em sociabilidade efetiva.

Na ótica de Costa (2017), os processos de apropriação cultural e espacial efetivados pela comunidade LGBTQIAP+ resistem da margem para o centro e negociam dessa mesma maneira. Para o autor, os processos hegemônicos trazem exigências importantes para que os sujeitos que estão distanciados da norma efetuem produção de outras espacialidades, com o que chama de “desespacialização” e “reespacialização” e aqui acrescentamos aquilo que Hall (2011) já dizia sobre a fluidez das identidades.

Os processos de negociação vão edificando novos espaços de interação, assim como novas formas de agir dentro desses espaços. Por intermédio dessas relações estabelecidas que se criam e recriam novos espaços homoafetivos, de forma negociada e disputada na elaboração dos espaços em questão. Assim, o autor retoma a metáfora do armário, arguindo que o espaço sempre foi visto como sendo de encarceramento, no que diz respeito às maneiras pelas quais as pessoas interagem com a própria sexualidade e a ausência de abertura no trato com a referida questão (Costa, 2017).

Da mesma maneira, é importante verificar que as espacialidades negociadas podem ser estruturadas mediante a inserção dos sujeitos em um espaço que não é neutro, algo frisado por Bachelard (1964). Para o pesquisador, o espaço possui tempo comprimido e que sua fundamentação básica se encontra no espaço da casa, local para integralização de pensamento, ideias e filosofias de mundo.

Para ele, a vida se inicia no seio do domicílio, de forma protegida e acolhedora, com associação de memória e imaginação. Diante disso, as espacialidades negociadas podem ser pensadas a partir dessa formação da mentalidade e da necessidade de haver acolhimento nos espaços de interação e vivência, o que seriam as sociabilidades.

Nas falas dos entrevistados, nota-se:

Entende? E justamente por pessoas que eu criei e me dediquei desde criança. A questão da família sempre é o esteio. Família sempre é tudo, família sempre vai te amar, acima de tudo. Quando eu saí do armário eu estava num relacionamento horrível, é, eu estava deslumbrado, eu tinha trinta anos, já não era criança, mas a minha briga, na minha geração, por exemplo, você já vai ter uma vida mais fácil do que a minha, você vai poder achar um relacionamento mais cedo, você vai poder tentar construir uma coisa mais cedo. Quando eu consegui começar um relacionamento bom com trinta anos e naquela coisa de idealista eu resolvi botar as claras. Aí a minha família voou em cima de mim. (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

Então acaba rolando uns programas mais familiares de ir para a praia, daí a gente que é tia solteirona tem que falar umas besteiras já não pode. Dai a função das tias velhas é carregar os baldes com a criança na praia...(risos) (Entrevista 1, realizada em Ponta Grossa, em 06/02/2022).

Casa de amigos, mas a casa de familiares não tem mais, meus avós morreram, eu me relaciono bem com minha irmã, mas faz mais de 10 anos que eu não vou na casa dela por causa do meu pai. (Entrevista 1, realizada em Ponta Grossa, em 06/02/2022).

Nós produzimos e reproduzimos o que aprendemos com os nosso pais, e os nossos pais o que aprenderam com os seus pais, e é uma reprodução contínua, e as vezes nos precisamos cortar alguns laços, cortar a corda. É uma relação de amor e ódio permanente. (Entrevista 4, realizada em Ponta Grossa, em 07/03/2022).

O papel da gente dentro da família também muda, enquanto eu tinha vó idosa e mãe idosa eu tinha uma utilidade para a família, é sempre o gay que vai cuidar, é sempre o gay que não constitui família, que não tem filhos, aí é tua responsabilidade, só que a avó e a mãe já foram, então isso também é um susto sabe, é muito doido isso, muito maluco (Entrevista 5, realizada em Ponta Grossa, em 13/03/2022).

Nesse contexto, destaca-se que um dos sujeitos não frequenta mais a casa da irmã por conta do pai, por ocasião de sua resistência ou conflitos no

relacionamento. Da mesma maneira, o segundo trecho salienta que existe uma reprodução dos valores da família e que não frequentar a casa dos pais seria o corte de um laço, com relação permanente e amor e ódio.

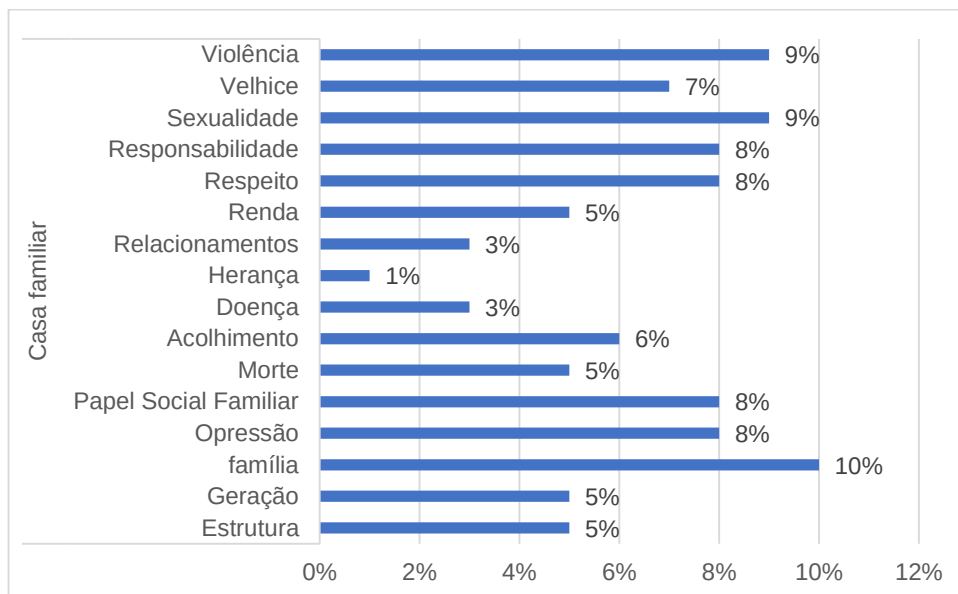
Ademais, outro sujeito aponta que o papel na casa dos pais muda, de modo que o *gay* não constitui família e, portanto, passa a ser sua obrigação cuidar. Nesse ponto, faz-se necessário refletir sobre a passividade na aceitação a esse processo de distanciamento e responsabilidade ou ingressar em uma dimensão mais ativista.

A casa da família é evidenciada como local de aceitação, de saída do armário, mas também de conflitos que permeiam a aceitação da sexualidade ou a rejeição dos relacionamentos, mesmo quando mais velhos. Nos programas familiares, a função passa a ser vista enquanto cômica e distante das responsabilidades de formação de uma família nuclear própria.

Para os sujeitos LGBTQIAP+, a casa pode ser a primeira espacialidade, cujo espaço deveria ser de acolhimento e conforto, mas que nem sempre é tão neutro ou motivador para essas pessoas. Em alguns casos, pessoas LGBTQIAP+ podem ser expulsas das residências pelo simples fato de não se adequarem ao padrão heteronormativo (Costa, 2017).

Sobre a espacialidade casa, acreditamos ser um espaço muito interessante, pois ao longo de nossas pesquisas, sempre diferenciamos a espacialidade casa em pelo menos três espaços: Casa familiar, casa própria e casa de amigos. O interessante nessa pesquisa foi que, a casa do familiar, enquanto espacialidade foi compreendido pelos sujeitos como um espaço de negociações. Hora de dependência e de processo de incubação de suas sexualidades, hora de conflito e opressão. Assim, o resultado de análise de conteúdo pode ser visto no gráfico a seguir:

Gráfico 21 – Casa familiares/pais



Fonte: Entrevistas

No que diz respeito à casa dos familiares, o estudo apontou que a família foi fator predominante, mas outros itens também apareceram, como a violência, a sexualidade, a opressão, a responsabilidade e o respeito. Dessa maneira, é relevante considerar que a casa da família pode ser analisada como ambiente de responsabilidade e proteção, de externar a sexualidade e entender o papel social, mas também de violência e opressão.

Para Lopes (2021), a família possui papel complexo no envelhecimento de sujeitos *gays*, seja na aceitação e acolhimento ou na exclusão desses sujeitos do convívio e das experiências familiares conjuntas. Da mesma maneira, a família pode ser vista como instituição opressora e violenta por ocasião de outros momentos, como a adolescência ou vida adulta, com a rejeição da sexualidade, como aponta as reflexões de Murray (2008) sobre as opressões que *gays* e lésbicas sofrem pelos membros da família, vizinhos e até mesmo pessoas estranhas.

Para o autor, a espacialidade 'casa dos pais' é organizada por práticas heteronormativas o que pode tornar espaços ruins para aqueles que não correspondem a lógica das relações que ali de estabelecem, como os próprios sujeitos apontaram nessa pesquisa. Assim, as relações familiares são complexas e permeiam diferentes discursos e processos históricos e geográficos de cada sujeito onde vivem, como no caso das suas respectivas cidades.

Nesse ponto, é importante considerar que muitas das espacialidades vividas no decorrer da trajetória dos sujeitos estão vinculadas com processos de normatização do comportamento, ou seja, se relacionam diretamente a uma forma considerada “ideal” para se vivenciar as experiências sociais e sexuais. A escola, por exemplo, pode ser espaço para entender a disciplinarização dos corpos, mas também pode ser aberta a debates e a processos de inclusão mais específicos. Uma ação de implementação do Programa Brasil sem Homofobia é o Projeto Escola Sem Homofobia, apoiado pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Furlani, 2017).

O Projeto Escola sem Homofobia foi elaborado em parceria entre a ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, a organização não governamental *Pathfinder* do Brasil; a rede internacional *Global Alliance for LGBT Education* – GALE; a Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva; a ECOS – Comunicação em Sexualidade, esta última encarregada da elaboração do conteúdo e publicação do material didático, que tinha como intuito ser distribuído nas escolas públicas (Torres; Prado, 2014).

Esse processo foi supervisionado pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD). O material desenvolvido foi nomeado 'Kit de Combate à Homofobia' e teve um investimento aproximado de 1,8 milhões em convênios, direcionados para confecção de vídeos e cartilhas para professores/as, pesquisas, seminários e atividades continuadas de formação para os docentes (Torres; Prado, 2014).

Em relação às espacialidades, aponta-se que mesmo com amplitude de debates relacionados com o combate à homofobia nas escolas, o problema ainda se verifica evidente, e não é tratado de forma científica e jurídica, ou mesmo orientacional, em algumas dessas instituições. A escola vai além do aprendizado das disciplinas básicas, pois é onde se desenvolve o convívio social, aprende-se a conquistar território enquanto sujeitos, criam-se amizades e também desafetos, tem-se amores e corações partidos, onde os múltiplos sentimentos são fortalecidos. Portanto, é a base do desenvolvimento social após e em conjunto com o núcleo familiar, a escola passa a ser espaço propício para a discussão das questões de gênero e sexualidade (Torres; Prado, 2014).

Da mesma maneira, essas espacialidades negociadas em ambiente escolar podem trazer marcas para o corpo. Para Louro (2001, p. 19):

[...] possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual.

Diante dessas questões, verifica-se que a escola possui papel fundamental para que as espacialidades sejam formadas, questionadas, criticadas ou reforçadas, pois os conteúdos não se tornam o mais importante na lógica escolar, mas principalmente a formação cotidiana, as experiências comuns com professores, colegas e demais trabalhadores e participantes da escola, assim como nas formas de compreender e articular a própria sexualidade, mediante processos de identidade. Se a escola não trabalha efetivamente com uma educação sexual voltada para o reconhecimento do aluno e seu entorno, os processos de ensino e aprendizagem passam a não cumprir papel integral em suas formas de adequação.

A educação sexual é objeto de diferentes discussões em esfera jurídica, social, filosófica e educacional. Dentre os principais aspectos discutidos, encontra-se a viabilidade do ensino, a formação de um currículo capaz de atender as demandas de aprendizagem de cada faixa etária, a capacitação docente para o trabalho em sala de aula, a falta de material didático para o trabalho e as dificuldades de parte da sociedade civil em compreender a relevância da educação sexual no viés psicológico. Todos esses aspectos mencionados são essenciais para percepção de espacialidades negociadas, visto que se a escola não se faz enquanto espaço de inclusão e negociação, tais processos de relacionamento e identidade podem ser permeados na exclusão e na diferenciação, o que pode ser prejudicial para muitos dos estudantes (Furlani, 2017).

Da mesma maneira, a ação de profissionais como o psicólogo escolar trazem contribuição para a redução das violências e desigualdades, com ensino e orientação a respeito da educação sexual. Isso porque o entendimento das sexualidades desconstrói desigualdades, o que evita estereótipos racistas, sexistas e homofóbicos. Em relação ao comportamento, tais considerações são importantes para se pensar na escola como veículo promotor de desigualdades e violência (se há omissão), ou no enfoque voltado a uma cultura de paz (quando não há omissão) (Torres; Prado, 2014).

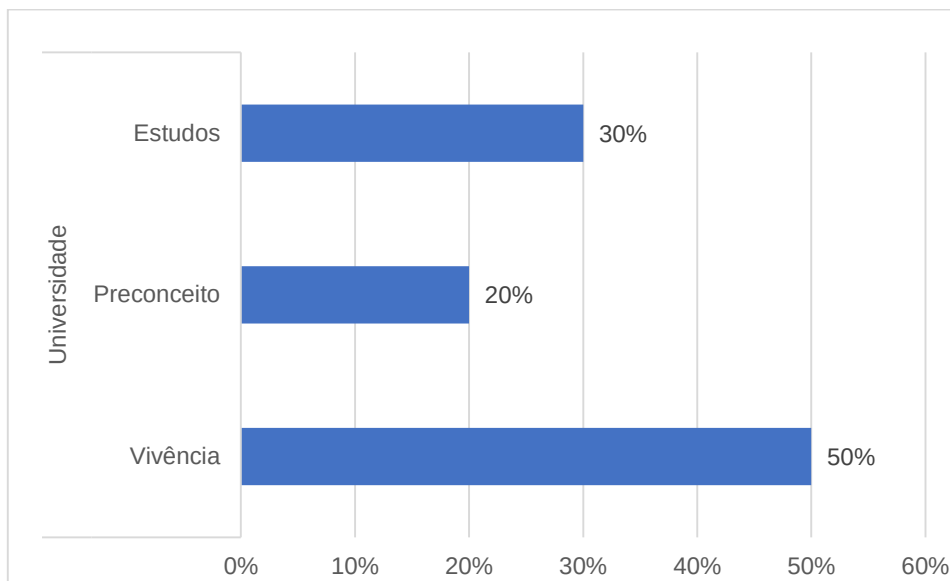
Assim, é importante verificar que cada um dos aspectos mencionados dialoga para se pensar a espacialidade da escola enquanto local onde as sexualidades podem ser trabalhadas de maneira ampla e complexa ou instituição normatizadora e com pouco diálogo interdisciplinar e multiprofissional. Nesse sentido, compreender os discursos e práticas decorridas em outros espaços também é fundamental no entendimento dessas negociações (Tonini, 2013).

Da mesma forma que a escola passa a ser uma espacialidade negociada na vivência espacial gay e como estamos falando de trajetórias de vida, os homens cis gays adultos até traziam a escola como um momento de suas vidas muito triste e marcada por preconceito quando assumiam as suas sexualidades ainda muito jovens. Contudo o destaque foi para a universidade, os sujeitos relataram que na época, cerca de 20,30 anos atrás essa vivência em espaços educacionais se estendia ao ensino superior chegando até as universidades.

Essa espacialidade foi compreendida como um espaço negociável a medida que acessam a educação do ensino superior enquanto uma vivência e uma etapa importante da vida e para a carreira profissional deles, ao mesmo tempo que sofriam preconceitos por serem gays.

Assim, em alguns de seus discursos, esses sujeitos também negociavam suas identidades bem como esses espaços nas suas vivências ao longo do processo de envelhecimento. Os resultados apontados, mostram que estudo, vivência e preconceito marcaram essa espacialidade na vida dos homens cis gays, como podemos observar:

Gráfico 22 – Universidade



Fonte: Entrevistas

A universidade é entendida como espaço de vivência, em forma mais abrangente do que quanto aos estudos. Da mesma maneira, o preconceito também aparece enquanto fator relevante, mas com menor percentual que os anteriores. A Universidade Aberta para Terceira Idade se coloca como uma das políticas associadas para inclusão da população idosa, mas é relevante considerar que as vivências ali delimitadas estão associadas a um planejamento docente, o que também traz necessidade de inclusão. Contudo, quando relataram sobre a espacialidade universidade não se referiam estar estudando agora enquanto idosos, mas um olhar do passado sobre essa espacialidade.

Para Alves (2010), as universidades podem ser espaços inclusivos para a população idosa, seja no incentivo para a realização de cursos, nas Universidades Abertas para a Terceira Idade ou mesmo diante de outros processos, como projetos integradores com instituições parceiras. Ainda que haja preconceito com essa população, é fundamental que ocorra trabalho direcionado para sua inclusão nos espaços universitários, tornando-os cada vez mais inclusivos.

Outro espaço muito frequente com a negociação na vida dos homens cis gays é o trabalho, essa espacialidade é marcada por contrastes constantemente na vida gay. Atualmente com novas legislações e asseguram o direito de pessoas homossexuais, demissões pela sexualidade são crimes. Contudo, esses sujeitos passaram por processos anteriores a leis que assegurem seus direitos de ser no

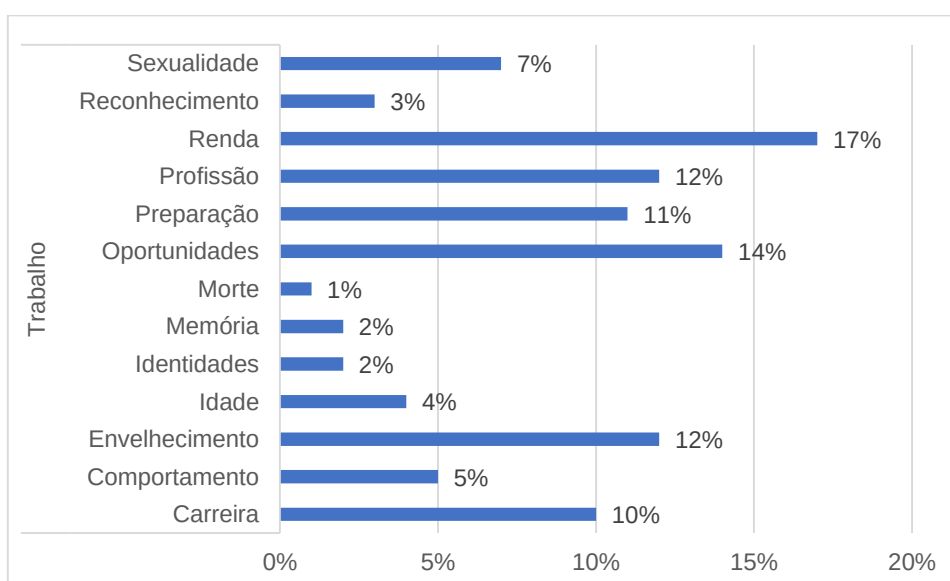
ambiente de trabalho e por isso, trazem consigo marcar de uma vivência negociada sobre o trabalho, como podemos observar

[...] aos 30 eu ainda estava tentando me encaixar em um mundo profissionalmente e de relações (Entrevista 10, realizada em Ponta Grossa, em 05/04/2022).

Por isso que eu falo eu nunca cheguei e falei mãe eu sou isso, tal e tal, não... sempre ligava para minha casa quase 2 horas no telefone porque na época eu não tinha celular era mais... mas ela nunca me disse nada e igual falei para você, nunca levei problema nenhum dentro de casa sempre eu... primeiro que meu trabalho não deixa né, não é que não deixa o meu trabalho ele fala que eu posso ser, você entendeu, só que assim...tem que fica indireto... a minha sexualidade. (Entrevista 6, realizada em Ponta Grossa, em 19/03/2022).

Assim, tentar se encaixar no mundo do trabalho pode estar associado a fatores profissionais, mas também em relação com a sexualidade. Da mesma maneira, o segundo trecho menciona que o trabalho não implica proibição ou aceitação da sexualidade, mas que há prenúncio indireto quanto ao tema, o que não é evidenciado claramente pelo sujeito. Quanto ao trabalho, questões relacionadas com a renda, o envelhecimento, a profissão, a preparação e as oportunidades apareceram com maior frequência percentual nas categorias discursivas do que outros fatores. Nesse ponto, questões financeiras verificadas em relação ao processo empregatício, assim como o acesso ao trabalho, foram reiteradas no estudo, como mostra o gráfico 23:

Gráfico 23 – Trabalho



Fonte: Entrevistas

A partir desses dados, Seffner e Duarte (2015) consideram que existem dificuldades associadas aos sujeitos com maior faixa etária em se colocar ou recolocar no mundo do trabalho. Isso porque mudanças nas empresas e nas tecnologias associadas ao trabalho podem trazer dificuldades para essa população mais idosa, que passa a não ter habilidades no mundo digital e não consegue alcançar as mesmas oportunidades. Assim, aspectos relacionados com a carreira e com melhoria de renda passam a ser prejudicados como é apontando pelos sujeitos quando falam sobre envelhecimento, memória, preparação e oportunidades.

Ao mesmo tempo que, alguns deixam claro a sua sexualidade nesse espaço e outros disseram não sentir confortável em falar sobre ela nessa espacialidade com medo de prejudicar suas carreiras, renda ou outro agravante. Portanto, o trabalho é um espaço essencial de sobrevivência e de renda para todas as pessoas e esses sujeitos ao envelhecer, passam a enfrentar situações muito mais difíceis seja por aspectos físicos e biológico como a memória ou por aspectos sociais como o preconceito.

Outro processo que pode ser pensado nas relações de espacialidade é o currículo da Geografia e os livros didáticos. Para Tonini (2013), os livros didáticos da disciplina, sobretudo no século XX e início do século XXI, não traziam representatividade expressiva para as mulheres e para a comunidade LGBTQIAP+. Essa invisibilidade refletia-se de forma diversa no ensino, com poucas abordagens relacionadas ao público, estereótipos que passam a ser evidenciados em sala de aula pela falta de conhecimento dos alunos sobre o tema ou mesmo desconhecimento de movimentos sociais e representativos da comunidade em relação à própria identidade sexual.

Assim, uma das espacialidades se efetiva na própria consolidação do livro didático e do currículo da disciplina até o passar da primeira metade do século XXI, quando propostas associadas com a comunidade LGBTQIAP+ passam a figurar de forma mais expressiva nos livros, mais ainda em percentual distante do que poderia ser tratado. Nesse contexto, Moreira e Tonini (2023) afirmam que a edificação de um currículo tradicional, que não traz ampla visibilidade para essas comunidades, se efetiva mediante relações de poder e de interesse que evitam polêmicas em torno do viés político, mas ao mesmo tempo, não tocam em aspectos essenciais da trajetória das pessoas, das identidades e processos socialmente constituídos.

O processo de negociação das espacialidades se dá, portanto, em forma ativista, ou seja, por intermédio da requisição de maior inclusão de temáticas que envolvem os Direitos de pessoas LGBTQIAP+, assim como trazem maior visibilidade para suas pautas, o que faz com que as relações de poder estabelecidas entre os órgãos públicos de formação do material e a comunidade sejam mais equilibradas (Moreira; Tonini, 2023).

Nesse ponto, é singular compreender que o entendimento das espacialidades negociadas se dá também mediante a integração, e não apenas na especificidade dos casos. Porém, para os pesquisadores, o Brasil ainda não possui uma pedagogia crítica o suficiente para estabelecer tal visibilidade, o que coloca essas pessoas ainda em situação de marginalidade (Moreira; Tonini, 2023).

Diante disso, é fundamental compreender que o currículo da Geografia, quando incluso, interiorizado em práticas pluralizadas, embasado teoricamente e com viés crítico, pode trazer melhor conscientização a respeito das comunidades e sujeitos, assim como suas ocupações no espaço geográfico. Ademais, assim como a escola pode ser ambiente para a reprodução de um discurso normalizador e moral, com um currículo apropriado, pode ser transformadora em suas particularidades.

Da mesma maneira, Nunes, Costa e Silva (2023) compreendem que a vida conectada trouxe trocas entre os sujeitos e modificou as formas de relação com tempo e espaço. O espaço virtual se coloca, portanto, como parte dessa trajetória, em uma espacialidade negociada. Aplicativos de relacionamento podem ser amplamente difundidos e utilizados, assim como formas de negociação podem ser efetuadas entre os usuários, algumas em forma equitativa e outras em uma relação de desigualdade.

Nesse contexto, aplicativos como Tinder e Grindr podem desempenhar função importante para sujeitos que não estão no armário ou mesmo os que ainda não revelaram a sua sexualidade, com formas distintas de anonimato. Dessa maneira, as negociações podem ser efetivadas mediante ambiente físico, o que significa estruturar estratégias capazes de promover o alcance do desejo sem necessariamente expor abertamente a própria sexualidade. Sobre essas espacialidades, Nunes, Costa e Silva (2023, p. 339) afirmam que “cada sujeito se relaciona com o espaço de forma individual, e esses são produzidos por eles, por vezes suprimindo seus desejos e vontades, por outras não correspondendo”.

Na fala dos sujeitos,

Eu penso que tem uma caminhada aí e uma caminhada desafiadora eu acho que para os mais velhos tudo o que está aí em termos de tecnologia principalmente o que virá é desafiadora mas é um desafio que ou você entra nele ou você realmente vai envelhecer mentalmente, fisicamente, psicologicamente, espiritualmente, você realmente vai caminhar para o fim né então hoje você caminha para esse fim ou você adia esse fim, porque esse fim virá... porque isso é fatal, né então ou você adia e hoje você adia realmente adia as eu estou com um problema... não o teu problema hoje pode ser curado né você adia. (Trecho entrevista 11, 2022).

Mas sempre foi assim, é, eu tenho um perfil em que eu coloquei assim, quer falar comigo, não faz as perguntas, “curta o quê?” E nem “passivo, ativo ou versátil”, sabe cara, dá a impressão que eles querem colocar a gente como se fosse uma relação deformada da hétero. Quem que é marido e a mulher, quem que é o marido na história? Quem que é a mulher, sabe? Uma vez perguntaram pra mim num aplicativo, que eu estava bisbilhotando, “Você curte o quê?” “Eu falei não, eu adoro chupar um dedão com a unha encravada que estoure e saia o pus. É uma delícia a gozada de pus”, “você está falando sério?” Eu falei “sim, mas olha a pergunta que você fez, se eu estou num aplicativo gay, eu curto o quê”, se eu tivesse no Tinder, aí tudo bem, você podia perguntar se eu sou gay ou hétero, sim, né? Mas aqui você vem me perguntar, ‘curte o quê?’ Ou seja, pra você ou o cara curte o palco ou é assim que funciona, nossa, tua vida sexual é tão triste querido, sabe? Uma vez perguntaram pra mim se você vive um Marry christmas? (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

Em ambas as falas, a ideia da tecnologia é associada com a comunicação e com o envelhecer. Na primeira, a caminhada é desafiadora e as tecnologias estão aí para auxiliar ou prejudicar nesse processo. Assim, a tecnologia está associada com a própria realidade de vida. Na segunda menção, destaca-se que os aplicativos de relacionamento, como o Tinder, podem trazer perguntas que são padrões também em relacionamentos hétero. Assim, o sujeito utilizou-se do sarcasmo, mas revelou com isso falta de paciência com esse tipo de comunicação.

Portanto, os aplicativos de relacionamento são vistos como formas de edificação de relacionamentos entre a comunidade gay, mas é singular perceber que também se colocam em uma relação de poder autoritária, por vezes, assim como excludente, principalmente para alguns grupos específicos. Dessa maneira, para Nunes, Costa e Silva (2023), as espacialidades verificadas entre os sujeitos em aplicativos de relacionamento, negociadas no decorrer do processo de comunicação e interação, se fazem nos espaços de encontro, territórios de práticas, sexo, relacionamentos e/ou amizades.

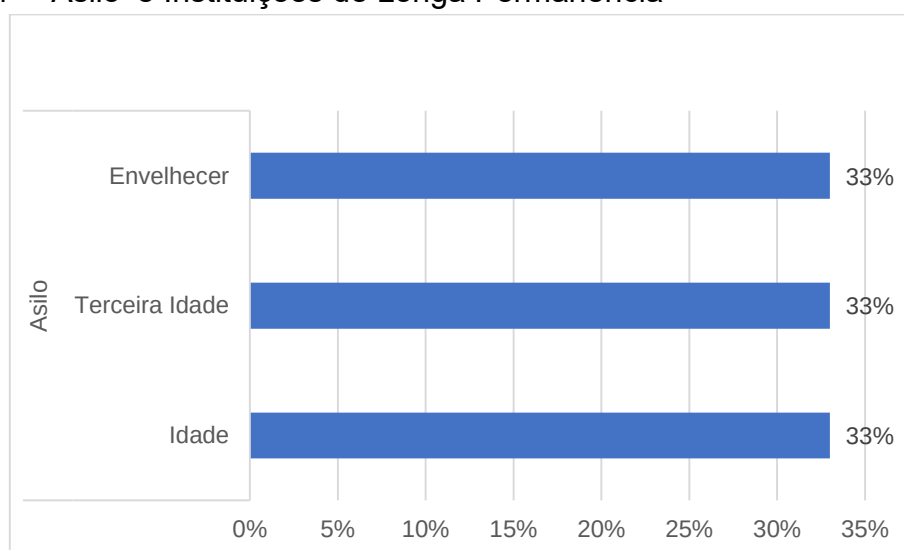
Os aplicativos passam a ser um caminho mais fácil para que haja conhecimento e para que o sexo seja efetivado. De forma explícita ou implícita, as espacialidades negociadas estão construídas a partir do corpo, o que pode mobilizar determinados padrões e promover a exclusão de outros, dependendo do enfoque do

contato estabelecido. Desse modo, compreender os processos de envelhecer diante das espacialidades negociadas também é uma forma de se pensar a exclusão desses sujeitos.

Por fim, ao envelhecer os homens cis gays relatam que continuam negociando suas vivências espaciais, agora em espaços destinados a idosos. Segundo eles, esses espaços além de serem destinados de forma uma específica a terceira idade, apresentam na sua essência a heterossexualidade como norma é como se pessoas velhas não fossem LGBTQIAP+, como se não tivessem o direito também de envelhecer.

Assim tanto a espacialidade Asilo quanto ILPI se mostraram espaços negociados onde muito relataram esconder sua sexualidade ou até mesmo negá-las. O gráfico 24, mostra a espacialidade Asilo representada pelos discursos dos sujeitos como um espaço para envelhecer, onde a idade mais velha é frequente e que marcam a terceira idade.

Gráfico 24 – ‘Asilo’ e Instituições de Longa Permanência



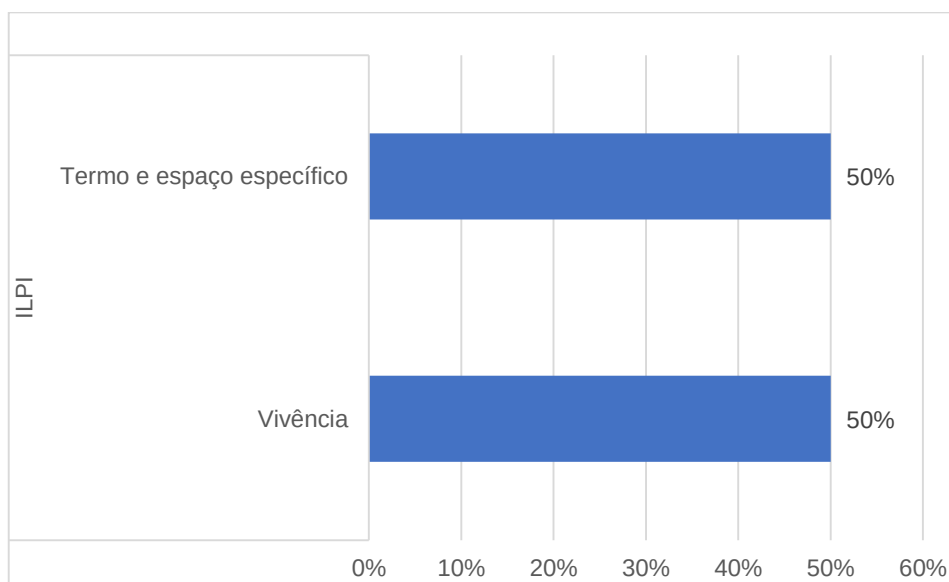
Fonte: Entrevistas

Para Lopes (2021), essas instituições nem sempre respeitam a pluralidade identitária e social desses sujeitos, o que torna o espaço enquanto complexo e com intuito de inevitabilidade, pois reitera ações vinculadas com a padronização dos que lá estão.

Aqui podemos pensar sobre desconsiderar outros elementos identitários como a sexualidade, o que pode ser um indício de alguns gays velhos voltarem para

o armário nesses tipos de instituições. Já a espacialidade ILPI teve entre seus principais discursos a questão de vivência e o termo correto e atual utilizado no lugar de asilos, como podemos observar:

Gráfico 25 – Instituições de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPI)



Fonte: Entrevistas

Quanto às instituições de longa permanência, os itens mencionados referem-se a vivências e termos e espaços específicos. Na ótica de Antunes (2017), as instituições de longa permanência são espaços assistenciais onde a saúde, a educação e a qualidade de vida são priorizadas e o atendimento ao idoso se faz de modo sistematizado. Da mesma maneira, reiteram que são espaços de rotinas, o que pode caber analisar até que ponto o idoso possui liberdade de expressão ou deslocamento nesses espaços.

No que diz respeito ao estudo, percebe-se que as instituições são vistas como locais onde a vivência é distinta, o que também pode ser complementado pelo fato de que lugares e horários são pré-estabelecidos, ou seja, os idosos são conduzidos mediante rotinas previamente estruturadas. Essas questões não são mescladas a aspectos positivos ou negativos, o que não permite efetuar tal conclusão.

O interessante ainda das evocações que foram elaboradas é que a palavra termo ou espaço específico foi evidenciado pelos próprios sujeitos da entrevista o que mostra que alguns além de ter a preocupação com a velhice, estão atendendo ao novo termo designado para asilo

A próxima subseção a configuração de outras espacialidades resultados das transformações espaciais de homens cis gays. Nessa subseção são evidenciadas as espacialidades de resistência da vida desses homens cis gays. Cabe salientar que, outros grupos, em outros locais, sobre outros espaços e tempo podem ter diferentes configurações dos nossos resultados, como também podem apresentar semelhanças. Estamos aqui apresentando os resultados do campo empírico dessa pesquisa

4.2.2 Espacialidades de Resistência

Entender as espacialidades homossexuais a partir das resistências é importante para verificar as diferenças entre os espaços e a cultura envolvida. Da mesma maneira, entende-se essa resistência como um conjunto de escolhas espaciais que são edificadas pelos indivíduos, mas cujo reconhecimento não se dá da mesma maneira, principalmente porque envolve diferentes fatores, como a aceitação de uns em prol da rejeição de outros.

Resistir, portanto, pode estar associado a inúmeras estratégias, algumas de enfrentamento e outras de fuga e separação, assim como em formas distintas de reivindicação e exercícios de poder relacionados a esses espaços. É nas resistências que grupos não alinhados com os padrões comportamentais acabam por serem interiorizados em uma dimensão de luta social interna no grupo, com maior aceitação das diferenças (Gadelha, 2015).

Em relação à homossexualidade, as espacialidades de resistência podem envolver sujeitos *gays* com maior faixa etária, obesos, pessoas com deficiência, dentre outros grupos, cujas corporeidades não se colocam dentro de um padrão estabelecido. Nessas perspectivas, compreender como alguns de grupos reagem às espacialidades é importante para compreender como resistem (Faria, 2023).

Nesse tópico, o processo de envelhecimento será verificado com maior preponderância, visto que o próprio campo de pesquisa nos direciona à estudos para o envelhecer e a homoafetividade. No entanto, é importante reconhecer também a visibilidade desses outros perfis, assim como entender a relevância de incluir em estudos a respeito das disputas espaciais e negociações reiteradas com os mesmos. Em primeiro lugar, é importante considerar que esse exercício de resistência, além de geográfico, também é histórico.

Nos estudos realizados por Almeida (2018), a partir de espaços em São Paulo e Paris, nas décadas de 1950 e 1960, verifica-se que os espaços constituídos aos *gays* eram limitados a algumas ruas e avenidas, sendo parte desse grupo de uma elite intelectual e outra de cidadãos comuns, trabalhadores do cotidiano.

A concentração permaneceu nos mesmos espaços até a década de 1990, quando há maior expansão na cidade de São Paulo, e concentração em subúrbios, em Paris. Em São Paulo, destacava-se a área dos Jardins, conhecido como Boca de Luxo. A resistência se inicia nas décadas de 1970 e 1980, com a perseguição da ditadura militar a essas pessoas e uma luta conjunta a prostitutas, travestis e qualquer outra comunidade que efetuasse desafio para a moral e os bons costumes (Almeida, 2018).

Os espaços passaram a ser mais voltados para a periferia e as classes médias e baixas passaram a ocupar bares e ruas dessas regiões. A espacialidade da resistência histórica passa a figurar de forma mais evidente nas regiões suburbanas, algo que se mantinha em Paris. Nos anos 2000, surgem em São Paulo, os shoppings *gays*, assim como o *pink business*, dedicado a essas pessoas e forma de extensão de uma visibilidade mercadológica conseguida com décadas de luta (Almeida, 2018).

Mesmo assim, as resistências não podem ser pensadas apenas na classe em si, bem como sua coletividade. As espacialidades também dividem os sujeitos, como é o caso dos *dads*, pessoas *gays* e com meia idade ou idosos. Ainda é relevante considerar que essas pessoas, excluídas do padrão tradicional, enfrentam desafios diversos em espacialidades distintas, de modo que algumas delas podem ser analisadas nesse estudo (Ferreira; Moreira; Lenzi, 2018).

Uma das primeiras espacialidades de resistência é o mundo digital e os aplicativos de relacionamento. Muitos desses *gays* e idosos ingressam nas redes sociais e aplicativos voltados ao relacionamento para buscar parceiros de longo prazo ou relações sexuais e casuais momentâneas. Independentemente da intenção efetuada na busca, é válido compreender que muitas dessas pessoas encontram dificuldades na criação dos perfis, seleção de fotografias, estabelecimento de contatos ou mesmo na não percepção de golpes e fraudes, que são possíveis nesse tipo de aplicativo (Santos; Araújo, 2020).

Muitos desses sujeitos não estão plenamente integrados e com domínio das ferramentas digitais, o que implica em maiores desafios para ingressar e conseguir

relacionamentos nessas redes. Outra dificuldade se coloca na própria aceitação para que o relacionamento se inicie (Santos; Araújo, 2020).

Por não estarem dentro de um padrão corporal aceitável dentro da comunidade, muitos desses *dads* acabam por negociar a relação a partir de valores financeiros, mas outros acabam desistindo dos aplicativos por conta da excessiva rejeição sofrida por eles. Em muitos casos, as tecnologias digitais que poderiam facilitar a interação desses sujeitos com outros grupos, visando interesses e relacionamentos, acabam sendo balizadoras e impedem a continuidade (Santos; Araújo, 2020).

Da mesma forma, o estereótipo criado em torno da própria comunidade sobre os *dads* se coloca como problemático para essas pessoas, que acabam sendo rejeitadas. Mas muitos desses indivíduos resistem de maneiras distintas, buscando outras formas não digitais e digitais de estabelecer relacionamentos ou mesmo explorando os aplicativos e redes sociais, estabelecendo novas estratégias de aproximação e buscando a satisfação pessoal (Santos; Araújo, 2020).

Da mesma maneira, outro ponto desfavorável se coloca nas situações de saúde. Quedas e fraturas podem ser mais comuns com o avançar da idade física, assim como outros problemas de saúde do organismo podem impactar esses sujeitos, exigindo que tenham de ser cuidados por outras pessoas, o que se torna uma desvantagem para relacionamentos mais duradouros com pessoas mais velhas. Ademais, é importante considerar que instituições de longa permanência também não lidam com questões de diversidade de forma plural e representativa em relação a essas pessoas. Para Henning (2017, p. 120),

As possíveis desvantagens apontadas como próprias desse modelo diriam respeito, entre outras coisas, ao fato de que as instituições mais tradicionais, como asilos e casas de repouso, geralmente não procurariam por tais treinamentos ou demonstrariam grande resistência em lidar com questões como diversidade sexual e de identidade de gênero entre idosos. Portanto, diversos autores que poderiam estar inclusos ao *giro pragmático* afirmam que os funcionários dessas instituições continuarão a assumir que os idosos são todos heterossexuais e cisgêneros e a tratá-los como tal, estando na maior parte das vezes mal preparados para lidar com “idosos LGBT”

No trecho, destaca-se que treinamentos assistenciais mais específicos, voltados para o entendimento da sexualidade e gênero de pessoas idosas não são realizados com frequência. Muitas instituições padronizam o comportamento dos

idosos como se todos fossem heterossexuais e cisgêneros, mas esses espaços também podem ser de resistência. Com o aumento do número de idosos e as dificuldades em realizar um cuidado adequado devido a menor disponibilidade de um familiar, as famílias estão optando por colocar o idoso em instituições de longa permanência (ILPIs).

Contudo, quando analisamos os resultados dos nossos entrevistados as espacialidades de resistências tinham uma compreensão e representação daquilo que eles construíram ou pelo simples fato de existirem já passava a ser por si só uma resistência. O que queremos dizer que o simples fato desses homens cis gays existirem e nos proporcionar as entrevistas já é uma resistência, pois alguns deles já conseguiram através de suas estratégias espaciais e/ou corporais adentrarem no processo do envelhecimento na terceira fase, ou seja, resistiram para existir.

Assim, nossos entrevistados evidenciaram através das espacialidades discursivas espacialidades como Balada, a Casa própria, o país, a cidade (novamente) e o corpo como os principais espaços de resistência de suas vivências espaciais.

Em tese e durante nossas discussões podemos entender agora o corpo como o primeiro espaço de resistência dos homens cis gays e isso veremos na última subseção, quando iremos falar sobre o armário. Por agora quando analisamos o desenvolvimento das discussões sobre a homossexualidade em diferentes literaturas, vamos encontrar as baladas e os bares gays como espacialidades construídas através da resistência da própria comunidade LGBTQIAP+ para construir espaços de diversão e sociabilidade na vida gay.

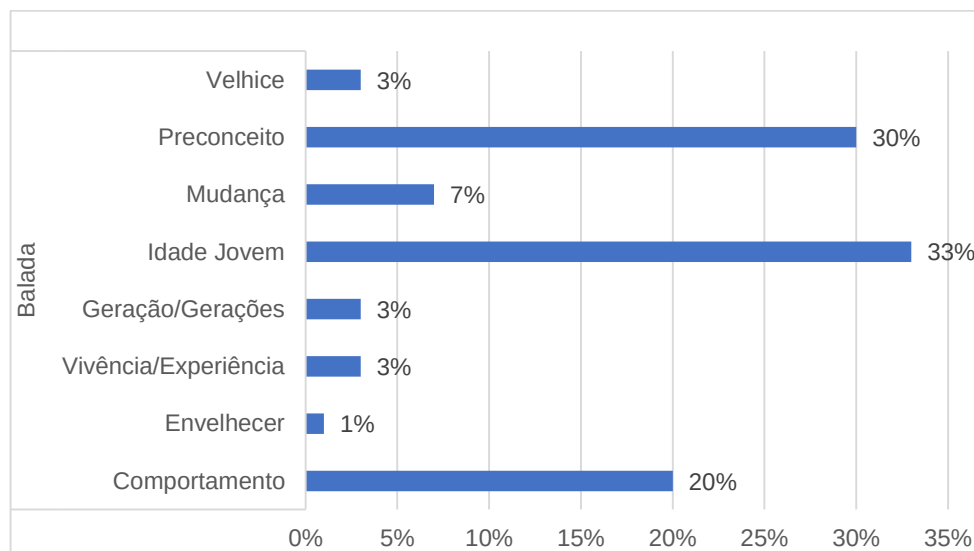
Segundo o texto de Weightman (1980) os bares gays se tornaram lugares de encontro dessas comunidades. Esses bares eram localizados estrategicamente nos bairros em cidades dos Estados Unidos onde havia uma grande concentração dessas populações ou, ainda, próximas a elas.

Além disso, a autora argumenta que os bares gays eram excelentes lugares de acesso a essas comunidades. Para a autora, os bares gays agregaram certas características das relações homossexuais, como estilos das paredes e o próprio sigilo. Essa separação de lugares através das sexualidades fazia com que as comunidades gays sobrevivessem e sentissem o

Além da espacialidade discursiva também encontramos as principais categorias discursivas nessa espacialidade, destacando palavras como: jovem,

preconceito e comportamento como principais categorias discursivas sobre a balada como podemos observar abaixo:

Gráfico 26 – Balada



Fonte: Entrevistas

Os itens mencionados na relação com o campo Balada podem ser verificados na ligação com a idade jovem, o preconceito e o comportamento. A velhice e o envelhecer aparecem novamente, mas com menor potencial de respostas. No entanto, chama a atenção o fato de o lugar ser visto pelos entrevistados como sendo de pessoas jovens, ao mesmo tempo em que é um lugar com preconceito, o que pode ser analisado como local de não pertencimento, por mais que seja considerado para muitos como um espaço de resistência e de liberdade.

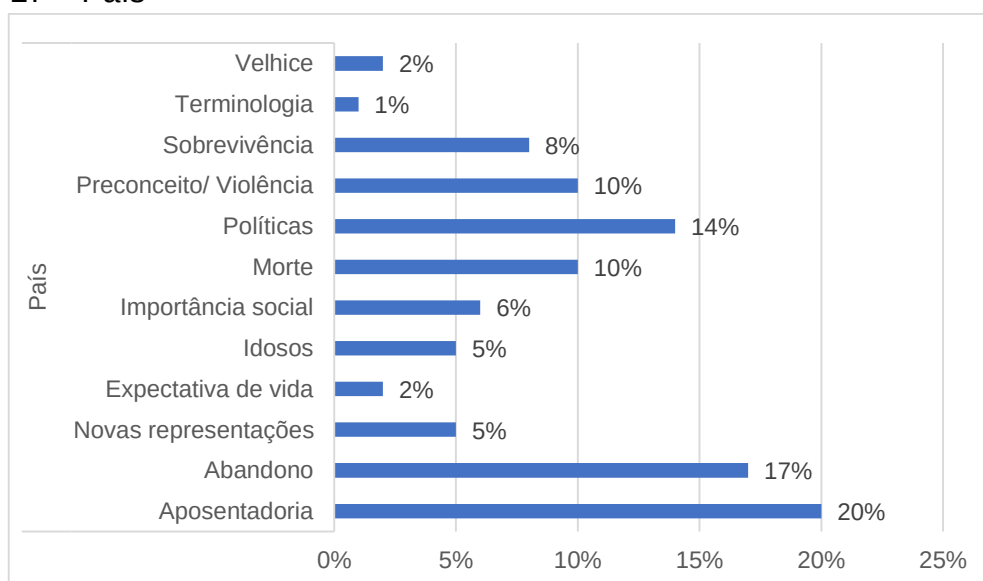
Diante das respostas, é importante ressaltar os estudos de Alves e Araújo (2020), que salientam a necessidade de se pensar o envelhecimento a partir de espaços socialmente aceitos ou rejeitados. A balada passa a ser vista como um espaço dos mais jovens, com exclusão dos mais idosos e relações de preconceito na frequência junto aos lugares.

Compreender tais relações torna-se fundamental na percepção dos espaços aceitos e evitados por esses sujeitos. Além disso, eles ressaltam que na balada existiria uma questão comportamental nas relações, ou seja, como irei me comportar e como irão se comportar com a minha presença nesse espaço, teoricamente, destinados à jovens

Outra espacialidade discursiva foi o país. Aqui para que não façamos uma repetição de resultados queremos só lembrar que a cidade, tema já discutido anteriormente, e o país foram evidenciadas como espacialidade de resistência no sentido da existência dos sujeitos aqui analisados, pois tanto a cidade quanto o país são representados como espacialidade opressivas, de violência e preconceito.

Vale ressaltar que o Brasil é o país que mais mata gays, lésbicas e travestis no mundo, como aponta uma pesquisa de um dos grupos mais importante da comunidade LGBTQIAP+ do país GGB (Grupo Gay Bahia)³⁷ e isso é refletido nos discursos dos sujeitos quando apontam a violência, o preconceito, a morte e a sobrevivência somando mais de 20% dos discursos sobre o país, como podemos observar abaixo:

Gráfico 27 – País



Fonte: Entrevistas

Ainda sobre a espacialidade país, os principais pontos observados no estudo foram a aposentadoria, o abandono e as políticas, mas fatores associados com a morte, o preconceito e a violência foram mencionados por percentual relativo dos entrevistados. Assim, em conjunto, é possível verificar que os sujeitos entendem o espaço do país como sendo o de provimento da aposentadoria, mas também da

³⁷ Segundo seus estudos o Brasil é o país com maior número de assassinatos dessa população. De acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB), com dados de 2021, ocorre uma morte a cada 29 horas, porém o número real deve ser ainda maior. O levantamento foi feito em parceria com a Aliança Nacional LGBTI+. Foram 276 homicídios (92% do total) e 24 suicídios (8%) no ano 2021.

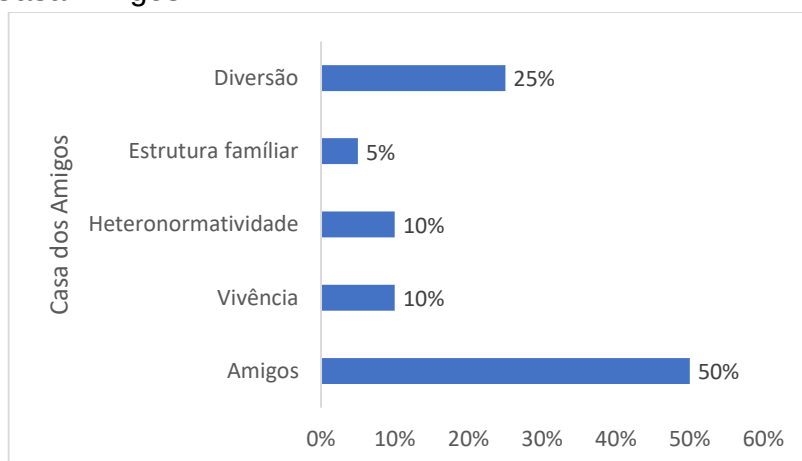
escassez no atendimento aos idosos, visto que o item das políticas públicas aparece em percentual próximo ao do abandono e da violência, preconceito e morte.

Nos estudos de Alves (2010), também há observância do fato que mesmo o Estatuto do Idoso e as políticas públicas criadas em prol dessas pessoas, ainda há vulnerabilidades voltadas para a segurança, futuro, lazer, espaços de convivência, dentre outros. Nesse sentido, muitos idosos se sentem abandonados pelo governo, assim como não se sentem seguros no país ainda mais se tratando de pessoas da comunidade LGBTQIAP+.

A casa dos amigos e a Casa própria foram evidenciadas como espacialidade também de resistência. Tais espacialidades se diferenciam da Casa dos pais uma vez que os sujeitos argumentaram que nesses espaços eles encontram o carinho, a paz e a liberdade de poder ser o que realmente são, não queremos dizer aqui que, toda espacialidade familiar não possa produzir situações de carinho e acolhimento.

Contudo, sabemos que em muitos casos as famílias são as primeiras a oprimir a sexualidade de LGBTQIAP+, tornando a casa familiar um espaço de negociações na vivência de homens cis gays.

Gráfico 28 – Casa Amigos



Fonte: Entrevistas

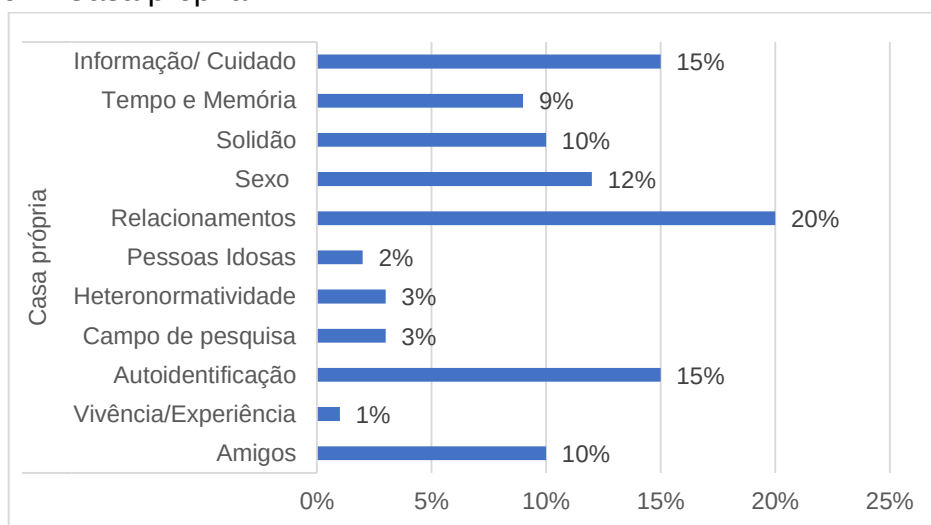
O item com maior quantidade de evocações descritas pelos entrevistados foi a própria menção aos amigos, que são os anfitriões desses espaços. Mas o espaço também está associado a fatores opostos, como a diversão, a vivência e a heteronormatividade. Assim, indica-se que ao mesmo tempo no qual a casa dos amigos é vista como ambiente de diversão, também pode ser analisada como local

onde o “armário” é necessário, por ser espaço de heteronormatividade ou de práticas heteronormativas.

Essa relação de amizade apenas com pessoas *gays* se coloca como elemento limitante e excludente, na ótica de Alves e Araújo (2020), o que leva à necessidade de ampliação para outras amizades. Da mesma maneira, amigos do trabalho e de outros espaços de convívio podem ter posturas heteronormativas, o que faz com que muitos sujeitos permaneçam no armário para que desfrutem dessas relações e desses espaços. O gráfico 18 também analisa a casas dos pais e familiares, conforme verificado a seguir:

Isso reflete em nossa análise que dependendo do ciclo de amizades que os sujeitos vão estabelecendo ao longo da vida, espaços como a casa de amigos podem tornar-se espaços mais acolhedores e de diversão como também espaços de reprodução a prática que os colocam em situações controversas nesses espaços. Assim como mostra o gráfico 29, sobre a casa própria.

Gráfico 29 – Casa própria



Fonte: Entrevistas

A casa própria é analisada como espaço vinculado com os relacionamentos, a autoidentificação e o cuidado, assim como a informação, o sexo, os amigos e a solidão. É interessante como aspectos dicotômicos aparecem com percentuais semelhantes, como é o caso da solidão e dos amigos. Ao mesmo tempo, o termo relacionamento passa a ser relativo, pois pode significar relações familiares e de amizade, assim como relações casuais ou afetivas de compromisso.

O sexo também aparece vinculado com a casa própria, assim como a autoidentificação. Nesse ponto, conforme já atestado por Antunes (2017), a casa aparece como espaço privativo, onde as identidades podem ser externadas e os sujeitos podem se definir da forma como são.

Vale ressaltar que nas discussões já vistas no primeiro capítulo de Browne, Bakshi e Lim (2012), sobre as questões de habitações de LGBTQIAP+ velhos, o medo de não terem casa própria e a relações com as instituições. Aqui, em nossa pesquisa, a maioria possuía casa própria, mas ainda havia alguns que moravam na casa dos pais com os pais ou de herança o que ainda justificar ter a heteronormatividade, tempo e memória em seus discursos.

Assim, o espaço domiciliar traz segurança e confiabilidade para alguns dos entrevistados, assim como permite que haja maior aceitação dos que irão e dos que não irão frequentar ou participar da vida desses sujeitos. Portanto, os resultados sobre as espacialidades de resistência mostraram que, são espaços que ora de opressão a sua própria existência como foi o país, a cidade e o gay velho na balada, como também a existência de espaços construídos por eles através de suas relações afetivas onde o sentir-se bem e serem o que realmente são é possível.

Por isso, as transformações espaciais gays através do processo de envelhecimento são marcadas por espaços negociados para que possam sobreviver em meio a sociedade, principalmente, aquele onde ainda se propagada a heterossexualidade compulsória. AO mesmo tempo que esses sujeitos constroem ao longo de suas vidas espaços de resistência ao preconceito, a violência e a discriminação justamente para o fato de existir. Portanto suas existências por si só é uma resistência.

Pensando outro elemento de fundamental importância dos nossos resultados e também evidenciado pelos sujeitos, resgatamos as discussões do armário. Na última seção desse capítulo e dessa tese, assim como trazemos nossa rede semântica que vida abordar nossa análise de conteúdo não de forma separatista, mas entendendo a complexidade do fenômeno a partir do todo.

4.2.3 Armário

O silenciamento de identidades sexuais consideradas ilegítimas em um paradigma conservador de sociedade é parte importante de um processo de

compreender o que é a exclusão e a invisibilidade diante de um processo que envolve a sexualidade em suas dimensões mais amplas. Assim, o processo de silenciamento não pode ser pensado somente a partir do sujeito, mas mediante aos espaços em que circula, seja esse espaço social ou o corpo como espaço. Também além de uma compreensão a partir do sujeito, a concepção do armário enquanto um espaço na vida de homens cis gays também se estabelecem com os meios de interação e as formas de resistência nesse processo.

Segundo Alves (2017), a família e a escola são dois dos principais espaços de exclusão e ocultação da sexualidade *gay*. Esses espaços constituem o que pode ser chamado de o início do "armário". Para o autor, a ciência geográfica é fundamental no entendimento das juventudes e gerações, de modo que as práticas espaciais se colocam em ótica produtora de Geografia, como o nosso trabalho.

Em outras palavras, muitos dos homens *gays* que desejam sair do armário e reconhecer a própria sexualidade sentem dificuldades na aceitação pela própria comunidade, trazendo mais dificuldades para a aceitação, principalmente quando são mais velhos. Da mesma maneira, permanecer no armário se torna um ato de sobrevivência na vivência de alguns desses sujeitos, principalmente porque a maioria dos espaços são heteronormativos e não possibilitam exercício da própria sexualidade (Santos; Pereira, 2018).

Aliás, a respeito desses espaços, ainda há dificuldades expressivas de ingresso de sujeitos que são homossexuais, mas que também desejam se colocar em ambientes que possuem sujeitos heterossexuais em maior quantidade. Segundo Silva Junior (2018), a prática de esportes, como o futebol e o basquete, se efetiva ainda em um ambiente de menor integração e sociabilidade entre homossexuais e heterossexuais, com maior preconceito dos grupos héteros em relação a outros grupos. Outro espaço de permanência no armário é a universidade. Para um dos sujeitos entrevistados:

Eu lembro de ter entrado na universidade e um *gay* que era da minha sala me falou assim, uns são e outros fazem questão de ser, então na minha época os *gays* ainda preferiam ficar no armário e faziam questão de te colocar no armário. Então assim, tinha muito *gay* na minha turma, principalmente no curso que eu fazia, mas as pessoas se escondiam, assumidos eram a exceção, ser assumido era muito exceção assim, na família então nem se fala até hoje acredito que eu sou a única pessoa assumida, tem muitos *gays* na minha família, talvez tenha até uns novos que eu não tenho contato mais, mas assim assumidamente *gay* na minha família somente eu, então isso

também era muito maluco assim sabe, quase que eu era um desbravador na família. (Entrevista 1, realizada em Ponta Grossa, em 06/02/2022).

No texto, destaca-se que mesmo com muitas pessoas notadamente *gays* pelo sujeito, havia permanência no armário, seja por conta do julgamento externo ou familiar. Da mesma maneira, aponta-se como desbravador na família, de modo que o assumir-se não se coloca na exclusividade do gênero, mas no ato de protagonismo em realizar tal ação em espaços de reprodução a heterossexualidade.

Nas pesquisas realizadas por Silva Junior (2018), percebeu-se que a inserção de *gays* em espaços como campos, quadras e outros ambientes com prática de esportes populares pode se dar de forma mais facilitada se os sujeitos não revelarem aos outros a sua sexualidade. Em muitos casos, ainda se coloca como tabu tal integração, assim como a convivência pacífica e aberta em espaços esportivos, o que pode ser explicado pela própria trajetória da masculinidade em sua historicidade e espacialidade.

Em nossa pesquisa, a trajetória da vivência de homens cis *gays* é marcada por um 'armário de diversas portas' ou por 'vários armários' e essa compreensão só foi possível através do processo de envelhecimento. Afinal, se analisemos *gays* jovens, talvez, estariam abrindo a primeira porta do armário de suas vidas. Contudo, como eram homens cis *gays* mais velhos houve diversos processos de abertura e de fechamento desses armários. Ao mesmo tempo que abriam e fecham o armário em suas vidas, esses sujeitos criavam estratégias de sobrevivência em um determinado cenário espacial e temporal onde a homossexualidade não tinha seus direitos garantidos.

Assim, eram julgados e sofriam preconceitos e violências, atos vistos como correção a algo que era errado. O jogo do armário ou dos armários na vida desses homens cis *gays* se estabelece a partir de um espaço físico, o corpo. É através do corpo que esses sujeitos conseguem driblar situações de preconceito ao assumiram ou não suas sexualidades em espacialidades distintas e de acordo com as relações sociais que ali foram construídas.

Diante disso, percebe-se a existência de alguns tabus importantes em espaços tipicamente heterossexuais, como bares, centros esportivos e espaços religiosos, mais conservadores. Como muitos desses sujeitos que se entendem como *gays*, mas não revelam sua sexualidade de forma pública, desejam estar nesses

ambientes, estar no armário passa a ser uma forma de camuflagem da própria sexualidade, apontando para processos que tragam maior interação com os outros (Silva Junior, 2018).

Além disso, essas relações entre os convívios nesses espaços podem ser efetivamente complexas por conta da própria visão trazida a respeito da homossexualidade, de modo que algumas pessoas ainda a entendem enquanto patologia ou área a ser tratada na esfera psicológica ou psiquiátrica. A partir disso, há o temor do julgamento alheio, assim como a perda de espaço social e cultural do qual pertence o sujeito.

Para Monteiro (2022), ainda é relevante considerar o armário enquanto símbolo do reconhecimento e legitimação da opressão, assim como na passividade diante de um problema complexo que é a não aceitação do gênero, sexualidade de outrem. No que diz respeito às espacialidades e ao armário, conservar os padrões de comportamento aceitos significa continuar o convívio social, mantendo aparências e trazendo sensação de normalidade para a maioria.

Porém, se configura em uma representação social que é dotada de sentido apenas parcial, pois as vivências e experiências são ocultas na esfera do próprio eu. O armário se torna uma forma encontrada por muitos sujeitos para esconder o processo de transgressão da norma heterossexual colocada impositivamente na esfera social e cultural, com presença massiva na vida cotidiana (Monteiro, 2022).

Em relação a esses espaços, ainda se considera a exclusão e a inclusão como aspectos de ordem sociológica, permeados por uma lógica de inserção seletiva, nas quais o ato de "sair do armário" está restrito a espaços onde as espacialidades *gay* seja legitimada. Em outras palavras, lugares nos quais haja maior quantidade de pessoas que compartilhem do mesmo gênero podem gerar mais aceitação para membros desse gênero específico, assim como exclusão dos outros (Monteiro, 2022).

Seria como se os estabelecidos e os outsiders, mencionados por Elias (2000), estivessem em um processo de segregação no qual os ambientes fazem parte desse processo. Porém, diferentemente da lógica trazida por Elias (2000), nas quais os estabelecidos e outsiders podem se modificar, com tentativas de os outsiders ingressarem nos espaços de estabelecidos, no que tange às espacialidades *gays*, o que transparece é de um processo maior de seleção e separação de espaços para melhor reforço identitário.

Mas essas espacialidades próprias para os grupos também possuem dimensões de integração e exclusão, com processos de sociabilidade e conflito distintos, nas quais as questões identitárias podem reforçar ou negar o assumir da homossexualidade e a legitimação do eu na relação com os outros. Por isso, em nossa pesquisa, os espaços de resistência como a casa própria e a casa dos amigos, passam a ser espaços de convívio social desses sujeitos de uma forma segura onde a liberdade de ser o que realmente são é permitida sem que haja preconceitos e violência sobre isso.

Da mesma maneira, o ato de sair do armário também está condicionado ao julgamento moral em espaços que não são planejados para tal convívio (Torres; Prado, 2014). Como exemplo, a ação de assumir a sexualidade em rede social ou espaço de entretenimento e lazer pode também desdobrar sobre o mundo do trabalho, as rotinas religiosas ou mesmo os posicionamentos familiares. Dessa forma, muitos preferem continuar reclusos em suas identidades, o que traz sofrimento psicológico e exclusão para essas pessoas, o que pode justificar o fato de os sujeitos colocarem o trabalho como um espaço negociável em suas vidas, pois quando se sentem seguros assumem sua sexualidade nessas espacialidades, quando não retornam para o armário.

Em muitos casos, a atenção demonstrada em torno da própria identidade pode ser externada apenas em ambientes de atendimento psicológico, com garantia de anonimato. Da mesma maneira, o assumir a sexualidade em uma cidade como Ponta Grossa também é verificado como ação complexa para os sujeitos, conforme fala externada:

Também tem o fato de a gente viver em um universo paralelo, porque ponta grossa não é o sítio do pica-pau amarelo, mas é um universo paralelo, então assim as coisas aqui...se passaram muitos anos e rolou muito avanço eu acho que a cabeça das pessoas abriu um pouco, mas ainda é um lugar é extremamente tradicionalista, preconceituoso e sabe eu ainda sinto isso sabe. (Entrevista 2, realizada em Ponta Grossa, em 27/02/2022).

A cidade de Ponta Grossa é analisada como espaço que se modificou nas estruturas físicas, mas que ainda se conserva enquanto tradicionalista, preconceituosa e excludente em suas relações sociais. Portanto, o avanço por mudanças de mentalidade não suficiente para modificar essa taxação em relação ao espaço da cidade de Ponta Grossa. Por isso, para alguns homens cis gays que moram na cidade, permanecer no armário passa a ser uma das formas de manter os

empregos, relacionamentos e aparências, assim como não modificar as formas de julgamento dos outros perante si mesmo.

No trecho, destaca-se que o armário perpassa as relações entre visível e invisível, em local destinado aos homossexuais que não querem que suas identidades sexuais sejam reveladas. Estar fora do armário é estar em situação de legitimidade da sexualidade, com forma de lidar com as próprias questões relativas à sexualidade de maneira mais clara e concisa, sem se esconder do mundo e de si mesmos.

Outro ponto de referência na análise do armário refere-se ao que se considera público e privado e às próprias transgressões desses espaços mediante uma leitura mais ampla. Como exemplo, mesmo que um professor possa exercer sua sexualidade livremente, algumas instituições escolares podem apresentar resistência em relação à sua contratação ou manutenção, por ocasião de famílias mais conservadoras (Torres; Prado, 2014). Como aconteceu com alguns homens cis gays ao vivenciarem espaços destinados a idosos. Nesse caso, a prática heteronormativa em espaços destinados a pessoas idosas, excluía a existência de outras sexualidades. A prática de bailes para a terceira idade é um exemplo típico dessa reprodução, por medo da solidão e do isolamento, alguns homens cis gays velhos acabavam indo para esses espaços e também voltando novamente para o armário.

Portanto, mesmo que a esfera do público e privado se estabeleça no discurso, na prática as questões se tornam mais complexas, como a relação cidade e casa própria, vistas aqui. Permanecer no armário passa a ser mais cômodo de acordo com cada realidade de vida, o ideal é que pudéssemos ser o que queremos ou o que somos indiferentemente das espacialidades que vivenciamos. Contudo, na realidade isso torna-se muito mais complexo, principalmente, quando envelhecemos, pois a solidão, falta de recursos financeiros, vulnerabilidades são características comuns em grande parte de pessoas idosas da comunidade LGBTQIAP+.

Assim, buscando a compreensão final do nosso fenômeno que trouxe como problemática as transformações das vivências espaciais de homens cis gays através do processo de envelhecimento, foi realizada uma rede semântica com todos nossos resultados da análise de conteúdo. Como já dito, a análise de conteúdo é uma metodologia que consiste na elaboração de categorias a partir de entrevistas. As doze entrevistas participantes de pesquisa, nos proporcionaram a compreensão da vivência espacial desses sujeitos na trajetória de suas vidas que foram compreendidas por espacialidades discursivas e categorias discursivas.

Na rede semântica podemos observar um total de 19 espacialidades discursivas da vivência dos homens cis gays, são elas: Asilo (0,68%); Bailes Terceira Idade (0,16%); Bairro (0,33%); Baladas e Barzinho (3,50%); Casa Própria (4,65%); Casa dos Amigos (1,16%), Casa da Família (11,62%); Cidade (10,79%), Clínicas de Saúde (0,16%); Corpo (39,86%); Espaço Público (0,68%); Espaço de Sociabilidade (14,95%); Espaços de Sociabilidade para o Idoso (0,33%); Hospital (0,83%); Igreja (1,32%); ILPI (Instituições de Longa Permanência para o Idoso (0,50%) e por fim, País (4,48%).

Além das espacialidades discursivas também podemos observar ainda as principais categorias discursivas referente as espacialidades vivenciadas que também estão em porcentagem de frequência dos discursos feitos pelos sujeitos e que resultaram nessa análise.

A partir dessa análise, torna-se importante verificar que os gráficos apresentados são resultados das entrevistas através de análise de conteúdo que obtivemos nessa pesquisa. Esses gráficos mostram as principais vivenciais espaciais desses sujeitos em suas trajetórias de vida que através do processo de envelhecimento vão sendo alteradas, ressignificadas construindo outras relações com o espaço social e com o corpo sendo seu próprio espaço.

A vida desses sujeitos é marcada do início ao fim por preconceitos e barreiras que são construídas socialmente ao longo de suas vidas. O que nos parece é que cabe, somente eles, irem quebrando tais ações em uma luta individual e social. Contudo, não é algo fácil ou simples, pois há lutas constantes por reconhecimento e respeito de sua existência, desde os seus nascimentos. Suas vivências espaciais marcam suas vidas e seus corpos, inclusive na velhice, com novas situações e até com duplo preconceito por serem gays e velhos.

Esses sujeitos mostraram que alguns foram abandonados e negligenciados por familiares, amigos e o próprio Estado, que pela falta de políticas públicas, os veem como meros números na composição da população absoluta do país. Entretanto envelhecer enquanto homem cis gay vai além disso, além de números. Envelhecer enquanto homens cis gays é compreender o seu corpo como espaço e através dele resistir, construir e reconstruir constantemente espaços de luta, de sobrevivência e de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa trajetória de pesquisas, até aqui, mostrou que ainda há um vasto campo de problematizações a serem desenvolvidas, vinculadas e conectadas com a Geografia. Mostra também a importância da problematização das ciências sociais, não apenas pelo aspecto quantitativo, mas que pesquisas qualitativas têm sua importância e grande riqueza de detalhes, tornando o trabalho ainda mais humano.

No primeiro capítulo, pudemos entender os caminhos percorridos para a produção desse trabalho, através de uma trajetória acadêmica na área da Geografia das Sexualidades, como também o ato de pesquisar, com métodos e metodologias que foram utilizados para a elaboração dessa pesquisa. Além disso, trouxemos a importância da temática relacionada ao envelhecimento *gay*, através da busca bibliográfica em artigos, periódicos brasileiros, dissertações e teses no banco de dados da CAPES – salientando a carência de trabalhos com essa temática.

No desenvolvimento do segundo capítulo, pudemos mostrar, a partir de nossas bases conceituais e empíricas, como ocorrem as transformações das vivências espaciais no processo de envelhecimento de homens cis *gays*. Identificamos que o corpo não é apenas um objeto orgânico de carne e ossos resultado de ações espaciais e humanas, mas é o próprio espaço, sendo esse em constante transformação através de diferentes contextos históricos-espaciais de cada sujeito no seu próprio processo de envelhecimento. Seus corpos são armaduras de lutas sociais constantes, seja pelo respeito ou pelo simples direito de existirem como humanos.

Assim, os sujeitos aqui analisados utilizam de seus próprios corpos para a construção de seus espaços, espaços de luta, espaços de sobrevivência, espaço de reconhecimento e pertencimento. Para eles, o primeiro espaço identificado para si são seus corpos, seja quando se reconhecem através de suas sexualidades ou por meio do processo de envelhecimento, em ambos, o corpo para a ser o espaço do reconhecimento de si para com o espaço social e as suas relações.

Ainda no segundo capítulo, pudemos mostrar que mesmo com os dados do IBGE tendo singular importância, eles se apresentam incompletos, principalmente, quando os dados se referem a comunidade LGBTQIAP+, reforçando a invisibilidade de LGBTQIAP+ idosos. A idade se apresentou como a principal categoria de análise nos dados do IBGE para definir e quantificar as pessoas mais velhas. Contudo, nossos

resultados mostram que alguns sujeitos questionam essa lógica numérica para definição de identificação de ser ou não idoso.

A construção espacial do envelhecimento no Brasil a partir dos dados do IBGE evidencia um mapeamento numérico, desconsiderando elementos qualitativos de pesquisas como a nossa. Além disso, mesmo as políticas públicas, como o Estatuto do Idoso, não garantem a todos os direitos, uma vez que sujeitos e seus processos de envelhecimento possuem diferentes subjetividades, como é o caso de homens cis *gays* fazendo com que alguns tenham que voltar para o armário na velhice para que possam ser aceitos ou incluídos em espaços construídos especificamente ao público idoso.

Entre as espacialidades vivenciadas pelos sujeitos entrevistados, é notório o corpo como principal espaço. Além do corpo enquanto, temos espaços sociais como Instituições de Longa Permanência, Balada, Casa, Cidade, espaços de socialização, Igreja, trabalho e o próprio país. Cada um desses espaços mostra as transformações espaciais que esses sujeitos tiveram ao mesmo tempo que reconhece, em muitos, o preconceito, hora por serem homossexuais e em outra por serem considerados mais velhos, não necessariamente idosos, mas velhos.

A cidade de Ponta Grossa, nosso recorte espacial, foi enfatizada pelos sujeitos como uma cidade com algumas estruturas para a população idosa em geral, e que muitos, sobretudo, homens cis *gays* mais velhos, acabam voltando para o armário nesses espaços, justamente pelo medo de sofrer algum tipo de discriminação e preconceito. Além disso, a cidade foi representada como um espaço preconceituoso para alguns por conta das suas sexualidades. O interesse dessa análise é que os *gays* vivenciam o preconceito desde a infância até a velhice, hora por suas sexualidades e em outras por estarem velhos na sociedade em que vivem e em alguns casos dentro da própria comunidade LGBTQIAP+, quanto há sujeitos que reforçam uma homonormatividade. Por isso, mostrar sua existência pode ser um caminho para começar a quebrar esses preconceitos, seja por suas sexualidades ou enquanto homens cis *gays* mais velhos dentro e fora da própria comunidade LGBTQIAP+.

A população LGBTQIAP+ vem sofrendo durante todas as fases da sua vida e o processo de identificação, reconhecimento e orgulho vem sendo lento, fruto de décadas de lutas. A representação do envelhecimento desses homens cis *gays* está sendo alterada com o passar do tempo e com as novas gerações, pois é uma geração pós-pandemia da AIDS. Se antes a perspectiva de vida era muito menor em toda a

população (principalmente aqueles com maiores vulnerabilidades sociais), a evolução da medicina e dos meios de comunidade voltadas a um processo preventivo trouxeram maior controle e, conseqüentemente, essa população *gay* não conseguiu envelhecer. Hoje, eles mesmos se consideram resistência e sobreviventes desse período, onde a violência e a morte os afligiam muito mais próximos. Com o reconhecimento a criminalização da homofobia, estamos respaldados pela lei, longe se ser o mundo encantado da Alice, mas aos poucos estamos envelhecendo proporcionando novas compreensões do que é envelhecer para os homens cis *gays*, ao mesmo tempo que construímos novas *performances* de masculinidade.

Foi possível identificar que, para que possam envelhecer esses sujeitos, construíram estratégias espaciais, de modo que utilizaram e utilizam o corpo não só como mera ferramenta de manobra espacial, mas construindo através de seus corpos, 'armários'. O armário enquanto um espaço corporificado de sobrevivência para esses homens cis *gays*, está presente na vida desses homens paradoxalmente na relação do espaço social com o corpo. Nessa lógica, é como se dentro corpo houvesse diversos espaços que são construídos e reconstruindo de acordo com a trajetória de vida de cada sujeitos.

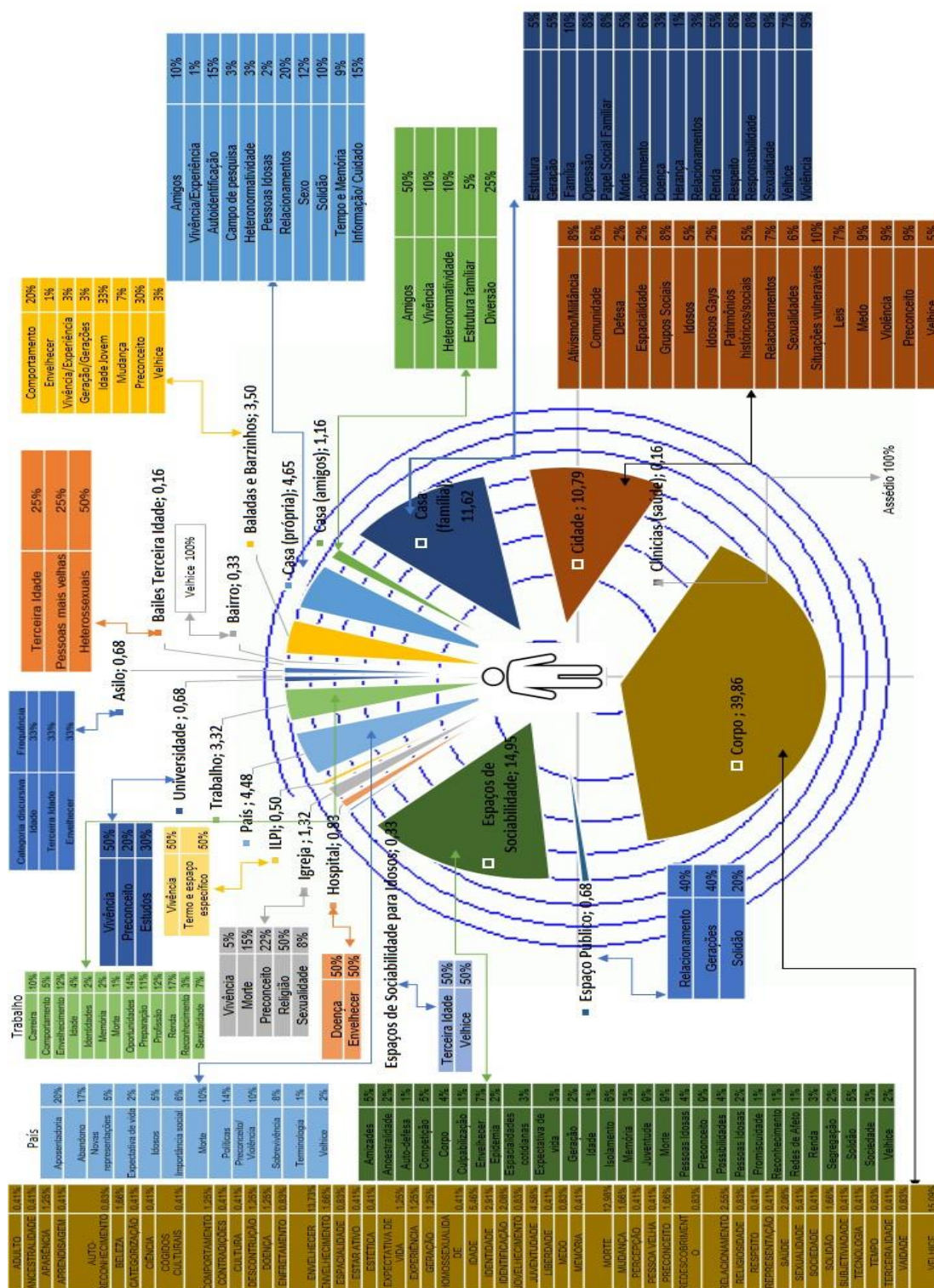
Além disso, o corpo passa ser um espaço fluído que negocia com outros espaços sociais como o trabalho, a universidade e a igreja. Esses sujeitos negociam esses espaços por diferentes interesses, seja por necessidade, por sentir-se incluso, para praticar algo que me é negado e tantas outras situações que possam ser pensadas sobre cada história de vida. Além disso, para poderem existir na sua forma plena, sem muito jogar com as identidades ou com as relações sociais, apenas se sentir você mesmo e se sentir bem com isso, esses sujeitos construíram durante suas vidas espaços de resistência como foi o caso da casa própria. A casa própria é um sonho para muitos, no entanto, para os homens cis *gays*, além da emancipação das casas dos pais, é ter o aval para ser quem realmente é, mesmo de forma contraditória ter 'liberdade' em quatro paredes.

Assim, a tese aqui apresentado demonstrou como ocorrem as transformações espaciais de homens cis *gays* através de seus processos de envelhecimento, ao mesmo tempo que apontou negligências sobre políticas públicas, dados demográficos e ainda o preconceito sobre uma população que luta diariamente para sobreviver, em meios aos julgamentos, violências pelo simples fato de decidirem amar quem quiserem e ser o que realmente são, abrindo a porta de seus armários.

Ainda para as considerações finais, trouxemos a formação de uma rede semântica que resume, por si, todo o trabalho através das entrevistas que foram sistematizadas. Vale lembrar que as entrevistas foram transcritas e lançadas em um banco de Dados do *LibreOffice*. Após a sistematização das falas dos entrevistados e a análise de conteúdo, separamos os trechos das entrevistas em espacialidades discursivas e categorias discursivas o que nos proporcionou a elaboração da imagem que está no final dessas considerações.

Nota-se, na imagem, os principais espaços vivenciados pelos entrevistados (espacialidades discursivas), divididos por intensidades discursivas, o que nos permitiu quantificar e realizar a porcentagem dessa intensidade. Além disso, cada espacialidade discursiva traz consigo categorias discursivas, que também foram feitas de acordo com a intensidade das falas dos entrevistados. Para melhor compreensão, as categorias discursivas foram direcionadas no formato 'palavras-chave', com o intuito de facilitar a compreensão rápida do fenômeno ao mesmo tempo para não poluir a rede semântica com um excesso de letras e frases. Vejamos e analisamos:

Figura 1 – Rede semântica das entrevistas – espacialidades discursivas e categorias discursivas



Fonte: Entrevistas realizadas no ano de 2020 a 2022

Nota: Hanke, 2024

REFERÊNCIAS

- ALBERTE, Josiane de Souza Pinto; RUSCALLEDA, Regina Maria Innocenio; GUARIENTO, Maria Elena. Qualidade de vida e variáveis associadas ao envelhecimento patológico. **Rev Soc Bras Clin Med [Internet]**, v. 13, n. 1, p. 32-9, 2015.
- ALMEIDA, Thiago de; LOURENÇO, Maria Luiza. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, p. 101-114, 2019.
- ALMEIDA, Vinicius Santos. O papel das espacialidades homossexuais masculinas na construção da urbanidade de São Paulo. In: **XIII Jornadas Nacionales. VIII Congreso Iberoamericano de estudios de género**. 2018.
- ALVES, Virginia de Lourdes Gomes. **As territorialidades gays do "armário" escolar**: mapeando mentalmente nosso "daltonismo" cultural. 2017. 55f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia), Curso de Licenciatura em Geografia, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2017.
- ALVES, Mateus Egilson; DE ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes. Interseccionalidade, raça e sexualidade: Compreensões para a velhice de negros LGBTI+. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 12, n. 2, p. 161-178, 2020.
- ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes antropológicos**, v. 16, p. 213-233, 2010.
- AMES, Bruna Kreutz; MARTINS, Daniella Soares Marreiros; LAGOAS, Juliano Moreira. Negacionismo científico, fundamentalismo religioso e pós-verdade: uma análise acerca dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico no contexto da necropolítica brasileira. **Programa de Iniciação Científica-PIC/UniCEUB-Relatórios de Pesquisa**, 2021.
- ANDRADE, Higor Lopes et al. “O armário tem poeira e eu tenho rinite”: a opressão dos espaços heteronormativos sobre a identidade homossexual. **Revista Geoaraguaia**, v. 13, n. Especial, p. 281-298, 2023.
- ANDRADE, Eliane Righi. Representações da Mídia Impressa que formatam o Idoso e Reproduzem Identidades. **III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**. São Paulo. USP. 2012.
- ANTUNES, P. P. S.; MERCADANTE, E. F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Kairós**. 2012 v.14 p. 109-132.
- ANTUNES, T. H. C. S. Friedrich Ratzel e o Determinismo Geográfico: a construção de um Estigma. **Espaço & Geografia**, vol.24, n.1 (2021), 149:168 ISSN: 1516-9375.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 20, n. 1, p. 311-335, 2017.

ARCOS, F. R. Cuestionamientos a la Geografía a partir del cruising entre hombres en Bogotá. **Revista Latino americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.4, n.2, p.134-147, ago./dez. 2013.

ARAÚJO, M. da S. Estilos e comportamentos juvenis: cultura, espaço urbano e sociabilidades. **Revista Tamoios**. Ano 2, n.º2, pp. 1-12, julho/dezembro 2006.

BACHELARD, Gaston. **Precursor de uma nova epistemologia**. Para ler Gaston Bachelard, São Paulo, Dinâmica. 2010.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Neto e Augusto Pinheiro. São Paulo. Ática. 1977.

BARDIN, N.; MUNHOZ, EMB. **Snowball (Bola de Neve)**: uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. Anais. In: X Congresso de Educação–EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 2011.

BASSIT, A. Z. **História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice**. IN: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR, C. E. A. (Org.). Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: ed. Fiocruz, 2002. cap.8, p.175-189.

BASTOS, Rafael Lira Gomes. As disputas de sentido envolvendo o corpo homossexual masculino caracterizado como urso: um exemplo de análise dialógica. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, p. 35-56, 2022.

BAPTISTA, Rafael Ferraz. Masculinidades em Aplicativos de Encontros Gays: Análise da Negociação das Masculinidades e da Auto-Representação dos Corpos. **Áskesis-Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 7, n. 1, p. 68-78, 2018.

BATISTA, Luís Eduardo. Masculinidade, raça/cor e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 71-80, 2005.

BATISTA, Rafaela Lopes; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. O cenário do mercado de trabalho para idosos e a violência sofrida. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 24, p. e210022, 2021.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares; NERI, Anita Liberalesso. Percepção de classe social entre idosos e suas relações com aspectos emocionais do envelhecimento. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 1, n. 2, 2007.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 [1970].

BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2014.

BEIRAS, Adriano et al. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 62-67, 2007.

BELATO, D. **A História da Velhice**. In: DALLEPIANE, Loiva Beatriz (org.). Envelhecimento Humano: Campo de saberes e práticas em saúde coletiva. Editora UNIJUÍ, 2009. p.15-31. (Coleção saúde coletiva)

BELTRÃO, K. I., CAMARANO, A. A., MELLO, J. L. **Mudanças nas condições de vida dos idosos rurais brasileiros:** resultados não-esperados dos avanços da Seguridade Rural. Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino-Americana de População, realizado em Caxambu. MG, de 18 a 20 de setembro, 2004.

BELL, D. Insignificant Others: Lesbian and Gay geographies. **Area**, v. 23, n. 4, p.323-329, 1991.

BELL, D; VALENTINE, G. **Mapping desire.** Geographies of sexualities. New York: Routledge, 1995.

BESKOW, Daniela Alvares. O discurso das mulheres na cena paulistana de 2015-2016: uma proposta feminista de análise de espetáculos. São Paulo, 2017. Dissertação (mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista.

BINNIE, J. **Coming out of Geography:** Towards a Queer Epistemology. *Environment & Planning D: Society & Space*, 15, p. 223-237, 1997.

BINNIE, Jon, LONGHURST, Robyn, PEACE, Robin. **Upstairs/downstairs** – Place matters, bodies matter. In: BELL, David; BINNIE, Jon; HOLLIDAY, Ruth; LONGHURST, Robyn. *Pleasure zones: bodies, cities, spaces.* New York: Syracuse University Press, 2001, p. vii-xiv

BIRMAN, J. **Futuro de todos nós:** temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. IN: Veras, R. *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro.* Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1995.

BLESSMANN, Eliane Jost. **Corporeidade e envelhecimento:** o significado do corpo na velhice. 139 f. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2003. Dissertação de Mestrado.

BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Revista Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, n. 6, v.1, 2004. pp. 21-39.

BOIVIN, R. R. De Cantinas, Vapores, Cinesy Discotecas. Cambios, Rupturas elnercias en los Modos y Espacios de Homosocialización dela Ciudad de México. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p.118-133, ago/dez. 2013a.

BOIVIN, R. R. Rehabilitación Urbana y Gentrificación en el Barrio de Chueca: la 208 Contribución Gay. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p.114-124, jan./jul. 2013b.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

BORGES, C. M. M. **Gestão participativa em organizações de idosos:** instrumento para a promoção da cidadania. IN: FREITAS, E. V. de. et al. Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara, Cap.124, p.1037-1041, 2002.

BRAGA, Roana de Jesus; CORREA, Mariele Rodrigues. Experiências de envelhecimento masculino. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 133-157, 2021.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Estatuto do Idoso. Secretaria de Processo Civil. Brasília. 2003.

BROWN, Michael P. **Closet space:** Geographies of metaphor from the body to the globe. London: Routledge, 2000.

BROWNE, K., LIM, J., BROWN, G., **Geographies of Sexualities:** Theory, practice and politics. Farnham: Ashgate.278p, 2007.

BRUSTOLI, L. A.; PASA, F. M. I. A Morte Na Fé Cristã: Uma Leitura Interdisciplinar. **Revista Teocomunicação** (PUCRS), v.43, n..1, p. 54-72, Jan./jun. 2013.

BURILLE, Andréia. **Quando a masculinidade encontra o envelhecimento:** experienci (a) ções de reconhecimento e de cuidado no cotidiano de idosos rurais. 207f. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2017. Tese de Doutorado.

BUTLER, J. **El Género En Disputa:** El Feminismo y la Subversión de la Identidad. Barcelona: Paidós, 1999.

BUTLER, J. **Cuerpos que Importan:** Sobre los Límites Materiales y discursivos del 'Sexo'. Buenos Aires: Paidós, 2008. 341p.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder:** teorias da sujeição. Rio de Janeiro. Autêntica, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Belo Horizonte. Editora José Olympio, 2018.

CABRAL, V; SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Espaços de Morte e Representações Sociais de Travestis na Cidade de Ponta Grossa – Paraná. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 139-161, jan./jul. 2013.

CABRAL, V. **Espaço e morte nas representações sociais das travestis e transexuais femininas.** 2015. Dissertação. (Mestrado em Gestão do Território) – Programa de Pós Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa –PR.

CALDAS, Célia Pereira; THOMAZ, Andrea Fernandes. A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 13, n. 2, 2010.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. **O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas.** In: CAMARANO, A. A. (Org.). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: Ipea, 2004.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. **Como vive o idoso brasileiro?** IN: CAMARANO, Ana Amélia (org). Os Novos Idosos Brasileiros: Muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, n. 57, v.5, pp. 611-4, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>

CAMPOS, Mayã Polo; SILVA, Joseli Maria; SILVA, Edson Armando. 'Teu corpo é o espaço mais teu possível': Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, p. 101-114, 2020.

CRENSHAW, Kimberle. **Race, gender, and sexual harassment**. s. Cal. l. Rev., v. 65, p. 1467, 1991.

CARNEIRO, Nuno Santos. **Ser, pertencer e participar**: Construção da identidade homossexual, redes de apoio e participação comunitária. 358f. Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. 2006. Dissertação de Mestrado.

CASADEI, Eliza Bachega. As fantasias sobre um corpo que sabe: espaços narrativos liminóides, teatralidades masculinas e consumo em Playboy//Fantasies about a body that knows: narrative liminoid spaces, male theatricalities and consumption in Playboy. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 16, n. 1, p. 22-43, 2018.

CASTELLS . M. **A construção da identidade**. IN: O poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, volume II, 1999, p. 1- 491.

CASTELLS, M. **The City and the Grassroots**. Los Angeles: University of California Press, 1983. 372p.

CASTELLS, M.; MURPHY, K. **Cultural Identity and Urban Structure**: The Spatial Organization of San Francisco's Gay Community. IN: FAINSTEIN, F.; FAINSTEIN, S. Urban Policy Under Capitalism. Beverly Hills: SAGE Publications, Inc.,1982, p. 237-260.

CHAGURI JÚNIOR, José Carlos et al. Envelhecimento ativo e políticas públicas: novas perspectivas na reinserção social do idoso no contexto contemporâneo. **Revista Transformar**, v. 14, n. 1, p. 760-784, 2020.

CLARKE, J. I. **Population Geography**. Pergamon: Oxford, 1972.

CLAVAL, P. **Como construir a história da geografia?** Terra Brasilis (Nova série) (online), 2 (2013). DOI:10.4000/terrabrasilis.637

COMBINATO, D .S.; QUEIROZ M. Morte: Uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Natal, 2006; v.1, n., 11, pp.209-216, 2006.

CORRÊA, R. L. **Espaço**: um conceito-chave da Geografia. IN: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte:** cultura e simbolismo nas paisagens humanas. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

COSTA, Benhur Pinós. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas/Geographies of cultural interactions in the urban space. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 2, p. 207-224, 2010.

COSTA, Benhur Pinós da. A escola como espaço: identidades de gêneros e sexualidades e suas hierarquias. **Revista da ANPEGE**, v. 12, p. 204-225, 2017.

COSTA, B. Pequenas Cidades e Diversidades Culturais no Interior do Estado do Rio Grande do Sul: O caso das microterritorializações homoeróticas em Santo Ângelo e Cruz Alta-RS. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.3, n. 1, p. 37-53, jan./jul., 2012a.

COSTA, B. As microterritorialidades nas cidades: reflexões sobre as convivências Homoafetivas e/ou homoeróticas. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 257-271, jul/dez. 2012b.

DANIEL, Fernanda; SIMÕES, Teresa; MONTEIRO, Rosa. Representações sociais do “envelhecer no masculino” e do “envelhecer no feminino”. **Ex aequo**, v. 26, n. 26, p. 13-26, 2012.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice:** Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil.** IN: História do corpo no Brasil. 2011. p. 567 p-567 p.

DIAS, Ewerton Naves; PAIS-RIBEIRO, José Luís. Evolução das políticas públicas í pessoa idosa no Brasil. **Enfermagem Brasil**, v. 17, n. 4, p. 418-425, 2018.

DUGGAN, L. **The twilight of equality?** Neoliberalism, cultural politics, and the attack on democracy. Boston: Beacon Press. 2003.

DYNIEWICZ, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes.** In: Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes. 2009. p. 207-207.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders.** São Paulo. Zahar, 2000.

ENNE, Ana Lucia. À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas. **Comunicação mídia e consumo**, v. 3, n. 7, p. 11-29, 2006.

ETTORRE, E. M., Woman, Urban Social Movements and the Lesbian Ghetto, **Internacional Journal of Urban and Regional Research**, v. 2, p. 499-520, 1978.

FARBER, Sonia. Envelhecimento do corpo: noções díspares nas mídias atuais. **Comunicação e Sociedade**, v. 21, p. 123-134, 2012.

FARIAS, Rosimeri Geremias; SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos. Influência dos determinantes do envelhecimento ativo entre idosos mais idosos. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 21, p. 167-176, 2012.

FARIA, João Henrique Fernandes. **Queer** - Espacialidades de resistência. Notas para um território mais inclusivo. Rio de Janeiro. Fapes. 2023.

FERNANDES, Ítalo; BRUNS, Maria Alves. Revisão sistematizada da literatura científica nacional acerca da história do HIV/AIDS. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 32, n. 1, 2021.

FERNANDES, Maria Teresinha de Oliveira; CALDAS, Célia Pereira; SOARES, Sônia Maria. As relações da enfermagem no cuidado ao idoso na atenção primária. **Rev. urug. enferm**; 17 (2), 2022.

FERNANDES, J. C. Urbanismo e envelhecimento: algumas reflexões a partir da cidade de Uberlândia. **Revista Caminhos de Geografia**, v. 1, n. 2, p. 31-49, 2000.

FERREIRA, Eduarda; MOREIRA, Luciana; LENZI, Maria Helena. Espacialidades lésbicas: localizando visibilidades e construindo geografias dissidentes. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 2-6, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FORNASIER, Mateus; LEITE, Flavia Piva Almeida. A exclusão social do idoso no ambiente urbano. **Revista de Direito da Cidade**, v. 10, n. 3, p. 2073-2105, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV**: As confissões da carne. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I** – A Vontade do Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 1-125.

FOUCAULT, Michel. **The history of sexuality**: An introduction. London. Vintage, 1999.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Autêntica, 2017

GADELHA, Kaciano Barbosa. Para além da “pegação”: performatividade e espacialidade na produção de materialidades sexuais online. **Áskesis-Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 4, n. 1, p. 56-56, 2015.

GARCIA, Sandra; SOUZA, Fabiana Mendes de. Vulnerabilidades ao HIV/aids no Contexto Brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração. **Saúde e sociedade**, v. 19, p. 9-20, 2010.

GELINSKI, Adriana. **As vivências espaciais dos membros LGBT da Igreja da Comunidade Metropolitana em Maringá e da Igreja Episcopal Anglicana em Curitiba e a Constituição das significações de suas Sexualidades**. Dissertação (mestrado em Gestão em Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2017.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Oeiras, Celta. 1992.

GOLANT S. M. A literatura geográfica sobre envelhecimento e velhice: uma introdução. **Geografia Urbana** v.1, n. 5, pp. 262-72, 1984.

GOLANT, S. M. **Os efeitos de comportamentos residenciais e de atividade em idosos experiências ambientais das pessoas**. IN: ALTMAN, J.; WOHLWILL, K.; LAWTON, M. P. (Eds.), Comportamento humano e meio ambiente: os idosos e o meio ambiente. Nova York: Plenum Press, 1984.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, P. C. C. **O Conceito de Região e sua Discussão**. IN: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

GOMES, M. C. P. A.; THIOLENT, M. J. M. Estudo de caso: os idosos no serviço de atenção primária à saúde. **hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, [S. l.], v. 14, n. 30, p. 1–16, 2019.

GONZÁLEZ, D. S. **La situación de las personas mayores en la ciudad de Granada**: estudio Geográfico. Vol. 1. Granada: Editorial da Universidade de Granada, 2005.

GORZONI, Milton Luiz. Geriatria: medicina do século XXI. **Medicina** (Ribeirão Preto), v. 50, n. 3, p. 144-9, 2017.

GREEN, J. N; QUINALHA, R.:(orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo; Alameda; 2018.

GREEN, J. N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GROHMANN, Rafael. Não sou/não curto: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. **Sessões do Imaginário**, v. 21, n. 35, 2016.

GROISMAN, Daniel. Asilos de velhos: passado e presente. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, São Paulo, USP, n.4, v. 2, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 11ª ed. 1º reimpressão, 2011.102p.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004 [1968].

HARDILL, I. **Introduction:** Geographies of aging. *The Professional Geographer*, 61, 1–3. <https://doi.org/10.1080/00330120802577509>, 2009.

HANKE, W. ORNAT. M.J. **Zonas de Sentido**. 1ª Edição, 2019. Editora Appris. Curitiba. 238p. ISBN: 9788547330880.

HARPER, S; LAWS, G. **Rethinking the geography of ageing**. *Progress in Human Geography*, pp. 199–221, 1995.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Trad. Adail Sobral e Maria Gonçalves, São Paulo: Loyola, 1993.

HECK, R. M; LANGDON, E. J. M. **Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural**. IN: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR, C.E.A. *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: ed. Fiocruz, 2002. cap.6, p.129-151.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, tiozões, tias e cacuras**: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, p. 283-323, 2017.

HOPKINS, Peter; PAIN, Rachel. Geographies of age: thinking relationally. **Area**, v. 39, n. 3, p. 287-294, 2007.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em 10 de setembro de 2022.

JARDIM, Viviane Cristina Fonseca da Silva; MEDEIROS, Bartolomeu Figueiroa de; BRITO, Ana Maria de. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 9, p. 25-34, 2019.

JIMÉNEZ, J. J. L. En torno a una Geografía Social del envejecimiento y de las personas ancianas. **Estudios Geográficos**, tomo LII, n. 203, abril-junho, 1991.

KALACHE, A.; VERAS, R.P.; RAMOS, L.R. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. **Rev. Saúde públ.**, S. Paulo, 21:200-10, 1987

KNOPP, L. Social Theory, Social Movements and Public Policy: Recent Accomplishments of the Gay and Lesbian Movements in Minneapolis, Minnesota. **Internacional Journal of Urban and Regional Research**, ed.11, p. 243-261, 1987.

KNOPP, L; BROWN, C. Ontologies of Place, Placelessness, and Movement: Queer Quests for Identity and Their Impacts on Contemporary Geographic Thought. **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**, v. 11, n. 1, p. 121-34, 2003.

KNOPP, L. **From Lesbian and Gay to Queer geographies: Past, Prospects and Possibilities**. IN: *Geographies of Sexualities: theory, practices and politics*, London, 2007.

KOBAYASHI, Audrey; PEAKE, Linda. Unnatural discourse. 'Race' and gender in geography. **Gender, Place and Culture: a journal of feminist geography**, v. 1, n. 2, p. 225-243, 1994.

LEÃO, Alice Alves Menezes Ponce; SILVA, Mayane Ynêssa. MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VELHICE. **Perspectivas Sociais**, v. 8, n. 01, 2022.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, [1974] 1991.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**, São Paulo, Ed. Moraes, 1991.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

LEITE, Alexandra Ribeiro; NASCIMENTO, Luís Felipe Rios. Homossexualidade e envelhecimento: 'burlando' o curso esperado da vida. **Caderno de Graduação-Humanas e Sociais-UNIT-PERNAMBUCO**, v. 5, n. 2, p. 65-79, 2022.

LEMO, A. E. **Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos**. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo. 2015.

LEVINE, M. P. Gay Ghetto. **Journal of Homosexuality**, v. 4, n. 4, Summer, p. 363-377, 1979.

LIMA, Regiane; LEITE JUNIOR, Francisco Francinete. Sexualidade e envelhecimento: dilemas do corpo masculino. **Revista Sustinere**, v. 6, n. 1, p. 106-133, 2018.

LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, Salete. Lugar e mapa mental: uma análise possível. *Geografia (Londrina)*, v. 18, n. 1, p. 207-231, 2009.

LIMA, Elias Lopes. Do Corpo ao Espaço: Contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise Geográfica. *GEOgraphia (UFF)*, v. 9, p. 65/18-84, 2007.

LIMA E SILVA, Viviane Xavier de. Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 12, p. 295-303, 2008.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. O envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. **Velho é lindo**, São Paulo, USP, n.1, v. 2, p. 107-131, 2016.

LOPES, Jessilene de Freitas. **Relações intergeracionais: um estudo sobre as interações entre os avós e seus netos jovens**. 2021. 151 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2021.

LOSEKANN, M. B.; WIZNIEWSKY, C. R. F. Reprodução e direitos sociais frente ao envelhecimento dos camponeses do alto Camaquã. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v.2, n. 40, pp. 128-140, maio de 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In. LOURO, Guacira Lopes. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, G. L. **Pensar a Sexualidade na Contemporaneidade**. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de diversidade de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED - PR, 2009, 216 p.

LOYD, B.; ROWNTREE, L. **Feministas radicais e homens gays em San Francisco**: ritmo social em comunidades dispersas. IN: LANEGRAN, D.; PALM, R., editores, Convite à geografia, Nova York: McGraw Hill, 78-88, 1978.

MACEDO, Relson Miguel de. **Simbologia Representativa Dos Idosos**: Necessidade De Adequação Para Eficácia Ao Tratamento Digno. 2017. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MACHADO, Paulo. **Reflectindo sobre o conceito de envelhecimento activo, pensando no envelhecimento em meio urbano**. In: Forum Sociológico. Série II. CESNOVA, 2007. p. 53-63.

MALHOTRA, Deepak; LUMINEAU, Fabrice. Trust and collaboration in the aftermath of conflict: The effects of contract structure. **Academy of management Journal**, v. 54, n. 5, p. 981-998, 2011.

MANSO, Maria Elisa Gonzalez et al. Idosos, sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis: considerações sobre a temática. **Revista Longevidade**, v.3, n.10, pp.14-37, 2021.

MARI, Fernanda Rigoto et al. O processo de envelhecimento e a saúde: o que pensam as pessoas de meia-idade sobre o tema. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, p. 35-44, 2016.

MARIN, Maria José Sanches; PANES, Vanessa Clivelaro Bertassi. Envelhecimento da população e as políticas públicas de saúde. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, v. 1, n. 1, p. 26-34, 2015.

MARINHO, Maykon dos Santos; DOS REIS, Luciana Araújo. Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 19, n. 1, p. 145-160, 2016.

MARINHO, Vitor Duncan. Uma análise sobre a exclusão digital de idosos. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 19, n. Supl. 2, 2022.

MARQUES, Carla T. dos S. et al. Influência lunar nas práticas agrícolas da Aldeia Indígena Tupinambá de Serra do Padeiro, Buerarema–BA. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, 2007.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 305p.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade** São Paulo: Paulus, 1997.

MATTOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. In: **Revista Território**, 1996, vol. 1, nº 1, p. 59–7.

MAYOL, P. IN: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre de et al. **A invenção do cotidiano. Morar, Cozinhar**. v. 2, 5ª ed. Petrópolis: Vozes, . p. 3-127, 1996.

MBEMBE, A. Necropolitics. **Public Culture**, n. 3, v.15, pp.11-40, 2003.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalista da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Aleph, 1999.

MIGNOLO, W. D. **A colonialidade de cabo a rabo**: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: Edgardo Lander (org.). *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 33-49.

MONTEIRO, Isabella Silveira. **Meu Querido Armário**: Fotozine sobre a saída do armário na vida de pessoas LGBTQIAP+. 2022. 64 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MORAES, Reginaldo Pereira. A família no Antigo Oriente Próximo: uma descrição veterotestamentária. **Revista Hermenêutica (descontinuada)**, v. 11, n. 1, 2011.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 1982.

MOREIRA, A. D. **Metamorfose da alma**: visões do processo de envelhecimento homossexual masculino. Tese (Doutorado): Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

MOREIRA, Carlos André Gayer; TONINI, Ivaine Maria. **Espacialidades transgressoras**: gênero e sexualidade na Geografia. Campinas. Editora da UNICAMP, 2023.

MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicologia USP**, v. 19, p. 59-79, 2008.

MOREIRA, Adailson da Silva. **Metamorfose da alma**: visões do processo de envelhecimento homossexual masculino. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande. Departamento de Psicologia. 198f. 2015. Tese de Doutorado.

MORELLI, Fábio; PEREIRA, Bruno. A pornificação do corpo masculino. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, p. 187-203, 2018.

MORGANTE, Mirela Marin. Identidade masculina e agressividade: limites para o enfrentamento da violência de gênero. **Ars Historica**, n. 9, p. 8, 2014.

MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOTT, L. **Matei porque odeio gay**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

MOTTA, Alda Britto. O final da vida no século XXI. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n. 2, p. 9-25, 2012.

MOURA, Luzia Menegotto Frick et al. Exclusão Digital em processos de Transformação Digital: uma revisão sistemática de literatura. **Gestão. Org**, v. 18, n. 2, p. 198-213, 2020.

NASCIMENTO, T. F.; COSTA, B. P. As vivências travestis e transexuais no espaço dos terreiros de cultos afrobrasileiros e de matriz africana. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 38, pp.181-204, jul./dez. de 2015.

NEGREIROS, T. C. G. M. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **Alceu**, v. 5, n. 9, p. 77-86, 2004.

NETO, Emilio Antonio. Teorias biológicas do envelhecimento. FREITAS, EV et al. Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

NETTO, M. P. História da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e temas básicos. IN FREITAS, E. V. et al. (Eds.), **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.1-12, 2002.

NÓBREGA, P. R. C. **Geografia do envelhecimento**: algumas questões para o debate - 1ªED. Editora: CRV. 230p. 2020.

NOGUEIRA, Silas. Poder, cultura e hegemonia: elementos para uma discussão. **Revista Extraprensa**, v. 3, n. 2, p. 1-10, 2013.

NUNES, Diego Miranda; COSTA, Benhur Pinós; SILVA, Susana Maria Veleda. O ciberespaço e a geografia: notas iniciais sobre homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo tinder em Rio Grande-RS. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 199-215, 2020.

OLIVEIRA, Daniel Vicentini et al. Fatores associados a prática de atividade física em idosos usuários de academia da terceira idade de Maringá-PR. **Saúde (Santa Maria)**, 2017.

OLIVEIRA, Francine Morales et al. A percepção de adolescentes sobre o envelhecimento velhice e o ser idoso. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. e162111335150-e162111335150, 2022.

OLIVEIRA LOPES, Pablo. HIV e AIDS, passado e presente: os gays como representação social da doença. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 50122-50134, 2021.

OLIVEIRA, S.A.P. **O jovem frente à velhice e ao envelhecimento**. Um estudo realizado com alunos de 15 a 18 anos de escola pública na região Itaim Paulista, São Paulo. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

ORNAT, M. J. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 41-56, jan./jun., 2008a.

ORNAT, M. J. Entre territórios e redes geográficas: considerações sobre a prostituição travesti no Brasil meridional. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 89-101, jan./jul. 2009.

OSWIN, N. Geografias críticas e os usos da sexualidade: desconstruindo o espaço queer. **Progresso na Geografia Humana**, Salvador, pp. 32:89–103, 2008.

PAIVA, Wanderléia Consolação. Os sentidos do envelhecer: Memórias e identidades de idosas. **Universidade de São João Del-Rei. Departamento de Psicologia. Programa de Pósgraduação em Psicologia. São João Del-Rei**, 2011.

PASSAMANI, Guilherme. “É ajuda, não é prostituição”. Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Cadernos PAGU**, 2017.

PAULA, Marcos Ferreira de. Os idosos do nosso tempo e a impossibilidade da sabedoria no capitalismo atual. **Serviço Social & Sociedade**, p. 262-280, 2016.

PAULINO, Luciana Fernandes; SIQUEIRA, Vilma Ferreira. Discursos e relações de poder em materiais de educação, prevenção e promoção de saúde voltados ao público idoso. **PAULINO, LF Discursos e investimentos de poder em materiais de educação, prevenção e promoção de saúde voltados ao público idoso**, 2013.

PARKER, Richard et al. **Estigmas do HIV/Aids: novas identidades e tratamentos em permanentes sistemas de exclusão**. 2019.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História** (São Paulo), v. 24, p. 77-98, 2005.

PEIXOTO C. **Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade**. IN: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV; 1999.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O Impacto da AIDS, a Afirmação da “Cultura Gay” e a Emergência do Debate em Torno do “Masculino”–fim da homossexualidade?. **Homossexualidade**, p. 1, 2004.

PEREIRA, Severino Joaquim Nunes; AYROSA, Eduardo André Teixeira. Corpos consumidos: cultura de consumo gay carioca. **Organizações & Sociedade**, v. 19, p. 295-313, 2012.

PHILLIPS, Richard. Literaturas de Viagem e Cartografias de Sexualidade. A ‘Sotadic Zone’ de Richard Burton. **GEOGRAFIAS PÓS-COLONIAIS**, p. 71, 2007.

PIMENTA, J. R.; SARMENTO, J.; AZEVEDO, A. F. **Geografias pós-coloniais: Ensaio de Geografia Cultural**. Porto: Figueirinhas, p. 31-69, 2007.

PLATERO, Raquel. **Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada**. Barcelona. Universidad de Madrid. 2012.

POCAHY, Fernando. " Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 122-154, 2012.

POLLACK, M. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REIS, Diego Nunes. **Homens distintos: consumo, construção do corpo e identidade gay viril**. 2013. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

RIBEIRO, A. P.; PIRES, V. A. T. N. Atuação do enfermeiro da estratégia saúde da família na atenção à saúde do idoso. **Revista Enfermagem Integrada**. Ipatinga, v.4, n.2, nov./dez. 2011 [1992].

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Prostituição de rua e turismo em copacabana – a avenida atlântica e a procura de prazer. In: **Revista Território**, Jul/Dez 1997, Vol II, nº 3. p. 87-104.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.

RISCAROLI, E. Envelhecimento e Sexualidade: Perspectivas, Políticas e Desafios para os Homossexuais Masculinos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 36 - 45, jan. / jul. 2016.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Gènere, cos i sexualitat. La joventut, l'experiència i l'ús de l'espai públic urbà. **Papers: revista de sociologia**, v. 98, n. 1, p. 127-142, 2013.

RODRIGUES, Alexsandro; ROSEIRO, Steferson Zanoni; DOS SANTOS FIM, Matheus Magno. " A quem pertence esse corpo?": religião e esterilização do corpo bicha. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 7, p. 354-371, 2017.

RODRIGUES. J. C. **O corpo na História**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ROHDEN, Fabíola. " O homem é mesmo a sua testosterona": promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro. **Horizontes Antropológicos**, v. 17, p. 161-196, 2011.

ROSE, G. **Feminism & Geography: the limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, pp. 137-143, pp.150-160, 1993.

ROWLES, G. **Prisoners of space?: Exploring the geographical experience of older people**. Boulder CO: Westview Press, 1978.

ROWLES, G. D. The geography of ageing and the aged: toward an integrated perspective. **Progress in Human Geography**, vol. 10, n. 4, London, p. 511-539, 1986.

ROZENDO, Adriano; JUSTO, José Sterza; CORREA, Mariele Rodrigues. Protagonismo político e social na velhice: cenários, potências e problemáticas. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 13, n. 1, 2010.

RUDDICK, Susan. Constructing difference in public spaces: Race, class, and gender as interlocking systems. *Urban geography*, v. 17, n. 2, p. 132-151, 1996.

SAFATLE, Vladimir. Posfácio. **Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler.**

In: BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Tradução de Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS JÚNIOR, Claudio José; ROCHA, Thiago José Matos; LIMA SOARES, Valquíria. Aspectos clínicos e epidemiológicos da tuberculose em pacientes com HIV/aids. **Medicina** (Ribeirão Preto), v. 52, n. 3, p. 231-238, 2019.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2003.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, M. O conceito de Espaço na Epidemiologia das Doenças Infecciosas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.13, n.4, p.585-593, 1997.

SANTOS, Silvia Maria Azevedo; RIFIOTIS, Theophilos. **Masculinidade no envelhecimento: o caso dos homens idosos no papel de cuidadores familiares**. Salvador. Eventos DYPE. 2006.

SANTOS, Dayanna Louise Leandro dos. **Sobrevivi para contar: experiências escolares transgêneras na educação de jovens, adultos e idosos (EJAI)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SANTOS, D. K.; LAGO, M. C. S. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. **Sex., Salud Soc.** 2013, n. 15, p. 113-147.

SANTOS, Andressa Costa; PEREIRA, Alexandre Adalberto. Homossexualidades femininas e educação: uma reflexão sobre o “armário”. In: **Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207**. 2018. p. 34-43.

SANTOS, José Victor De Oliveira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. Aging and internalized homophobia among Brazilian gay elderly: A study of social representations. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, n. 1, p. 93-104, 2020.

SCHENKER, Miriam; COSTA, Daniella Harth da. Avanços e desafios da atenção à saúde da população idosa com doenças crônicas na Atenção Primária à Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1369-1380, 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos PAGU**, p. 19-54, 2007.

SEFFNER, Fernando; DUARTE, Gustavo de Oliveira. E quando não há muito mais o que guardar no armário?: homossexualidade e processos de envelhecimento. **Bagoas: revista de estudos gays**. v. 9, n. 13 (jul./dez. 2015), p. 57-82, 2015.

SEPARAVICH, Marco Antonio; CANESQUI, Ana Maria. Masculinidades e cuidados de saúde nos processos de envelhecimento e saúde-doença entre homens trabalhadores de Campinas/SP, Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 29, p. e180223, 2020.

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. HIV/Aids, os estigmas e a história. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 25, p. 311-314, 2018.

SILVA, A. A. A Reforma da Previdência Social Brasileira: entre o direito social e o mercado. **São Paulo em Perspectiva**, v.3, n. 18, pp. 16-32, 2004.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geouerj**, v.1, n.18, p. 1-18, 2008.

SILVA, C. B. D. C. A. **Qualidade de vida de idosos atendidos pelas equipes de saúde da família no Rio Grande do Sul** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geouerj**, v. 1, n. 18, p. 1-18, 2008.

SILVA, Joseli M. **Geografias Subversivas: Discursos sobre Espaço, Gênero e Sexualidades**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVA, J. M.; MENDES, E. de P. P. Desafios dos agricultores familiares nas comunidades rurais cruzeiros dos martírios e paulistas, Catalão (GO). **Formação** (Online), v. 2, n. 19, 2012. <https://doi.org/10.33081/formacao.v2i19.2098>

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMINI JR., A. B. (Orgs) **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa/PR: Todapalavra, 2016.

SILVA, J. M. **Uma análise da expansão da produção científica da geografia das sexualidades no Brasil**. IN: ROMANCINI, Sonia Regina; ROSSETTO, Onélia Carmen; NORA, Giseli Dalla (Orgs). NEER – As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em Geografia. Documento eletrônico. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. p. 537. p. 231-224.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. **Caderno Prudentino De Geografia**, v. 3, n. 41, pp. 63–77, 2019. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/640>

SILVA, Nátalye Maria Barreto et al. DESINFORMAÇÃO POR PARTE DOS IDOSOS SOBRE AS FORMAS DE CONTAMINAÇÃO DO HIV: UMA REVISÃO DE LITERATURA. In: **Anais do Congresso de Geriatria e Gerontologia do UNIFACIG**. 2020.

SILVA JUNIOR, Jose Aelson. **Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais**. Universidade Federal de Minas Gerais. 2018. Tese de Doutorado.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GeoUERJ**, v. 18, n. 1, p. 1-18, 2008.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, 2003.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. 2009.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**, p. 119-138, 2011.

SIMÕES, Júlio Assis. Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de HIV-Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 313-339, 2018.

SOJA, E. W. **Thirdspace**: Ampliando o alcance da imaginação geográfica, London, Letters, 1999.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOLLA, X. M. S. Espacios disidentes en los procesos de ordenación territorial. **Doc. Anàl. Geogr.** n. 40, p. 69-104, 2002.

SKINNER, M.W.; CLOUTIER, D.; ANDRWES, G. J. Geografias do envelhecimento: progresso e possibilidades após duas décadas de mudança. **Progress in Human Geography**, v. 6, n. 39, pp. 776-799, 2015. <https://doi.org/10.1177/0309132514558444>.

SOUSA, Patrício Pereira Alves de. Ensaio a corporeidade: corpo e espaço como fundamentos da identidade. **Geografares**, n.7, p. 35-50, 2009.

SOUSA, Leila Lima. SOB O PRISMA DA SEMIÓTICA DA CULTURA: CORPO, RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE EM SEMIOSES COTIDIANAS. **TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA** (ISSN: 2358-212X), v. 9, n. 1, 2020.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Carlos Dornels Freire de. **Hanseníase e determinantes sociais da saúde**: Uma abordagem a partir de métodos quantitativos- Bahia, 2001-2015. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Pública)- Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2018.

THIAGO, Cristiane da Costa; RUSSO, Jane Araujo; CAMARGO JÚNIOR, Kenneth Rochel de. Hormônios, sexualidade e envelhecimento masculino: um estudo de imagens em websites. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 37-50, 2016.

TONINI, Ivaine Maria. Notas sobre imagens para ensinar geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 3, n. 6, p. 177-191, 2013.

TORRES, Marco Antônio; PRADO, Marco Aurélio. Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders. **Educação & Realidade**, v. 39, p. 201-220, 2014.

TORRES, Marco Antônio. Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas. **Revista de Estudos da Religião**, v. 1, p. 142-152, 2006.

TORRES, Tatiana de Lucena; CAMARGO, Brígido Vizeu; BOUSFIELD, Andréa Barbará S. Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, p. 209-218, 2016.

TÓTORA, Silvana. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 11, n. 1, 2008.

TREVISAN, J. **Devassos No Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VALENTINE, G. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday space. **Environment and Planning D: society and space**, v. 11, n. 4, p.395-413, 1993.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WARNES, A.M. Para uma contribuição geográfica para a gerontologia. **Progress in Human Geography**, v. 5, n.3, Los Angeles, [online], pp. 317–341. 1981. <https://doi.org/10.1177/030913258100500301>

WARNES, A.M. (ed.), **Perspectivas Geográficas sobre os Idosos**, Wiley, Chichester, 1982.

WEIGHTMAN, Barbara. Commentary: Towards A Geography of the Gay Community. **Journal of Cultural Geography**, v. 1, n. 2, p. 106-112, 1981.

ZELINSKY, W. **A prologue to population geography**. Englewood Cliffs: Prentice Hall Inc. 1966.

ANEXO A - PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS COM TEMÁTICAS SOBRE VELHO EM PERIÓDICOS BRASILEIROS ENTRE 1939-2020

ANO	AUTOR	TÍTULO
1953	PETRONE, PASQUALE	AS INDÚSTRIAS PAULISTANAS E OS FATORES DE SUA EXPANSÃO
1955	PETRONE, PASQUALE	CRATO, "CAPITAL" DA REGIÃO DO CARIRÍ
1955	DEFFONTAINES, PIERRE	MEDITERRÂNEO AMERICANO E MEDITERRÂNEO EUROPEU
1956	AB'SABER, AZIZ NACIB	DEPRESSÕES PERIFÉRICAS E DEPRESSÕES SEMIÁRIDAS NO NORDESTE DO BRASIL
1959	SANTOS, MILTON	A CULTURA DO CACAU NA COSTA DO MARFIM
1959	TABUTEAU, MICHEL	A CIRCULAÇÃO URBANA
1967	PETRONE, PASQUALE	O PROBLEMA RODESIANO
1978	GONÇALVES, CARLOS WALTER PORTO	A GEOGRAFIA ESTÁ EM CRISE. VIVA A GEOGRAFIA!
1982	SANTOS, MILTON	PARA QUE A GEOGRAFIA MUDE SEM FICAR NA MESMA COISA
1983	STIER, KUMAGAE KASUKUO	JATAIZINHO: AS OLARIAS E CERÂMICAS NA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO
1985	RUELLAN, ALAIN	A HISTÓRIA DOS SOLOS: ALGUNS PROBLEMAS DE DEFINIÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO
1986	MESQUITA, ZILÁ	RS: ECONOMIA E CONFLITOS POLÍTICOS DA REPÚBLICA VELHA
1986	SÉRGIO PAULO DO CARMO ALVES	MOVIMENTOS MIGRACIONAIS EM RONDÔNIA ATÉ 1982
1987	FAISSOL, SPERIDIÃO	A GEOGRAFIA NA DÉCADA DE 80; OS VELHOS DILEMAS E AS NOVAS SOLUÇÕES
1987	JÚNIOR, CACILDO DA COSTA MENDES; ZIBORDI, ANTONIO FRANCISCO GUERREIRO	A OCUPAÇÃO DAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL JUNTO À BR-158, ESTRADA DO PINHAL VELHO E VIA FÉRREA (SANTA MARIA-PORTO ALEGRE)
1990	FIRKOWSKI, OLGA LÚCIA C. DE F.	A NOVA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO E O SURGIMENTO DOS NIC'S (NEWLY INDUSTRIALIZING COUNTRIES)
1991	MARQUES, MOACYR	ASSAÍ E O NORTE VELHO: UMA ANÁLISE DE POSIÇÃO
1992	RITA FILOMENA ANDRADE JANUÁRIO BETTINI	DE DESCARTES A FORD: UMA EXPLICAÇÃO DA RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO
1993	VIANNA, PEDRO COSTA GUEDES	A NOVA VELHA ORDEM MUNDIAL
1994	ANDRADE, MARGARIDA MARIA DE	BRÁS, MOÓCA E BELENZINHO - "BAIRROS ITALIANOS" NA SÃO PAULO ALÉM-TAMANDUATEÍ
1995	SILVA, MARIA JOSÉ MARTINELLI	A DESTRUIÇÃO DE VELHAS FORMAS/VELHOS USOS E A PRODUÇÃO DE NOVAS FORMAS/NOVOS USOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO PARQUE DO POVO EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP
1995	STROHAECKER, TÂNIA MARQUES	PROJETO HUMAITÁ-NAVEGANTES: O RESGATE DA CIDADANIA
1996	RÜCKERT, ALDOMAR ARNALDO	A CONSTRUÇÃO TARDIA DO TERRITÓRIO NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL – O CASO DO ANTIGO MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO.
1996	ROBERT KURZ	A TERCEIRA FORÇA: FIM E INÍCIO DA NEUTRALIDADE
1997	ADORNO, LÚCIO FLÁVIO M.	A ABORDAGEM GEOPOLÍTICA NO FINAL DO SÉCULO XX: NOVOS E VELHOS PARADIGMAS
1997	CARVALHO, MÁRCIA SIQUEIRA DE	GEOGRAFIA E IMAGINÁRIO NA IDADE MÉDIA
1997	MOURA, ROSICLEIDE ALVES	REMANSO: THE COEXISTENCE OF TIME/SPACE
1998	OSORIO, HÉCTOR HERNÁN GONZÁLEZ	O VELHO E O NOVO NA QUESTÃO SOCIAL: NOTAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO
1999	MONTEIRO, CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO	NA ENCRUZILHADA DA CRISE GLOBAL: VELHOS CAMINHOS E NOVAS TRILHAS PARA A GEOGRAFIA NO BRASIL AO INÍCIO DO SÉCULO XXI
1999	OLIVEIRA, JOSÉ ALDEMIR DE	AS CIDADES DA AMAZÔNIA: NOVAS TERRITORIALIDADES E VELHAS EXCLUSÕES REENCONTRADAS
1999	BÔGUS, LÚCIA MARIA MACHADO; TASCHNER, SUZANA PASTERNAK	SÃO PAULO, VELHAS DESIGUALDADES, NOVAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS
2000	GELPI, ADRIANA; SCHNOR, JANEMARY COSTA	GESTÃO MUNICIPAL EM CANDIOTA –NOVOS AGENTES PARA UMA VELHA REGIÃO
2000	FERNANDES, JULIETA CRISTINA	URBANISMO E ENVELHECIMENTO - ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE UBERLÂNDIA (MG)
2000	PASSOS, MESSIAS MODESTO DOS	BRASIL 438 DC
2001	MAIO, ANGÉLICA CARVALHO DI	FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O ENSINO DE CARTOGRAFIA: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

2001	GUIMARÃES, RAUL BORGES	SAÚDE URBANA: VELHO TEMA, NOVAS QUESTÕES
2001	NOGUEIRA, RICARDO JOSÉ BATISTA	ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A AMAZÔNIA COMO "FRONTEIRA"
2001	SANTOS, EULÁLIA MARIA A. MORAIS DOS	VIAGEM PHILOSOPHICA: A ESQUECIDA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA A AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII
2001	FERREIRA, FREDERICO POLEY MARTINS	EVOLUÇÃO URBANA E DEMOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO EM BELO HORIZONTE
2001	TORRES, HAROLDO DA GAMA; MARQUES, EDUARDO CESAR	REFLEXÕES SOBRE A HIPERPERIFERIA: NOVAS E VELHAS FACES DA POBREZA NO ENTORNO MUNICIPAL
2002	NUNES, JORGE LUÍS RAMOS; MEDEIROS, RENATO DA LUZ	GLOBALIZAÇÃO E ESTRUTURA TERRITORIAL
2003	CASTRO, INÁ ELIAS DE	INSTITUIÇÕES E CIDADANIA NO TERRITÓRIO NORDESTE
2003	ALMEIDA, ROBERTO SCHMIDT DE	A ESTRUTURAÇÃO DA TECNOBUCROCRACIA DO PLANEJAMENTO TERRITORIAL NO BRASIL
2004	ANTONELLO, IDENI TEREZINHA	ASCENSÃO DO "PROFISSIONAL AGRÍCOLA" NO ESPAÇO RURAL FRANCÊS
2004	GOMES, MARIA DO CARMO ANDRADE	VELHOS MAPAS, NOVAS LEITURAS: REVISITANDO A HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA
2004	MELAZZO, EVERALDO SANTOS	PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE EXCLUSÃO SOCIAL: ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE VELHAS E NOVAS DESIGUALDADES
2005	FILHO, JOSÉ VIEIRA CAMELO	A DINÂMICA POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL DO RIO SÃO FRANCISCO E DO SEU VALE
2005	SHANIN, TEODOR	A DEFINIÇÃO DE CAMPONÊS: CONCEITUAÇÕES E DESCONCEITUAÇÕES – O VELHO E O NOVO EM UMA DISCUSSÃO MARXISTA
2005	SOUZA, BARTOLOMEU ISRAEL DE; SUERTEGARAY, DIRCE MARIA ANTUNES	CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE SOBRE TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO E AS PROVÁVEIS CONSEQUÊNCIAS EM RELAÇÃO A DESERTIFICAÇÃO NOS CRISIS VELHOS (PB)
2005	MONBEIG, PIERRE	ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO CRESCIMENTO DA CIDADE DE SÃO PAULO
2005	ALFONSIN, BETÂNIA DE MORAES	DEPOIS DO ESTATUTO DA CIDADE: ORDEM JURÍDICA E POLÍTICA URBANA EM DISPUTA, PORTO ALEGRE E O URBANIZADOR SOCIAL
2005	HEINONEN, NOORA	A CIDADE ALTA EM ALTA? CIRCUITOS E CENÁRIOS DAS DINÂMICAS COMERCIAIS DO CENTRO VELHO DE SALVADOR
2006	HORTA, CÉLIO AUGUSTO DA CUNHA	GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA: VELHAS E NOVAS CONVERGÊNCIAS
2006	DRUMOND, FLÁVIO NASSER; BACELLAR, LUÍS DE ALMEIDA PRADO	CARACTERIZAÇÃO HIDROSEDIMENTOLÓGICA E DOS PROCESSOS EVOLUTIVOS DE VOÇOROCAS EM ÁREAS DE ROCHAS GINÁISSICAS DO ALTO RIO DAS VELHAS (MG)
2006	FERNANDES, JOSÉ ALBERTO RIO	O PLANEJAMENTO URBANO E A COESÃO SOCIAL: A PERSPECTIVA EUROPEIA E O CASO DE PORTUGAL
2006	BINSZTOK, JACOB	AGRICULTURA FAMILIAR NA AMAZÔNIA: O CONTEXTO DA CAFEICULTURA NO CENTRO DE RONDÔNIA
2006	ARAÚJO, MARCELO DA SILVA	ESTILOS E COMPORTAMENTOS JUVENIS: CULTURA, ESPAÇO URBANO E SOCIABILIDADES
2007	SALGADO, ANDRÉ AUGUSTO RODRIGUES; VARAJÃO, CÉSAR AUGUSTO CHICARINO; COLIN, FABRICE; BRAUCHER, RÉGIS; VARAJÃO, ANGÉLICA FORTES DRUMMOND CHICARINO; JÚNIOR, HERMÍNIO ARIAS NALINI; CHEREM, LUIS FELIPE SOARES; MARRENT, BRENDO RIBEIRO; BRINDUSA, CRISTINA BUDEI	ESTIMATIVA DAS TAXAS DE EROSIÃO DAS TERRAS ALTAS DA BACIA DO RIO DAS VELHAS NO QUADRILÁTERO FERRÍFERO: IMPLICAÇÕES PARA A EVOLUÇÃO DO RELEVO.
2007	BRUSCHINI, MARIA CRISTINA ARANHA	TRABALHO E GÊNERO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS
2007	SOUZA, RIDELSON FARIAS DE; BARBOSA, MARX PRESTES; JÚNIOR, SEVERINO PEREIRA DE SOUSA; GUIMARÃES, CARLOS LAMARQUE	ESTUDO DE DEGRADAÇÃO DAS TERRAS DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO CARIRI – ESTADO DA PARAÍBA
2007	SANTOS, ARIÓVALDO DE OLIVEIRA	A NOVA FACE DA VELHA BARBÁRIE

2007	OLIVEIRA, JULLY GABRIELA RETZLAF DE; STIPP, NILZA APARECIDA FRERES	EFEITO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, POTENCIAIS E IMPACTOS: O CASO DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA (PR)
2007	QUEIROZ, PAULO ROBERTO CIMÓ	REVISITANDO UM VELHO MODELO: CONTRIBUIÇÕES PARA UM DEBATE AINDA ATUAL SOBRE A HISTÓRIA ECONÔMICA DE MATO GROSSO/ MATO GROSSO DO SUL*
2007	VAINER, CARLOS B.	PLANEJAMENTO TERRITORIAL DE PROJETO NACIONAL: OS DESAFIOS DA FRAGMENTAÇÃO
2007	SOUZA, FÁBIO CHAVEIRO DE; ALMEIDA, MARIA GERALDA DE	POR UMA LEITURA GEOGRÁFICA DO FAZER E DO COMER, NO CAMPO E NA CIDADE, EM GOIÁS
2007	VARGAS, HÉCTOR MENDOZA; GARCIA, JOÃO CARLOS	A HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA NOS PAÍSES IBERO-AMERICANOS
2008	FONSECA, VALTER MACHADO DA; BRAGA, SANDRA RODRIGUES	PARA ALÉM DA GEOPOLÍTICA DO ETANOL – NOVOS DISCURSOS E VELHAS PRÁTICAS DO SETOR CANAVIEIRO NO BRASIL
2008	SANTOS, CLIBSON ALVES DOS; SOBREIRA, FREDERICO GARCIA	ANÁLISE DA FRAGILIDADE E VULNERABILIDADE NATURAL DOS TERRENOS AOS PROCESSOS EROSIVOS COMO BASE PARA O ORDENAMENTO TERRITORIAL: O CASO DAS BACIAS DO Córrego Carioca, Córrego do Baçõ e Ribeirão Carioca na REIGÃO DO ALTO RIO DAS VELHAS –MG
2008	BACCARIN, JOSÉ GIACOMO	VELHOS E NOVOS INGREDIENTES DA QUESTÃO ALIMENTAR NO BRASIL
2008	SANTOS, JANETE VALÉRIA DOS; FACCIO, NEIDE BARROCA	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: UM EXEMPLAR DE TERRITÓRIO(S)
2008	SARAIVA, ADRIANA LOPES; SILVA, JOSUÉ DA COSTA	ESPACIALIDADE DAS FESTAS RELIGIOSAS EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DE PORTO VELHO, RONDÔNIA
2008	SANTOS, JANDUHY PEREIRA DOS	CULÍCIDEOS ENCONTRADOS EM ÁREAS PRÓXIMAS A PISCINA VELHA DO PARQUE NACIONAL DE BRASÍLIA (DF)
2008	SOUSA, ADRIANO AMARO DE	A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO OESTE PAULISTA:
2008	SANTOS, GISELE BARBOSA DOS; JÚNIOR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES; CHEREM, LUIS FELIPE SOARES	NÍVEIS E SEQUÊNCIAS DEPOSICIONAIS FLUVIAIS NO VALE DO ALTO RIO DAS VELHAS – QUADRILÁTERO FERRÍFERO/MG
2008	SILVA, ANA PAULA FERREIRA FROTA DA; BENTES-GAMA, MICHELLINY DE MATTOS	FITOSSOCIOLOGIA DE UMA FLORESTA OMBRÓFILA ABERTA EM ÁREA DE ASSENTAMENTO RURAL NO DISTRITO DE JACI PARANÁ, PORTO VELHO, RONDÔNIA
2008	BRAND, PETER CHARLES	A GLOBALIZAÇÃO LIBERAL E A ESCALA URBANA: PERSPECTIVAS LATINO- AMERICANAS
2008	LOBINO, CAMILLA; VITORINO, IGOR; FILGUEIRAS, MÁRCIO	O DISCURSO DA SUSTENTABILIDADE E AS PRÁTICAS DE RE-ORDENAMENTO DO ESPAÇO NA GRANDE VITÓRIA/ES
2008	NETA, OLÍVIA MORAIS DE MEDEIROS	SER(TÃO) SERIDÓ EM SUAS CARTOGRAFIAS ESPACIAIS
2009	SANTOS, GISELE BARBOSA DOS; JÚNIOR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES; CHEREM, LUIS FELIPE SOARES	NÍVEIS DE TERRAÇOS FLUVIAIS E DEPÓSITOS SEDIMENTARES CORRELATIVOS NO ALTO VALE DO RIO DAS VELHAS, QUADRILÁTERO FERRÍFERO, MG
2009	PEREIRA, RONILDO ALCÂNTARA	TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL NOS CARIRIS VELHOS: UMA ALTERNATIVA À MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA NO SEMI-ÁRIDO
2009	CAVALCANTE, EIDER	SOCIEDADE E A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. ENSAIOS ANALÍTICOS E PROPOSITIVOS
2009	ASSIS, LENILTON FRANCISCO DE	DO TERRITÓRIO USADO À MULTITERRITORIALIDADE: REFLEXÕES SOBRE O LAZER E O TURISMO EM SEGUNDAS RESIDÊNCIAS NO NORDESTE BRASILEIRO
2009	MIZRAHI, VERA NAZIRA	RELAÇÕES SOCIEDADE-NATUREZA NA FAVELA DA ROCINHA: CONSTRUINDO A SAÚDE DO AMBIENTE
2009	CENTELHAS, JOÃO PAULO RABELLO DE CASTRO	O "VELHO MODERNO" E "NOVO ARCAICO": A RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA SOB O PRISMA MULTIDIMENSIONAL DA GEOGRAFIA
2009	SOUZA, BARTOLOMEU ISRAEL; SUERTEGARAY, DIRCE MARIA ANTUNES; LIMA, EDUARDO RODRIGUES VIANA DE	DESERTIFICAÇÃO E SEUS EFEITOS NA VEGETAÇÃO E SOLOS DO CARIRI PARAIBANO
2009	ARAÚJO, MARIA VALDIRENE; COSTA, SIDINEYDE SOARES DE LIMA E; PORTELA, JOÃO	ANÁLISE GEOAMBIENTAL DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) DO ESTUÁRIO DO RIO CEARÁ – CEARÁ – BRASIL

	PAULO; CRUZ, PATRÍCIA SILVA DA	
2009	MIRANDA, LÍVIA IZABEL BEZERRA DE	PLANEJAMENTO EM ÁREAS DE TRANSIÇÃO RURAL-URBANA: VELHAS NOVIDADES EM NOVOS TERRITÓRIOS
2009	GONDIM, LINDA M. P.	A FAVELADEPOIS DO ESTATUTO DA CIDADE: NOVOS E VELHOS DILEMAS À LUZ DO CASO DO POÇO DA DRAGA (FORTALEZA-CE)
2009	SÁ, ALCINDO JOSÉ DE; ALBANO, GLEYDSON PINHEIRO	REFLETINDO SOBRE AS GEOPOLÍTICAS MUNDIAIS E A APROPRIAÇÃO DOS RECURSOS DA AMAZÔNIA
2009	FILHO, ERNESTO SILVA; TELES, LUCIANA SÁ; SANTOS, LUIZ ALVES	OCORRÊNCIAS DE FOCOS DE CALOR NO ESTADO DE RONDÔNIA EM 2007
2009	BAZOTTI, ANGELITA; NAZARENO, LOUISE RONCONI DE; CINTRA, ANAEL PINHEIRO DE ULHÔA	UM ENSAIO SOBRE AS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS PARANAENSES A PARTIR DAS PNADS 1992, 1998, 2005 E 2007
2009	MENDES, JAIME NOGUEIRA; FERREIRA, MARCOS CÉSAR	TURISMO, MASSIFICAÇÃO E ALIENAÇÃO: A COMPREENSÃO DE UM PROCESSO SUCESSIONAL
2010	LIMA, MARCOS CASTRO DE	AMAZÔNIA OCIDENTAL E GEOGRAFIA: REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS E BR319 – TERRITÓRIO E MEIO AMBIENTE
2010	LANA, CLAUDIO EDUARDO; CASTRO, PAULO DE TARSO AMORIM	VARIABILIDADE MORFOLÓGICA EM NÍVEIS DE BASE DO RIO MARACUJÁ (QUADRILÁTERO FERRÍFERO – MG): INFLUÊNCIAS LITOLÓGICAS, ESTRUTURAIS E DE REATIVAÇÕES CENOZÓICAS
2010	HAUCK, PEDRO; PASSOS, EVERTON	A PAISAGEM DA VILA VELHA E O SEU SIGNIFICADO PARA A TEORIA DOS REFÚGIOS E EVOLUÇÃO DO DOMÍNIO MORFOCLIMÁTICO DOS PLANALTOS DAS ARAUCÁRIAS
2010	MOURA, NEIDE; BAHL, MIGUEL	PLANEJAMENTO URBANO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO BAIRRO CAPELA VELHA, ARAUCARIA/PR
2010	VITTE, ANTONIO CARLOS; SILVEIRA, ROBERISON WITTGEINSTEIN DIAS DA	KANT, GOETHE E ALEXANDER HUMBOLDT: ESTÉTICA E PAISAGEM NA GÊNESE DA GEOGRAFIA FÍSICA MODERNA
2010	FILHO, ELIOMAR PEREIRA DA SILVA; COTTAS, LUIZ ROBERTO; MARINI, GIOVANNI BRUNO SOUTO	AVALIAÇÃO DA COMPACTAÇÃO DOS SOLOS EM ÁREAS DE PASTAGENS E FLORESTAS EM PORTO VELHO – RONDÔNIA
2010	GOMES, MARIA TERESINHA SERAFIM	REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA EM CIDADES MÉDIAS: UMA ANÁLISE DAS EMPRESAS INDUSTRIAIS DO OESTE PAULISTA
2010	JÚNIOR, EDILSON ALVES PEREIRA	VELHOS MODELOS PRODUTIVOS E REESTRUTURAÇÃO FORDISTA NA INDÚSTRIA, NO BAIXO JAGUARIBE, CEARÁ
2010	SOUZA, LUCAS BARBOSA E	NOVAS CIDADES, VELHAS QUERELAS: EPISÓDIOS PLUVIAIS E SEUS IMPACTOS NA ÁREA URBANA DE PALMAS (TO), PRIMAVERA-VERÃO 2009/2010
2010	CALVENTE, MARIA DEL CARMEN MATILDE HUERTAS; FUSCALDO, WLADIMIR CESAR	A RELAÇÃO ENTRE O EXCURSIONISMO RURAL E A EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL
2010	BEZERRA, RICARDO BRAZ; TRINDADE, AVENILDSON GOMES	CARACTERIZAÇÃO DE PARÂMETROS PLUVIOMÉTRICOS, TÉRMICOS DO BALANÇO HÍDRICO CLIMATOLÓGICO E DESMATAMENTO DE PORTO VELHO – RO
2010	SANTOS, SALEM LEANDRO MOURA DOS; FERREIRA, MARIA MADALENA	AVALIAÇÃO DAS VERTENTES DA BIA DO IGARAPÉ BELMONT, PORTO VELHO – RO
2010	RODRIGUES, GELZE SERRAT SOUZA CAMPOS	A ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DE PROCESSOS DE LICENCIAMENTO AMBIENTAL NO ESTADO DE MINAS GERAIS: CONFLITOS ENTRE VELHOS E NOVOS PARADIGMAS.
2010	CALVENTE, MARIA DEL CARMEN MATILDE HUERTAS	O TURISMO RURAL – INFORMAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE AS INSTITUIÇÕES E REGULAÇÃO NAS DIVERSAS ESCALAS
2010	HORTA, CÉLIO AUGUSTO DA CUNHA	DESENVOLVIMENTO AUTÔNOMO E SOBERANIA DOS POVOS E PAÍSES LATINO-AMERICANOS: UMA VELHA UTOPIA EM CURSO?
2010	SILVA, RITA DE CASSIA DA	O VELHO E O NOVO SINDICALISMO E A FOMENTAÇÃO DO SINDICATO ESTADUAL DO PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (SEPE)
2010	TORRES, ROZALIA BRANDÃO; CAPRARA, BERNARDETE SCHIAVO	OS PAPEIS DOS AGENTES ECONÔMICOS, POLÍTICOS E RELIGIOSOS NA EVOLUÇÃO URBANA DE BENTO GONCALVES
2010	BARBOSA, TÚLIO	ENSINO DE GEOGRAFIA: NOVOS E VELHOS DESAFIOS
2010	ARAÚJO, MARCOS ANTÔNIO ALVES DE	CAICÓ/RN EM PAPEL E TINTA: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NO JORNAL A FOLHA (1954-1958)
2010	COSTA, EDUINO RODRIGUES DA; SARTORI, MARIA DA GRAÇA	ANÁLISE DO CONFORTO TÉRMICO DO PARQUE ITAIMBÉ-SANTA MARIA/RS SOB CONDIÇÕES ATMOSFÉRICAS DE DOMÍNIO DA MASSA POLAR VELHA EM SITUAÇÃO SAZONAL DE PRIMAVERA.

	BARROS; FANTINI, VANESSA	
2011	BORGES, PAULO HUMBERTO PORTO	TERRA E MEMÓRIA: OS TERRITÓRIOS GUARANI NO OESTE DO PARANÁ.
2011	CHEREM, LUIS FELIPE SOARES; JÚNIOR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES; FARIA, SÉRGIO DONIZETE	ANÁLISE E COMPARTIMENTAÇÃO MORFOMÉTRICA DA BACIA HIDROGRÁFICA DO ALTO RIO DAS VELHAS – REGIÃO CENTRAL DE MINAS GERAIS
2011	MIRANDA, DANIELA JANAÍNA PEREIRA; TEIXEIRA, SALETE KOZEL	AGROECOLOGIA, SABERES LOCAIS E GEOGRAFIA CULTURAL: REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO TERRITÓRIO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO GEOGRAFIZADAS PELA PROPOSTA EDUCACIONAL DA CASA FAMILIAR RURAL DE PE. HARUO SASAKI NO MUNICÍPIO DE SAPOPEMA (PR)
2011	NETO, SEBASTIÃO PINHEIRO GONÇALVES DE CERQUEIRA	TEORIA E CONCEITOS APLICADOS NO ESTUDO DO EXTREMO SUL DA BAHIA
2011	VIEIRA, ALEXANDRE BERGAMIN	CIDADES MÉDIAS: DIMENSÃO POLÍTICA DA LEITURA ECONÔMICA
2011	ANDREOTTI, GIULIANA	AMAZONIA EMOZIONAL E. PORTO VELHO
2011	LUZ, LEANDRO DOMINGOS; HAHN, FÁBIO ANDRÉ	NOVA TEBAS: TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES
2011	VANDERLINDE, TARCÍSIO; VANDERLINDE, JULIANE	MÍSTICAS E RESISTÊNCIA NA FRONTEIRA
2011	LOPES, FREDERICO W. A.; JR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES	AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DAS ÁGUAS PARA RECREAÇÃO DE CONTATO PRIMÁRIO NA BACIA DO ALTO RIO DAS VELHAS, MG
2011	ALENTEJANO, PAULO	QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL DO SÉCULO XXI : UMA ABORDAGEM A PARTIR DA GEOGRAFIA
2011	BEZERRA, RICARDO BRAZ; DANTAS, RENILSON TARGINO; TRINDADE, AVENILDSON GOMES	CARACTERIZAÇÃO TEMPORAL DA PRECIPITAÇÃO PLUVIAL DO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO/RO NO PERÍODO DE 1945 A 2003
2011	SILVA, JOSUÉ DA COSTA; SANTOS, SHEILA CASTRO DOS; SILVA, ADNILSON DE ALMEIDA	PLANEJAMENTO E PLANO DIRETOR DE PORTO VELHO
2011	COSTA, EDGAR APARECIDO	TERENOS – ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL: UM PRODUTO DE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES NO CORAÇÃO DO CERRADO BRASILEIRO
2011	PORTUGUEZ, ANDERSON PEREIRA; OLIVEIRA, RAFAEL GUMIEIRO	OS (DES)CAMINHOS DO PLANEJAMENTO MUNICIPAL DO TURISMO: O CASO DA REVITALIZAÇÃO DO SÍTIO HISTÓRICO DE VILA VELHA (ES - BRASIL)
2011	CARVALHO, JOSÉ RIBAMAR MARQUES DE; CURI, WILSON FADLO; CARVALHO, ENYEDJA KERLLY MARTINS DE ARAÚJO; CURI, ROSIRES CATÃO	PROPOSTA E VALIDAÇÃO DE INDICADORES HIDROAMBIENTAIS PARA BACIAS HIDROGRÁFICAS: ESTUDO DE CASO NA SUB-BACIA DO ALTO CURSO DO RIO PARAÍBA, PB
2011	ANDRADE, APARECIDO RIBEIRO; COPQUE, BARBARA VERONEZE	OS ELEMENTOS CLIMÁTICOS E SUA INTERAÇÃO COM A ATIVIDADE TURÍSTICA DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA-PR
2011	VIDAL, LISANE REGINA; MIORIN, VERA MARIA FAVILA	DINÂMICA DAS ESPACIALIDADES RURAIS EM TERRITÓRIOS COLONIAIS
2011	SOUZA, BARTOLOMEU ISRAEL DE; SUERTEGARAY, DIRCE MARIA ANTUNES; LIMA, EDUARDO RODRIGUES VIANA DE	EVOLUÇÃO DA DESERTIFICAÇÃO NO CARIRI PARAIBANO A PARTIR DA ANÁLISE DAS MODIFICAÇÕES NA VEGETAÇÃO
2011	PEREIRA, MIRLEI FACHINI VICENTE	ESPAÇO URBANO E ECONOMIA POBRE NO SUDOESTE DA AMAZÔNIA: O CIRCUITO INFERIOR NA ÁREA CENTRAL DE PORTO VELHO-RO E RIO BRANCO-AC
2011	SUELLEN SILVA PEREIRA	REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO E OS RECURSOS ADOTADOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: A UTILIZAÇÃO DE MÚSICAS EM SALA DE AULA POR PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE, PB
2012	SILVA, VALÉRIA FERREIRA DA	SOB A PERSPECTIVA DO NOVO: UM OLHAR SOBRE A DINÂMICA INTRAURBANA DE DOURADOS-MS E SEU PROCESSO DE URBANIZAÇÃO
2012	VASCONCELOS, VITOR VIEIRA; STEINER, FREDERICH ANTUNES	MINERAÇÃO DE AREIA DE ENCOSTA NA REGIÃO NORTE DE MINAS GERAIS: CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICO-AMBIENTAL E MAPEAMENTO LITOESTRATIGRÁFICO POR KRIGGAGEM
2012	JOVIANO, CARLOS VITÓRIO MARTINS	POSSEIROS E GRILEIROS NA FRENTE DE EXPANSÃO DA COLONIZAÇÃO DE DRACENA – SP / SQUATTERS AND LAND GRABBERS IN THE FRONT OF THE COLONIZATION EXPANSION OF DRACENA - SP

2012	ALMEIDA, ANDRESSA CRISTIANE COLVARA; TEIXEIRA, JOÃO BATISTA FLORES; SILVA, SUSANA MARIA VELEDA DA	TRABALHO E MORADIA: O CASO DAS ÁREAS DE EXPANSÃO PORTUÁRIA DO PORTO DO RIO GRANDE- RS
2012	VERVLOET, ROBERTO JOSÉ HEZER MOREIRA; ROSS, JURANDYR LUCIANO SANCHES	REVISÃO DOS CONHECIMENTOS SOBRE O RELEVO DO PLANALTO ATLÂNTICO BRASILEIRO: INCÓGNITAS QUE AINDA PERSISTEM
2012	JR, GILBERTO OLIVEIRA	CENTRO DE NOVAS EXPRESSÕES SOBRE CENTRALIDADE EM CIDADES MÉDIAS: ASRESPOSTAS DO CENTRO TRADICIONAL DA REDEFINIÇÃO DO VELHO
2012	NAHUM, JOÃO SANTOS	MINERAÇÃO E CAMPESINATO NO MUNICÍPIO DE JURUTI (PA)
2012	BRANDÃO, PAULO ROBERTO BAQUEIRO	VELHAS APLICAÇÕES E NOVAS POSSIBILIDADES PARA O EMPREGO DO MÉTODO COMPARATIVO NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS
2012	NASCIMENTO, CLÁUDIA PINHEIRO; SANTOS, CARLOS; SILVA, MAURÍCIO	PORTO VELHO: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE RONDÔNIA (1980/2010)
2012	MAIA, ROSEMERE SANTOS	SOBRE PORTAS, PAREDES E AFETOS: CASA, TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE ENTRE SEGMENTOS POPULARES.
2012	GUERRA, EDGARD VIEIRA; COSTA, NAYARA DA SILVA	GEOGRAFIA BRASILEIRA: NOVAS E VELHAS LEITURAS SOBRE RATZEL
2012	ROCHA, ALESSANDRA LOPES DA; BUSCIOLI, JAICY FIDELIS IAHN; SILVA, WALTER GUEDES DA	PLANEJAMENTO REGIONAL NO CENTRO-OESTE: DA VELHA À NOVA SUDECO
2012	CORDOVIL, WILTON DIAS	O LOBO EM PELE DE OVELHA: REQUALIFICAÇÃO URBANA COMO ESTRATÉGIA DE PODER
2012	TEJAS, GRAZIELA TOSINI	ESTUDO DA VARIABILIDADE CLIMÁTICA EM PORTO VELHO/RO-BRASIL, NO PERÍODO DE 1982 A 2011
2012	RIBEIRO, MARCELA ARANTES	O RIO COMO ELEMENTO DA VIDA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS
2012	SOUZA, BARTOLOMEU ISRAEL DE; MARTINS, VITOR LEITE	INFILTRAÇÃO DE ÁGUA EM SOLOS DE ZONA SEMIÁRIDA E SUA RELAÇÃO COM OS PROCESSOS DE DESSERTIFICAÇÃO
2012	MACHADO, TALITA CABRAL; RATTIS, ALEX	TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DOS MILITANTES DO MOVIMENTO NEGRO NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA
2012	SILVA, JUNIELE MARTINS; MENDES, ESTEVANE DE PAULA PONTES	DESAFIOS DOS AGRICULTORES FAMILIARES NAS COMUNIDADES RURAIS CRUZEIROS DOS MARTÍRIOS E PAULISTAS, CATALÃO (GO)
2012	NETO, JAIME BERNARDO	MERCADO IMOBILIÁRIO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: A EXPANSÃO DOS EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS NA ORLA DE VILA VELHA/ES A PARTIR DOS ANOS OITENTA
2013	SILVA, EDENIO SEBASTIÃO FARIA; SOUZA, CÉLIA ALVES DE; LEANDRO, GUSTAVO ROBERTO DOS SANTOS; ANDRADE, LEILA NALIS PAIVA DA SILVA; GALBIATI, CARLA	EVOLUÇÃO DAS FEIÇÕES MORFOLÓGICAS DO RIO PARAGUAI NO PANTANAL DE CÁCERES - MATO GROSSO
2013	SANTOS, SALEM LEANDRO MOURA DOS; JUSTINA, ELOIZA ELENA DELLA; FERREIRA, MARIA MADALENA	MAPEAMENTO GEOMORFOLÓGICO DA BACIA DO IGARAPÉ BELMONT PORTO VELHO – RONDÔNIA
2013	LAVARINI, CHRYSTIANN; JR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES	ANÁLISE MORFOMÉTRICA DE BACIAS DE CABECEIRA COMO FERRAMENTA DE INVESTIGAÇÃO GEOMORFOLÓGICA EM MÉDIA E LARGA-ESCALA ESPACIAL
2013	CARACRISTI, MARIA DE FÁTIMA ALBUQUERQUE	UM PASSEIO NA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CULTURAIS: INVESTIGAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA
2013	HUERTAS, DANIEL MONTEIRO	FLUIDEZ TERRITORIAL NAS ÁREAS DE EXPANSÃO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA NO PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO
2013	FREDERICO, SAMUEL	MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E USO DO TERRITÓRIO: A DIALÉTICA ENTRE O NOVO E O VELHO, O INTERNO E O EXTERNO, O MERCADO E O ESTADO EM ÁREAS DE CERRADO
2013	COUTINHO, SEVERINO ALVES	DINÂMICA DE DUAS VIAS COMERCIAIS DE NOVA CRUZ – RN (DYNAMICS IN TWO-WAY TRADE OF THE CITY OF NOVA CRUZ – RN)
2013	MONASTIRSKY, LEONEL BRIZOLLA	ESTAÇÃO FERROVÁRIA: “LUGAR-DE-MEMÓRIA” DAS CIDADES BRASILEIRAS
2013	SOUZA, REGINALDO MARTINS DA SILVA DE; MANIESI, VANDERLEI	A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO E SEUS REFLEXOS NOS LUGARES: UM ESTUDO DE CASO NA ZONA RURAL DE PORTO VELHO (RO)
2013	DUARTE, PAULA ALVES; MOURA, RACHEL DE ALMEIDA	A IMAGEM DA CIDADE MARAVILHOSA NOS PRIMEIROS CARTÕES POSTAIS DA REPÚBLICA VELHA

2013	ALVES, LUCIR REINALDO; COSTA, EDUARDA PIRES VALENTE DA SILVA MARQUES DA	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO SUL DO BRASIL NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI: NOVAS DINÂMICAS, VELHAS GEOGRAFIAS EM UM PARADIGMA GLOBALIZADO
2013	COSTA, ELLEN ANJOS CAMILO DA; SCHOR, TATIANA	REDES URBANAS, ABASTECIMENTO E O CAFÉ DA MANHÃ DE IDOSAS NA CIDADE DE TEFÉ, AMAZONAS: ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DA GEOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL
2013	LÓPEZ-NÓREZ, ÁNGELES; ZUÑIGA, CAROLINA VALENZUELA	COESÃO SOCIAL E ENVELHECIMENTO DEMOGRÁFICO NA COMPETITIVIDADE DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS
2013	MOURA, THAIANE CAMPOS; NETO, ROBERTO MARQUES; OLIVEIRA, THOMÁZ ALVISI DE; REIS, ÁVINER VIANA PIFANO DOS	APLICAÇÃO DO ÍNDICE "RELAÇÃO DECLIVIDADE X EXTENSÃO DO CURSO" (RDE) NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO LOURENÇO VELHO (MG) COMO SUBSÍDIO À DETECÇÃO DE DEFORMAÇÕES NEOTECTÔNICAS
2013	PICCININ, GLEBERSON GUILLEN; BRACCINI, ALESSANDRO LUCCA; DAN, LILIAN GOMES DE MORAIS; BAZO, GABRIEL LOLI; LIMA, LUIZ HENRIQUE DA SILVA	INFLUÊNCIA DO ARMAZENAMENTO NA QUALIDADE FISIOLÓGICA DE SEMENTES DE SOJA TRATADAS COM INSETICIDAS
2013	ROZA, WILLIAN SAMUEL SANTANA DA; RIBEIRO, SELMA REGINA ARANHA	DETECÇÃO E ESTIMATIVA DE ÁREA QUEIMADA ENTRE O LIMITE DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA – PR E SUA ZONA DE AMORTECIMENTO MEDIANTE SENSORIAMENTO REMOTO
2013	ANDRADE, MARIANA BARBOSA	OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS EM ASSENTAMENTOS RURAIS EM SERGIPE: O CASO DA BARRA DA ONÇA EM POÇO REDONDO
2013	LOSEKANN, MARILSE BEATRIZ; WIZNIEWSKY, CARMEN REJANE FLORES	REPRODUÇÃO E DIREITOS SOCIAIS FRENTE AO ENVELHECIMENTO DOS CAMPONESES DO ALTO CAMAQUÃ
2013	HORNES, KARIN LINETE; FIORI, CHISATO OKA	POTENCIAL GEOMORFOLÓGICO E GEOLÓGICO PARA O GEOTURISMO NOS PARQUES ESTADUAIS DO GUARTELÁ, VILA VELHA E CERRADO
2014	SILVA, ADRIANA CARVALHO	O SUBÚRBIO CARIOCA EM DOM CASMURRO: O DIÁLOGO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA
2014	SIMÕES, WILLIAN	FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM GEOGRAFIA: REFLEXÕES E INDAGAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO INTEGRAL, ORGANIZAÇÃO CURRICULAR POR ÁREAS DO CONHECIMENTO E DIVERSIDADE
2014	BARTOLY, FLAVIO SAMPAIO	NOVAS CONSTRUÇÕES, NOVAS OCUPAÇÕES E NOVOS DESABAMENTOS: A VELHA "MALANDRAGEM" NA DINÂMICA IMOBILIÁRIA DA LAPA.
2014	LOBATO, MATEUS MONTEIRO	REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA AMAZÔNIA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE ESPACIAL DO SUDESTE PARAENSE
2014	SAUER, SÉRGIO; PIETRAFESA, JOSÉ PAULO	NOVAS FRONTEIRAS AGRÍCOLAS NA AMAZÔNIA: EXPANSÃO DA SOJA COMO EXPRESSÃO DAS AGROSTRATÉGIAS NO PARÁ (NEW AGRICULTURAL FRONTIER IN THE AMAZON: SOY EXPANSION AS AN EXPRESSION OF AGRO-STRATEGIES IN PARA STATE)
2014	BASILIO, LUCIANA	AS EDUCADORAS E O SISTEMA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO: UMA HISTÓRIA DE AUSÊNCIAS.
2014	GEIGER, PEDRO	REINTERPRETAR SEMPRE E OS HORIZONTES DA HISTÓRIA
2014	SANTOS, SALEM LEANDRO MOURA DOS; DELLA- JUSTINA, ELOIZA ELENA; FERREIRA, MARIA MADELENA	CLASSIFICAÇÃO GEOAMBIENTAL DAS UNIDADES DE RELEVO DA BACIA DO IGARAPÉ BELMONT EM PORTO VELHO - RONDÔNIA
2014	ALVES, LUIZ RODOLFO SIMÕES; FERNANDES, JOÃO LUÍS	OS PROCESSOS DE FRAGMENTAÇÃO DA CIDADE E A TERRITORIALIDADE DOS RESIDENTES NOS CONDOMÍNIOS FECHADOS. RELAÇÃO COM O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DOS LUGARES
2014	ASTOLPHI, JOANA D'ARC VIEIRA COUTO	TERRITÓRIO: DAS DIFERENTES ACEPÇÕES À DINÂMICA DO USO PELOS GRANDES EMPREENDIMENTOS E AS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE COLETIVA
2014	NÓBREGA, PEDRO RICARDO DA CUNHA	NOTAS SOBRE A RELAÇÃO SOCIEDADE E A NATUREZA E A EMERGÊNCIA DO ENVELHECIMENTO COMO TEMA COMPLEXO: UM OLHAR GEOGRÁFICO
2014	COUTO, PERLA D.; MARTINS, S. F.	REVITALIZAÇÕES URBANAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS: TEMPOS E FUNÇÕES DISTINTAS NO PORTO VELHO CIDADE DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS.
2014	LIMA, FRANCISCO VALDENIR	PIVAS: DAS GAVETAS VICIADAS DOS ALTOS ESCALÕES ADMINISTRATIVOS À POLÍTICA PÚBLICA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
2014	FONSECA, SAMUEL FERREIRA DA; MARRA, ÉRIKA APARECIDA DE SOUZA; ROCHA, IARA JAQUELINE DE JESUS; SANTOS, DULCE PEREIRA DOS	ESTUDO DOS ASPECTOS GEOECONÔMICOS DO MERCADO MUNICIPAL DE PIRAPORA – MG

2014	CABETTE, AMANDA; STROHAECKER, TÂNIA MARQUES	PORTO ALEGRE: UMA ANÁLISE DA NOVA ESTRUTURA ETÁRIA E A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO
2014	DOURADO, JOSÉ APARECIDO LIMA	PROJETOS DESENVOLVIMENTISTAS NAS TERRAS DO SEM-FIM: EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO SEMIÁRIDO BAIANO
2014	QUEIROZ, THIAGO AUGUSTO NOGUEIRA DE	ESPAÇO GEOGRÁFICO, TERRITÓRIO USADO E LUGAR: ENSAIO SOBRE O PENSAMENTO DE MILTON SANTOS
2014	BORSATO, VÍCTOR ASSUNÇÃO; MENDONÇA, FRANCISCO DE ASSIS	A ESPACIALIZAÇÃO TEMPORAL DA MASSA TROPICAL CONTINENTAL NO CENTRO-SUL DO BRASIL
2015	SILVA, AILSON BARBOSA DA	AS VELHAS E NOVAS PERIFERIAS: O CASO DE ALDEIA (CAMARAGIBE-PE)
2015	STOLERMAN, PAULA; CASTRO, SHEILA; SILVA, ADNILSON; FLORIANI, NICOLAS	A IMPLANTAÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA DE JIRAU NO RIO MADEIRA E OS PROCESSOS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM RONDÔNIA
2015	COUTO, LUCAS RIBEIRO DO	CAPITAL, CRISE E PRODUÇÃO DO ESPAÇO: AS DETERMINAÇÕES CRÍTICAS DA CONSTRUÇÃO HABITACIONAL EM SÃO PAULO.
2015	CINTRA, JORGE PIMENTEL	THE NEW MAP OF HEREDITARY CAPTAINCIES OF BRAZIL
2015	PICANÇO, JEFFERSON DE LIMA; MESQUITA, MARIA JOSÉ	A CARTOGRAFIA PRIMITIVA DA BAÍA DE PARANAGUÁ (SÉCULOS XVI-XVII) E OS LIMITES DA AMÉRICA PORTUGUESA
2015	MACHADO, MARIA MÁRCIA MAGELA; RINGER, FRIEDRICH EWALD	OS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DE MINAS GERAIS EM MAPAS
2015	ABDALLA, LÍVIA DOS SANTOS; OLIVEIRA, LEONARDO CASTRO DE; VOLOTÃO, CARLOS FREDERICO DE SÁ	MODELAGEM DINÂMICA DA VEGETAÇÃO BASEADA EM AUTÔMATOS CELULARES: UM ESTUDO DE CASO DA REGENERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA NO DISTRITO DE ALDEIA VELHA - RJ.
2015	SANTOS, EULÁLIA MARIA A. MORAIS DOS	VIAGEM PHILOSOPHICA: A ESQUECIDA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA À AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII
2015	STORANI, DANIEL LUIS; FILHO, ARCHIMEDES PEREZ	NOVAS INFORMAÇÕES SOBRE GEOCRONOLOGIA EM NÍVEIS DE BAIXO TERRAÇO FLUVIAL DO RIO MOGI GUAÇU, SP, BRASIL
2015	SILVA, SILVANA CRISTINA DA	OS BAIRROS DO BRÁS E BOM RETIRO E A METRÓPOLE INFORMACIONAL
2015	GIORDANI, RUBIA CARLA FORMIGHIERI	OS GUARANI NO OESTE PARANAENSE E A (RE)CONSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS ORIGINÁRIOS
2015	CORREIA, LAÍS ARIANE M. BARBOSA; GALVÃO, MARIA LUIZA MEDEIROS; ARAÚJO, ANDRÉ LUIS CALADO	GEOPROCESSAMENTO APLICADO À GESTÃO TERRITORIAL URBANA DE PEDRO VELHO/RN
2015	JUNIOR, ORLANDO MOREIRA	UMA LEITURA GEOGRÁFICA DOS PAPÉIS E SIGNIFICADOS DE CIDADES PEQUENAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS-SP
2015	SARAIVA, CAMILA PEREIRA	COMO COMPREENDER AS VELHAS PERIFERIAS? UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO RELACIONAL
2015	RIBEIRO, MARIA IVANILSE CALDERON; SILVA, RACHEL DOURADO DA; SILVA, MARIA DAS GRAÇAS SILVA NASCIMENTO	CRIMINALIDADE E ESPAÇO: UMA REPRESENTAÇÃO ESPACIAL DOS CRIMES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO – RONDÔNIA
2015	FROTA, ADONAI DA SILVA; VAZQUEZ, FELIPE FERRAZ	CRESCIMENTO POPULACIONAL, MIGRAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO EM PORTO VELHO – RO NO PERÍODO DE 2000 A 2010
2015	FERREIRA, MARCOS PAULO LOPES	EXCLUSÃO NO NOVO RURAL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SOBRE A COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ-PA
2015	MACHADO, CRISTINA BURATTO GROSS; GOMES, MARQUIANA DE FREITAS VILAS BOAS	A TERRITORIALIDADE E OS CONFLITOS DA PESCA ARTESANAL NA COLÔNIA Z4 - BARRA VELHA/SC
2015	RIBEIRO, MARIA IVANILSE CALDERON; SILVA, MARIA DAS GRAÇAS SILVA NASCIMENTO	VIOLÊNCIA, VULNERABILIDADE E DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL: ANÁLISE DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA ÁREA URBANA DE PORTO VELHO - RO. DOI: 10.5212/RLAGG.V.6.I2.0006
2015	SILVA, EUGÊNIO RIBEIRO	EDIFÍCIOS ICÔNICOS E A DINÂMICA IMOBILIÁRIA DE NATAL/RN, BRASIL (ICONIC BUILDING AND THE REAL ESTATE MARKETS IN NATAL, BRAZIL)
2015	OLIVEIRA-BORGES, ELTON CARLOS DE; ABREU, JOÃO FRANCISCO DE; BARROSO, LEÔNIDA CONCEIÇÃO	A MORTALIDADE POR CÂNCER NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA

2015	FRANCA, RAFAEL RODRIGUES DA; MENDONÇA, FRANCISCO DE ASSIS	A CHEIA HISTÓRICA DO RIO MADEIRA NO ANO DE 2014: RISCOS E IMPACTOS À SAÚDE EM PORTO VELHO (RO)
2015	LISBOA, JOSEFA BISPO DE; CONCEIÇÃO, ALEXANDRINA LUZ	DESENVOLVIMENTO LOCAL COMO SIMULACRO DO ENVOLVIMENTO: O NOVO-VELHO SENTIDO DO DESENVOLVIMENTO E SUA FUNCIONALIDADE PARA O SISTEMA DO CAPITAL
2015	GUIMARÃES, SIANE CRISTHINA PEDROSO; SILVA, HELEN ROSE OLIVEIRA DA	MONITORAMENTO DA ÁREA URBANA DE PORTO VELHO-RO AO LONGO DE 27 ANOS, UTILIZANDO IMAGENS DE SATÉLITE.
2015	OLIVEIRA, KELYANY CASTRO; SCHAEFER, ANA PAULA BEZERRA; GEMAQUE, RAIMUNDA PATRÍCIA	GEOGRAFIA E GÊNERO: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES RURAIS NO ASSENTAMENTO JOANA D'ARC III – PORTO VELHO/RO
2015	CABETTE, AMANDA; STROHAECKER, TÂNIA MARQUES	A DINÂMICA DEMOGRÁFICA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM PORTO ALEGRE, BRASIL
2015	CARACRISTI, MARIA DE FÁTIMA DE ALBUQUERQUE; ALBUQUERQUE, JACI CÂMARA DE	ENTRE DOIS MUNDOS: TURISMO DE BASE LOCAL NA COMUNIDADE DE PONTA GROSSA - ICAPUÍ-CEARÁ
2015	FEITOSA, IVAN BRITO; MOURA, ARIADNE DO NASCIMENTO; SOUZA, ANA CRISTINA RAMOS DE	MICROALGAS DE DOIS AMBIENTES LÓTICOS AMAZÔNICOS, RONDÔNIA, BRASIL
2015	COSTA, ELINE RAMOS; AZEVEDO, DENIO SANTOS DE; PAES, TAISS ALEXANDRE ANTUNES	A DINAMIZAÇÃO DO TURISMO CULTURAL EM ARACAJU/SE ATRAVÉS DA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DO ITINERÁRIO CULTURAL MEMÓRIAS DE FAUSTO CARDOSO
2015	RODRIGUES, ROSARIA FERREIRA; RODRIGUES, HERNANI JOSÉ BRAZÃO	ESTUDO SOBRE OCORRÊNCIA DE NEVOEIRO NO AERÓDROMO DE PORTO VELHO/RONDÔNIA
2015	BATISTA, RICARDO LOPES	VELHOS PROCESSOS, NOVOS CONTROLES: UMA ANÁLISE DO EXERCÍCIO DO CONTROLE SOCIAL NOS ESPAÇOS RESIDENCIAIS POPULARES FECHADOS
2015	OLIVEIRA, ANDERSON SILVA	ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO E O SURGIMENTO DE NOVAS DEMANDAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM VIANA/ES
2015	SANTOS, ALBERTO LUIZ	NÚCLEO ORIGINAL DA FREGUESIA DO Ó – SÃO PAULO (SP): O VALOR DOS BENS CULTURAIS E AS TERRITORIALIDADES COTIDIANAS
2015	SHELLARD, ALEXIA HELENA DE ARAUJO	A COLONIZAÇÃO ECOLÓGICA DO CAMINHO DO OURO: MINERAÇÃO E DEVASTAÇÃO NO SÉCULO XVIII
2016	STRAFORINI, RAFAEL	PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS NO CURRÍCULO DE GEOGRAFIA DOS ANOS INICIAIS ENSINO FUNDAMENTAL
2016	MARCHIORO, EBERVAL; SILVA, GRAZIANI MONDONI; CORREA, WESLEY DE SOUZA CAMPOS	A ZONA DE CONVERGÊNCIA DO ATLÂNTICO SUL E A PRECIPITAÇÃO PLUVIAL DO MUNICÍPIO DE VILA VELHA (ES): REPERCUSSÕES SOBRE AS INUNDAÇÕES
2016	SOUZA, BARTOLOMEU ISRAEL; ROSENDO, ELIAMIN ELDAN QUEIROZ; BIZERRA, DENNYS DA SILVA; MELO, HAERTE DURGEL ARAUJO COUTINHO DE; MEDEIROS, JOSEILSON RAMOS DE; ITOZAMIR, WILLITON	INTERVENÇÕES GOVERNAMENTAIS RECENTES NOS CARIRIS VELHOS DA PARAÍBA - BRASIL: REFLEXOS NA AGROPECUÁRIA, NA DEGRADAÇÃO DAS TERRAS E NA CIDADANIA
2016	DIMITROVA, IVELINA	SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA DA EUROPA DO NORTE: BEM-ESTAR E ENVELHECIMENTO CONTRA POBREZA E JUVENTUDE
2016	SILVA, MAURIELLE FELIX DA; NUCCI, JOÃO CARLOS	HEMEROBIA DAS PAISAGENS E LEI DE ZONEAMENTO DO BAIRRO CAPELA VELHA NO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA – PR
2016	BAGGIO, HERNANDO; FREITAS, MARIANA DE OLIVEIRA; ARAÚJO, AMANDA DIAS	ANÁLISES DOS PARÂMETROS FÍSICO-QUÍMICOS OXIGÊNIO DISSOLVIDO, CONDUTIVIDADE ELÉTRICA, POTENCIAL HIDROGENIÔNICO E TEMPERATURA, SUAS CORRELAÇÕES COM O USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NO BAIXO CURSO DO RIO DAS VELHAS-MG
2016	BOTELHO, LUCAS ANTÔNIO VIANA; SANTOS, MATEUS FERREIRA; SANTOS, FRANCISCO KENNEDY DA SILVA	A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A GEOGRAFIA ESCOLAR: DIMENSÕES CURRICULARES, POSSIBILIDADES E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
2016	SOUZA, ROBISON COSTA DE; SILVA, MÁRCIO	ESCALA DE RINGELMANN COMO MÉTODO DE AVALIAÇÃO DA FUMAÇA EMITIDA PELA FROTA DE ÔNIBUS URBANO DE PORTO VELHO - RO

	FELISBERTO DA; JUSTINA, ELOÍZA ELENA DELLA	
2016	SOUZA, BARTOLOMEU ISRAEL DE; MACÊDO, MÔNICA LARISSA AIRES; SILVA, GLAUCIENE JUSTINO FERREIRA	TEMPERATURA DOS SOLOS E SUAS INFLUÊNCIAS NA REGENERAÇÃO NATURAL DA CAATINGA NOS CARIRIS VELHOS – PB
2016	CASARIL, CARLOS CASSEMIRO; CROCETTI, ZENO SOARES	OCUPAÇÃO TERRITORIAL E DINÂMICA ATUAL DA REDE URBANA DO PARANÁ/BRASIL
2016	ASTOLPHI, JOANA D'ARC VIEIRA COUTO; SILVA, VICENTE DE PAULO DA	DESLOCAMENTO COMPULSÓRIO EM PEQUENA CIDADE: EFEITOS PRODUZIDOS NA CULTURA, NO LUGAR E NA IDENTIDADE DE MORADORES DA CIDADE DE NOVA PONTE (MG)
2016	NOGUEIRA, LUARA LAÍDE FURTADO; ESPINDOLA, GIOVANA; CARNEIRO, EDUILSON LÍVIO NEVES DA COSTA	ANÁLISE DA OCUPAÇÃO URBANA NA ZONA CENTRO-NORTE DE TERESINA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A REGIÃO DO ENCONTRO DOS RIOS
2016	LIMA, LUÍS AUGUSTO PEREIRA	PESCADORES RIBEIRINHOS E HIDRELÉTRICAS NA AMAZÔNIA: EXPERIÊNCIAS LOCALIZADAS
2016	ASSIS, FRANCISCO DE	INFRAESTRUTURA E DINÂMICA ECONÔMICA SOCIAL DO TERRITÓRIO EM PORTO VELHO NO PERÍODO DE CONSTRUÇÃO DAS USINAS HIDRELÉTRICAS DO RIO MADEIRA.
2016	RISCAROLI, ELISEU	ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE: PERSPECTIVAS, POLÍTICAS E DESAFIOS PARA OS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS.
2016	VALE, CIRO; MACIEL, TANIA	ÁREAS MALDITAS: A ESTIGMATIZAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS
2016	MENEZES, ELISANGELA FERREIRA	VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE: ESPAÇOS VIVENCIADOS NA UNIDADE DE INTERNAÇÃO SOCIOEDUCATIVA PARA ADOLESCENTES EM PORTO VELHO-RO.
2016	SILVA, LEANDRO BATISTA DA; NEVES, SANDRA MARA ALVES DA SILVA; NEVES, RONALDO JOSÉ; JÚNIOR, SANTINO SEABRA	CARACTERIZAÇÃO SOCIAL E AMBIENTAL DOS AGRICULTORES FAMILIARES DO ASSENTAMENTO MIRASSOLZINHO EM JAURU-MT EM APOIO AO DESENVOLVIMENTO RURAL MUNICIPAL
2016	LIMA, LIDIANE NUNES; NOGUEIRA, ELIANE MARIA DE SOUZA	MELIPONICULTURA: INTERFACES E PRÁTICAS ENTRE OS CAMPONESES DE CÍCERO DANTAS-BA
2016	BRICALLI, IAFET LEONARDI; ZANOTELLI, CLÁUDIO LUIZ	A FRAGILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE CÂMERAS DE VIGILÂNCIA NA CIDADE DE VILA VELHA (ES)
2016	LAVARINI, CHRYSTIANN; MAGALHÃES JÚNIOR, ANTÔNIO PEREIRA; DE OLIVEIRA, FABIO SOARES; DE CARVALHO, ALEX	NEOTECTONICS, RIVER CAPTURE AND LANDSCAPE EVOLUTION IN THE HIGHLANDS OF SE BRAZIL
2016	DEINA, MIQUELINA APARECIDA; COELHO, ANDRÉ LUIZ NASCENTES	A INFLUÊNCIA DA ZONA CONVERGÊNCIA DO ATLÂNTICO SUL (ZCAS) NOS EVENTOS DE INUNDAÇÃO NO BAIXO JUCU EM VILA VELHA (ES)
2016	SILVA, LUIZ FELIPE SILVA; REBOITA, MICHELE SIMÕES; FONSECA, LEONARDO CAMPOS	ASSOCIAÇÃO ENTRE ÍNDICE DE ESTRESSE AMBIENTAL E INTERNAÇÕES DE IDOSOS POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO E INSUFICIÊNCIA RENAL NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 2010: ESTUDO DE UMA SÉRIE HISTÓRICA DE 2001 A 2010
2016	CARMO, RONEY GUSMAO; ALVES, ANA ELIZABETH SANTOS	ESPAÇO E CONTRADIÇÕES: OS RESULTADOS DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL NO CAMPO DA COTIDIANIDADE
2016	OLIVEIRA, ADRIANA CORREIA DE; CERQUEIRA, CLAUDIA CLEOMAR ARAUJO XIMENES; OLIVEIRA, AYRTON SCHUPP PINHEIRO	GEOGRAFIA E GÊNERO: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COM A COMUNIDADE
2016	MADALOZZO, NISIANE	O ANTIGO CENTRO FERROVIÁRIO DE PONTA GROSSA: TOPOFILIA, MEMÓRIA SOCIAL E SIGNIFICADO RELACIONADOS AO CONCEITO DE LUGAR
2016	OLIVEIRA, ANTÔNIO TADEU RIBEIRO DE	ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E POLÍTICAS PÚBLICAS: DESAFIOS PARA O BRASIL NO SÉCULO XXI
2016	VÉRAS, MAURA PARDINI BICUDO; FELIX, JORGE	QUESTÃO URBANA E ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: BREVES CONEXÕES ENTRE O DIREITO À CIDADE E O IDOSO NO MERCADO DE TRABALHO
2016	NASCIMENTO, DIEGO COELHO DO; CHACON, SUELY SALGUEIRO	SUSTENTABILIDADE NA REGIÃO METROPOLITANA DO CARIRI – RMC: ANÁLISE A PARTIR DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO – ODMS / SUSTAINABILITY IN THE CARIRI METROPOLITAN REGION: ANALYSIS FROM THE MILLENNIUM DEVELOPMENT GOALS – MDGS
2016	REGIANI, RAFAEL	ÉLISÉE RECLUS E OS NOVOS MUNDOS DO CAPITALISMO

2016	CARVALHO, CLAUDIO OLIVEIRA; RODRIGUES, RAONI ANDRADE	O ESTATUTO DA CIDADE E SEUS 15 ANOS: OPINIÕES NOVAS NA CASA VELHA
2016	ROSA, JOTA JUNIOR MARQUES; FERREIRA, DJANE DA SILVA	HABEMUS A "TERRA PROMETIDA": DISCURSOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS ANTES DAS RECOLONIZAÇÕES NO SUL DE MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL: IVINHEMA . (1930-1950):
2016	ALVES, HELLEN VIRGINIA DA SILVA	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E PERCEPÇÃO DE GÊNERO: UMA INVESTIGAÇÃO ENTRE ALUNAS E ALUNOS DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL SENAC DE PORTO VELHO - RO
2016	SANTOS, ALBERTO LUIZ DOS	QUAL O CRITÉRIO PARA LEGITIMAR O USO DE BENS CULTURAIS? INTERPRETANDO MEMÓRIAS, TERRITORIALIDADES E COTIDIANO NOS LARGOS DO NÚCLEO ORIGINAL DA FREGUESIA DO Ó – SÃO PAULO
2016	MATOS, RALFO; COSTA, ALFREDO	POR UMA REGIONALIZAÇÃO DA MINAS OITOCENTISTA
2017	BOTELHO, JOSÉ MARIA LEITE; SOUZA, ANA MARIA DE LIMA	PESQUISA E EDUCAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: UM OLHAR PELA TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL
2017	BELLINGIERI, JULIO CESAR	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CIDADE DESENVOLVIDA NOS MUNICÍPIOS PAULISTAS DE JABOTICABAL, OLÍMPIA E BEBEDOURO
2017	SOUZA, REGINALDO MARTINS DA SILVA DE	A ESTRUTURAÇÃO DE LUGARES INTRAURBANOS E A VULNERABILIDADE SOCIAL DE PORTO VELHO, RONDÔNIA
2017	TUSSI, ADRIANA CRISTINA; FAVARO, JORGE LUIZ; GOMES, MARQUIANA DE FREITAS VILAS BOAS	TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS POR MEIO DE PRÁTICAS TRADICIONAIS UTILIZADAS NO FAXINAL DOS KRUGER, BOA VENTURA DE SÃO ROQUE – PARANÁ
2017	AMARAL, CRISTIANO TORRES DO; SILVA, FRANCISCO SOLON ALMEIDA DA	QUALIDADE DA ÁGUA EM UM IGARAPÉ BALNEÁRIO NA AMAZÔNIA: ESTUDO DE CASO EM PORTO VELHO
2017	RODRIGUEZ, DANIEL ANDRES; LOPES, LUCAS GAROFOLO; CARRIELLO, FELIX; JÚNIOR, JOSÉ LÁZARO SIQUEIRA; PINTO, GUSTAVO LUIZ; TOMASELLA, JAVIER; CHOU, SIN CHAN	PREVISÕES DE CHEIAS EXTREMAS NOS HORIZONTES SAZONAIS E DE CURTO E MÉDIO PRAZOS NA BACIA DO RIO MADEIRA: ESTUDO DE CASO DA ENCHENTE DE 30 DE MARÇO DE 2014 EM PORTO VELHO
2017	LOMBA, RONI MAYER	MODOS DE VIDA RIBEIRINHO NA COMUNIDADE FOZ DO RIO MAZAGÃO – MAZAGÃO (AP/BRASIL)
2017	BAGGIO, ULYSSES DA CUNHA	PERSPECTIVAS A UMA ESPACIALIDADE LIBERATÓRIA: APROPRIAÇÃO SOCIAL DE LUGARES E MOBILIDADE URBANA
2017	SILVA, TELMA FERREIRA DA; OLIVEIRA, GICELE DE	REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM ESCOLAS INFANTIS DE PORTO VELHO
2017	BÔAS, LUANA MICHELE DA SILVA VILAS; OLIVEIRA, DENIZE CRISTINA DE	DIFERENTES SABERES IMPLICADOS NO CUIDADO DE SAÚDE RIBEIRINHO: ANÁLISE TEÓRICA
2017	BARBOSA, ADAUTO GOMES	O MARKETING IMOBILIÁRIO À LUZ DA ESTÉTICA DA MERCADORIA
2017	SILVA, TELMA FERREIRA DA; FERREIRA, SOLANO	ESPAÇO GEOGRÁFICO URBANO: A PAISAGEM MODIFICADA PELO TRÂNSITO DE PORTO VELHO
2017	MEDEIROS, FRANCISCO DE ASSIS SILVA	DINÂMICA DO ESPAÇO REGIONAL EM RONDÔNIA: DO AGRONEGÓCIO DA SOJA EM VILHENA À ECONOMIA URBANO-INDUSTRIAL EM PORTO VELHO
2017	JUSTINA, ELOIZA ELENA DELLA; FRANCA, RAFAEL RODRIGUES DA; SAMPAIO, SHIRLEI FONTENELE	ANÁLISE CLIMATOLÓGICA E HIDROLÓGICA DA CHEIA DO RIO MADEIRA EM PORTO VELHO-RONDÔNIA NO ANO DE 2014
2017	COSTA, GEAN MAGALHÃES; SILVA, GIRLANY VALÉRIA LIMA DA; CAVALCANTE, MARIA MADALENA DE AGUIAR	ALTERAÇÕES NORMATIVAS NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO SOBRE A ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA DE JIRAU NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO/RO
2017	SCARCELLI, OLIVER CAUÃ CAUÊ FRANÇA	AS CLASSES SOCIAIS E O EMPRESARIAMENTO NA PRODUÇÃO DA LINHA 4-AMARELA DO METRÔ DE SÃO PAULO (BRASIL)
2017	BARROS, ALEXANDRE PATRÍCIO SILVA; AZEVEDO, ALINE CRISTINA JACOB DE; DIAS, EMILY REGINA SIQUEIRA; OLIVEIRA, HELBERT MICHEL PAMPOLHA DE	PLANEJAMENTO URBANO, ÁREAS VERDES E QUALIDADE DE VIDA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS BAIRROS TERRA FIRME E CIDADE VELHA – BELÉM/PA
2017	NETO, THIAGO OLIVEIRA; NOGUEIRA, RICARDO JOSÉ BATISTA	O DEBATE INSTITUCIONAL SOBRE RODOVIAS NA AMAZÔNIA: O CASO DA BR-319

2017	SOARES, ANDRÉ ARAUJO SOMBRA; AGUIAR, PONCIANA FREIRE DE; LEITE, TABILLA VERENA DA SILVA; NASCIMENTO, DURBENS MARTINS	USO DO MAPEAMENTO EM 3D COMO SUBSÍDIO À ARRECADAÇÃO DE TRIBUTOS URBANOS SOB OS IMÓVEIS LOCALIZADOS EM TERRENOS DE MARINHA EM BELÉM, REGIÃO AMAZÔNICA, BRASIL
2017	SOUSA, RÚBIA ELZA MARTINS DE	DO RIO EU SOU, "DA BEIRA EU SOU": A RELAÇÃO IDENTITÁRIA DAS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO COM O RIO MADEIRA
2017	NÓBREGA, PEDRO RICARDO DA CUNHA	REVISÃO E APORTES SOBRE A GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO
2017	NETO, JOSÉ QUEIROZ DE MIRANDA	OS NEXOS DE RE-ESTRUTURAÇÃO DA CIDADE E DA REDE URBANA: AS IMPLICAÇÕES ESPACIAL DA INSTALAÇÃO DA USINA DE BELO MONTE EM ALTAMIRA-PA E EM SUA REGIÃO DE INFLUÊNCIA
2017	BÓAS, LUANA MICHELE DA SILVA VILAS; SILVA, JOSUÉ DA COSTA; OLIVEIRA, DENIZE CRISTIA DE; CEDARO, JOSÉ JULIANO	A VIDA DAS MULHERES PARTEIRAS RIBEIRINHAS: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO TRABALHO DE CAMPO
2017	RAMOS, DIANA HELENE	BLEMA, O "CAUSO" DA ÁGUA ENCANADA NO CARIRI VELHO
2017	COSTA, CASSIANE DA; CAMARERO, LUIS ALFONSO RIOJA	DESAFIOS PARA A A SUSTENTABILIDADE SOCIAL: CONTORNOS DEMOGRÁFICOS DO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO
2017	FERREIRA, LARA CRISTINE GOMES; SOBRINHO, FERNANDO LUIZ ARAÚJO	A DINÂMICA CANAVIEIRA NA MICRORREGIÃO CERES, GOIÁS: DAS COLÔNIAS AGRÍCOLAS NACIONAIS AO AGRONEGÓCIO SUCROENERGÉTICO
2017	BARROS, ROBERTO CAVALCANTE; SOUZA, REGINALDO DA SILVA DE; MANIESI, VANDERLEI	ANÁLISE DA FRAGILIDADE AMBIENTAL E O MOVIMENTO DE MASSA NA SUB-BACIA DO IGARAPÉ DOS TANQUES, PORTO VELHO-RO
2017	HENRIQUES, RENATA JORDAN; VALADÃO, ROBERTO CÉLIO	CONTRIBUIÇÕES DO MODELO DE REGRESSÃO NÃO-LINEAR LOGARÍTMICO APLICADO À ANÁLISE DE PERFIS LONGITUDINAIS EM GEOMORFOLOGIA FLUVIAL
2017	RIGOTTI, JOSÉ IRINEU RANGEL; CAMPOS, JÁRVIS; HADAD, RENATO MOREIRA	MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL: (DES)CONTINUIDADES REGIONAIS À LUZ DO CENSO DEMOGRÁFICO 2010
2017	GLEYS ASSIS DA SILVA BARBOSA	CAMINHOS PARA A COMPREENSÃO DA PAISAGEM: A ABORDAGEM GEOGRÁFICA EM FOCO
2018	LOPES, JOSÉ ROGÉRIO; SCHIERHOLT, ANELISE FABIAYA PAIVA	PRODUÇÃO DE BIOJOIAS NO NORTE DO BRASIL: ANÁLISE DOS IMPACTOS INSTITUCIONAIS, AMBIENTAIS E DE MERCADO EM REDES DE SUSTENTABILIDADE LOCAIS
2018	RIBEIRO, JOSELAINE; LEMOS, RODRIGO; COTA, GUILHERME; MAGALHÃES, ANTÔNIO; PERON, GUILHERME	A ABORDAGEM DE CONFLITOS PELO USO DA ÁGUA NA GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS - REFLEXÕES A PARTIR DO CONTEXTO DA BACIA DO ALTO RIO DAS VELHAS/MG
2018	NASCIMENTO, FABRICIO HOLANDA DO; VALE, CLÁUDIA CÂMARA DO; COELHO, ANDRÉ LUIZ NASCENTES; JAQUES, JONATHA LIPRAND	AVALIAÇÃO TEMPORO-ESPACIAL DAS TEMPERATURAS DE SUPERFÍCIE DO MUNICÍPIO DE VILA VELHA (ES), NOS ANOS DE 2006 E 2016 COM O USO DE GEOTECNOLOGIAS
2018	ENDRINGER, LUDMILA	O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO NA MICRORREGIÃO SUDOESTE SERRANA E NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS-ES
2018	ROSA, JOTA JUNIOR MARQUES; FERREIRA, DJANE DA SILVA; ROSA, JOÃO ROBERTO	O FOMENTO TERRA PROMETIDA NO SUL DE MATO GROSSO (1930-1950)
2018	BARROS, LUIZ FERNANDO DE PAULA; JUNIOR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES	MORFOGÊNESE NO QUADRILÁTERO FERRÍFERO/MG NO QUATERNÁRIO SUPERIOR: PROCESSOS FLUVIAIS E CONDICIONANTES PALEOAMBIENTAIS NA BACIA DO RIO DAS VELHAS
2018	ASTOLPHI, JOANA D'ARC VIEIRA COUTO; SILVA, VICENTE DE PAULO DA	MOVIMENTOS SOCIAIS, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES: OLHAR SOBRE A CIDADE PEQUENA DE NOVA PONTE(MG)
2018	SILVA, MARCELO JOSÉ GAMA DA; QUERINO, CARLOS ALEXANDRE SANTOS; NETO, LUIZ ALVES DOS SANTOS; MACHADO, NADJA GOMES; MILITÃO, JULIO SACHES; BIUDES, MARCELO SACARDI	EFEITO DA MUDANÇA NA OCUPAÇÃO DO SOLO SOBRE O CLIMA DE PORTO VELHO, RONDÔNIA, BRASIL

2018	SANTOS, ALEX MOTA DOS; SCHOTT, EMANUEL FERNANDO CORREIA SANCHES; SOARES, DANIEL DE OLIVEIRA	VULNERABILIDADE NATURAL À PERDA DE SOLOS NA FLONA BOM FUTURO E SEU ENTORNO PRÓXIMO/ESTADO DE RONDÔNIA
2018	FEITOSA, JOSÉ RICARDO RICARDO TELES	A RELIGIÃO E SUA DINÂMICA DIANTE DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO: O MERCADO RELIGIOSO ENTRE CATÓLICOS E EVANGÉLICOS.
2018	MARTINUCI, OSEIAS DA SILVA; GUIMARÃES, RAUL BORGES	O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL, OS EQUIPAMENTOS DE IMAGEM-DIAGNÓSTICO E A DESIGUALDADE EM SAÚDE NO BRASIL
2018	JUNIOR, MARCO ANTONIO COSTA SOARES; MELLO, LEONARDO FREIRE DE	ASPECTOS INSTITUCIONAIS DA PRODUÇÃO HABITACIONAL DE BAIXA RENDA NO BRASIL ENTRE A REPÚBLICA VELHA E O GOVERNO FHC
2018	HENRIQUES, RENATA JORDAN; VALADÃO, ROBERTO CÉLIO	GOOGLE EARTH PRO, PANORAMIO E YOUTUBE COMO AUXÍLIO AO RECONHECIMENTO DE KNICKPOINTS EM AFLUENTES DOS RIOS DAS VELHAS E PARAOPÉBA, EM MINAS GERAIS
2018	PIAZI, JULIA; LOPES, FREDERICO AZEVEDO; RUCHKYS, ÚRSULA DE AZEVEDO	CORRELAÇÃO ENTRE QUALIDADE DAS ÁGUAS E OUTORGAS SUPERFICIAIS NO TRECHO ALTO DA BACIA DO MÉDIO RIO DAS VELHAS, MINAS GERAIS, BRASIL
2018	BARDEN, JÚLIA ELISABETE; SINDELAR, FERNANDA CRISTINA W.; CAZAROTTO, ROSMARI; SILVA, GUSTAVO RODRIGO DA	DINÂMICA POPULACIONAL E TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI/RS
2018	COUTO, LEANDRO COSME OLIVEIRA; TRAVASSOS, LUIZ EDUARDO PANISSET	VULNERABILIDADES NATURAL E AMBIENTAL NO CONTATO ENTRE A PLANÍCIE DO RIO DAS VELHAS E A SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, MINAS GERAIS
2018	FRANCA, RAFAEL; SANTOS, ALEX	A ESTIAGEM E AS INTERNAÇÕES POR DOENÇAS RESPIRATÓRIAS EM PORTO VELHO (RO) – PERÍODO 2010 - 2015
2018	SILVA, BRUNO NEVES DA; SARMENTO, WAGNER MACIEL; SILVA, FABRÍCIA CRISTINA VIDAL; PEREIRA, MAÍSA GALDINO; SILVA, CÍCERA RENATA DINIZ VIEIRA; VÉRAS, GERLANE CRISTINNE BERTINO	PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DA AIDS EM IDOSOS
2018	ALVES, JOSÉ; JUNIOR, ANTONIO THOMAZ	"TRAGÉDIA ANUNCIADA" DA NEOBARBÁRIE: SEGURANÇA E SAÚDE DO TRABALHADOR NA UHE JIRAU (RO)
2018	SELL, JACIELE CARINE; BORBA, ANDRÉ WEISSHEIMER DE	UM ROTEIRO GEOTURÍSTICO NA ESTRADA PAISAGÍSTICA GUARITAS (SANTANA DA BOA VISTA E CAÇAPAVA DO SUL, RS, BRASIL)
2018	GALINARI, TIAGO NOGUEIRA	A UNIÃO EUROPEIA FRENTE AOS VELHOS E NOVOS NACIONALISMOS
2018	FROIS, ISRAEL DAVID DE OLIVEIRA	GEOPOLÍTICA DO CIBERESPAÇO: LEVANTAMENTO CONCEITUAL E REFLEXÕES
2018	OJIMA, RICARDO; DIÓGENES, VICTOR HUGO DIAS	ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E DISPERSÃO URBANA: NOTAS DE PESQUISA PARA ESTUDOS ENTRE DINÂMICA DEMOGRÁFICA
2018	SANTOS, MARIA APARECIDA NASCIMENTO; SABIONI, SAYONARA COTRIM; SILVA, FABRÍCIO PEREIRA	ÊXODO RURAL DOS AGRICULTORES FAMILIARES NA REGIÃO DO CATONGO NO MUNICÍPIO DE ITAJUÍPE/BAHIA
2018	SILVEIRA, EMERSON JOSÉ SENA DA	DEVOÇÕES, CATOLICISMO E MUNDO CIBERNÉTICO: SEMÂNTICA NOVA OU ANTIGA PERMANÊNCIA?
2018	POTIRA MEIRELLES HERMUCHE; VITOR JOÃO RAMOS ALVES; OSMAR ABÍLIO DE CARVALHO JÚNIOR; RENATO FONTES GUIMARÃES; ROBERTO ARNALDO TRANCOSO GOMES	A QUANTIFICAÇÃO DA GEODIVERSIDADE E O POTENCIAL TURÍSTICO NO POLO VELHO CHICO – SE
2018	OLIVEIRA, ALLISON BEZERRA	TEMPORALIDADES CIENTÍFICAS E TÉCNICAS NO BRASIL: UMA ANÁLISE ESPACIAL DO IMPACTO DA POLÍTICA NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM SAÚDE E SEU FOMENTO À PESQUISA EM REDE
2018	RAMOS, LARISSA LETICIA ANDARA; JESUS, LUCIANA APARECIDA NETTO DE; ALMEIDA, RHAIANI VASCONCELLOS DE; RAMOS, SUZANY RANGEL	SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO DA GRANDE IBES, VILA VELHA-ES

2018	GOMES, MÁRCIA CONSTÂNCIA PINTO ADERNE; THIOLENT, MICHEL JEAN MARIE	ESTUDO DE CASO: OS IDOSOS NO SERVIÇO DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE
2018	FELÍCIO, LUÍS FELIPE MENDES	O DAESH, A CRISE DOS REFUGIADOS NA SÍRIA E A XENOFOBIA DE GOVERNO NA EUROPA
2018	TERESA CRISTINA DA SILVA ROSA; MARCELO SATHLER; MIRIAN COSTA; MARCOS BARRETO DE MENDONÇA; CATERINE REGINENSI; RICARDO MATOS DE SOUZA	RISCO ASSOCIADO A MOVIMENTO DE MASSA NO MORRO BOA VISTA (VILA VELHA/ES): DA CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO À NECESSIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS
2018	DIAS, SHARON	URBANIZAÇÃO RENTÁVEL E QUESTÃO DA MORADIA NO BRASIL: DA FINANCEIRIZAÇÃO À (RE)PRODUÇÃO DOS GRANDES CONJUNTOS HABITACIONAIS, NOVOS E VELHOS PADRÕES
2018	FREITAS, DARLANE	DIAGNÓSTICO FITOSSOCIOLÓGICO E USO DA VEGETAÇÃO DE UM CERRADO ECOTONAL DA REGIÃO SETENTRIONAL DO PIAUÍ
2018	JR, VALDIR SERAFIM; GRANDI, ADRIANA MARIA DE; BESEN, FABIOLA GRACIELE; ARAÚJO, TÉRCIO VIEIRA DE	AGRICULTURA FAMILIAR: CARACTERIZAÇÃO DE UNIDADES FAMILIARES DE MUNICÍPIOS DA COSTA OESTE PARANAENSE.
2018	LEITÃO, ANA LETÍCIA ESPOLADOR; BERNARDINO, RENATA VENTURIM	POLÍTICAS PÚBLICAS PARA FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: EXPERIÊNCIA DE AQUISIÇÃO DE PRODUTOS DE AGRICULTORES FAMILIARES PARA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR EM VILA VELHA E NO ESPÍRITO SANTO
2018	HENRIQUES, RENATA JORDAN; VALADÃO, ROBERTO CÉLIO	ANÁLISE MORFOESTRUTURAL DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIBEIRÃO DA MATA NO CONTATO EMBASAMENTO ARQUEANO E BACIA SEDIMENTAR NEOPROTEROZOICA, MINAS GERAIS
2018	FERREIRA, ADRIANA ANGÉLICA	TRADIÇÃO COMPARTILHADA NO LIMIAR ENTRE A VIDA E A MORTE: A TREZENA DE SANTO ANTÔNIO E SEU RITUAL FESTIVO
2018	MACHADO, LILIAN ALINE; ASSIS, WELLINGTON LOPES	COMPARAÇÃO ENTRE MÉTODOS DE PREENCHIMENTO DE FALHAS EM SÉRIES DE DADOS METEOROLÓGICOS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DAS VELHAS (MG)
2018	FALCÃO, MÁRCIA TEIXEIRA; SILVA, MARCELO SANTOS DA; ROCHA, DAYANA MACHADO	A RELAÇÃO DOS INGARIKÓ - TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL COM O PARQUE NACIONAL DO MONTE RORAIMA-UIRAMUTÁ/RR/BRASIL
2018	CAETANO, RENATO FERNANDES; ALVES, EVA DA SILVA; SILVA, RAIMUNDO NONATO PEREIRA DA	TERRITORIALIDADES E COMUNIDADES TRADICIONAIS: ENTRE A IDENTIDADE E A TRANSFORMAÇÃO
2018	LYRA, ANA PAULA DE AQUINO PEREIRA; SILVA, MARIA DAS GRAÇAS SILVA NASCIMENTO	LUGARES TOPOFÓBICO: VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR
2018	FERRACINI, ROSEMBERG	A VELHA ROUPA COLORIDA: BRASIL E ÁFRICA NA GEOGRAFIA ESCOLAR
2019	PIRES, ANA PAULA NOVAIS	ESTRUTURA E OBJETIVOS DA TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO: VERSÕES DE UMA MESMA HISTÓRIA
2019	LUNG, MĂDĂLIN- SEBASTIAN	ALTERAÇÕES DEMOGRÁFICAS NO ESPAÇO MONTANHOSO DOS CÁRPATOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS MONTANHAS APUSENI (ROMÊNIA), ENTRE 1850 E 2011:
2019	COTA, GUILHERME EDUARDO MACEDO; ROSA, NAYARA MARIANA GONZAGA; ROMERO, CAMILA ESTEVES; MENDES, IZABELA APARECIDA DA SILVA; JÚNIOR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES	ASPECTOS LEGAIS DA SEGURANÇA DE BARRAGENS DE REJEITO DE MINÉRIO: IMPLICAÇÕES PARA A QUALIDADE AMBIENTAL E USOS MÚLTIPLOS DA ÁGUA NO ALTO RIO DAS VELHAS (MG)
2019	FONSECA, SAMUEL FERREIRA DA; AGUIAR, HELOISA HELENA DE	AUTOCORRELAÇÃO ESPACIAL ENTRE INDICADORES SOCIOECONÔMICOS NOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
2019	PATRICIA CHRISTIANA S. DE S. OLIVEIRA; ALEX MOTA DOS SANTOS; NILSON CLEMENTINO FERREIRA	MODELAGEM DINÂMICA DO DESMATAMENTO NO SUL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL BOLETIM DE GEOGRAFIA

2019	OLIVEIRA, ANDERSON SILVA; ROSSI, ELAINE CRISTINA	ENVELHECIMENTO POPULACIONAL, SEGMENTO MAIS IDOSO E AS ATIVIDADES BÁSICAS DA VIDA DIÁRIA COMO INDICADOR DE VELHICE AUTÔNOMA E ATIVA
2019	LEMOS, RODRIGO SILVA; JUNIOR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES	DINÂMICA TERRITORIAL, TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS E IMPLICAÇÕES NO MANANCIAL DE ABASTECIMENTO PÚBLICO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE - BACIA HIDROGRÁFICA DO ALTO RIO DAS VELHAS, MINAS GERAIS
2019	OLIVEIRA, ANDERSON SILVA	TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA, TRANSIÇÃO EPIDEMIOLÓGICA E ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO BRASIL
2019	SOBRINHO, APARECIDO PIRES DE MORAES	ANÁLISE DO DISCURSO DA REFORMA TRABALHISTA NAS NOTÍCIAS DO G1, 2016-2017
2019	LIMA, LUIS AUGUSTO PEREIRA; SILVA, RICARDO GILSON DA COSTA	PESCADORES, HIDROELÉTRICAS E NOVOS ORDENAMENTOS TERRITORIAIS DOS RIOS AMAZÔNICOS
2019	GONÇALVES, GEISA CANDIDA DA SILVA; MOURA, GERUSA GONÇALVES	AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A POPULAÇÃO IDOSA: MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA OU REPRIVATIZAÇÃO DA VELHICE
2019	MUELLER, VIANEI RÓBINSON; SPINELLI, JUÇARA; REIS, JANETE TERESINHA	DINÂMICA POPULACIONAL E TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS NA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE ERECHIM - RS - BRASIL
2019	KORMANN, TANICE CRISTINA; ROBAINA, LUÍS EDUARDO DE SOUZA	PARÂMETROS GEOMORFOMÉTRICOS PARA ANÁLISE DA SUSCETIBILIDADE A MOVIMENTOS DE MASSA NA ÁREA URBANA DE BLUMENAU, SANTA CATARINA
2019	SPODE, PEDRO LEONARDO CEZAR; ROCHA, LILIAN HAHN MARIANO DA	O PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO NO ESPAÇO URBANO DO BAIRRO CAMOBI, SANTA MARIA, RS, 2017
2019	COSTA, DANILO GOMES DA; CARNEIRO, VANDERLISON ALVES; OLIVEIRA, ANDRÉ LUIZ RIBAS DE	AVALIAÇÃO EMPÍRICA DOS IMPACTOS AMBIENTAIS NO SOLO EM ÁREA DE GERENCIAMENTO E DESTINAÇÃO FINAL DE RESÍDUOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL E DEMOLIÇÃO NA ESTRADA VELHA DE BELA VISTA EM APARECIDA DE GOIÂNIA / GOIÁS ÉLISÉE - REVISTA DE GEOGRAFIA DA UEG
2019	SAMPAIO, MATEUS DE ALMEIDA PRADO	OESTE DA BAHIA: AGRICULTURA GLOBALIZADA, DESTERRITORIALIZAÇÃO E MOVIMENTOS POLÍTICOS EMANCIPATÓRIOS
2019	SOUZA, CÉSAR MARTINS DE; SANTANA, NELIVALDO CARDOSO; AMORIM, EDILANE BEZERRA	PRINCESA DO XINGU-PA: EDUCAÇÃO, SOCIABILIDADE E IMPACTOS SOCIAIS EM UMA AGROVILA DA AMAZÔNIA
2019	BRANDOLT, RICARDO DE JESUS	RELEITURA DA CLASSIFICAÇÃO DE KÖPPEN PARA DEMONSTRAR A VARIABILIDADE CLIMÁTICA: PROPOSTA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
2019	SANTOS, LUCAS DA SILVA	JOGO DA VELHA ENVOLVENDO CLIMATOLOGIA E A CIDADE DE SÃO GONÇALO/RJ
2019	TELES, DAYANE SUELEN PEREIRA NASCIMENTO; PINHEIRO, FABIANA DOS SANTOS; PEREIRA, RONALD DOS SANTOS; SAMPAIO, ANDRECKSA VIANA OLIVEIRA	O VELHO E O NOVO: AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DO BAIRRO SÃO CONRADO EM ARACAJU-SE / THE OLD AND THE NEW: THE TRANSFORMATIONS OF THE LANDSCAPE OF THE NEIGHBORHOOD ARE CONRADO IN ARACAJU-SE
2019	SILVA, CAROLINE MICHELY DA; ARCHANJO, DANIELA RESENDE	DESPINDO PRECONCEITOS: (RE)CONHECENDO OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL ATRAVÉS DE SUAS LUTAS PELA REFORMA AGRÁRIA
2019	SILVA, LUIZ FERNANDO ZELINSKI DA; MIRANDA, EDUARDO SONCINI; EDUARDO, MARIA CECÍLIA	NOVAS MUDANÇAS NO FINANCIAMENTO OU VELHOS CONDICIONANTES POLÍTICOS? UM ESTUDO SOBRE AS 4 DEPUTADAS ESTADUAIS ELEITAS NO PARANÁ EM 2018
2019	SANTOS, MAQUÉZIA SUZANE FURTADO DOS; COTINGUIBA, MARÍLIA LIMA PIMENTEL	LEKÒL LA: AS CRIANÇAS HAITIANAS E A INSERÇÃO ESCOLAR NA REDE PÚBLICA EM PORTO VELHO-RO
2019	VIEIRA, MARIA VITÓRIA LOUREIRO DO NASCIMENTO; REIS, KLIVY FERREIRA DOS	PORTO VELHO: A CIDADE DO SOL E SEU MULTICULTURALISMO
2019	PEREIRA, ROSA MARTINS COSTA; SILVA, EDNALVA OLIVEIRA; PETERS, MARIA JOSÉ AMBRÓSIO DOS REIS	A ESCOLA NA ROTA DE MIGRAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA, DESEJOS E DESAFIOS
2019	PEREIRA, GABRIEL COSTA; COTINGUIBA, LAURA AIRES; SOUZA, PÂMELA MELO	IMPLICAÇÕES LINGÜÍSTICAS NO ACESSO DE IMIGRANTES NA REDE PÚBLICA ESCOLAR DE PORTO VELHO

2019	CHARLES, CHARLOT JN; SILVA, JOSUÉ DA COSTA	AS DIFICULDADES DOS JOVENS HAITIANOS NO PROCESSO EDUCATIVO NA SÉRIE FUNDAMENTAL: ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO – EEEFM DO PROF. ORLANDO FREIRE
2019	FRANCO, ALEXSANDE DE OLIVEIRA; FOLMANN, ANA CLÁUDIA	UTILIZAÇÃO DA NATUREZA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA, PARANÁ
2019	MENDES, BIANCA MORAIS; BARBA, CLARIDES HENRICH DE; LUS, DIEGO ALVES	EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO ALTERNATIVA PARA O PLANEJAMENTO NA ARBORIZAÇÃO EM PORTO VELHO/RO
2019	MACHADO, VANDA	TERREIROS: UMA EXPRESSÃO ANCESTRAL
2019	CHELOTTI, MARCELO CERVO; MEDEIROS, ROSA MARIA VIEIRA	O PATRIMÔNIO TERRITORIAL VITIVÍCOLA DO SUL DE MINAS GERAIS: EXPRESSÕES DO CULTIVO DA UVA E DO FABRICO DO VINHO
2019	LIMA, JOÃO AIRTON BESSA; FILHO, BOANERGES DE FREITAS BARRETO	A ATIVIDADE CANAVIEIRA NO MUNICÍPIO DE CORONEL JOÃO PESSOA/RN :
2019	KLUCK, ERICK GABRIEL JONES	POSSEIROS NO MÉDIO SÃO FRANCISCO: PLANEJAMENTO ESTATAL E MOBILIDADE DO TRABALHO/POSSESSORS IN THE MIDDLE SAN FRANCISCO: STATE PLANNING AND LABOR MOBILITY
2019	NASCIMENTO, ELCIO COSTA; CRUZ, BENEDITO ELY VALENTE DA; CALVI, MIQUEIAS FREITAS	QUEIJOS DIFERENTES, ORIGEM GEOGRÁFICA COMUM: HISTÓRIA E TRADIÇÃO DA PRODUÇÃO DOS QUEIJOS DO MARAJÓ
2019	LEMOS, RODRIGO SILVA; JUNIOR, ANTÔNIO PEREIRA MAGALHÃES	DA FRAGMENTAÇÃO À DESINTEGRAÇÃO DA GESTÃO TERRITORIAL: PERSPECTIVAS A PARTIR DAS ÁGUAS NA BACIA DO ALTO RIO DAS VELHAS – MG
2019	OLIVEIRA, THOMAZ ALVISI DE; VIADANA, ADLER GUILHERME; PEREIRA, ALLAN ARANTES	FRAGILIDADE AMBIENTAL E DINÂMICA GEOSISTÊMICA: MAPEAMENTO DA PAISAGEM NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO LOURENÇO VELHO, SUL DO ESTADO DE MINAS GERAIS-BRASIL
2019	FRATARI, MARINA FRANCO; MATOS, PATRÍCIA FRANCISCA DE	A IMPORTÂNCIA DA PECUÁRIA LEITEIRA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR NAS COMUNIDADES RURAIS DE ITUIUTABA (MG)
2020	MANUEL, NELIO	A EXPLORAÇÃO MINEIRA E A EXPROPRIAÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS
2020	GONZÁLEZ, MARIA KARLA HERNÁNDEZ; PAES, MARIA TEREZA DUARTE	TOURISTIC REFUNCTIONALIZATION OF THE HISTORICAL CENTER OF OLD HAVANA
2020	SILVA, ADNILSON DE ALMEIDA; SANTANA, FRANCISCO MARCOLINO; SILVA, JOSUÉ DA COSTA	WARI': CONVERSÃO, IDENTIDADE CULTURAL E MARCADORES TERRITORIAIS NA TERRA INDÍGENA IGARAPÉ LAJE EM RONDÔNIA
2020	VARGAS, MARIA AUGUSTA MUNDIM	O EXERCÍCIO DA OBSERVAÇÃO NO ESTUDO DA PAISAGEM: REDUNDÂNCIAS E ESSENCIALIDADES
2020	GONÇALVES, GEISA CANDIDA DA SILVA; MOURA, GERUSA GONÇALVES	POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A POPULAÇÃO IDOSA: UMA AVALIAÇÃO DOS IDOSOS QUE FREQUENTAM OS CRAS DE ITUIUTABA (MG)
2020	SANTOS, GILBERTO VIEIRA DOS	GOVERNO BOLSONARO: O RETORNO DA VELHA POLÍTICA GENOCIDA INDÍGENA
2020	KATO, KARINA YOSHIE MARTINS; LEITE, SERGIO PEREIRA	LAND GRABBING, FINANCEIRIZAÇÃO DA AGRICULTURA E MERCADO DE TERRAS: VELHAS E NOVAS DIMENSÕES DA QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL
2020	FEITOSA, MÁRCIA MANIR MIGUEL	LITERATURA E GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA, APROXIMAÇÃO ENTRE ARTE E CIÊNCIA
2020	SILVA, LUCIVÂNIA IZIDORO DA; CAMPOS, MILTON CÉSAR COSTA; WADT, PAULO GUILHERME SALVADOR; CUNHA, JOSÉ MAURÍCIO DA; OLIVEIRA, IVANILDO AMORIM DE; FREITAS, LUDMILA DE; SANTOS, EDUARDO ANTÔNIO NEVES DOS; FILHO, ELILSON GOMES DE BRITO	RESISTÊNCIA À PENETRAÇÃO DE UM LATOSSOLO VERMELHO-AMARELO DISTRÓFICO SOB DIFERENTES MANEJOS E MÉTODOS
2020	ALVES, ALINE TURATTI; CHELOTTI, MARCELO CERVO	NOVAS EXPRESSÕES E METAMORFOSES DO ESPAÇO RURAL EM SANGRA DOURO – ARARANGUÁ/SC
2020	RODRIGUES, PEDRO PARGA; MACHADO, MARINA MONTEIRO	A DIRETORIA DA AGRICULTURA E OS CONFLITOS AGRÁRIOS: DIREITOS SOBREPOSTOS E DISPUTAS PELA PROPRIEDADE NO BRASIL IMPERIAL

2020	BARRETO, MARIA JOSELI; JUNIOR, ANTONIO THOMAZ	AS TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR: A REALIDADE ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL
2020	COSTA, EDUARDA MARQUES DA; COSTA, NUNO MARQUES DA	A PANDEMIA COVID-19 EM PORTUGAL CONTINENTAL – UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA EVOLUÇÃO VERIFICADA NOS MESES DE MARÇO E ABRIL
2020	MENDES, LIDIANA PINHO; OLIVEIRA, FERNANDO HENRIQUE FERREIRA DE	OS VULNERÁVEIS EM TEMPOS DE PANDEMIA – UMA ANÁLISE A PARTIR DOS(AS) TRABALHADORES(AS) SUBALTERNOS(AS) E DOS(AS) IDOSOS(AS)
2020	SANTOS, SHEILA CASTRO DOS; SANTOS, GEISA CHAVES DO NASCIMENTO	A ESPACIALIZAÇÃO DO CÂNCER MAMÁRIO E UTERINO EM PORTO VELHO, RO
2020	ENOQUE, ALESSANDRO GOMES; BORGES, ALEX FERNANDO; SANTANA, ANA CAROLINA SILVA	TRABALHO DOMICILIAR: UM OLHAR SOBRE UM VELHO/NOVO CONCEITO
2020	VARELA, RAQUEL	RESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA EUROPA: O FIM DO ESTADO SOCIAL E O NASCIMENTO DO ASSISTENCIALISMO SOCIAL
2020	SILVA, BÁRBARA ELIS NASCIMENTO; BASTOS, ALEXIS DE SOUSA	EMISSIONES DE GASES DE EFEITO ESTUFA NO SETOR DE MUDANÇA DE USO DA TERRA E FLORESTA (MUT) NO ESTADO DE RONDÔNIA – BRASIL
2020	DELANI, DANIEL; MENDONÇA, FRANCISCO DE ASSIS	DIMENSÕES GEOGRÁFICAS E ANTROPOLÓGICAS DAS BENZEDEIRAS/ORES EM PORTO VELHO, AMAZÔNIA OCIDENTAL BRASILEIRA
2020	SILVA, ANA CAROLINA SANTOS E; SANTOS, JESSICA POLIANE GOMES DOS; DEUS, JOSÉ ANTÔNIO SOUZA DE; VARGAS, MARIA AUGUSTA MUNDIM	INTERPRETAÇÕES TOPONÍMICAS DA PAISAGEM DO POVOADO DE FAZENDA VELHA, SETE LAGOAS, MG:
2020	LUCIANA DE SOUZA QUEIROZ; SERGIO ROSSI; AIDA TAPIA MERCADER; CAMILA SERRA-POMPEI; DAVID VIDE PIFARRÉ; JOAN CARRASCO DOMÍNGUEZ; JÚLIA AMORÓS MONRABÀ; JÚLIA MUNTANÉ CAROL; MARIA BRIANSÓ MARTÍNEZ; ANTONIO JEOVAH DE ANDRADE MEIRELES	O QUADRO SOCIAL E ECONÔMICO DA PESCA ARTESANAL NO ESTADO DO CEARÁ, BRASIL
2020	OLIVEIRA, ALLISON BEZERRA	TEMPORALIDADES CIENTÍFICAS E TÉCNICAS NO BRASIL: UMA ANÁLISE ESPACIAL DO IMPACTO DA POLÍTICA NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM SAÚDE E SEU FOMENTO À PESQUISA EM REDE
2020	BAZOTTI, ANGELITA; SILVA, ROBERTO CARLOS EVENCIO DE OLIVEIRA DA	CENSO AGROPECUÁRIO 2017: PRIMEIROS RESULTADOS PARA O PARANÁ
2020	BAENINGER, ROSANA; DEMÉTRIO, NATÁLIA BELMONTE; DOMENICONI, JÓICE	IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA MACROMETRÓPOLE PAULISTA: NOVAS E VELHAS QUESTÕES
2020	CHARLES, CHARLOT JN; SILVA, JOSUÉ DA COSTA; CASTRO, JANIO ROQUE BARROS DE	O PAPEL DAS MULHERES NAS FESTAS POPULARES RELIGIOSAS NO HAITI
2020	SILVA, LEANDRO FÉLIX DA; SOUZA, BARTOLOMEU ISRAEL DE	FRAGILIDADE AMBIENTAL NA APA DAS ONÇAS, MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO TIGRE-PB NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO
2020	PAIXÃO, ALFREDO AGUIRRE DA; XIMENES, LENITA DA SILVA VIEIRA; SANTOS, EVA TEIXEIRA DOS	TENDÊNCIAS TEMPORAIS DA MORTALIDADE POR DESNUTRIÇÃO EM IDOSOS NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, NO PERÍODO DE 2002 A 2012
2020	SILVA, DARLANE FREITAS MORAIS DA; CASTRO, ANTÔNIO ALBERTO JORGE FARIAS; FARIAS, RUTH RAQUEL SOARES DE; LOPES, RAIMUNDO NONATO	FLORA DE UMA ÁREA DE CERRADO ECOTONAL DA REGIÃO SETENTRIONAL DO PIAUÍ
2020	FERNANDES, JEFFERSON SANTOS; SILVA, JOSÉ BORZACCHIELLO DA;	CEARÁ E PANDEMIA DE COVID-19: NOVOS (VELHOS) DESAFIOS DAS REDES DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

	MUNIZ, ALEXSANDRA MARIA VIEIRA	
2020	EDUVIRGEM, RENAN VALÉRIO; PAROLIN, MAURO; VILLWOCK, FERNANDO HENRIQUE	APLICAÇÃO DE ÍNDICES DE VEGETAÇÃO NA AVALIAÇÃO ESPACIAL DA VEGETAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA
2020	RODRIGUES, JOSÉ MARCOS DUARTE; LIMA, EDUARDO RODRIGUES VIANA	COMPARTIMENTAÇÃO GEOMORFOLÓGICA DO ALTO CURSO DO RIO PARAÍBA-PB
2020	CHARLES, CHARLOT JN; IANESKO, RENATA APARECIDA; SILVA, JOSUÉ DA COSTA	A DIÁSPORA HAITIANA, A NOÇÃO DE HOS(TI)PITALIDADE E A BUSCA DO LUGAR SOB O OLHAR GEOGRÁFICO
2020	BÔAS, LUANA MICHELE SILVA VILAS; OLIVEIRA, DENIZE CRISTINA DE	A FORÇA DAS TRADIÇÕES CULTURAIS PRESENTE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS: UMA ANÁLISE INFORMATIZADA DOS PROCESSOS CUIDATIVOS E ITINERÁRIOS DE SAÚDE
2020	SILVA, GILBERTO PAULINO DA; CAVALCANTE, MARIA MADALENA DE AGUIAR	A CONFIGURAÇÃO URBANA: A CIDADE DE PORTO VELHO/RO EM FACE DA INSTALAÇÃO DAS HIDRELÉTRICAS NO RIO MADEIRA

Fonte: Banco de dados GETE. Tabela produzida pela autor.

Org: Hanke, 2022

ANEXO B – PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS COM PALAVRA-CHAVE IDOSO EM PERIÓDICOS BRASILEIROS ENTRE 1939-2020

ANO	AUTOR	TÍTULO
1955	JÚNIOR, CAIO PRADO	A EVOLUÇÃO DA GEOGRAFIA E A POSIÇÃO DE AIRES DE CASAL
2007	PEREIRA, SILVIA REGINA	MOBILIDADE ESPACIAL E ACESSIBILIDADE À CIDADE
2008	SOUSA, ROMÁRIO ROSA DE; NASCIMENTO, JOSÉ ABEL DO NASCIMENTO ABEL DO; TOPANOTTI, DOROTY QUEIROZ	CONSEQUÊNCIAS DOS INCÊNDIOS ACONTECIDOS NA CIDADE DE CUIABÁ, MT
2009	ALARCON, GISELE GARCIA; BELTRAME, ANGELA DA VEIGA; KARAM, KAREN FOLLADOR	A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS PRODUTIVOS E DA LEGISLAÇÃO AMBIENTAL NA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM: O CASO DA MICROBACIA DO RIO SETE, SÃO BONIFÁCIO/SC
2009	SANTOS, JEFFERSON RODRIGUES DOS	A PREVIDÊNCIA RURAL EM SÃO JOSE DO NORTE E SEUS IMPACTOS TERRITORIAIS
2010	MURARA, PEDRO GERMANO; COELHO, MICHELINE DE S. ZANOTTI STAGLIÓRIO; AMORIM, MARGARETE CRISTIANE DE COSTA TRINDADE	ANÁLISE DA INFLUÊNCIA METEOROLÓGICA NAS INTERNAÇÕES POR DOENÇAS CARDIOVASCULARES
2010	CINTRA, ANAEL PINHEIRO DE ULHÔA; MAGALHÃES, MARISA VALLE; MOURA, ROSA; RODRIGUES, ANA LÚCIA	PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE O CENSO 2010 NO PARANÁ
2010	THÂNIA SUCUPIRA; ADRYANE GORAYEB	PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO EM PENTECOSTE (CEARÁ): CULTIVANDO NOVAS FORMAS DE PESCAR O MUNDO
2011	RÉQUIA, WEEBERB J. J.; ABREU, LUCIJANE M.	POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA E A SAÚDE DE CRIANÇAS E IDOSOS NO DISTRITO FEDERAL: UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE CORRELAÇÃO COM TIME DELAY
2012	ROSSI, RAFAEL; FURLANETTI, MARIA PEREGRINA DE FATIMA ROTTA	PODER, CULTURA E TERRITÓRIO: A EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS COMO LUTA E RESISTÊNCIA EM PRESIDENTE PRUDENTE – SP
2012	BATALHA, ISABEL CLEMENTE; NILSON, DIEGO HERNÁNDEZ	POLÍTICAS DE COOPERAÇÃO, INTEGRAÇÃO FRONTEIRIÇA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA FRONTEIRA URUGUAY-BRASIL (2002-2012)
2012	MERA, CLAUDIA MARIA PRUDÊNCIO DE; MIELITZ, CARLOS GUILHERME	POPULAÇÃO RURAL NA REGIÃO DO ALTO JACUÍ/RS: ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA/RURAL
2012	GREED, CLARA HENRIETTA	A RELAÇÃO GENERIFICADA ENTRE O ZONEAMENTO URBANO DO TRANSPORTE PÚBLICO E AS IMPLICAÇÕES PARA A PROVISÃO DE BANHEIROS PÚBLICOS.
2013	NASCIMENTO, MURILO CÉSAR DO; GOYATÁ, SUELI LEIKO TAKAMATSU; CHAVES, ERIKA DE CÁSSIA LOPES; NOGUEIRA, DENISMAR ALVES	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS IDOSOS EM SITUAÇÃO DE RISCO NO CONTEXTO DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA
2013	COSTA, ELLEN ANJOS CAMILO DA; SCHOR, TATIANA	REDES URBANAS, ABASTECIMENTO E O CAFÉ DA MANHÃ DE IDOSAS NA CIDADE DE TEFÉ, AMAZONAS: ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DA GEOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL
2013	LÓPEZ-NÓREZ, ÁNGELES; ZUÑIGA, CAROLINA VALENZUELA	COESÃO SOCIAL E ENVELHECIMENTO DEMOGRÁFICO NA COMPETITIVIDADE DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS
2013	SANTOS, JEFFERSON RODRIGUES DOS	PRINCIPAIS DETERMINANTES DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS DA POPULAÇÃO RURAL IDOSA ATENDIDA PELO SISTEMA PREVIDENCIÁRIO: O CASO DE SÃO JOSÉ DO NORTE (RS)
2014	NÓBREGA, PEDRO RICARDO DA CUNHA	NOTAS SOBRE A RELAÇÃO SOCIEDADE E A NATUREZA E A EMERGÊNCIA DO ENVELHECIMENTO COMO TEMA COMPLEXO: UM OLHAR GEOGRÁFICO
2014	CABETTE, AMANDA; STROHAECKER, TÂNIA MARQUES	PORTO ALEGRE: UMA ANÁLISE DA NOVA ESTRUTURA ETÁRIA E A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO
2015	FERREIRA, FREDERICO POLEY MARTINS; FREITAS, DANILO GOMES DE	PERFIL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NOS LIXÕES DE MINAS GERAIS
2015	MELO, ANDRÉ XIMENES; MELO, SONIA BEATO	MERCADO IMOBILIÁRIO: LOCALIZAÇÃO E AMENIDADES URBANAS
2015	CABETTE, AMANDA; STROHAECKER, TÂNIA MARQUES	A DINÂMICA DEMOGRÁFICA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM PORTO ALEGRE, BRASIL

2015	SILVA, CATIA ANTONIA DA	HISTÓRIA SOCIAL DA PESCA E DA MODERNIZAÇÃO ESPACIAL DO RIO DE JANEIRO: A ÁRDUO TAREFA DE PERIODIZAR EVENTOS
2015	ASARI, ALICE YATIYO; TSUKAMOTO, RUTH YOUKO	JOVENS E IDOSOS NAS UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIAR. IMPASSES E MOTIVAÇÕES PARA SUA PERMANÊNCIA NO CAMPO
2015	OLIVEIRA, ANDERSON SILVA	ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO E O SURGIMENTO DE NOVAS DEMANDAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM VIANA/ES
2016	RISCAROLI, ELISEU	ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE: PERSPECTIVAS, POLÍTICAS E DESAFIOS PARA OS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS. DOI: 10.5212/RLAGG.V.7.11.0003
2016	SILVA, LUIZ FELIPE SILVA; REBOITA, MICHELE SIMÕES; FONSECA, LEONARDO CAMPOS	ASSOCIAÇÃO ENTRE ÍNDICE DE ESTRESSE AMBIENTAL E INTERNAÇÕES DE IDOSOS POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO E INSUFICIÊNCIA RENAL NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 2010: ESTUDO DE UMA SÉRIE HISTÓRICA DE 2001 A 2010
2016	RIBEIRO, HELENA; SILVA, EDELCI NUNES	DESIGUALDADES INTRAURBANAS EM INTERNAÇÕES HOSPITALARES POR DOENÇAS RESPIRATÓRIAS E CIRCULATÓRIAS EM UMA ÁREA DA CIDADE DE SÃO PAULO
2016	VÉRAS, MAURA PARDINI BICUDO; FELIX, JORGE	QUESTÃO URBANA E ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: BREVES CONEXÕES ENTRE O DIREITO À CIDADE E O IDOSO NO MERCADO DE TRABALHO
2016	FERREIRA, GUSTAVO AUGUSTO DA SILVA	EXPERIÊNCIA E SEU SENTIDO: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SENTIDO DE EXPERIÊNCIA PARA BENJAMIN EM EXPERIÊNCIA E POBREZA
2017	LELI, ISABEL TERESINHA; STEVANUX, JOSÉ CÂNDIDO; BUSTUS, KELLY CRYSTINA; SANTOS, DEBORA ALMEIDA DOS	VARIAÇÃO SAZONAL E OS EFEITOS NA SAÚDE HUMANA EM MARINGÁ, PR
2017	DIAS, MARIANE CARVALHO ASSIS; SAITO, SILVIA MIDORI; FONSECA, MARIA RITA SOUZA	APLICAÇÃO DE DADOS CENSITÁRIOS PARA CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO EXPOSTA EM ÁREAS DE RISCO DE DESLIZAMENTOS EM BLUMENAU, SANTA CATARINA
2017	DIAS, LEILA CHRISTINA DUARTE	O CORRESPONDENTE BANCÁRIO COMO ESTRATÉGIA DE REORGANIZAÇÃO DE REDES BANCÁRIAS E FINANCEIRAS NO BRASIL
2017	ERTZOGUE, MARINA HAIZENREDER; FERREIRA, DALLYLA TAIS ASSUNÇÃO MILHOMEM; MARQUES, ELINEIDE EUGENIO	“É A MORTE DO RIO TOCANTINS, EU SINTO ISSO”: DESTERRITORIALIZAÇÃO E PERDAS SIMBÓLICAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS ATINGIDAS PELA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO, TO
2017	PORTO, ENEAS DENIESTE DE OLIVEIRA; LATUF, MARCELO DE OLIVEIRA	RELAÇÕES ENTRE O COMPORTAMENTO CLIMÁTICO E DOENÇAS RESPIRATÓRIAS EM BARREIRAS/BA
2017	CARVALHO, MARCIA SIQUEIRA DE; SILVA, LUCAS FERNANDO BERTACCO DA	ESPACIALIZAÇÃO DAS ACADEMIAS AO AR LIVRE NA CIDADE DE LONDRINA-PR: UMA CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA DA SAÚDE
2017	AZEVEDO, JULLIANNA VITORIO VIEIRA DE; SANTOS, CARLOS A. C. DOS; SILVA, MADSON TAVARES; OLINDA, RICARDO ALVES DE; SANTOS, DÉBORA APARECIDA DA SILVA	ANÁLISE DAS VARIAÇÕES CLIMÁTICAS NA OCORRÊNCIA DE DOENÇAS RESPIRATÓRIAS POR INFLUENZA EM IDOSOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE JOÃO PESSOA – PB
2017	DIMENSTEIN, MARCELA; SCOCUGLIA, JOVANKA BARACUHY CAVALCANTI	EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS METODOLÓGICOS: PERCEPÇÃO E VIVÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS POR IDOSOS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA
2018	ENDRINGER, LUDMILA	O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO NA MICRORREGIÃO SUDOESTE SERRANA E NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS-ES
2018	SOUZA, NATALLI ADRIANE RODRIGUES; RODRIGUES, MARIA JOSÉ	PERFIL SOCIOECONÔMICO E EPIDEMIOLÓGICO: UMA ANÁLISE DAS POPULAÇÕES ATENDIDAS POR UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DA CIDADE DE JATAÍ (GO)
2018	SILVA, BRUNO NEVES DA; SARMENTO, WAGNER MACIEL; SILVA, FABRÍCIA CRISTINA VIDAL; PEREIRA, MAÍSA GALDINO; SILVA, CÍCERA RENATA DINIZ VIEIRA; VÉRAS, GERLANE CRISTINNE BERTINO	PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DA AIDS EM IDOSOS
2018	GOMES, MÁRCIA CONSTÂNCIA PINTO ADERNE; THIOLENT, MICHEL JEAN MARIE	ESTUDO DE CASO: OS IDOSOS NO SERVIÇO DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE
2018	OLIVEIRA, LETÍCIA FRANCO; ENOQUE, ALESSANDRO GOMES	REPRESENTAÇÕES DO CUIDAR NA PERSPECTIVA DE TRABALHADORES DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA (ILPI) DE UMA CIDADE DO INTERIOR DE MINAS GERAIS

2019	LAGO, LAIS CARDOSO; BEZERRA, AMÉLIA CRISTINA ALVES	PERCEPÇÕES DOS JOVENS CEGOS DA PAISAGEM URBANA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO:
2019	OLIVEIRA, ANDERSON SILVA; ROSSI, ELAINE CRISTINA	ENVELHECIMENTO POPULACIONAL, SEGMENTO MAIS IDOSO E AS ATIVIDADES BÁSICAS DA VIDA DIÁRIA COMO INDICADOR DE VELHICE AUTÔNOMA E ATIVA
2019	MANDÚ, TIAGO BENTES; GOMES, ANA CARLA DOS SANTOS; VALE, ROSEILSON SOUZA DO; SANTOS, MARCONIO SILVA DOS	ASSOCIAÇÃO ENTRE O ÍNDICE DE CALOR E INTERNAÇÕES POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO EM MANAUS-AM
2019	OLIVEIRA, ANDERSON SILVA	TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA, TRANSIÇÃO EPIDEMIOLÓGICA E ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO BRASIL
2019	PEREIRA, LUCAS ALVES; LOBODA, CARLOS ROBERTO	APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E SOCIABILIDADE:
2019	GONÇALVES, GEISA CANDIDA DA SILVA; MOURA, GERUSA GONÇALVES	AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A POPULAÇÃO IDOSA: UMA AVALIAÇÃO DOS IDOSOS QUE FREQUENTAM OS CRAS DE ITUIUTABA (MG)
2019	LEANDRO, MARLLON HENRIQUE; CANTO, TÂNIA SENEME DO	MAPAS MENTAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A CIDADE DE UBERABA - MG PELA MEMÓRIA E PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE - UFTM
2019	OLIVEIRA, LETÍCIA FRANCO DE; ENOQUE, ALESSANDRO GOMES	O PERTENCIMENTO E O LUGAR: UM ESTUDO ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CUIDADORES DE IDOSOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA DE UM MUNICÍPIO NO INTERIOR DE MINAS GERAIS.
2019	ALVES, HELLEN VIRGINIA DA SILVA; SILVA, MARIA DAS GRAÇAS SILVA NASCIMENTO	A EDUCAÇÃO NA TERRA INDÍGENA RIO GUAPORÉ: PERCEPÇÃO, AVALIAÇÃO E DESAFIOS VIVENCIADOS
2019	SODRÉ, MARIA LÚCIA DA SILVA; SANTOS, UBIRANI OLIVEIRA; DIAS, ALTEMAR S.	NOVO OLHAR DA PRODUÇÃO E DO CONSUMO DE ALIMENTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE HORTA URBANA NO LAR DOS IDOSOS E SEGURANÇA ALIMENTAR
2019	MENDONÇA, GUSTAVO LINO; MAGALHÃES, SANDRA CÉLIA MUNIZ; SILVA, CÁSSIO ALEXANDRE DA	POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA, PROBLEMAS RESPIRATÓRIOS E CARDIOVASCULARES: INVESTIGANDO O SETOR FERROLIGAS EM PIRAPORA/MG, BRASIL
2020	GONÇALVES, GEISA CANDIDA DA SILVA; MOURA, GERUSA GONÇALVES	POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A POPULAÇÃO IDOSA: UMA AVALIAÇÃO DOS IDOSOS QUE FREQUENTAM OS CRAS DE ITUIUTABA (MG)
2020	MELO, MARIA APARECIDA VIEIRA DE; SANTANA, MARCELO DA FONSECA; ALMEIDA, RICARDO SANTOS DE	A ORDEM DO DISCURSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS NO TERRITÓRIO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO BRASILEIRO: A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL ENUNCIADA EM ANÁLISE DOCUMENTAL
2020	VALE, ANA RUTE DO; AMARAL, JÉSSICA DANIELLE FERREIRA DO; RAIMUNDO, GLAUCIONE	TRAÇANDO O PERFIL DAS MULHERES DA AGRICULTURA FAMILIAR PRODUTORA DE CAFÉ ORGÂNICO NO MUNICÍPIO DE POÇO FUNDO-MG
2020	GOMES, NAYHARA FREITAS MARTINS; FIÚZA, ANA LOUISE DE CARVALHO; PINTO, NEIDE MARIA DE ALMEIDA	NOVOS PADRÕES DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS RURAIS: A VIDA NO CAMPO SE APROXIMA DA CIDADE
2020	SOUZA, TATIANA DE OLIVEIRA; BAZZOLI, JOÃO APARECIDO; DELGADO, CECILIA	AGRICULTURA URBANA E ALIMENTAÇÃO: HORTAS URBANAS EM PALMAS-TO
2020	SOUZA, MARCELO LUIS DE AMORIM; MARQUES, THIAGO VALENTIM; AMORIM, MARIA MARLA PAIVA DE	VULNERABILIDADE E INCIDÊNCIA DA COVID-19 NO NORDESTE DO BRASIL ATRAVÉS DA ANÁLISE DE CLUSTER
2020	BUCCI, MARIA ELISA DINIZ; SILVA, LUIZ FELIPE; BARBOSA, GABRYELL TAVARES DE; ARAÚJO, CAMILA DE FÁTIMA NEVES; SOUZA, ANA CAROLINE DE; SANTOS, JOSÉ BENTO	O RISCO DE MORRER POR SUICÍDIO NO BRASIL: UM ESTUDO POR SEXO, IDADE E ETNIA INDÍGENA1

	SOUZA VASCONCELLOS DOS	
2020	MATSUMOTO, PATRICIA SAYURI SILVESTRE; CREPALDI, MARCELO TENÓRIO; JÚNIOR, PAULO SÉRGIO AVANZI; OLIVEIRA, MATHEUS BUTTLER DE; REGALA, RAISA MARIA DE SOUSA; ROSSEAL, THAÍS VASCO; LIMA, JOÃO PEDRO PEREIRA CAETANO DE	MAPEAMENTO DE COVID-19 E ISOLAMENTO SOCIAL: FERRAMENTAS DE MONITORAMENTO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE PÚBLICA
2020	TEIXEIRA, SÉRGIO HENRIQUE DE OLIVEIRA; SOUZA, ANDRÉ LOPES DE	ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE COVID-19 NA MESORREGIÃO SUL/SUDOESTE DE MINAS GERAIS
2020	MENDES, LIDIANA PINHO; OLIVEIRA, FERNANDO HENRIQUE FERREIRA DE	OS VULNERÁVEIS EM TEMPOS DE PANDEMIA – UMA ANÁLISE A PARTIR DOS(AS) TRABALHADORES(AS) SUBALTERNOS(AS) E DOS(AS) IDOSOS(AS)
2020	TAVARES, FELIPE RANGEL	SE CORRER O VÍRUS PEGA, SE FICAR O VÍRUS COME: COVID-19, METROPOLIZAÇÃO E A POLÍTICA URBANA DO DEIXAR-FAZER MORRER
2020	TAVARES, JÉSSICA MONTEIRO DA SILVA; NETO, CLAUDECI PEREIRA	ASPECTOS DO CRESCIMENTO POPULACIONAL: ESTIMATIVAS E USO DE INDICADORES SÓCIO DEMOGRÁFICOS
2020	PREVE, WILLIAN SARTOR; PREVE, ANA MARIA HOEPERS	"UMA REDE JOGADA NO MAR": EXPERIÊNCIAS COM IMAGENS DA GLOBALIZAÇÃO
2020	CLAUDIA CHIES; LIANDRA ALVES LOURENÇO	APOSENTADORIA RURAL ESPECIAL: MELHORIA NAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS BENEFICIÁRIOS NO MUNICÍPIO DE NOVA TEBAS - PR
2020	BARBOSA, WELERE GOMES; MARTIN, DANIEL SAINT; OLIVEIRA, ADÃO FRANCISCO DE	CULTURA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS EM IDOSOS
2020	LEAL, THIAGO DOS SANTOS; LEÃO, OTAVIO MIGUEZ DA ROCHA; BARROS, RAFAEL SILVA DE; REZENDE, PEDRO OCTÁVIO BITTENCOURT	DINÂMICA ESPAÇO-TEMPORAL NA DISSEMINAÇÃO DA COVID19 EM NITERÓI (RJ): UMA CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA NA FASE INICIAL DA PANDEMIA
2020	ZANOTELLI, CLÁUDIO LUIZ; DOTA, EDNELSON MARIANO	A QUESTÃO DA DESIGUALDADE TERRITORIAL MUNICIPAL NO ESPÍRITO SANTO FACE À PANDEMIA DO CORONAVIRUS E A IMPORTÂNCIA DA EXISTÊNCIA DE UM ESTADO DE BEM ESTAR SOCIAL EM DEFESA DA SOCIEDADE.
2020	PAIXÃO, ALFREDO AGUIRRE DA; XIMENES, LENITA DA SILVA VIEIRA; SANTOS, EVA TEIXEIRA DOS	TENDÊNCIAS TEMPORAIS DA MORTALIDADE POR DESNUTRIÇÃO EM IDOSOS NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, NO PERÍODO DE 2002 A 2012

Fonte: Banco de dados GETE. Tabela produzida pela autor.

Org: Hanke, 2022

ANEXO C – BIOGRAFIA RESUMIDA DE CADA SUJEITO ENTREVISTADO

ENTREVISTADO 1 –

Entrevistado 1 tem 57 anos e trabalha com eventos artísticos na cidade de Ponta Grossa. Se identifica com o gênero masculino e é de orientação sexual homossexual. Considerava-se uma pessoa mais velha e que está entrando na velhice. É católico não participante, branco e possui formação em jornalismo, porém não atua na área diretamente, mora na casa da mãe, sozinho e com uma renda que o sustenta. Nascido e criado na cidade foi uma pessoa que enfrentou desde muito cedo preconceitos e enfrentamentos sobre sua sexualidade. Ao fazer uma retrospectiva da sua vida percebeu que houve alguns avanços sobre direitos da população LGBTQIAP+. Mesmo assim, afirma que a cidade ainda é um espaço tradicionalista e preconceituoso e que gerações mais novas sentem-se mais libertos do que a sua geração. Segundo entrevistado, por terem sofrido muito, alguns dos seus colegas e amigos que são gays ainda se sentem no armário ou com medo de assumir publicamente suas sexualidades.

ENTREVISTADO 2

Entrevistado 2 tem idade 60 anos de idade, é ateu, considera-se branco e de orientação sexual homossexual ou como ele mesmo diz, totalmente gay. Não se considerava uma pessoa velha ou idosa. Trabalha como autônomo sem uma renda fixa, aproximadamente 1 salário mínimo. Gostava de praticar esportes, porém não tem praticado muito por ter desenvolvido uma hérnia de disco. Chegou a cursar três cursos superiores, mas todos são incompletos. Atualmente passa por situações muito delicadas com questões de herança familiar e também sobre suas próprias questões financeiras, pois como ele mesmo disse, envelhecemos em todos os aspectos, inclusive para o trabalho. No âmbito social, possui ótimas amizades, relacionamentos meio conturbados e alguns conflitos com diferentes gerações de gays, principalmente, com os mais jovens. Sofreu violência de quase morte com o seu pai, que o ameaçou até mesmo com uma faca. Atualmente, está solteiro, conhecendo pessoas, mas não está em um relacionamento fixo e nem mora com ninguém.

ENTREVISTADO 3

Entrevistado 3 tem 66 anos de idade, é branco, de orientação homossexual e com identidade de gênero masculina. Se considerava uma 'bicha velha' ou uma pessoa idosa, é espírita e possui uma renda de até 1 salário mínimo. Para o entrevistado o que mais o atrai é a masculinidade dos sujeitos. Formado em letras, trabalhava como cantor e artista pela cidade. Formado em um núcleo familiar de muita informação e leitura, desde cedo era apaixonado pelo conhecimento e pela arte. Na época da entrevista estava passando por problemas sérios financeiros, de solidão e de isolamento social na velhice. Relatou casos de abuso e morte de alguns colegas por estarem mais vulneráveis na velhice e as dificuldades de se aposentar. Contou uma

belíssima história de amor, digna de um filme o qual foi o protagonista. Falou da sua juventude e como a beleza era um fator determinante e que muitos gays não pesavam sobre envelhecer e muito menos em se aposentar. Relatou que com o passar dos anos viu muitos amigos irem embora, por conta das drogas e por suicídio, reflexos de uma pressão e abandono que tiveram em suas vidas por serem gays. Comentou do preconceito que existe dentro da comunidade e agradeceu por existir pessoas que tem atração sexual sobre os corpos envelhecidos. Atualmente, tinha um relacionamento aberto, porém era a distância com outro homem gay de Salvador que vinha vê-los duas a quatro vezes ao ano. Durante o desenvolvimento dessa tese, o entrevistado 3, teve um infarto e faleceu, sozinho, em sua residência.

ENTREVISTADO 4

O entrevistado 4 possui idade de 60 anos não se considerava uma pessoa idosa, mas alguém que estava no caminho do envelhecimento. Se identifica com o gênero masculino e da racialidade negra. Tem graduação, possui uma renda fixa, trabalha na área da educação, possuía casa própria, tem uma vida financeira de classe média. Durante sua trajetória de vida, já se deparou com mais de 20 mortes de amigos gays que se foram. Possui uma saúde um pouco debilitada, principalmente com remédios contínuos, relata sobre a solidão na velhice e os traumas dos preconceitos que sofrem durante sua vida. Atualmente curte espaços mais isolados, com boa música e que possa se sentar e desfrutar de boas companhias. Não gosta de baladas barulhentas e que tem que ficar em pé todo o momento. Considera-se uma pessoa assumida, porém discreta.

ENTREVISTADO 5

O entrevistado 5 possui idade de 69 anos, é branco, tem uma sexualidade homossexual assumida. Trabalha no ramo artístico da cidade, se identifica com o gênero masculino e é católico. Atualmente mora em casa própria, sozinho, participou de vários eventos para pessoas idosas, não como um homem gay velho ou idoso, mas como apenas idoso na busca de direitos à essa população na cidade. É sábio e bem vivido, possui ensino superior completo. Tem uma renda de 3 a 5 salários mínimos. Não se considera uma pessoa idosa, pois é muito energético e produtivo, mas ressalta da importância das pessoas idosas para a sociedade e principalmente para a comunidade LGBTQIAP+ como grandes bibliotecas vivas.

ENTREVISTADO 6

O entrevistado 6 tem 55 anos e é um homem branco que se identifica como homossexual. Trabalha na elaboração e ornamentação de eventos. Mora com a mãe e possui um filho biológico. Não é publicamente assumido, mas para as pessoas mais íntimas sim. É solteiro, mora em Ponta Grossa e não considera uma pessoa idosa. Possui contado com muitas pessoas no ramo em que trabalha, tem uma renda que o sustenta de 3 a 5 salários. Gostar de estar em lugares jovens e com pessoas jovens.

Sua compreensão sobre a velhice está relacionado ao cunho biológico da perda de saúde, movimentos, etc ao mesmo tempo que entende que o processo de envelhecimento está muito mais relacionado a algo pensado do que materializado no corpo físico. Relata que as mudanças que ocorreram na sociedade, como o cuidado com o corpo, alimentação, evolução da medicina podem proporcionar hoje uma velhice mais confortável e saudável. Evidencia também que grande parte da responsabilidade em cuidar da sua mãe que está idosa é dele ficou para ele. Reconhece a importância das pessoas idosas para a sociedade, mas que ainda falta espaço destinados a eles, principalmente ao público gay idoso que quase nunca são pensados.

ENTREVISTADO 7

O entrevistado 7 tem 57 anos de idade, trabalha na área de educação, mora com seu companheiro a mais de 20 anos e compartilham uma vida juntos. Possui pós-graduação e tem uma vida financeira confortável financeiramente. Se identifica com o gênero masculino e de orientação homossexual. É uma pessoa ativa, que está trabalhando e como ele mesmo diz passando por um processo de rejuvenescimento nos últimos anos quando alcançou uma vida econômica satisfatória. Compreende o envelhecimento como um processo subjetivo onde corpo e mente podem compreender de forma distinta esse processo, mas que há uma construção social sobre isso onde querem posicionar corpos através da produção. Possui o apoio de seus familiares sobre sua sexualidade e sobre o seu companheiro também.

ENTREVISTADO 8

O entrevistado 8 tem 60 anos de idade. Tem graduação em Artes. Não se identifica enquanto uma pessoa velha, mas que está envelhecendo, compreende o processo do envelhecimento a partir da idade e da relação biológica como a perda de aspectos físicos e mentais sentindo as mudanças do seu corpo mudou. Trabalha como artista na cidade de Ponta Grossa, possui uma renda de 1 a 3 salários mínimos. É branco e é católico participante. Mora com sua mãe, é solteiro e assim como outros entrevistados é responsável pelo cuidado com a mãe que é mais idosa. É uma pessoa assumida pessoalmente e socialmente. Possui 'peguetes' mas tem um amor de uma relação complicada, principalmente pela distância.

ENTREVISTADO 9

O entrevistado 9 possui uma idade de 50 anos, foi o nosso entrevistado mais jovem na época. Se identifica com o gênero masculino e como homossexual, é branco, católico participante. É empresário e possui uma vida financeira muito confortável com mais de 10 salários mínimos. Tem graduação. Mora sozinho e é solteiro. Compreende o mundo gay como muito discriminatório, principalmente, por conta da idade e das aparências. Já passou por situações de roubo com homens gays em sua casa. Considera o envelhecimento enquanto um processo à todos, mas que pode variar de

pessoa para pessoa, ao mesmo tempo que considera a idade, como um medidor social para compreender o envelhecimento de forma mais superficial.

ENTREVISTADO 10

O entrevistado 10 tem uma idade de 57 anos de idade, possui graduação, trabalha na área e tem de 1 a 3 salários mínimos. É branco, do gênero masculino e de orientação sexual homossexual. É assumido enquanto gay, solteiro e mora sozinho. Compreende o processo de envelhecimento como algo natural em que todos nós passamos e relatou já ter sofrido preconceito por ser mais velho e ir em baladas “me senti excluído”. Teve muita dificuldade para assumir sua sexualidade durante a fase mais jovem e isso fez com que ele tivesse a impressão de ter perdido muito tempo da sua vida.

ENTREVISTADO 11

O entrevistado 11 é branco, do gênero masculino, espírita, possui uma renda considerada boa de mais de 5 salários mínimos, mora com seu companheiro a mais de 15 anos tem idade de 61 anos. Não se considera uma pessoa idosa, acredita que com o aumento da longevidade humana a relação de idoso a partir da idade saltou para 70 anos ou mais e com uma relação de certa dependência de outras pessoas. Não conhece muitas pessoas gays mais velhos e pouquíssimos casais gays mais velhos. Relata que um dos motivos está relacionado a uma geração marcada pelo advento do HIV e da AIDS e que isso impactou diretamente não só a longevidade de muitos como também o medo da formação de relacionamentos duradouros. Considera que vive uma vida tranquila e que hoje desfruta de uma boa qualidade de vida e um processo de envelhecimento que acredita ser longínqua.

ENTREVISTADO 12

O entrevistado 12 tem 62 anos, mora com seu companheiro a mais de 30 anos. Possui uma renda de mais de dez salários mínimos, é branco, católico, mora com seus 3 filhos e possuem uma família linda. Não se identifica enquanto idoso, mas uma pessoa experiente. Trabalha ativamente nos direitos dos LGBTQIAP+ como também sobre seus próprios direitos. É uma pessoa politizada. Compreende o envelhecer como algo baseada na dependência, no cansaço e na desatualização. Acredita em espaços plurais onde jovens e pessoas mais velhas possam estar vivenciando como iguais e não de forma segregada. Acredita na importância do reconhecimento e do respeito sobre as pessoas idosas, principalmente para a população LGBTQIAP+. Conhece pessoas mais vulneráveis do que outras no aspecto da velhice, alguns gays do seu ciclo social estão bem, aposentados e tendo uma vida boa. Contudo, algumas pessoas como travestis e transexuais acabam sofrendo ainda mais na velhice, estando mais vulneráveis, com falta de moradia, renda e até mesmo alimentação.

ANEXO D – QUESTIONÁRIO QUANTIQUALITATIVO DOS ENTREVISTADOS DADOS DA ENTREVISTA

Identificação do(a) entrevistado(a): Wiliane	Autodeclarada (IBGE):
Nome do(a) entrevistado(a):	Cidade a qual reside:
Data da entrevista:	Nível de Escolaridade:
Duração do áudio:	Classe de Renda (IBGE):
Gênero:	Qual a sua idade:
Sexualidade:	

PERGUNTAS ABERTAS:

1) VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA VELHA? SE SIM OU NÃO JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.
2) O QUE É SER VELHO (A)/IDOSO (A) PARA VOCÊ?
3) A PARTIR DE QUAL IDADE VOCÊ CONSIDERA UMA PESSOA VELHA OU IDOSA?
4) VOCÊ ACREDITA QUE HAJA ESPAÇOS/LUGARES ESPECÍFICOS PARA PESSOAS IDOSAS? SE SIM, QUAL SERIA?
5) VOCÊ ACREDITA QUE HAJA ESPAÇOS ESPECÍFICOS PARA PESSOAS JOVENS? SE SIM, QUAL SERIA?
6) VOCÊ CONSIDERA AS PESSOAS IDOSAS IMPORTANTES PARA A SOCIEDADE? SIM/NÃO, JUSTIFIQUE.
7) VOCÊ CONHECE PESSOAS LGBTQIA+ IDOSAS?
8) CASO CONHEÇA, COMO ESTÁ A SITUAÇÃO DELA HOJE?
9) CASO NÃO, COMO VOCÊ IMAGINA A SITUAÇÃO DE VIDA DAS PESSOAS LGBTQIA+ NA VELHICE?
10) O QUE VOCÊ PENSA AO ENTENDER QUE ESTÁ ENVELHECENDO E CHEGANDO PRÓXIMA A MORTE? VOCÊ PENSA OU NÃO SOBRE ISSO, JUSTIFIQUE.
11) O QUE É A MORTE PARA VOCÊ E QUAL RELAÇÃO QUE ELA TERIA COM A VELHICE?
12) COMENTE SOBRE SUA VIDA E COMO É SE SENTIR ENVELHECER?

13) O QUE MUDOU NA SUA VIDA QUANDO ERA JOVEM E AGORA?
14) O QUE É SER UM VELHO GAY E QUAIS OS DESAFIOS PARA A VELHECI NA VIDA GAY.
15) QUAIS ESPAÇOS QUE VOCÊ VIVENCIAVA QUANDO JOVEM E QUAIS SÃO OS ESPAÇOS QUE VOCÊ VIVENCIA HOJE.
16) TEM ALGUM ESPAÇO/LUGAR QUE VOCÊ VIVENCIAVA QUANDO JOVEM QUE VOCÊ NÃO VIVENCIA MAIS, SIM OU NÃO POR QUE?
ORIENTAÇÕES GERAIS PARA TRANSCRIÇÃO
1 – Entrevistador(a)
2 – Entrevistado(a)
Identificação do tempo da fala:
TRANSCRIÇÃO
1 [00:00]
2 [00:00]